

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

LAIZA FERNANDA DOS SANTOS HOFMANN

**O SAGRADO E O PROFANO NO CONSUMO RITUALÍSTICO DE CASAMENTOS
CRISTÃOS**

Maringá

2015

LAIZA FERNANDA DOS SANTOS HOFMANN

O SAGRADO E O PROFANO NO CONSUMO RITUALÍSTICO DE CASAMENTOS
CRISTÃOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá na linha de Empreendedorismo e Mercado

Orientadora: Prof^a Dr^a Olga Maria Coutinho Pépece

Maringá

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

H713L Hofmann, Laisa Fernanda dos Santos
O sagrado e o profano no consumo ritualístico de casamentos cristãos / Laisa Fernanda dos Santos Hofmann. - - Maringá, 2015.
249 f. : il., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Olga Maria Coutinho Pépece.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2015.

1. Pesquisa do consumidor. 2. Rituais de consumo. 3. Casamentos cristãos. I. Pépece, Olga Maria Coutinho, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. Departamento de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

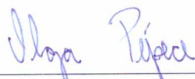
CDD 22.ed.658.824
MGC - 001835

LAIZA FERNANDA DOS SANTOS HOFMANN

**O SAGRADO E PROFANO NO CONSUMO RITUALÍSTICO DE
CASAMENTOS CRISTÃOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá na linha Empreendedorismo e Mercado, sob a apreciação da seguinte banca examinadora:

Aprovada em: 25/08/15



Prof^ª. Dra. Olga Maria Coutinho Pépece (PPA-UEM)
(presidente)



Prof^ª. Dra. Wânia Rezende Silva (PGC/UEM)
(membro convidado)



Prof. Dr. Francisco Giovanni David (PPA-UEM)
(membro)

Maringá

2015

Dedico este trabalho a minha noite de Natal, meu Marido. Obrigada por ter me escolhido para passar pelo ritual do matrimônio e nos tornarmos um. Sacralizando por mistério, *communitas*, mito, objetivação, êxtase e transcendência e ritual com tudo que temos direito!

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus por me conduziu por mais este caminho, como nas inúmeras vezes em minha vida, com amor, cuidado, provisões e surpresas incríveis. É impossível não amá-lo por tudo que fez e faz por mim. A Ele minha maior gratidão. Obrigada Deus! Gostaria de agradecer a minha família, pais e irmãos pelo apoio moral e emocional, amo vocês muito. Gostaria de agradecer ao esposo, você foi meu namorado, meu noivo e meu marido. Foi amigo, corretor, coautor, ouviu meu choro, me deu amparo, me deu colo e ombro, trouxe lanchinhos para me animar, me aguentou quando eu estava chata, desesperada, desanimada, histérica. Agradeço-lhe a paciência e peço perdão pela ausência e por todas as vezes que eu descontei minha raiva em ti. Te amo e depois desse trabalho e de tudo que fez para me ajudar a concluí-lo, te amo mais ainda.

Agradeço aos meus colegas de turma pela companhia e conversas. Agradeço ao Kaio por ser meu “irmão” acadêmico. Agradeço as meninas do mestrado, as mais próximas e as não tão próximas. Sabrina, Paty, Claudia, Luh, Laís, Sandra, Edna, Letícia, vocês são o máximo! Agradeço a Jacque pela amizade fácil e divertida, te amo, você fez a diferença! Agradeço a Clara pelas risadas! Agradeço a minha Pesquisadora com P maiúsculo, Nay sua amizade e doação é um exemplo e foi um refrigerio para mim. Agradeço as colegas de casa, Karen, Aline e Kelly obrigada!

Agradeço ao IAP e de forma especial a professora Noely pelo incentivo e por demonstrar que acreditava em mim. E a professora Marta pelo carinho e amizade.

Agradeço aos amigos queridos, meus refúgios, Cedrik e Laysa, amo vocês, obrigada por existirem na minha vida, por cuidarem de mim e por me fazerem sentir paz e tranquilidade quando tudo era loucura. Agradeço ao José e ao Diego, pela amizade, pelas risadas e pela casa sempre aberta mesmo quando a vida de vocês estava turbulenta com mestrado, doutorado e recém-nascido. Vocês três moram no coração da Chile. Agradeço ao amigo Jaime, a amizade e por me ouvir e ouvir, você é dez, sabe disso! Agradeço a Fran e a Fer, vocês são mais que amigas, vocês são minhas irmãs! Obrigada por me ajudarem neste trabalho, como tem feito em tudo na minha vida nos últimos anos. Há amigos mais próximos que irmãos, vocês são assim. Não tenho palavras para descrever a gratidão pelo apoio, pela ajuda e pelas orações de vocês! Amo vocês!

Agradeço ao PPA por tudo que proporcionou para a minha formação. Agradeço a Capes pela bolsa que proporcionou maior flexibilidade para a coleta e tratamento dos dados desta pesquisa. Agradeço aos meus professores, que de alguma forma, com seu conhecimento

me ajudaram a moldar este estudo e a me tornar uma melhor acadêmica, e um melhor ser humano, a vocês minha gratidão eterna. Agradeço aos professores que compõem o GIPEM, em especial ao professor Giovanni, pelas críticas, carinho e atenção. Gostaria de agradecer de forma especial a professora Olga, por ter aceito me orientar, por ter me dado apoio, e por estar sempre aberta a ouvir e atender. Foi um prazer ter recebido sua orientação. Obrigada por tudo professora.

Agradeço também as comunidades religiosas, padres e pastores que prontamente me atenderam, agradeço aos casais que deixaram conhecer sua história. Obrigada pelo carinho, atenção e tempo dedicado a mim.

“Há no Homem um vazio do tamanho de Deus”
(F. Dostoieviski)

“Há no homem um buraco na forma de Deus”
(B. Pascal)

“No coração de todo homem existe um vazio que só pode ser preenchido por Deus”
(C.S.Lewis)

RESUMO

O consumo do sagrado pode ser reconhecido em diferentes contextos e sua amplitude permite muitas possibilidades no estudo do comportamento do consumidor. A teoria do consumo sagrado aponta o conceito de sagrado, em ambientes que extrapolam o religioso. A teoria entende o homem como um ser que mesmo buscando o profano, no sentido de comum, têm comportamentos de sacralização que são intrínsecos a sua natureza. O consumo do sagrado sempre esteve presente no cotidiano humano. São necessários artefatos, locais e mesmo pessoas para rituais sagrados. A ideia de sacralização vem sendo estudada a algum tempo pela ciência da religião, mas apenas no final da década de 1980 Belk, Sherry e Wallendorf (1989) se propuseram buscar nos estudos da ciência da religião conceitos que pudessem ser aplicados ao estudo do comportamento do consumidor. Através de estudos teóricos e empíricos os autores propuseram a teoria do consumo sagrado. No entanto, poucos estudos, incluindo as pesquisas dos próprios autores, tem como foco ambientes sagrados naturais contemporâneos, mesmo que segundo eles, seja uma possibilidade de estudos. Esta dissertação busca, aliar a teoria do consumo sagrado proposta por Belk, Sherry e Wallendorf (1989) ao estudo de rituais de consumo conforme Rook (2007), analisando o ritual de casamento em diferentes confissões cristãs. Para isso foram feitas entrevistas com padres e pastores. Também foram analisados documentos eclesiais sobre o ritual matrimonial, além da observação de cursos preparatórios para noivos a fim de compreender a posição destas comunidades em relação ao ritual nupcial. Foram feitas entrevista semi-estruturadas e não estruturadas com noivos, noivas e recém casados a fim de compreender como estes indivíduos sacralizam e dessacralizam o ritual matrimonial. Percebeu-se que os casais têm a igreja como um norte para a construção do ritual e que os comportamentos desacralização e dessacralização estão diretamente ligados às crenças, doutrinas e formas de culto praticadas pela comunidade religiosa do nubente. Este estudo, entre outras coisas, ajuda na ampliação da compreensão do conceito de sagrado em ambientes religiosos contemporâneos, bem como possibilita material para a construção e aperfeiçoamento de melhores serviços e produtos para a realização do ritual em diferentes contextos cristãos.

Palavras-chave: Pesquisa do consumidor. Rituais de consumo. Casamentos cristãos.

ABSTRACT

The consumption of the sacred can be recognized in different contexts and their range allows many possibilities in the study of consumer behavior . The theory of the sacred consumption points to the concept of the sacred, in environments that go beyond the religious. The theory understands man, as a being that even seeking the profane, in the sense of common, has behaviors of consecration that are intrinsic to its nature. The consumption of the sacred, has always been present in human daily life. Artifacts, places and even people are needed for sacred rituals. The idea of sacredness had been studied by the science of religion for some time already, until the late 1980s when Belk, Sherry and Wallendorf (1989) began to pursue studies using science of religion concepts to applied to their studies of consumer behavior. Through theoretical and empirical studies the authors proposed the theory of sacred consumption. However, few studies, including research by the authors, focuses on natural sacred contemporary environments, although it is mentioned the possibility of this studies area. This search dissertation, seeks to combine the theory of sacred consumption proposed by Sherry Belk and Wallendorf (1989) to the study of consumption rituals by Rook (2007), analyzing the marriage ritual in different Christian denominations. Pursuing this, priests and pastors were interviewed. Ecclesiastical documents on marriage ritual were also analyzed as well as observations from premarital counseling to understand these communities' positions regarding nuptial rituals. Semi-structured and non-structured interviews were made with brides, grooms and newlyweds to understand how they sacredise and desacredise the marriage rituals. It was noticed, that the couples' church influenced them for the construction of rituals and that the behavior of sacredising and desacredising are closely linked to the beliefs, doctrines and forms of worship practiced by their religious community. This study, among other things, helps in expanding the understanding of the concept of the sacred in contemporary religious environments and provides material for the construction and improvement of better services and products to the ritual in different Christian contexts.

Keywords: Consumer research. Consumer rituals. Christian marriages.

DICIONÁRIO DE TERMOS

- CASAMENTO** União entre homem e mulher; união legal e/ou religiosa entre homem e mulher, para constituir família. Cerimônia ou festa nupcial; um ou vários atos simbólicos sancionados por certa sociedade com o intuito de estabelecer uniões matrimoniais.
- CRISTÃO** É todo o indivíduo que adere ao Cristianismo, uma religião monoteísta abraâmica centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo, a quem acreditam ser o filho de Deus, e que foi profetizado na Torá, Bíblia Hebraica.
- IGREJA CATÓLICA** É uma Igreja cristã com aproximadamente dois mil anos, colocada sob a autoridade suprema do Papa, Bispo de Roma dito sucessor do apóstolo Pedro.
- IGREJA EVANGÉLICA DE MISSÃO** Denominações advindas em sua maioria do período da reforma protestante, que foi um movimento reformista cristão que teve início no século XVI por Martinho Lutero. O resultado da Reforma Protestante foi a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os reformados ou protestantes. Portanto as igrejas Evangélicas de Missão protestante advêm de um movimento missionário protestante que teve seus primórdios com o pietismo alemão, um movimento de renovação do luteranismo liderado por Philip Spener e Auguste Franck e que com a colaboração do rei da Dinamarca realizaram a primeira missão protestante, que enviou os missionários Bartolomeu Ziegenbalg e Henrique Plütschau para Tranquebar, na Índia, em 1705.
- IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL** São movimentos cristãos protestantes mais recentes que surgiram por volta do ano 1906. Uma das características mais marcantes e que os diferenciam é a grande consideração dada ao Dia de Pentecostes em suas doutrinas, considerando o batismo no Espírito Santo para eles essencial no caminho da salvação. O batismo no Espírito é um fenômeno carismático caracterizado pela glossolalia, conhecido como dom de línguas.
- PROFANO** Que não é sagrado ou devotado a fins sagrados; não consagrado; que não trata de religião; que não é sagrado ou devotado a fins sagrados, oposto a coisas sagradas.
- RITUAL** Conjunto de gestos, palavras, fonemas e formalidades, comumente imbuídos de um valor simbólico, cuja prática é, usualmente, prescrita e codificada pelas tradições de uma comunidade ou por uma religião.
- SAGRADO** Relacionado, inerente, pertencente, tocante, dedicado a Deus, a uma divindade ou a um desígnio originalmente religioso; Consagrado; que recebeu a sagração; que se sagrou, separado do que é comum.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Tema e Problema de Pesquisa	16
1.2. Objetivos	16
1.3. Justificativa	17
2. CASAMENTO RITUAIS E CONSUMO	19
2.1. Rituais e Consumo	19
2.2. Casamento como ritual de consumo	40
3 DELINEAMENTO DA PESQUISA	54
3.1. Procedimentos Técnicos Adotados	55
3.2. Procedimentos para análise e interpretação dos dados	56
4. ANÁLISE DE DADOS	63
4.1. O Matrimônio na Igreja Católica	66
4.1.1. <i>Elementos do Ritual - Sacralização do roteiro - Católica</i>	78
4.1.2. <i>Sacralização e a Representação de papéis – Católica</i>	90
4.1.3 <i>Sacralizações de artefatos Rituais- Católico</i>	104
4.1.4 <i>Sacralização da audiência do ritual- Católica</i>	122
4.2. O Matrimônio nas igrejas Evangélicas de Missão	123
4.2.1 <i>Sacralização do roteiro ritual nas igrejas Evangélicas de Missão</i>	134
4.2.2 <i>Sacralização e a Representação de papéis nas Igrejas Evangélicas de Missão</i>	147
4.2.3 <i>Sacralizações de artefatos Rituais nas igrejas Evangélicas de Missão</i>	163
4.2.4 <i>Sacralização da audiência do ritual nas igrejas Evangélicas de Missão</i>	184
4.3 O Matrimônio nas Igrejas Evangélicas Pentecostais	185
4.3.1 <i>Sacralização do roteiro ritual nas igrejas Evangélicas Pentecostais</i>	193
4.3.2 <i>Sacralização e a Representação de papéis nas igrejas Evangélicas Pentecostais</i>	205
4.3.3 <i>Sacralizações de artefatos Rituais nas Igrejas Evangélicas Pentecostais</i>	213
4.3.4 <i>Sacralização da audiência do ritual nas Igrejas Evangélicas Pentecostais</i>	227
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE IGREJA, NOIVOS E CASAMENTO	230
REFERÊNCIAS	238
APÊNDICES	247

1. INTRODUÇÃO

O consumo do sagrado é transcendente, pois pode ser aplicado em larga escala em todo o espectro do comportamento do consumidor. É uma conformação que se estende além dos objetos e eventos que primordialmente foram criados na condição de sacros. A teoria do Consumo Sagrado se aplica a objetos, pessoas, lugares, eventos e experiências em que o consumidor atribui um *status* de sacro àquilo que necessariamente não fora criado com essa natureza. Assim, o consumo é um dos meios pelo qual os indivíduos experienciam o sagrado. (SOLOMON, 2002; WILSON, GAINES e HILL, 2008; BELK, WALLENDORF e SHERRY, 1989)

A teoria do Consumo Sagrado aponta a aplicação do conceito de sagrado em ambientes que extrapolam o religioso, entendendo o homem como um ser que, mesmo buscando o profano, no sentido de comum (algo que pertence a sua realidade diária), tem comportamentos de sacralização de tempos, lugares, objetos, pessoas e experiências. Tais conceitos são, de certa forma, complexos principalmente quando se trata de distinguir o que é comportamento do consumidor e o que são comportamentos estudados no contexto da ciência da religião. No entanto, há de fato um entrelaçamento nos conceitos, devido a sua origem. Fica claro que o comportamento de sacralização sempre existiu, e sempre envolveu consumo. São necessários artefatos, lugares e pessoas para o processo de sacralização. Apesar disso, esse comportamento, amplamente estudado e compreendido há tempos pelos estudiosos de religião, não fora percebido como uma forma de consumo na esfera religiosa, e nem mesmo observado em ambientes que extrapolassem o religioso. Somente no final da década de 1980 é que Belk, Sherry, e Wallendorf (1989), a partir de uma série de estudos, se propuseram a buscar em trabalhos de estudiosos da religião, conceitos que estivessem ligados ao consumo.

A Teoria do consumo sagrado proposta por Belk, Sherry, e Wallendorf (1989) é fruto inicialmente de uma ampla revisão teórica da ciência da religião e posteriormente de estudos empíricos para verificar como ela aparece em diferentes contextos e com diferentes indivíduos. Os autores argumentam que, com o passar do tempo, a sociologia da religião tem notado modificações na concepção do sacrossanto na sociedade contemporânea. Isso altera a relação do sagrado e do profano proposta por Durkheim (2008), onde o sagrado se encontra estritamente na esfera da religião e o profano na esfera secular, ou seja, onde os objetos, ocasiões, atividades e pessoas não fazem parte de uma esfera de ordem religiosa. Ocorre então, segundo Belk, Sherry, e Wallendorf (1989), uma gradual secularização da religião e

uma sacralização gradual do secular, processos que deslocam a fronteira entre o sagrado e o profano. Um fenômeno que ilustra este fato é o apresentado por Tamney (1992) quando aborda a incorporação de artefatos não sagrados por natureza, como a guitarra no lugar do órgão (instrumento musical) nos tradicionais de cultos religiosos nos Estados Unidos já na década de 1970. Mudanças como essas analisadas por Tamney (1992) transmutam a delimitação entre o sagrado e o profano.

Quando parte-se deste contexto, onde há um movimento de dessacralização de tempos, objetos, lugares, pessoas e experiências mesmo em ambientes predominantemente religiosos, é possível deparar-se com um contraponto abordado pela ciência da religião. Este contraponto pressupõe que o homem das sociedades tradicionais é um *homo religiosus*, mas seu comportamento enquadra-se no comportamento geral do homem. Assim, Eliade (2001) afirma que mesmo um homem que recusa a sacralidade do mundo, busca uma existência profana “purificada”, ou seja, o comum “purificado”. Mas essa existência profana jamais se encontra em estado puro. Seja qual for o estado de dessacralização, o homem que opta por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso de sua vida. Ou seja, ele sempre irá buscar formas de sacralização de tempos, pessoas, objetos, lugares e experiências. Essa mesma ideia é reafirmada por Rook (2007) quando aborda a presença de elementos míticos em situações não religiosas. Mesmo com a ênfase secular e racional da cultura pós-industrial, as pessoas continuam a ser altamente motivadas por fatores relacionados ao comportamento religioso. Para Abdala (2010), na prática, a busca dos indivíduos pela espiritualidade continua tão forte como dantes ou ainda maior.

Como mencionado, a teoria proposta por Belk, Sherry, e Wallendorf (1989) aponta que esse processo de sacralização e dessacralização ocorre em ambientes religiosos e não religiosos. Todavia, os autores, realizam seus estudos empíricos em ambientes naturalmente seculares, ou seja, de caráter não religioso. Há receio ao se trabalhar conceitos religiosos como conceitos que envolvem um comportamento de consumo. Quando se confronta o sagrado imposto pela religião e o sagrado que o indivíduo impõe sobre os objetos, pessoas, lugares, tempos e experiências, há um desconforto, visto estar direcionado a algo que é tão importante ao ser humano, que na maioria das vezes, como trata a ciência da religião, é algo maior que o próprio indivíduo.

A intenção deste trabalho não é desmerecer ou diminuir a importância desta dimensão do comportamento humano, pelo contrário, é corroborar a ideia de que os homens religiosos ou não, sempre buscam o sagrado em sua existência, e o consumo neste contexto é uma das importantes formas pelas quais os indivíduos procuram preencher essa dimensão.

Ademais a preocupação aqui não está relacionada ao sagrado enquanto extra-humano. O sagrado está para o trabalho na esfera da psique humana e da interação social, portanto não se pressupõe o sagrado como sagrado, mas o sagrado imposto pela interação do homem em sua esfera de significação. Damatta (1990) questiona: que o é “alguém”? e responde que é o conjunto de negativas e positivas em relação aos mais diversos assuntos. A construção da identidade social, bem como a construção de uma sociedade também parte de um conjunto de afirmativas e negativas em relação a algumas questões. Para Damatta (1990) não outra forma de fazer pesquisas antropológicas e sociais se não descobrir como as pessoas se posicionam em relação as “coisas”. Para o autor, a cultura é portando um jeito e um estilo de entender e fazer as coisas.

Dito isto, este estudo, portanto, busca encontrar em ambientes naturalmente religiosos, comportamentos de sacralização e dessacralização do sagrado imposto pela religião; e o sagrado que o indivíduo impõe sobre os objetos, pessoas, lugares, tempos e experiências. Um exemplo dessa dessacralização e sacralização é o casamento religioso. Pois sendo uma cerimônia religiosa, não há estudos específicos sobre o processo de sacralização e dessacralização deste ritual envolvendo a questão confessional, isto é, envolvendo instituições religiosas e suas ideologias. Assim, não se sabe exatamente como os participantes, mesmo imersos em sua religião, ao fazerem suas escolhas para esse consumo ritualístico, atribuem aos componentes do seu consumo ritual o status de sagrados e/ou profanos.

A fim de chegar a estas respostas e como apontado por Damatta (1990), entender esse sistema de crenças, afirmativas e negativas, foram entrevistadas noivas, noivos e recém casados, além de padres e pastores. Bem como foram feitas observações com notas de campo e analisados documentos que regem a forma como a comunidade entende o ritual do casamento. Estes dados foram coletados nas cidades de Maringá e Curitiba no estado do Paraná, no período de agosto á dezembro de 2015. Para a análise dos dados optou-se pela Análise de Asserção Avaliativa, apresentada por Bardin (1994) que entende que a linguagem representa e retrata de forma direta quem a utiliza. Esta análise atem-se a intensidade dos juízos, atitudes ou predisposições, baseando-se em suas opiniões, reações e atos de nível verbal e comportamental, em presença ou menção de determinados objetos.

O desfecho deste estudo apresenta que as escolhas dos casais e seus comportamentos de sacralização e dessacralização estão muito ligados a forma como as comunidades compreendem o ritual de casamento, mas vão alem dessa abordagem, visto que a construção dos rituais se pautam nas doutrinas, crenças e estilo de vida pregado pelas denominações estudadas.

1.1. Tema e Problema de Pesquisa

Tema:Consumo ritualístico de casamento.

Problema: Como se dá a atribuição de significado ao consumo ritualístico do casamento e seus componentes¹ em diferentes confissões cristãs?

1.2. Objetivos

Geral

Identificar comportamentos de atribuição de significado como sagrado e profano ao consumo ritualístico do casamento e seus componentes em diferentes confissões cristãs.

Específicos

- a) Conhecer os elementos do ritual de casamento considerados sagrados para comunidades religiosas cristãs católicas, Evangélicas de Missão e Evangélicas Pentecostais;
- b) Identificar comportamentos de sacralização de elementos do ritual por noivos e noivas pertencentes a comunidades religiosas cristãs católicas, evangélicas de missão e Evangélicas Pentecostais;
- c) Identificar comportamentos de dessacralização de elementos do ritual de consumo de casamento por noivos e noivas pertencentes a comunidades religiosas cristãs católicas, evangélicas de missão e Evangélicas Pentecostais;
- d) Conhecer como as confissões cristãs Católicas, Evangélicas de Missão e Evangélicas Pentecostais se posicionam em relação ao ritual de casamento e confrontar como membros participantes dos rituais de diferentes confissões se portam diante dele.

¹ Rook (2007, p. 84) propõe que a experiência ritual é dependente de quatro componentes que ele define como “tangíveis”. O primeiro deles são os “artefatos rituais” que neste contexto transmitem mensagens simbólicas que tem o poder de integrar a experiência em sua totalidade. O segundo é o “roteiro ritual” que identifica os artefatos e a sequência comportamental do rito. O terceiro é a “representação dos papéis do ritual”. E o quarto é a “plateia do ritual” que é a audiência que assiste o ritual.

1.3. Justificativa

No Brasil, nos últimos anos, houve um crescimento expressivo no mercado de casamentos, segundo pesquisa da Associação dos Profissionais de Serviços para Casamento e Eventos Sociais (Abrafesta²), a estimativa para o ano de 2013 era de movimentar R\$ 15 bilhões, 8% mais do que em 2012. A Abrafesta ainda apontou que somente em 2011, o Brasil superou a marca de um milhão de casamentos. O país conta com aproximadamente 8.300 empresas registradas, de organização de eventos, bufê e filmagem de festas (EXAME, 2012). Visto ser um mercado que movimenta um volume financeiro considerável, este estudo pode auxiliar na compreensão de como esse tipo de comportamento de consumo ocorre para que, posteriormente, as empresas que atuam neste mercado, possam direcionar seus esforços de maneira mais precisa atendendo aos anseios dos consumidores.

Existem diversos fatores que tornam o ritual do casamento um rico alvo para o desenvolvimento de estudos. Seja o grau de envolvimento dos noivos, pais e amigos como consumidores, fatores evidentes como nível de stress da noiva, ou a importância do evento que leva ao deslocamento dos convidados de lugares distantes para esse momento, que em sua maioria dura apenas algumas horas, ou mesmo o tempo, recursos e esforços envolvidos no preparo do “grande dia”. Andreasen (1984) aborda que em mudanças do status social, como é o caso do casamento (de solteiro para casado) há uma indução ao consumo de bens e serviços que em outra situação seriam considerados desnecessários. Nestas ocasiões de transição o papel social está relacionado ao consumo, posto estar cheio de construções culturalmente idealizadas. Andreasen (1984) e Commuri e Gentry (2000) apontam que isso pode levar a problemas físicos e emocionais, devido ao *stress* a que o indivíduo é submetido, o que pode estar relacionado a mudanças no padrão de consumo. Outro fator de *stress* é o fato de que o casamento é idealizado como um dia que deve ser perfeito, Pearson e Syson (2006) falam que as noivas principalmente não consomem apenas itens relacionados ao casamento, mas sonhos, ideais e mitos. É um evento que culturalmente deve representar socialmente os noivos e seus parentes.

Este trabalho se fundamenta, a partir de um caráter mais teórico, pelo do fato de que a maioria dos estudos sobre consumo sagrado e profano mesmo os dos mentores da teoria

²Disponível em <http://issuu.com/exame/docs/abrafesta_-_chamadas_-_points>, acesso em 20 de julho de 2015

do consumo sagrado, Belk, Sherry, e Wallendorf (1989), se dão com itens de consumo e em ambientes completamente secularizados. Deixando uma lacuna na compreensão da sacralização e dessacralização do consumo em ambientes religiosos contemporâneos. Além disso, o próprio estudo da dimensão ritualística do consumo ainda não conquistou, segundo Cupollilo, Casotti e Campos (2013) um espaço significativo especialmente no contexto nacional. Mais especificamente, trabalhos sobre o consumo de itens sacrossantos foram pouco exploradas em pesquisas até então. Este estudo optou exatamente por investigar o consumo sagrado, mas em um contexto que envolve tanto o consumo de itens primordialmente sagrados como de itens seculares. Devido à carência de trabalhos que apontem este fenômeno, o presente estudo, de forma mais ampla, justifica-se ainda por expandir a compreensão dos significados atribuídos a itens de consumo e artefatos ritualísticos e principalmente por buscar entender como esses itens e artefatos que compõem esse sistema de consumo são imbuídos de significados pelos consumidores visto que, como apontado por Cupollilo, Casotti e Campos (2013) as experiências de consumo são valorizadas nos rituais, em razão de realçarem a interação entre os significados simbólicos de produtos serviços e práticas sociais.

2. CASAMENTO RITUAIS E CONSUMO

Na literatura buscaremos abordadas as três grandes temáticas que permeiam presente estudo: o ritual, consumo sagrado e o casamento. Inicialmente explanaremos sobre o ritual e como ele é percebido e estudado dentro da antropologia e no estudo do comportamento consumidor. A seguir partiremos para a teoria do consumo sagrado. E por fim, é feita uma revisão sobre a prática do casamento do passado e dos tempos atuais, seguido de uma abordagem da relação entre casamento, cultura e religião.

2.1. Rituais e Consumo

Nesta seção serão abordadas as visões da antropologia e do comportamento do consumidor em relação ao campo de estudo de rituais. Para tanto apresenta-se três grandes seções: os rituais para a antropologia, com uma subdivisão de ritos de passagem, os rituais para o comportamento do consumidor e, por fim, os rituais e a Teoria do Consumo Sagrado com uma subdivisão sobre os processos de sacralização.

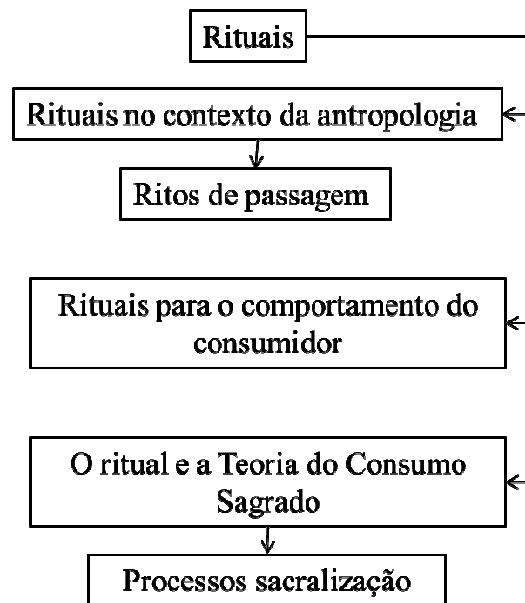


Figura 1: Apresentação esquemática da revisão de literatura - Rituais.
Fonte: elaborado pela autora.

Rituais no contexto da antropologia

O pensamento antropológico, principalmente em seu início, é marcado pelo estudo de rituais. Há uma clássica preocupação em estudar as cerimônias realizadas pelos

seres humanos. Com efeito, tal como para Garriotte O’Neill (2008), os rituais são um dos domínios mais ricos que a antropologia vem dedicando esforços para conhecer e compreender ao longo do tempo. Os rituais mais lembrados têm a conotação do nativo como participante e praticante do ritual. Principalmente porque os primeiros estudos sobre rituais se deram neste contexto. Segundo Garriotte O’Neill (2008) é possível afirmar que o estudo etnográfico de rituais de povos primitivos, na antropologia clássica, forneceu um espelho para o desenvolvimento da teoria geral da antropologia.

Outro ponto é que festas e rituais têm desempenhado um papel importante no desenvolvimento de uma compreensão da rede social das sociedades. Svoboda (2010) aborda que os rituais existem desde os primórdios da humanidade e continuam a ser vitais para a civilização atual. Seu papel é reconhecido por antropólogos como centrais para a compreensão, através de costumes e crenças, da cultura humana.

Há um extenso corpo de literatura e muito debate antropológico sobre como festas e rituais devem ser melhor definidos, devido sua importância, e quais os tipos de eventos podem ser incluídos nestas categorias. O estudo da natureza, origem e finalidade de festas e rituais tem acompanhado a antropologia da religião e a história do campo da antropologia. Assim, os antropólogos têm estudado festas e rituais, desde que a antropologia surgiu e desenvolveu-se como um campo científico de estudo na segunda metade do século XIX.

Quanto ao seu estudo, os rituais podem ser observados como formas singulares de acontecimentos, formalizados, estereotipados, e estáveis. Isto proporciona maior possibilidade de análise por se tratar de um momento visivelmente recortado no contexto do nativo. Há certa ordem, estrutura e sentido de evento e de propósito coletivo.

Eventos comuns não são desprovidos de estrutura e propósito, mas são mais volúveis. Isso é evidente na percepção dos observadores previamente treinados e experimentados em rituais. Assim os rituais são uma “escola” de preparo no aprendizado analítico (PEIRANO, 2006). No entanto, há muito da sensibilidade do pesquisador quando se estuda ritual. Peirano (2002) aponta que

Rituais, eventos especiais, eventos comunicativos ou eventos críticos são demarcados em termos etnográficos e sua definição só pode ser relativa - nunca absoluta ou *a priori*; ao pesquisador cabe apenas à sensibilidade de detectar o que são, e quais são os eventos especiais para os nativos (sejam “nativos” políticos, o cidadão comum, até cientistas sociais). (PEIRANO, 2002, p. 8-9)

Para Svoboda (2010) rever as práticas do passado e examinar as tendências atuais no estudo das festas e rituais ajuda a antecipar a próxima fase na pesquisa antropológica. Os antropólogos têm abordado o estudo das festas e rituais através de vários pontos de vista. Estas perspectivas mudaram com o tempo, mas geralmente podem ser divididas em cinco grandes categorias, que incluem: 1) evolutivo (origem), 2) funcional (propósito), 3) estrutura (*framework*), 4) simbólicas (símbolos) e 5) modernas (contemporânea). Uma abordagem de rituais que envolve todas estas categorias são os ritos de passagem. O tópico a seguir aborda como a prática dos rituais vem se mantendo e se moldando ao longo da história da humanidade por meio dos ritos de passagem.

Ritos de passagem

É comum às mais diversas culturas marcos ressaltando eventos importantes da vida com celebrações especiais ricas em simbolismos como argumentam Hill e Daniels(2008) sobre eventos associados a estréias na infância, como o primeiro ano de vida ou o primeiro dia de aula bem como eventos da vida do adulto que também inclui seu próprio conjunto de marcos. Essas ocasiões significativas podem conferir uma mudança no *status* social ou reconhecer uma transformação pessoal. Alguns marcos podem estar associados a uma determinada idade ou momento específico. Outros podem ser celebrados a qualquer momento, muitas vezes em associação com uma decisão de mudança, como se casar ou ao receber uma promoção no trabalho. Eventos, sejam públicos ou privados, servem como comemorações do progresso de um indivíduo ou/e associados a muitas mudanças da vida. Assim a idade adulta é singularizada por acontecimentos marcantes que refletem valores únicos nos âmbitos sociais, culturais e religiosos.

Para Grimes (2000), os indivíduos não só passam por ritos de passagens, mas decretam estes ritos. Muitas vezes as passagens da vida são momentos delicados e difíceis. Algumas vêm com vazios e lacunas no âmbito espiritual, social, até mesmo perigos mortais. O nascimento, aniversários, casamento e a morte são amplamente esperados como momentos delicados que necessitam de ritos para obter êxito na passagem. Mas há outras ocasiões, menos regularmente tratadas por meio de rituais: o início das aulas, o aborto, uma doença grave, o divórcio, a perda de emprego, o estupro, a menopausa e a aposentadoria são exemplos de transições na vida que na maioria das vezes, são imprevistos e sofridos sem o benefício do ritual. Assim mesmo sem um único rito de passagem, se pode dividir a vida de

uma pessoa em "antes" e "depois". Para Van Gennep (2008), Rodolpho (2004) e Grimes (2000) esta é a vantagem de todo esse sistema de ritos que organiza uma vida em etapas. Os rituais emprestam formas convencionais e estilizadas para organizar os mais distintos aspectos da vida social através da marca comum da repetição. Assim, executados repetidamente, são conhecidos ou identificáveis pelas pessoas e concedem certa segurança. Seja pela familiaridade seja pela sequência realizada nesta forma de representação e coesão social.

Rodolpho (2004) aborda que ao considerar o ritual como um fenômeno especial da sociedade, que aponta e revela expressões e valores, também afirma que o ritual expande, ilumina e ressalta o que é comum a determinado grupo. Van Gennep (2008) e Rodolpho (2004) exemplificam as transformações simbólicas em diferentes grupos sociais como determinadas culturalmente: assim como um bebê não é propriamente “vivo”, até passar pelos ritos de nascimento, um cadáver não é propriamente “morto”, até passar pelos ritos de sepultamento. Portanto, durante a vida o indivíduo não mais é o que foi, mas ainda não é o que será após o fim dos ritos.

Nas primeiras décadas do século XX a antropologia francesa incorporou vários pensadores, como Durkheim, Mauss e Arnold Van Gennep, que desenvolveram estudos de comunidades rurais na França como parte da antropologia denominada "a antropologia em casa". Van Gennep (2008), no entanto, é particularmente conhecido por outro de seus trabalhos, *Les Rites de passage* (1909) (*The Rites of Passage*, 1960³). O livro é um estudo comparativo de rituais de iniciação, em que as pessoas se deslocam de um *status* social para outro. Os ritos mais comuns de passagem estão associados com o nascimento, a puberdade, o casamento e a morte. Van Gennep (2008) argumentou que tais rituais são expressões dramatizadas da ordem social, que fortalecem a integração dos espectadores, ademais argumentou que tais rituais eram universalmente divididos em três fases: separação, liminaridade e reintegração. (ERIKSEN e NIELSEN, 2001).

Grimes (2000) explica estas três fases como se os ritos fossem utilizados para negociar estas voltas ao âmbito social. Separação da comunidade, liminaridade como um momento especial de transição formativa no espaço, e reintegração de volta para a comunidade. O efeito da passagem ritual é transformar os indivíduos que se submetem a ele e as comunidades que o desenham e o perpetuam. Os ritos de passagem, para Grimes, podem transformar crianças em adultos, pessoas solteiras em companheiros, indivíduos sem filhos em pais, e pessoas que vivem em antepassados. Ritos de passagem portanto, são ações

3 Traduzido para o inglês em 1960.

estilizadas e condensadas, destinadas a reconhecer ou efetuar uma transformação. A transformação não é qualquer tipo de mudança, mas uma metamorfose importante, um momento em que um nunca é mais o mesmo.

Rook em seu artigo seminal *The Ritual Dimension of Consumer Behavior* inicialmente publicado em 1958 e com tradução publicada em 2007, aborda que as pessoas regularmente estão envolvidas em ações ritualizadas nos mais diversos contextos seja no familiar, profissional ou em seu círculo de amizades às pessoas necessitam de rituais para marcar os acontecimentos da vida. Para o autor, apesar deste forte envolvimento com rituais, há uma falha por parte da pesquisa social em não concentrar esforços para o estudo destes rituais pós-industriais. Os antropólogos tendem a centrar esforços para estudar remotas tribos amazônicas e deixam de lado as possibilidades em contextos como a casa ou a escola por exemplo. Com este descaso, a dimensão ritual no contexto do consumo permanece quase que desconhecida isso é, surpreendente, já que envolve trocas de bens e serviços muitas vezes em ocasiões cerimoniais dramáticas e em alguns casos solenes, como é o caso de rituais fúnebres modernos.

Anos depois Belk, Wallendorf e Sherry Jr (1989), exploraram os rituais de consumo e descreveram as propriedades e as manifestações do sagrado inerentes ao comportamento do consumidor. Eles abordaram os processos pelos quais os consumidores sacralizam e dessacralizam as dimensões da sua experiência de consumo. Essa abordagem é apresentada por eles como um corretivo para uma redução deste foco prematuro da pesquisa do consumidor. O tópico a seguir aborda mais especificamente como a questão ritual vem sendo tratada no contexto do comportamento do consumidor.

Rituais e os estudos sobre o Comportamento do Consumidor

Bianca Leite Dramali (2010) demonstra como há uma presença, que a autora denomina “marcante” de manifestações rituais fora do campo religioso. Trabalhando sobre os termos magia, significado e simbolismo na vida contemporânea, a autora observa tal presença principalmente em peças publicitárias que tem como mote rituais, como campanhas de cosméticos que abordam questões de rituais de beleza. Figueiredo e Cupolillo (2013) citam Dramali (2010) principalmente no que se refere a questão da abordagem de campanhas de cosméticos ao tratarem sobre rituais de embelezamento, abordando até mesmo a relação disto com rituais de passagem como o casamento.

Grimes (2000) reflete o que alimenta essa onda de interesse em ritual e esta ansiedade sobre passagens. Para ele, talvez, sinagogas, templos e igrejas têm sido “lentos” para revisar ritos existentes e criar novos convincentes. Quiça as pessoas sintam a necessidade de formas corporais e coletivas de fazer sentido. Ou mesmo desejem controle pessoal de momentos cruciais, tais como o nascimento, a morte, a passagem dos anos e a vinda de idade. No entanto, se há uma construção ou reconstrução de ritos de forma intencional, ele permanece um rito de fato? Quando retirado de uma dinâmica própria, e tratado como objeto de planejamento intencional ele mantém seu papel natural? Grimes (2000) ainda questiona se as autoridades religiosas e os empresários comerciais, de empresas funerárias e consultores de casamento, sabem mesmo o que é melhor para o indivíduo que está passando pelo rito. Seja qual for a razão, as duas últimas décadas têm testemunhado um ressurgimento do interesse na construção de ritos. O objetivo de inventar ou construir ritos está em destaque. Na opinião do autor sem essa reinvenção constante, as comunidades e corpos perdem o contato com o ritmo do curso da vida. Assim como os torna temporalmente desorientados, sem ritos sazonais e comemorativos que recriam as conexões com o mundo natural e o curso da história humana, a questão é como esses ritos devem ser inventados e reinventados sem perderem sua importância e funcionalidade.

Mas o que separa o ritual de outros tipos de comportamento, levando-o a ser tão importante? Segundo Otnes e Pleck (2003) é o conjunto de funções que o ritual cumpre, ou é percebido como cumprimento para os indivíduos e a sociedade. Para os autores, os rituais configuram-se eventos sociais, que são em grande parte expressivamente simbólicos, e formalizados por atos pelos quais se pode obter profundos *insights* quanto aos valores das instituições e sobre a cultura. Assim, existem três tipos de rituais: o primeiro impõe ordem a sociedade, como por exemplo, a coroação de um monarca ou cerimônias de posse em cargos políticos; o segundo fornece conectividade para os homens, tanto no próprio círculo social e além dele, como é o caso de desfiles cívicos em comemoração à independência de determinado país onde os participantes e os que assistem são batizados; e o terceiro efetua uma transformação real, e em alguns casos até mesmo permanente na vida de seus participantes como ocorre no casamento, onde as pessoas mudam de status social. Cada repetição de um ritual permite a acomodação de novos desenvolvimentos e novas interpretações, mudar, portanto, não ocorre apenas em rituais, é endêmico. Certamente, se rituais impõem ordem, permitem aos indivíduos sentir-se ligados a outros, e transformar-se de maneira significativa.

Para Cupollilo, Casotti e Campos (2013) admitir o papel dos rituais é admitir e compreender as mudanças que ocorrem de baixo para cima, do consumidor para a organização. Já que, normalmente, as organizações empreendem ações que partem de cima para baixo, ou seja, da organização para o consumidor. Portanto, a compreensão do lado humano dos rituais de consumo, principalmente em seu lado subjetivo, complexo e inesperado é importante para o campo do comportamento do consumidor sendo, para as autoras, estimado nos periódicos mais importantes da área de estudo.

Denis Rook (2007) apresenta e elabora um construto ritual como veículo para interpretação do comportamento de consumo. O autor afirma que existem muitas definições de ritual e estas acabam restringindo sua observação por trabalharem alguns aspectos em detrimento de outros, limitando o observador quanto a riqueza de detalhes possíveis no estudo de rituais. Assim ele define ritual como

O termo ritual refere-se a um tipo de atividade expressiva e simbólica construída de múltiplos comportamentos que se dão numa sequência fixa e episódica e tendem a se repetir com o passar do tempo. O comportamento ritual roteirizado é representado dramaticamente e realizado com formalidade, seriedade e intensidade interna (Rook, 2007; p. 83).

Para Tetreault e Kleine III (1990) a definição do termo ritual de Rook (2007) é construída para agrupar os "elementos estruturais e de conteúdo" compartilhados tanto na experiência humana cotidiana, quanto em seus aspectos extraordinários. Os autores concordam que é extremamente útil tentar capturar um domínio de construção apropriado para conceituar fenômenos rituais de consumo. Porém, acreditam que refinamentos na definição de ritual são necessários para cristalizar o domínio do construto, e distinguir o domínio dos construtos "hábito" ou "comportamento ritualizado". Embora para eles essas construções possam de fato "representar conjuntos sobrepostos".

Rook e Levy (1983) abordam a relação entre rituais e os mitos de consumo como evidenciados em expressões de fantasia e sua promulgação em comportamento ritual todos os dias. Para Turner (1967) o comportamento ritual inclui as muito elaboradas ocasiões públicas que marcam de forma significativa, de caráter cívico, sazonal, estético, ou eventos religiosos. Também existem ritos familiares de passagem pertencentes a este tipo de expressão ritual (GENNEP, 2008). Ainda estão incluídos os rituais de médio alcance que acompanham a celebração de ocasiões especiais da família, ou até mesmo os "eventos" mais comuns do agregado familiar. Na outra extremidade conceitual estão as ritualizações cotidianas que podem ser tanto pessoais quanto privadas como a oração, ou mais interacional e pública como a visita semanal ao "salão de beleza". Muitas práticas de higiene diária são tratadas como "hábitos de uma redundância para o comportamento repetitivo" que

se inserem no contexto de comportamentos ritualizados principalmente por se darem no âmbito privado e individual. Rook (2007) demonstra uma tipologia da experiência ritual que apresentaremos no Quadro 1, através de fontes, tipos e exemplos de rituais.

Fonte primaria de comportamento	Tipo de ritual	Exemplos
Cosmologia	Religioso Mágico Estético	Batismo, meditação, missa, "cura", jogo de azar, artes cênicas.
Valores culturais	Ritos de passagem Cultural.	Formatura, casamento, festivais, dia dos namorados.
Aprendizado grupal	Cívico Grupal pequeno Familiar	Desfile de Sete de Setembro, eleições, julgamento, Almoços de trabalho, reuniões empresariais. Refeições, hora de dormir, celebrações de feriado.
Metas e emoções individuais	Pessoal	Cuidados pessoais, rituais domésticos.
Biologia	Animal	Saudação, acasalamento

Quadro 1 – Uma tipologia da experiência ritual
Fonte: Adaptado de Rook (2007 p.85)

Tetreault e Kleine III (1990) fizeram uma análise do artigo de Rook (2007) com o intuito de diferenciar hábitos de rituais. Os resultados demonstraram a princípio que os scripts dos atos habituais podem ser tanto criados pelo consumidor individual ou prescritos pela sociedade. Segundo que a característica distintiva é o nível de consciência, ou o processamento cognitivo, associado ao levantamento da sequência de comportamento (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2002). Na verdade, essa diferença é mais uma questão de grau do que de tipo, e é, portanto, dependente de características individuais e/ou situacionais. A terceira característica para Tetreault e Kleine III (1990) que distingue ritual e hábito diz respeito à sua função comunicativa. Rituais, com suas propriedades simbólicas mais intensas e componentes, comunicam ou expressam uma rede mais condensada, multivocal e ambígua de significado, assim a participação em comportamentos habituais ou rotineiros não é susceptível de estimular o mesmo nível de resposta afetiva como faz a participação no ritual, como por exemplo, comer biscoitos decorados ou peru em um dia qualquer do ano, não evoca a mesma resposta afetiva que consumi-los no dia 25 de Dezembro, em rituais natalinos. (WARNER, 1959). Por fim, para Tetreault e Kleine III (1990) a intransigência ou resistência à mudança pode servir para discriminar entre hábito e ritual. Embora os rituais possam sofrer alterações processuais que divergem de um roteiro estereotipado, devido a contingências de curto prazo, os hábitos em geral são mais passíveis de modificação ou extinção quando já não cumprem as suas funções instrumentais e/ou expressivas.

Rook (2007, p. 84) propõe que a experiência ritual é dependente de quatro componentes que ele define como “tangíveis”. O primeiro deles são os “artefatos rituais” que neste contexto transmitem mensagens simbólicas que tem o poder de integrar a experiência em sua totalidade. O segundo é o “roteiro ritual” que identifica os artefatos e a sequência comportamental do rito. O terceiro é a “representação dos papéis do ritual”. E o quarto é a “plateia do ritual” que é a audiência que assiste o ritual. O autor aponta que uma análise maior dos rituais esclarece que tais atividades são operacionalizadas em contextos religiosos, e quando estas estão fora deste contexto, mesmo com a ênfase secular e racional das culturas “pós-industriais”, contém ainda elementos de superstição, os quais as pessoas, muitas vezes, se apegam e se motivam fortemente.

O tópico a seguir irá tratar sobre essa interface que envolve o ritual e o sagrado. Abordando principalmente a noção sobre o tema de Belk, Sherry e Wallendorf (1989) quando escreveram seu artigo “*The Sacred and the Profane in Consumer Behavior: Theodicy on the Odyssey*”. Nele os autores pontuam que o consumo ritualizado é muitas vezes visto como sagrado pelos consumidores.

O ritual e a Teoria do Consumo Sagrado

Há algum tempo ritual e sagrado vem sendo associados por pesquisadores como Vann Gennep (2008), Kaberry (2003), Kaberry (1939) e Rook (2007). Abdala (2010) busca incentivar estudos que envolvam o consumo e o sagrado, e comenta que, apesar do aparente desconforto, o vínculo do consumo com a espiritualidade não é um assunto tão novo no âmbito da pesquisa do comportamento do consumidor, principalmente quando se trata de rituais de consumo.

É comum na vida de qualquer pessoa que convive em sociedade e que faça a transição de uma idade para outra, ou de uma posição ou estado para outro a realização de eventos especiais. Nestes eventos, onde ambas as idades ou posições são separadas há sempre um envolvimento com o sagrado. Qualquer mudança no *status* de um indivíduo e como ele se comporta diante desta transição são ações e reações entre o profano e o sagrado. Para o autor é o próprio fato de viver que exige etapas sucessivas em uma sociedade, de modo que a vida de uma pessoa é uma sucessão de estágios: nascimento, puberdade, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização profissional, morte. Cada um desses conjuntos são cerimônias, cujo propósito é o mesmo, mas a forma como as pessoas os enfrentam são diferentes, nas diferentes fases da vida. Apesar de ser o mesmo objeto, é absolutamente necessário que os meios de alcançá-los, não sejam idênticos, mas pelo menos análogos

alterados. É preciso que haja semelhança geral das cerimônias de nascimento, infância, puberdade, noivado, casamento, relacionadas à gravidez, paternidade, iniciação em sociedades religiosas e funerais. Além disso, nem o indivíduo, nem a sociedade são independentes da natureza e do universo, a pessoa também está sujeita a ritmos que exercem o seu efeito reativo sobre a vida humana (GENNEP, 2008).

Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) detalharam propriedades do sagrado, e mostraram como interpretações acadêmicas convencionais de religião melhoram a compreensão do comportamento do consumidor. As discussões sobre mudanças no limite entre o sagrado e o profano demonstram a natureza permeável desses domínios da experiência. Os autores identificaram que existiam dois processos em curso na sociedade, no período em que o estudo foi realizado e que são pouco explorados: a secularização da religião e a sacralização do secular. São processos importantes para estudos de consumo, pois as formas de comportamento do consumidor refletem esses processos.

Para muitos consumidores, o consumo tornou-se um veículo para a experiência do sagrado. Junto com o processo evidenciado por Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) de secularização da religião e da sacralização do secular, é importante lembrar-mo-nos do que Mircea Eliade (2001) aponta. Para ele o homem não religioso buscou romper o tempo comum criando tempos especiais como férias e lazer para fazer às vezes de sagrado. Segundo Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) o consumo envolve mais do que o meio pelo qual as pessoas encontram suas necessidades diárias. O consumo tem a capacidade de se tornar um meio para experiências transcendentais, e desta forma, o comportamento do consumidor apresenta aspectos relacionados ao sagrado. E esta dimensão do sagrado segundo eles pode ser descrita e interpretada, aumentando assim a compreensão do comportamento do consumidor.

Holbrook e Hirschman (1982) colocam que a questão do consumo como forma de espiritualidade é considerada uma busca para se nutrir daquilo que é raro e único. É a busca de experiência de algo profundo e transcendente. Eliade (2001) aborda que o tempo não é contínuo e homogêneo para o homem religioso. Mesmo que o homem na contemporaneidade busque afastar-se de aspectos religiosos, ainda há a prática de separação dos tempos. Há o tempo sagrado que é o tempo de festas e o tempo comum. Para o autor, os mitos e os rituais possibilitam e permitem que o homem transite entre estes momentos sagrados e profanos. A participação em festas marcadas em tempos sagrados equivale sair do tempo comum e participar do sagrado. Raffestin (1993) aborda que há no interior do profano, relações específicas com o sagrado. E neste âmbito Raffestin (1993 p. 120) afirma que "o homem

religioso é antes de tudo aquele para o qual existem dois mundos complementares. Esses dois mundos, o sagrado e o profano, só se definem um pelo outro. Eles se excluem e se supõem”.

Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) atentaram-se quanto à importância do estudo para compreender, dentro do contexto da espiritualidade no consumo, principalmente sobre a distinção entre os aspectos sagrados e profanos. Tal indagação surgiu a partir de um projeto piloto realizado por Belk, Sherry Jr., e Wallendorf (1988) em que foi detectado que os consumidores fazem distinções entre sagrado e profano em seus comportamentos de uso do espaço, do tempo e de objetos. Assim, os mesmos autores, em 1989, com aporte de literaturas de ciências religiosas e sociais desenvolveram um projeto que apontou aspectos que ressaltavam a ideia de sacralização destas dimensões. Tais aspectos estão descritos no Quadro 2 a seguir, e caracterizam comportamentos de sacralização em contextos do consumo.

Fenômeno	Especificações	Achados	Função	Autores
Compromisso individual	As pessoas sentem uma “emoção focada ou apego emocional” ao que é considerado sagrado. Isso é tão forte que as primeiras experiências com o sagrado podem resultar em uma mudança de identidade, resultando em uma convicção inabalável.	Psicologicamente, tal compromisso direciona a atenção para o sagrado, que se torna uma parte forte da identidade. Este aspecto das ações está relacionado à sacralidade e tem algumas características com o que tem sido chamado de envolvimento, na literatura de pesquisa do consumidor.	Função mantenedora	MOL (1976); MAGIDA (2006); BELK, WALLENDORF E SHERRY JR. (1989).
Compromisso compartilhado	Sociologicamente, a formação coletiva de compromisso compartilhado para a definição do sagrado é a base integrativa para a sociedade.	Independentemente do que é escolhido para representar o sagrado na sociedade, os resultados desse compromisso compartilhado implicam na reprodução da ordem social, mantendo o compromisso com as definições coletivas de sagrado e profano sem maiores reflexões. O que nos termos de Durkheim é chamado de “solidariedade mecânica”.	Função integrativa	DURKHEIM (2008); WEBER (2003); MAGIDA (2006); BELK, WALLENDORF E SHERRY JR. (1989).
Objetivação	Objetivação é a tendência de resumir os elementos variados de existência mundana em um quadro transcendental de referência onde eles podem aparecer de uma forma mais ordenada, mais consistente e mais intemporal. Através da representação em um objeto ou ação, o sagrado se concretiza. Isso permite que as coisas deste mundo assumam um significado maior do que é evidente em sua aparência e função cotidiana.	A objetivação pode ser particularmente importante para a compreensão da sacralidade de alguns consumos contemporâneos.	Função materializadora	MOL (1976); BELK, WALLENDORF E SHERRY JR. (1989).

Ritual	Os rituais são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se na presença do sagrado. Rituais são frequentemente realizados sem pensamento deliberado para a lógica que os orienta.	Por meio de sua realização, o ritual envolve o contato de pessoas "profanas" com o sagrado. Protege o sagrado do contato com os meros mortais e alivia a ansiedade humana sobre essa aproximação.	Função mediadora	DURKHEIM (2008); BOSSARD E BOLL (1950); MALINOWSKI (1954); GENNEP (2008); ROOK (2007); KABERRY (2003/1939); MAGIDA (2006); RAFFESTIN (1993).
Mito	Muitas vezes os mitos cercam o sagrado e são utilizados historicamente para documentar seu estado por meio de narrativas, contos ou especulações sobre a sua existência.	Os mitos definem o lugar de cada indivíduo no mundo e mantêm o <i>status</i> sagrado através da repetição. Eles socializam compreensões das definições coletivas do sagrado e instruem novos participantes, tais como crianças e recém-conversos.	Função normativa	KIRK (1970); ELIADE (2001); MOL (1976); KABERRY (2003/1939); BELK, WALLENDORF E SHERRY JR. (1989)
Mistério	O mistério não pode ser explicado de forma racional, para comandos sagrados como amor, devoção e medo. Relaciona-se a respostas espirituais ou emocionais ao invés de pensamento racional.	O mistério deriva de um desejo por experiências mais profundas e cheias de significados. Quando algo perde este mistério, ele perde seu caráter sagrado e se torna comum e profano.	Função de cativar	NISBET (1993); DURKHEIM (2008) BELK, WALLENDORF E SHERRY JR. (1989)
<i>Communitas</i>	<i>Communitas</i> é uma ante estrutura social que libera os participantes de seus papéis sociais normais e envolve-os em uma atmosfera transcendente da igualdade de status. É mais provável que ocorra quando o indivíduo está em um estado limiar.	Este espírito de <i>communitas</i> surge de experiências rituais compartilhadas e transcendentais, atuam como meio de modificação de status e geralmente ocorre apenas por um tempo.	Função transformar e igualar	TURNER (1969); SHERRY (1987); TURNER (1972); BELK, WALLENDORF E SHERRY JR. (1989). DAMATTA (2000)

Êxtase e transcendência	O sagrado é capaz de produzir a experiência de êxtase e transcendência. Durkheim descreve uma alegria que surge a partir da realidade transcendente das coisas sagradas. Através de sentimentos, como o amor, a ira, a esperança, a ambição, o ciúme, a religião acrescenta à vida um encantamento que não é racional ou logicamente dedutível de qualquer outra coisa.	Através da sensação de Êxtase e transcendência o sagrado pode levar uma pessoa para fora de si mesma, da matéria e da mortalidade. Mas tais experiências são momentâneas ao invés de constantes. Êxtase e transcendência marcam o caráter extraordinário da experiência sagrada e distingue-se dos prazeres comuns da vida cotidiana.	Função de distinguir	COLPE (1987); DURKHEIM (2008); JAMES (1961/1902); GREELEY (1985); MAGIDA (2006); BELK, WALLENDORF E SHERRY JR. (1989).
--------------------------------	---	---	----------------------	---

Quadro 2 – Fenômenos e comportamentos de sacralização no contexto do consumo.
Fonte: Elaborado a partir de Belk, Sherry, e Wallendorf (1989)

Há, segundo Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) e Tamney (1992), cada vez mais um deslocamento da fronteira entre o sagrado e o profano. A sociologia da religião tem notado mudanças na sociedade e faz interpretações um pouco diferentes das de Durkheim (2008) quando aborda que o sagrado reside na esfera da religião e o profano residia no mundo secular. No entanto, como o próprio Durkheim (2008) buscava compreender a natureza da vida religiosa, Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) buscavam compreender o comportamento religioso expresso através do consumo no final da década de 1980.

Há uma celebração gradualmente mais secular de eventos religiosos tradicionais, como Natal e a Páscoa (ROOK, 2007; BELK, 1987; BELK, WALLENDORF e SHERRY JR., 1989), e um declínio acentuado em rituais religiosos familiares, como orações antes das refeições e de dormir, leituras sagradas em culto familiar. (BOSSARD e BOLL 1950). A interrupção do latim na missa católica exemplifica uma secularização da religião envolvendo desmistificação e uma menor separação dos tempos sagrados e profanos, além de uma menor preservação do ritual e do mito. Estes e outros fatores demonstram como a religião fornece cada vez menos experiências com o extraordinário o que leva as pessoas a procurarem outro lugar para experiências que transcendem a vida cotidiana. Como a Igreja Católica com o passar do tempo perdeu o controle sobre a política, o conhecimento, a arte e a música, cada uma dessas esferas desenvolveu um estado sagrado próprio. Isso é perceptível visto que alguns feriados não religiosos são comemorados mais fervorosamente que muitos feriados religiosos. Hinos nacionais são cantados com toda a reverência, bandeiras nacionais são ícones e monumentos, locais públicos têm suplantado a adoração generalizada de santos religiosos e santuários. (BELK, WALLENDORF e SHERRY JR. 1989; DUCEY 1977 *apud* TAMNEY 1992).

A sacralização não ocorre aleatoriamente, através dos elementos de uma cultura. Em vez disso, os consumidores decretam a distinção entre sagrado e profano dentro de domínios comuns de sua experiência. Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) dentre outros autores apontam, seis categorias principais, de domínio de consumo potencialmente sagrados. Lugares, tempos, coisas tangíveis, coisas intangíveis, pessoas e outros seres, conforme Quadro 3:

Categoria	Definição	Fonte
Lugares	Quando se trata de lugares, há sempre a ideia de, onde o indivíduo está, é o centro do mundo, principalmente por parte dos habitantes do local. A sacralização ocorre também em lugares com extrema beleza que evocam êxtase, mito e rito, ou lugares que levam a uma contaminação positiva por coisas e pessoas que estiveram ali. Por eventos que acontecem ou aconteceram lá. Exemplo: Casa, cataratas, picos de montanhas, pirâmides, cidades santas para determinadas religiões, locais onde pessoas importantes nasceram, igrejas, shoppings, parques de diversões.	ELIADE, 2001; MAGIDA, 2006; BELK, WALLENDORF e SHERRY JR. 1989.
Tempos	O tempo não é homogêneo nem contínuo. Há tempo sagrado, chamado tempo de festas e o tempo profano, que é o tempo comum. O passado sagrado é muitas vezes recuperável através de rituais que relembram e reproduzem os acontecimentos. Durante as iniciações participa-se do tempo sagrado. O tempo sagrado também ocorre episodicamente em contextos de consumo sagrados e seculares, por exemplo, aniversários, Páscoa, Natal, ano novo, casamento, formaturas, shows, concertos	KABERRY, 2003/1939; ELIADE, 2001; MAGIDA, 2006; BELK, WALLENDORF e SHERRY JR. 1989
Coisas tangíveis	Incluem ícones sagrados, roupas, móveis, artefatos e bens que estão simbolicamente ligados ao sagrado. Santuários honram relíquias sagradas separando-as do mundo profano. Coisas comuns são transformadas em sagradas pelos mitos, rituais e sinais. Objetos também podem ser definidos como sagrados por causa de sua raridade e beleza, marcando-os como intrinsecamente não ordinários. Tais objetos não são tratados como objetos comuns, mas parecem exigir tratamento especial. A sacralização pode ser realizada, em parte, através da imposição de uma identidade própria em posses, através de transformações dos objetos com alguma forma personalização. Ou através do desejo de mudar, personalizar ou apenas simbolizar, como ocorre com fotografias.	GEARY, 1986; MAGIDA, 2006; BELK, WALLENDORF e SHERRY JR. 1989.
Coisas intangíveis	Coisas imateriais consideradas sagradas incluem fórmulas mágicas, danças, nomes e canções. Exemplos incluem fraternidade e irmandade, segredos entre amigos ou amantes, ou receitas de família.	BELK, WALLENDORF e SHERRY JR. 1989.

Pessoas e outros seres	Certas pessoas são sagradas e separadas dos outros; Deuses, profetas e santos são exemplos religiosos. A vida dos santos assumiu um caráter sagrado por meio de boas ações, abnegação, sacrifício, martírio e piedade. Além destes podem ser considerados sagrados os líderes e oficiais da igreja bem como patriarcas de famílias ou artistas famosos. Também se encaixam neste contexto animais sagrados para algumas culturas como a vaca para os Indus.	KABERRY, 2003/1939; MAGIDA, 2006; BELK, WALLENDORF e SHERRY JR. 1989.
-------------------------------	---	--

Quadro 3 – Categorias principais de domínio do consumo Sagrado

Fonte: Elaborado pela autora

Como observado qualquer coisa pode se tornar sagrada. Sacralidade é, em grande parte, um processo de investimento de tempo, recursos e sentimentos. Pessoas significam e interpretam e sacralizam de várias formas e em diferentes graus de intensidade ontológica. (ELIADE, 2001; MAGIDA, 2006; KABERRY, 2003/1939; BELK, WALLENDORF e SHERRY JR. 1989).

Processos sacralização

Como certas posses atingem o *status* de sagradas? Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) indicam que há pelo menos seis maneiras através das quais um objeto pode tornar-se sacralizado Na cultura de consumo: rituais, quintessência, presentear, colecionar, herança e sanção externa.

A) Sacralização através do ritual

Uma mercadoria comum pode tornar-se sagrada por rituais destinados a transformar simbolicamente o objeto. O comportamento ritual tem sido secularizado na cultura de consumo contemporânea, na verdade reduzido à cerimônia ou hábito, mas alguns rituais podem ser recuperados, ou singularizados e, conscientemente, voltar para o reino do sagrado. Como exemplo os jantares familiares na véspera de Natal, quando são conscientemente retomados e transformados em celebrações anuais, envolvendo elementos como um *script* e artefatos especiais. Tais objetos antes comuns são imbuídos de significados por serem utilizados neste ritual. Estes rituais podem ser públicos ou privados, coletivos ou individuais como aborda Rook (2007). Objetos sacralizados encarnam o poder inerente à integração cultural. Como é o caso da casa, que se torna sagrada por integrar a família.

B) Sacralização através da quintessência

Outra forma de sacralização é a quintessência, objetos considerados como referência, por vezes são os mais desejados em sua respectiva categoria. Isso leva a uma forma de veneração, por exemplo, caneta *Mont Blanc*, champanhe *Dom Perignon*, jeans *Levis*, cartões *American Express*, Coca- Cola, e óculos *Ray Ban*. Objetos sagrados não são sempre

no singular, particularista, ou objeto único, em vez disso, o item pode ser visto como exclusivo de outras marcas. Mesmo que sejam produzidos em grande escala, por serem de determinada marca renomada, como um canivete suíço, uma bolsa *Victor Hugo*, ou mesmo um *Iphone*, adquirem caráter sagrado por se diferenciarem dos demais. Esta dimensão temporal do sagrado está ligada a autenticidade. (KOPYTOFF 1986; FROMKIN e SNYDER 1980; BELK, WALLENDORF e SHERRY JR., 1989).

C) Sacralização Através do presentear.

Presentes muitas vezes têm um significado especial. Para Pépece (2002) o ato de presentear vai além da troca, envolve a questão afetiva e emocional. A seleção de presentes para dar aos outros é claramente diferente de uma compra de mercadorias. Quando indivíduos compraram objetos como presentes, eles se engajam em uma fase de um processo de sacralização. Geralmente os consumidores levam objetos de presentes do mundo profano onde são comprados, removem sistematicamente os marcadores de preços, e os embalam de forma cuidadosa e decorativa. (MALINOWSKI, 1922; MAUSS, 2003; BELK, WALLENDORF e SHERRY JR., 1989).

As pessoas ritualmente trocam esses presentes em uma cerimônia que pode envolver a presença obrigatória dos outros, decorações e roupas especiais. Uma vez que o presente é, geralmente, uma expressão de conexão entre as pessoas, (BELK, 1979) pode levar ao estado sagrado. Porém, para Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989), os presentes são sacralizados por conexão com outros elementos sagrados da vida. Locais turísticos fornecem aos consumidores uma oportunidade de capturar a sacralidade do local através da compra de um presente para, pessoas queridas ou uma lembrança para si mesmo. Orientações religiosas também fazem esta intermediação entre sagrado e profano como no caso dos muçulmanos para os quais o ato de presentear é realizado conforme recomendações do livro sagrado, o Alcorão, joias de ouro são presentes sagrados para mulheres assim como as joias de prata são para os homens (PÉPECE, 2000).

Presentes indicam a natureza de valor expressivo do sagrado. Presentes artesanais feitos pelo doador permitem que este e o receptor celebrem os valores da amizade e do trabalho singularizar. Como por exemplo, os muçulmanos quando presenteiam seus vizinhos com alimentos por eles elaborados como bolos, carnes (PÉPECE, 2000). Alguns objetos

oferecidos como presentes ecoam os valores expressos por outros tipos de objetos sagrados, como a conexão com o passado da herança, a sensação de realização e domínio das coleções, ou o simbolismo dos verdadeiros dons do *self*. (BELK, WALLENDORF e SHERRY JR., 1989; BELK, 1979).

D) Sacralização através de coleção

A quinta maneira de como os objetos podem ser sacralizados são pela inclusão em uma coleção (Belk, Sherry Jr. e Wallendorf, 1988). Tomadas como um todo, as coleções são consideradas por seus proprietários como especiais, únicas e separadas dos itens de uso diário. A coleção é reverenciada e respeitada pelos colecionadores com base em uma série de superlativos, que na maioria das vezes envolvem tamanho, abrangência, energia e esforço despendidos na reunião e organização dos itens.

Os itens que são oferecidos para venda, assim como os colecionáveis, existem como *commodities* profanas. Uma vez incluídos em uma coleção, o objeto adquire santidade. Como é possível observar no trabalho de Pépece e Prado (2012) sobre a coleção de calçados da marca *Melissa*. Os itens de coleção são enobrecidos pela sua conexão com os outros itens e também são sacralizados através dos rituais de caça e consagração em uma exposição ordenada. A coleção como um todo é sagrado parcialmente, porque simboliza a tentativa e a exaustão de busca por itens que possam completar a coleção. O coletor geralmente se esforça para ter um perfeito exemplo de cada tipo de item específico. Colecionadores que às vezes usam itens de suas coleções têm o cuidado de fazê-lo apenas em ocasiões especiais. Por exemplo, colecionadores de carros mostram esses bens sagrados somente em mostras de carro ou em desfiles especiais e passeios de clubes de carros. Todas essas estratégias mantêm o sagrado separado do profano.

E) Sacralização através de Legados

Legados é o sexto mecanismo encontrado para preservar o *status* sagrado de certos objetos de consumo e experiências. Como exemplo quando alguém morre e deixa como legado uma técnica de pintura, uma música, uma receita, objetos pessoais de um artista famoso.

Legados também podem se referir a heranças deixadas à família. Quando consideradas sagradas são impedidas de entrar no mundo profano, mantendo-se na família, alimentando e preservando o conceito de família. (Belk, Wallendorf e Sherry Jr., 1989)

Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989), apresentam seis maneiras distintas de preservação ou manutenção do *status* sagrado de tempos, lugares, pessoas, coisas e experiências. Em cada caso esses autores sugerem que existem formas correspondentes de dessacralização, porém não descrevem quais ou como especificamente essas ocorrem. Assim fazem poucas menções sobre este processo inverso, a dessacralização, no artigo seminal. Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) comentam sobre a falta de separação do que é sagrado e o que é profano, o que ocorre especialmente em contextos de comoditização. Este processo contrário também aparece, segundo os autores, ao se tratar que se há racionalização e criação de rotinas isso de certa forma suplanta o ritual. Além disso, há a dessacralização intencional, quando ocorrem rituais próprios de desinvestimento para dessacralização dos itens. No entanto, não há menções de como podem ser estes rituais de dessacralização.

Cunha (2009) em seu artigo *O vermelho das hóstias Brancas* dá um vislumbre destes possíveis rituais de desinvestimento. Ele escreve que rituais de dessacralização criam o novo sagrado. Um exemplo são os sepultamentos, onde se faz a passagem ritual do homem do mundo sagrados dos vivos para o mundo sagrado das memórias póstumas. Ou mesmo rituais de profanação onde se utilizam objetos sagrados de outras crenças em rituais para dessacralização, tirados do seu ambiente de origem e dessacralizando justamente por esta busca de dessacralizar. Outra forma ainda é quando os objetos sagrados são perdidos ou quando não se pode encontrá-los. Novamente, nestes casos pode ocorrer uma dessacralização.

Para Karl Marx (2001), a religião é o ópio das massas, Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) acreditam que o consumo sagrado também tem a capacidade de canalizar as energias do consumidor em um foco que pode impedir o pensamento revolucionário e a ação. Para os autores através dessa ritualização, o indivíduo torna-se, preferencialmente reproduzido por um objeto, enquanto a cultura reproduz simultaneamente suas categorias estruturais e críticas.

2.2 Casamento como ritual de consumo

Esta seção tratará do casamento, que é um rito de passagem que se relaciona com a mudança de *status* de solteiro para casado. Inicialmente será tratado sobre o namoro, o noivado e o casamento do passado e de hoje, seguido do casamento e sua relação com aspectos religiosos e culturais. E por fim, fechando a revisão de literatura trabalhar-se-á o casamento como um ritual de consumo.

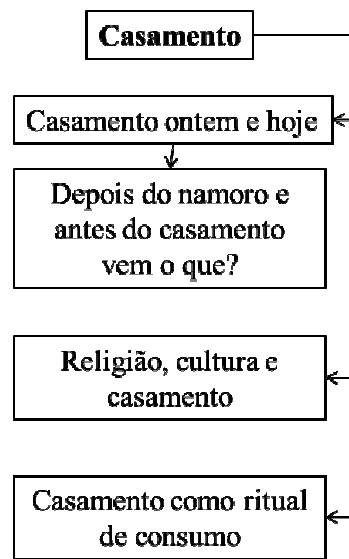


Figura 2 - Apresentação esquemática da revisão de literatura - Casamento
Fonte: desenvolvido pela autora

Casamentos ontem e hoje

Quase todas as culturas e comunidades marcam os eventos importantes da vida com celebrações especiais e costumes que são ricos em simbolismo. Embora esses eventos estejam frequentemente associados a estréias na infância e a transição para a idade adulta, a vida como um adulto também inclui seu próprio conjunto de marcos. Ocasões significativas na vida adulta podem conferir uma mudança no *status* social ou reconhecer uma transformação pessoal. Algumas passagens podem estar associadas a uma determinada idade ou momento específico, como um aniversário. Outros podem ser celebrados a qualquer momento, muitas vezes associados a decisões de mudança de vida como casar-se.

Outros, ainda, incluem novos privilégios e responsabilidades sociais ou legais, como uma formatura ou uma promoção no trabalho. (HILL e DANIELS, 2008).

Durante a maior parte da trajetória civilização o casamento tem sido uma transação entre duas famílias. Por muito tempo o amor teve pouca relação com motivos para casar. Para Otnes e Pleck (2003) o casamento foi projetado para garantir a legitimidade dos herdeiros e para fornecer ao homem o serviço sexual e uma boa dona de casa. A própria palavra casamento segundo Damatta (1997) vem da palavra casa sugerindo essa relação doméstica que o casal passa a ter após o casamento. Otnes e Pleck (2003) ainda comentam que os franceses gostam de dizer que inventaram o amor romântico. Mais exatamente eles inventaram o conceito de “amor cortês” essa variante apresentou boas maneiras, cavalheirismo, e as dores de um amor não correspondido entre um cavalheiro e uma dama aristocrata casada.

Damatta (1997) comenta que rituais controlados por instituições religiosas e pelo Estado vem da rua, de uma outra dimensão alheia a doméstica, para a casa. Enquanto rituais domésticos tradicionais fazer o caminho inverso “Abrem a porta de casa para a rua” (p. 62). Weinstein (2004) aborda sobre o Concílio de Trento ocorrido no período de 1545-1562. Neste concílio foi formulada a posição da Igreja católica sobre o casamento. Percebeu-se que o envolvimento prático da Igreja na vida familiar havia sido limitado e inconsistente. O ritual de casamento era amplamente visto como um assunto privado de família. A Igreja recebia fortes críticas de duas direções diferentes: os protestantes que rejeitavam a postura teológica e jurídica que permitia aos cônjuges muita liberdade, enquanto que no mundo católico, o estado, bem como as instituições políticas seculares exigiam direitos adicionais sobre a família como parte de um crescente processo de centralização do poder da instituição. O casamento passa então da esfera particular para a esfera religiosa e pública. Esta mudança no ritual de casamento foi um dos aspectos mais importantes na política da Igreja pós- tridentina, impondo novos padrões familiares e educando com as normas apropriadas para a esta nova moralidade.

Hill e Daniels (2008) ao tratarem de um contexto em que o indivíduo tem liberdade de escolha no que se refere a relacionamentos afetivos, observam que antes do casamento, as pessoas tomam parte em rituais sociais que lhes permitam interagir mais intimamente com os possíveis futuros cônjuges. Uma vez que duas pessoas desenvolvem um relacionamento, elas podem medir o interesse de cada uma, e possivelmente aprofundar seu

envolvimento, até que decidam fazer a sua união permanente. O namoro é geralmente o primeiro passo que precede o noivado no ocidente. Para os autores, outras culturas, no entanto, como a chinesa, a hindu e muçulmana, tendem a confiar mais nos esforços das famílias e líderes religiosos para a escolha de parceiros para os jovens, sem que haja o namoro ou o noivado. Assim, muitas vezes o casal acaba se conhecendo na cerimônia do casamento.

Silva *et al.*(2005) apontam que esta tendência também é vista em países coletivistas e com menor desenvolvimento econômico. No entanto há uma transição quanto ao papel dos sentimentos em relação à escolha do parceiro. Para os autores o casamento arranjado nestes países, a partir de meados da década de 1990, está sendo substituído pela união onde os parceiros escolhem com quem concretizarão o enlace matrimonial e o amor tem sido relatado como um dos principais critérios na escolha desde então, principalmente pelo advento das comunicações.

Durante o século XIX, o namoro foi formalizado de acordo com os ideais sociais da época. Um cavalheiro normalmente visitava uma jovem mulher em sua casa, demonstrando que ele pretendia ligar-se àquela família. Se os pais da jovem aprovassem o candidato em potencial, eles poderiam, eventualmente, permitir que o casal desfrutasse de alguns momentos de privacidade. Raramente o casal saíria sozinho. Fora da casa dos pais, o casal poderia reunir-se na igreja, em jogos, danças, piqueniques comunitários e eventos sociais similares.

O surgimento do automóvel no início do século XX mudou o comportamento de namoro e lançou as bases para as práticas do namoro moderno. A mobilidade independente fornecida pelo automóvel deu aos jovens muito mais opções para sair. Assim, o namoro foi movido da esfera privada do lar para a esfera mais pública e menos vigiada, de teatros, restaurantes, e eventos sociais.

Atualmente as pessoas acham seus parceiros em diferentes lugares, incluindo no trabalho, na escola, na igreja, ou em clubes sociais. Serviços de relacionamento e eventos também podem prestar assistência na procura de parceiros. Namoros começam informalmente, com uma pessoa pedindo a outra para se juntar a ela em uma atividade de interesse mútuo. (HILL E DANIELS, 2008; OTNES e PLECK, 2003; INGRAHAM, 1999). Mas nem sempre foi assim, Freitas e Costa (2007) em seus estudos com idosos obtiveram relatos sobre o namoro no Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Nessa época havia a ideia de que a moça deveria ser prendada nas atividades domésticas, sabendo cozinhar e passar. Ela

deveria ser delicada e recatada. Durante o namoro, que se resumia a troca de olhares, o casal não deveria dirigir a palavra um ao outro, muitas vezes nem para cumprimentarem-se, isso ocorria apenas depois do casamento. A moça que não se adequasse a essa conduta acabava sendo “mal falada”. Mas haviam outras formas de arranjar um parceiro. Havia bailes, onde as moças ficavam à espera de algum rapaz que as tirassem para dançar. Ademais não era permitido à moça recusar o convite do homem, tampouco convidá-lo para dançar.

Depois do namoro e antes do casamento vem o quê?

Dada a quantidade de detalhes envolvidos, o casamento, obviamente, não acontece em poucos dias. É necessário um estado limiar. Nos países ocidentais, onde os casais escolhem seus próprios companheiros, sem muita influência dos pais ou supervisão, dois parceiros românticos declaram abertamente a sua intenção de se casar em um futuro próximo. O evento que marca o início oficial do noivado é a proposta, que na maioria dos casos ainda depende da iniciativa masculina. Entretanto, como comentam Hill e Daniels (2008), nas últimas décadas, têm-se tornado mais comum as mulheres fazerem uma proposta formal de casamento para os homens. Esse pedido, segundo Otnes e Pleck (2003), assinala o início do período marcado por um conjunto de rituais em constante evolução, a maioria dos quais são projetados para que as mulheres participem, e que giram em torno de longos preparativos para o "grande evento". Na época da proposta ou pouco tempo depois, o homem tradicionalmente apresenta um anel, geralmente um anel de diamante, para a mulher como um símbolo do compromisso. A contratação pode então ser formalmente anunciada e celebrada pela família e amigos em uma festa de noivado (HILL E DANIELS, 2008; OTNES e SCOTT, 1996).

Otnes e Pleck (2003) contam que o Arquiduque Maximiliano da Áustria, supostamente, deu o primeiro anel de noivado de diamante a Maria de Borgonha, em 1477. No entanto, é sabido que existiam anéis de noivado de menor valor desde o segundo século a.C. em Roma, com as noivas recebendo círculos de ferro como símbolos da proximidade do casamento. Enquanto as noivas que eram membros da realeza e membros da nobreza ostentavam cortes de pedras e brilhantes, os americanos ricos em meados do século XIX tinham “bandas” de ouro com pedras, pérolas e palavras representando sentimentos românticos gravados. No final dos anos 1880, joalheiros Tiffany e CO. em Nova York desenvolveram um

suporte aberto para a pedra que elevou o diamante em seis pinos o que o permitia ser travado em um anel.

Weinstein (2004) comenta que a tradição judaica na Itália influenciou muito a forma como são conduzidos os casamentos católicos cristãos. Neste contexto, o autor aponta, que o reconhecimento social e o conhecimento público quanto a transformação de um homem e uma mulher em um casal, era a colocação do anel e a declaração "*kiddushin*" que está relacionada à santificação de algo, de acordo com a lei de Israel e Moisés.

Otnes e Pleck (2003) apresenta mensagens altamente contraditórias visto a estranha mistura de patriarcado e gênero, conformidade com igualitarismo e individualidade. A troca de alianças faz um serviço generoso para visualizar quão dramático e igualitário é a encenação do casamento. As joias trocadas entre a noiva e o noivo destinam-se a serem usadas continuamente de forma permanente sendo uma declaração visual do compromisso, da identidade civil, e/ou exclusividade sexual.

Para o pedido de casamento heterossexual, a ideia que se tem é normalmente, o homem faz um passeio com a mulher, talvez para um elegante restaurante, e em algum momento ajoelha-se e apresenta um anel de noivado, e pergunta à mulher: "Quer casar comigo?" A mulher é livre para recusar a proposta ou pedir tempo para pensar. (HILL e DANIELS, 2008, OTNES e SCOTT, 1996).

Outros homens e mulheres encontram formas criativas e mais elaboradas para propor casamento, e os métodos para tais propostas são limitados apenas pela perspectiva criativa do noivo ou da noiva. As possibilidades incluem ter um pequeno avião passeando no céu com uma bandeira onde está escrita uma proposta de casamento, esconder um anel de noivado e um bilhete com um pedindo de casamento dentro de uma garrafa na areia. Pedidos feitos em um salto de paraquedas ou um mergulho. Algumas pessoas envolvem amigos e parentes na proposta. As possibilidades são infinitas e podem ou não funcionar como esperado. No entanto, desde o século XX após anos de instituição do casamento formal na sociedade, um grande número de casais vive junto antes do casamento, de modo que a proposta formal confirma uma noção de que as partes podem, eventualmente, casar. (HILL e DANIELS, 2008, OTNES e SCOTT, 1996).

O noivado para Otnes e Pleck (2003) é um estado não natural, como o da espera na estação de trem. Claro que, no caso, a noiva e o noivo não têm certeza de como melhor usar esse tempo, as revistas de noiva e livros de etiqueta fornecem listas detalhadas de bens e

serviços que devem ser adquiridos, alterados, mantidos e guardados para o casamento, de acordo com um calendário mês a mês. Até chegarem à data prevista.

Após este momento de pedido e de preparação para o ritual vem o esperado evento. No topo dos casamentos luxuosos e icônicos está o da rainha da Grã-Bretanha, Vitória com o Príncipe Albert em fevereiro 1840. Monarca muitas vezes reconhecida como uma criadora de tendências principalmente durante seu reinado. Essa cerimônia ficou famosa, pois a noiva usou um vestido branco para o casamento o que foi altamente divulgado. (AREND, 2003; OTNES e PLECK, 2003; INGRAHAM, 1999)

Os vestidos brancos para noiva são o tipo dominante de se vestir na atualidade para o rito matrimonial, mas nem sempre foi assim. Embora raros exemplos de vestidos de casamento de branco estejam registrados antes de meados do século XIX, nenhuma cor em particular dominava os vestidos de noiva na sociedade ocidental até aquele momento. Noivas se casavam de branco muito antes da Rainha Vitória, mas nunca foi interesse para o público em geral. (OTNES e PLECK, 2003; AREND, 2003; INGRAHAM, 1999). Otnes e Pleck (2003) comentam que procedentes imediatos da Rainha haviam utilizado capas de veludo enfeitadas, vestidos brocados com pesados bordados com linha branca e prata. O vermelho era o mais popular que o branco na Europa Ocidental. Os historiadores, segundo Arend (2003), geralmente atribuem a mudança para um vestido branco a dois fenômenos: o caso da Rainha Vitória, como já comentado e, em segundo lugar, às mudanças nas tendências da moda deixando de lado a ideia de se usar brocados pesados para a criação de vestidos de noiva e passando a se utilizar tecidos mais leves e delicados, como musselina, organza, gazes, cetim, seda ou linho, que muitas vezes estavam disponíveis apenas na cor branca.

O casamento da Rainha Vitória e Albert certamente, na visão de Otnes e Pleck (2003), fora arranjado. Eles eram primos de primeiro grau, e dificilmente se encontrariam na maioria dos padrões modernos de legalidade, muito menos de intimidade romântica. Além disso, a escolha da Rainha Vitória era restrita por uma lei que a obrigava a casar com um protestante. Assim não foi o casamento da Rainha Vitória que deu a luz a uma cultura romântica do consumidor, mas sim certas características da cultura de consumo já em vigor divulgadas neste casamento icônico e real que incitou o desejo de imitá-lo.

Já Otnes e Pleck (2003) defendem que o que fez a cor branca para vestidos de noiva se tornar tão popular refere-se ao fato de que esta era a cor que as meninas deveriam usar no tribunal, além de ser uma cor difícil de se manter limpa, e limpeza era cada vez mais

considerada um privilégio. Esses aspectos foram ressaltados quando a rainha utilizou a cor associando-a a pureza sexual. Sinal de que a família havia protegido sua virtude. Otnes e Pleck (2003) ainda apontam que esta cor poderia significar superioridade racial dos anglo-saxões, já que estes de pele branca se consideravam superiores às demais raças.

Arend (2003) lembra que vestidos de noiva não representavam significativamente a pureza ou virgindade antes de serem feitos principalmente em branco. Registros anteriores à explosão do casamento de vestido branco atestam que mulheres se casavam vestindo com roupas dessa cor, durante a gravidez, sem o estigma social que as mesmas sofreriam atualmente em ambientes mais tradicionais se casassem de branco grávidas ou declaradamente não castas.

Para Otnes e Pleck (2003) a década de 1920 foi marcada pela explosão do casamento romântico e comercial. Várias colunas de revistas, jornais e até mesmo transmissões ao vivo de cerimônias, tratavam sobre o assunto. A indústria da beleza dessa década, com a atenção no rosto, no cabelo e principalmente no corpo esguio- quase de menino e a moda da “melindrosa” -incentivavam o uso mais da maquiagem valendo-se de anúncios como “eu curei minhas espinhas e virei noiva”.

Arend (2003) aborda ainda que fora a cor branca, infundida com conotações raciais, da feminilidade e da pureza, que transformou o significado do vestido de noiva, e que solidificou a sua utilização desenvolvendo uma indústria do casamento no período pós-guerra. No entanto, para o autor, ao contrário do que propunham Otnes e Pleck (2003), até o final da década de 1940 e início de 1950, o casamento como se conhece, definitivamente não era tradicional com toda a pompa e romantismo que se possui atualmente. Alguma coisa se via segundo Arend (2003) e Ingraham (1999) no sentido de que mais frequentemente, os casais se casavam em pequenas cerimônias na igreja ou em suas casas. Família e amigos iam comemorar comendo e muitas vezes dançando.

Na década de 1930, logo após a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929, um movimento para profissionalizar o negócio do casamento começou a lidar com os efeitos da Grande Depressão. Lojas de departamento e outros pequenos negócios começaram a acompanhar as tendências de casamento. A ideia era que o amor não tem depressão e as pessoas não deveriam se privar deste momento único. Howard (2010) argumenta que a indústria do casamento promoveu certas práticas de uma forma reiterativa de modo a convencer as pessoas de sua "natureza tradicional." Esse ideal incorporou uma série de “tradições”, como o anel de noivado, o vestido branco, a cerimônia na igreja, com muitos

assessores para a noiva e convidados para o casamento, lista de presentes, decorações florais bem elaboradas, uma suntuosa recepção, todos preservados para a posteridade por um fotógrafo profissional.

Religião, cultura e casamento

As ricas tradições encontradas nas cerimônias de várias culturas em todo o mundo continuam a influenciar os casamentos planejados por casais modernos. Desde o ritual mais específico culturalmente relacionado a um rito original e a diversidade dos costumes do casamento se refletem em cerimônias religiosas, cerimônias civis e rituais de Noivado. Dependendo de suas crenças religiosas particulares, suas famílias, e outros fatores, alguns casais estão vinculados a cerimônias de casamento estritamente delineadas. Outros têm mais liberdade para projetar um casamento que combine costumes seculares com ritos emprestados de diferentes credos. (HILL E DANIELS, 2008)

Para Jung (2007), através do estudo da psicologia dos primitivos, os fatos importantes da vida sempre estão associados a cerimônias elaboradas que buscavam transportar o indivíduo para outro estágio. Isso ajuda o indivíduo a transferir sua energia psíquica para a etapa seguinte. Para Eliade (2001) o casamento é uma dessas cerimônias, constituída como rito de passagem pela tensão implicada neste momento. Essa sequência litúrgica permite observar a transformação destas duas pessoas de famílias distintas que se unem para formar uma nova família. Por esses e outros motivos Hill e Daniels (2008) acreditam que cada casamento é único, como os seus participantes, refletindo, muitas vezes neste momento tão importante da vida, os valores sociais, religiosos ou culturais que são mais importantes para a noiva e o noivo.

Weinstein (2004) aborda que a promessa de casamento de um homem para uma mulher era dada de forma particular e sem testemunhas. Durante um breve período de conhecimento e namoro, por vezes, se deixavam levar a um ato sexual. Para a maioria da população, este era o casamento, não haviam rituais elaborados exigidos. Após o Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, a Igreja lançou um ataque feroz contra a imoralidade sexual de seus fiéis, que se deixaram envolver em relações sexuais antes de se casarem na igreja.

Esta estreita relação erótica antes de receber a bênção do padre era agora considerada inválida. Segundo Weinstein (2004) para supervisionar o rito, a Igreja na Itália tentou anexar essa fase preliminar para o casamento, com a fixação dos proclamas. A Igreja exigia que todo o ritual fosse realizado na paróquia, permitindo um controle mais rígido do casal e aplicação dos costumes sexuais somente através de regras rigorosas. Através desta ótica, mesmo que os tempos tenham, de certa forma mudado, e os líderes religiosos explicitem que são os noivos que celebram o casamento, existem exigências deste período da história que perduram até hoje. Como é o caso dos proclamas, que aliás não foi comentado por nenhum dos casais. À igreja é atribuído o papel de líder conduzindo o momento, e são as palavras e a bênção do padre que determinam a mudança de status neste contexto.

Durante o período de noivado, muitos casais dedicam tempo e esforço considerável para os preparativos do casamento, mesmo que muitos paguem um cerimonialista profissional para cuidar de todos os detalhes. Entre os inúmeros preparativos do casamento que devem ser feitos, o casal primeiro tem que se preocupar com uma data para o evento. Muitos casais religiosos ainda evitam dias santos, outros grupos religiosos tendem a agendar casamentos durante meses ou estações específicas. (HILL e DANIELS, 2008; MONTEMURRO, 2006). Pessoas de várias culturas asiáticas empregam cartomantes, a fim de determinar as datas certas para casamentos. Uma vez que a data do casamento é selecionada, inúmeras outras preparações começam. Normalmente, a noiva e sua família, às vezes com a ajuda do noivo e sua família reservam um local de culto ou outro local qualquer para o cerimonial. Organizam os serviços de um fotógrafo, procuram um local para a recepção, encontram músicos para a cerimônia e recepção, selecionam arranjos florais, e tomam decisões sobre muitos outros detalhes. Membros de vários grupos religiosos e étnicos têm tradições pré-casamento originais, como o jejum judaico, Ritual *Bath*, a pintura *Henna* pelo corpo, tradição favorecida por muitas culturas do Oriente Médio, África e Sul da Ásia (HILL e DANIELS, 2008; MONTEMURRO, 2006; GRIMES, 2000; MAGIDA, 2006).

Para Otnes e Pleck (2003) os rituais tornam-se mais elaborados quando o público percebe que a instituição a ser celebrada é considerada como tênue e vulnerável. Isso leva a crer que as pessoas ao se casarem têm consciência de que uma de suas possibilidades futuras possa ser o divórcio. Um casamento “dos sonhos” é então, para os autores, entendido como um “seguro contra o divórcio”. Se um casal gasta uma grande quantidade de dinheiro, esforço e

tempo com a preparação do ritual do casamento, demonstra que, de certa forma, está comprometido um com o outro, amenizando tais possibilidades (OTNES e PLECK, 2003).

Dada a relativa ausência de ritos de iniciação nas culturas ocidentais, bem como o declínio da pomposa despedida nas cerimônias fúnebres, para Otnes e Pleck (2003) os casamentos no século XX se tornaram o principal ritual de toda a vida. Isso é apresentado por Grimes (2000) quando observa que o casamento tornou-se a única performance ritual na qual a maior parte das famílias despendem grande quantidade de tempo, energia e dinheiro. Otnes e Pleck (2003) e Ingraham, (1999) apontam ainda o crescente número de programas de televisão dedicados a seguir o planejamento e a execução de casamentos, filmes com o tema casamento, casamentos retratados em novelas e séries televisivas, além da quantidade de revistas sobre o assunto. Ademais as coberturas de casamentos de grandes celebridades. A exemplo o casamento do Príncipe Charles e Lady Diana Spencer realizado em 1981, em que, segundo Otnes e Pleck (2003) e Ingraham (1999), mais de 750 milhões de pessoas ao redor do mundo assistiram à cerimônia. Mais recentemente no casamento do filho do Príncipe Charles e de Lady Diana Spencer, príncipe William, com Kate Middleton, em 29 de abril de 2011, cerca de 2 bilhões de pessoas acompanharam a cerimônia pela televisão e 72 milhões de internautas acompanharam pela web⁴ (SANTOS, 2013).

Luxo e distinção foram democratizados segundo Otnes e Pleck (2003) criando uma cultura da celebridade que permeia a maior parte das escolhas e estilos característicos da cerimônia e da recepção de casamento. Champanhe e flores frescas, que eram vistos apenas nos mais extravagantes dos casamentos, agora são o padrão para pessoas de origens humildes e de rendimentos limitados. Damatta (1997) comenta que os rituais geralmente não ocasiões onde o coletivo é o mais importante, mas tudo pode mudar de figura quando uma pessoa específica é colocada em evidência como é o caso de aniversários, funerais e casamentos. A pureza de um anjo, o suor de um ser humano é assim que Grimes (2000) intitula o conflito quanto a imagem perfeita, mas humana da noiva. A noiva como um ícone sagrado que evoca ambivalência. Seu relato sobre o nervosismo e a ansiedade de falar com a noiva. Um simples abraço de parabéns na recepção e como a noiva muda durante o ritual. No início ela é um ícone de pureza, impecavelmente arrumada. Ao final da festa ela é uma noiva diferente da que andou até altar. Está geralmente quente e suada, uma contradição de imagens. Ela é decorada

⁴Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,retrospectiva-2011-o-casamento-do-principe-com-a-plebeia-kate-middleton,813581,0.htm>>, acesso em 20 de julho de 2015.

em seu vestido branco celestial, mas está encharcada de suor terreno. Exala a pureza de um anjo, porém brilha com o suor de atividade humana: dançar, comer, beber.

O antropólogo Grimes (2000) comenta que quando se abraça a noiva têm-se a esperança de que suas mãos toquem a renda limpa ou cetim, e não a pele molhada das costas, a pele exposta da noiva que tanto lhe atrai e repele. Para ele a rainha não pode gastar muito tempo com qualquer um de seus súditos. Ela deve ser compartilhada igualmente com todos. Deve sentar-se em um carro e acenar para as massas de uma forma não-discriminatória. Conversas pessoais com ela devem ser breves e anônimas. O antropólogo continua seu relato etnográfico falando sobre seu receio em relação a esta figura, para ele tão sagrada e tão humana ao mesmo tempo.

Damatta (1997) aponta que dentre as diversas formas de celebração comemoradas no Brasil o casamento é uma das que celebra as relações íntimas, pessoais e singulares. Di Leonardo (1987) afirma que as mulheres são guardiãs dos laços familiares, elas tendem a dar mais importância a ocasiões especiais no lar que os homens. Sendo mais propensas a querer ter esses momentos registrados, a fim de mostrar fotos e vídeos dos rituais a outras pessoas, bem como, através dos registros, reviver esses momentos especiais. Isso se dá em partes, pois meninas e mulheres consomem bens que suportam uma “cultura do amor”, porém de formas distintas. Contos de fadas, bonecas, filmes românticos, novelas e revistas falam sobre sentimentos e aspectos relacionados ao amor os quais as mulheres tendem a se interessar mais. Essa relação simbiótica entre cultura de consumo e amor romântico garante que estratégias de publicidade e de mídia lembrem constantemente às mulheres que suas vidas são incompletas, a menos que a experiência do amor romântico e, conseqüentemente, um anel de noivado, um casamento luxuoso e uma lua de mel sejam realizados. (OTNES e PLECK, 2003).

As estratégias de publicidade, marketing e mídia também são utilizadas para lembrar aos rapazes da relação simbiótica entre cultura de consumo e amor romântico e remetê-los à ideia de que suas vidas, para serem completas, dependem da experiência do amor romântico e, conseqüentemente, do consumo atrelado a ele, porém isso ocorre com bem menos freqüência e intensidade do que é nas mulheres (OTNES e PLECK, 2003).

Montemurro (2006) aponta que os homens não têm muitas obrigações na preparação dos casamentos, pois presume-se que suas futuras esposas ou mães irão dar atenção aos amigos e parentes, assim eles não precisariam preocupar-se com os rituais pré-

matrimoniais. Todo o processo de planejamento do casamento, para o autor, é de gênero, com a maior parte do trabalho necessário visto como de responsabilidade das mulheres (CURRIE 1993; OTNES E PLECK 2003).

De acordo com Montemurro (2006) e Otnes e Pleck (2003) os noivos são desencorajados pela indústria do casamento, por seus pais, e às vezes suas noivas a participar destas atividades. Os autores abordam que tradicionalmente os noivos não são, e socialmente não deveriam a ser, interessados em selecionar os padrões de porcelana, arranjos florais, ou trajes de casamento por serem atividades tidas como femininas. Suas funções se restringem a participar das atividades menos femininas do pré-casamento, como por exemplo, a tomada de decisões sobre as bebidas alcoólicas e organizar o transporte. Atividades, de forma, menos ameaçadoras para a masculinidade dos homens ao passarem pelo ritual conforme mencionado por Montemurro (2006) e Otnes e Pleck (2003).

Ao mesmo tempo em que sociólogos, antropólogos e acadêmicos da Administração têm escrito sobre o casamento enquanto instituição, como abordado no trabalho de Almeida, Carvalho Neto e Santos (2012) em que se destacam as mulheres e carreiras, poucos têm sido os estudos considerando os rituais de passagem do casamento enquanto cerimônia e festa. Esta omissão é curiosa, considerando a importância dos casamentos na cultura popular, tais como cinema, televisão, publicidade e brinquedos para crianças, bem como a existência de uma indústria do casamento multibilionário, e da popularidade da prática em si (ARENDA, 2003; OTNES e PLECK, 2003; INGRAHAM, 1999).

Casamentos para Arend (2003) são importantes sociologicamente por pelo menos duas razões. Primeiro, proporcionam oportunidades explícitas de monitorar *status* e avaliar o capital cultural. Através de questionamentos como: será que a família chegará de limusine a Catedral onde se realizará um suntuoso casamento?; o cardápio será composto por lanche e maionese no salão da igreja ou eles se sentarão para uma refeição de cinco pratos incluindo filé mignon e *crème brulee* preparado por um chefe renomado?; o vestido de noiva é alugado ou de alta costura?. Em segundo lugar, o casamento como se conhece envolve práticas normativas onde fantasias profundamente arraigadas sobre gênero e classe são externalizados. Muitos aspectos contribuem para o tema geral do amor romântico, onde um homem bonito deseja uma mulher bonita e está disposto a fazer uma declaração de amor e um compromisso em público. O casamento significa "e viveram felizes para sempre" para o casal e para seus convidados.

Para Otnes e Pleck (2003) exceto nos níveis socioeconômicos mais baixos, a decisão de planejar e executar casamentos elaborados, raramente é questionada. Gastos com o casamento sempre foram fáceis de justificar, por ser um ritual que ocorre, ou deveria ocorrer, apenas uma vez durante a vida.

O ponto culminante do processo de planejamento do casamento é a aquisição deste ritual altamente simbólico e sagrado. Isso se dá através das mercadorias a serem utilizadas no próprio evento. A reserva e o pagamento de taxas para uma igreja, salão de recepção, fornecedor de entretenimento com música, além do cerimonial do casamento. As aquisições incluem convites elaborados, flores para buquê, igreja e decorações da festa. Fotografias, programas e menus. Além de um bolo elaborado, vestidos de dama de honra, *smokings*, e vestido de noiva. Os casais muitas vezes incluem a formação de uma lista de presente para os bens domésticos. Para todas estas etapas de preparação do ritual existem livros e revistas de etiqueta e planejadores de casamento para ajudar a preparar o “perfeito”, e muitas vezes “adequado”, casamento. (AREND, 2003; INGRAHAM, 1999; OTNES e PLECK, 2003). Todo esse processo envolve antes de tudo dispêndio financeiro. Na verdade, basta anexar as palavras casamento ou noiva para praticamente qualquer item que seu preço sobe. (INGRAHAM, 1999) Esse consumo pode ser em grande parte configurado como conspícuo, e foi trabalhado no Brasil por Carvalho e Pereira (2013), sendo possível afirmar que representa o trabalho atual mais relevante sobre o tema no âmbito da Administração ao tratar do consumo ritualístico de casamentos no país. As autoras, dentre as temáticas exploradas, abordam a vulnerabilidade em que as noivas são expostas ao comprarem e contratarem os serviços e produtos relacionados a este ritual, ritual esse tão significativo e com tanto envolvimento emocional.

O casamento pode reforçar a ligação do casal com sua rede social, mas seu maior apelo está relacionado a promessa de magia, especialmente para as mulheres. Através de contos de fadas e anúncios de beleza as noivas são cercadas pela história de um príncipe encantado e da transformação que ocorre em suas vidas após casarem-se com ele (OTNES E PLECK, 2003).

Belk, Wallendorf e Sherry Jr. (1989) abordam que o ser humano busca sempre em sua vida “coisas mágicas” “roupas mágicas”, “joias e perfumes mágicos”, querem dirigir “carros mágicos”, morar em “lugares mágicos” e fazer peregrinações a “lugares ainda mais mágicos”. Transforma comidas, animais, programas de televisão ou mesmo livros em

“artefatos mágicos”, ou seja, sagrados. Grimes (2000) aponta que a magia é a transformação das coisas, pessoas, lugares e momentos por meio de rituais. No caso do casamento é um ritual com artefatos que fazem as pessoas sentirem que algo realmente mudou, esse evento tem a capacidade de transportá-los para fora do tempo e do espaço, se levada em consideração a ideia de dias comuns. E quando retornam estão em outro estado social, psicológico e em certas vezes físico.

3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta seção apresenta o delineamento de pesquisa, a forma de coleta de dados, bem como os procedimentos para análise desses dados.

Quanto à natureza este estudo se classifica como **pesquisa básica**, pois objetiva a produção de conhecimentos, sem uma aplicação prática imediata. Quanto à forma de abordagem do problema, tal estudo classifica-se de cunho **qualitativo**. Tem por propósito traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. Como é apontado por Van Maanen (1979), compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma e o aos objetivos. Godoy (1995) ressalta a diversidade existente entre os trabalhos qualitativos e enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber: o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; os significados que as pessoas dão as coisas e a sua vida como preocupação do investigado e o enfoque indutivo.

Nas ciências sociais, segundo Neves (1996), os pesquisadores, ao empregarem métodos qualitativos, estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social. Buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo e o objeto de estudo para que implique em uma melhor compreensão do fenômeno. Quanto aos objetivos gerais esta pesquisa se classifica como **explicativa**, pois busca identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos, aprofundando o conhecimento da realidade na busca de uma razão ou explicação do porquê das coisas (VERGARA, 2000). É também um estudo que identifica a realidade dos fatores com base em pesquisas de campo. Essa pesquisa pode ser também a continuidade de uma pesquisa descritiva, visto ser necessária a identificação dos fenômenos e de sua descrição bastante detalhada e mais aprofunda que as pesquisas descritivas e exploratórias (GIL, 1999).

Para Andrade (2002) esse é um tipo de pesquisa mais complexa, pois além de registrar, analisar, classificar e interpretar fenômenos procura identificar os fatores determinantes.

3.1 Procedimentos Técnicos Adotados

Quanto aos procedimentos técnicos adotados serão eles: **entrevista com roteiro semiestruturado**, caracterizado pelo questionamento direto de pessoas envolvidas com o objeto ao qual se quer conhecer. Para Mazini (1990/1991) a entrevista semiestruturada é baseada em um roteiro com perguntas consideradas principais referente ao assunto pesquisado. Essas perguntas podem ser completadas no decorrer da entrevista. Este tipo de entrevista possibilita a imersão de informações de forma livre e sem a condição de uma padronização de alternativas. **Entrevista não estruturada**, em que o pesquisador apoia-se em um ou mais temas, tem algumas perguntas iniciais previstas e, no decorrer da entrevista, as perguntas se dão por meio da interação e respostas do entrevistado. Essa entrevista não estruturada será realizada com o estímulo de fotos e objetos do próprio entrevistado. (LAVILLE e DIONE, 1999; MATTOS, 2005), bem como através de **pesquisa documental** a partir de materiais disponibilizados por líderes religiosos das confissões cristãs pesquisadas. (HELDER; 2006). Esta pesquisa também será realizada a partir de **observação participante** em cursos de noivos ofertados pelas comunidades religiosas onde os atores estão inseridos, atitude que Serva e Jaime Junior (1995) tratam no que se refere a pesquisa onde os observadores estão face a face com o observado. Assim a coleta se dá no ambiente natural de vivência dos observados.

Sujeitos da pesquisa

Foram entrevista dos líderes religiosos de igrejas Católicas, Evangélicas de Missão e Evangélicas Pentecostais (conforme a classificação do IBGE, 2009⁵). Também foram entrevistadas, a partir de cada uma dessas divisões do cristianismo, quatro noivas e noivos que se casarão em cerimônias religiosas no período de seis meses ou que tenham se casado nos últimos seis meses, isto para que os entrevistados tenham a possibilidade de relatar sobre algo recente, permitindo que a pesquisadora obtenha relatos mais detalhados.

5 Novo Mapa das Religiões/coordenação Marcelo Côrtes Neri. -Rio de Janeiro: FGV CPS, 2011.

No que tange aos entrevistados, inicialmente serão procurados os líderes religiosos em suas igrejas e a seguir, por indicação destes, e como forma de cumprir os objetivos que se relacionam a ideia de verificar o comportamento dos atores imersos nas divisões do cristianismo estudadas, os noivos serão procurados. Assim, serão entrevistadas noivos e seus respectivos líderes religiosos objetivando fatores que determinam ou contribuam para a ocorrência de fenômenos, aprofundando o conhecimento da realidade na busca de uma razão ou explicação do porquê das coisas. Além das entrevistas serão observados cursos de noivos ofertados pelas comunidades religiosas pesquisadas, como forma complementar de obtenção de dados.

No que se refere aos instrumentos para a coleta de dados, serão utilizados **três roteiros semiestruturados diferentes**. O primeiro, apresentado no apêndice 1, para as entrevistas com os líderes religiosos; e o segundo para as análises dos escritos sacrossantos, Apêndice 4; o terceiro roteiro foi elaborado para nortear as entrevistas com as noivas e noivos, Apêndice 2.

As noivas foram entrevistadas em dois encontros. O primeiro, onde noivo e noiva terão encontros com a pesquisadora, de forma conjunta ou particular, no qual foi conduzida uma entrevista com um roteiro semiestruturado. O segundo encontro foi realizado prioritariamente com as noivas, porém não se excluiu o noivo de participar se assim ele manifestasse. Foi realizado também um encontro com entrevista não estruturada, apenas com tópicos iniciais como apresentado no apêndice 3. Essa técnica utilizada dará mais liberdade ao entrevistado para construir sua resposta sobre o tema proposto (LAVILLE e DIONE, 1999; MATTOS, 2005). Para este segundo encontro, foi solicitado que as noivas e recém-casadas apresentassem fotografias relacionadas ao evento, bem como artefatos e imagens que as influenciaram e influenciaram como parte do planejamento, idealização e concretização do evento, e a partir disto discorreram sobre seu casamento enquanto ritual. (MANZINI, 1991; TRIVIÑOS, 1987).

3.2 Procedimentos para análise e interpretação dos dados

Buscou-se utilizar como técnica de análise, a **análise de conteúdo**, que de acordo com Bardin (1994) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, apesar de poder ser considerada como um instrumento de análise é marcada por uma grande diversidade de

formas e é adaptável a um campo de aplicação muito vasto, ou seja, o campo das comunicações. A análise de conteúdo pode ser uma análise dos significados, como na análise temática, ou uma análise de “significantes”, como na análise léxica. Mais especificamente, a análise de conteúdo adotada para este estudo será a análise de asserção avaliativa, também denominada de representacional, pois visa medir as atitudes do emissor em relação aos objetos de que fala, sejam pessoas, coisas ou acontecimentos.

Para análise, foi proposta a *Evaluative Assertion Analysis* (EAA) traduzida como *Análise de Asserção Avaliativa* foi proposta por Osgood (1959) e citada por Bardin, (1994) entende que a linguagem representa e retrata de forma direta quem a utiliza. Esta análise vai ater-se a intensidade dos juízos, atitudes ou predisposições, baseando-se em suas opiniões, reações e atos de nível verbal e comportamental, em presença ou menção de determinados objetos. Assemelha-se a análise de conteúdo temática, pois divide o texto em unidades de significação o que as difere é que as atitudes são caracterizadas pela intensidade e direção a que se refere o emissor. Essa análise, portanto tem o objetivo de identificar a significação afetiva e conativa a partir de dimensões bipolares: a avaliativa (ex. Bom/Mal), a potência (Forte/fraco), a proximidade (perto/longe) e a atividade (rápido/lento) (BARDIN, 1994; MINAYO, 2000).

Nesta análise são observados três tipos de componentes enunciativos avaliativos: o primeiro deles são os **Objetos de Atitude** - OA - Que podem ser pessoas, ideias, lugares, grupos, acontecimentos, situações e objetos ao que o locutor se refere. **Termos Avaliativos com significação Comum** - SC - que são as qualificações referidas aos objetos de atitude, podendo ser, predicados, adjetivos, verbos, advérbios ou substantivos (NARDI, 2001; BARDIN, 1994; MINAYO, 2000). Quanto ao terceiro componente proposto, foi feita uma adaptação, visto que a técnica de análise tem origem estadunidense, portanto utiliza em sua forma original a língua inglesa. A técnica inicialmente foi aplicada conforme apresentada em livros que a explicam em português. Julgou-se que por serem traduções nacionais, esta técnica estaria transposta de forma a ser aplicada no contexto da língua portuguesa de forma satisfatória. Mais especificamente utilizou-se a técnica como é explicada por Bardin (1994), Minayo (2000) e Nardini (2001) com base em traduções nacionais. Ao fazer as análises, algumas lacunas foram encontradas, uma delas referente a questão do terceiro componente, os **conectores verbais** - C - que ligam Objetos de Atitude aos termos Avaliativos com significação Comum - SC. Observou-se que os exemplos dados pelos autores denominados

como conectores verbais, correspondiam não a apenas conectores verbais. Buscou-se um equivalente a estas expressões na língua inglesa e ao observar as mesmas expressões em português compreendeu-se que tratava-se em realidade de verbos de ligação – VL - o que deveras modifica a forma como as análises são realizadas. Assim, para uma maior confiabilidade nos resultados do estudo, será adotada a seguinte legenda para o terceiro componente C e VL representando, respectivamente, conectores verbais e verbos de ligação.

Os três componentes, OA, SC e C/VL formam operacionalizados em três momentos. No primeiro momento haverá a identificação dos objetos de atitude (OA) através da leitura e referenciamento destes objetos. A segunda etapa foi a normalização dos enunciados. A terceira etapa foi a de codificação.

Para operacionalização da análise Nardi (2001), Bardin (1994) e Minayo (2000) apresentam a seguinte proposição esquematizada no Quadro 4.

Intensidade	Representação	Exemplos de expressões[...]
-3	Descontentamento ou pleno desfavorecimento	Não é; não está; nunca; jamais[...]
-2	Desfavorecimento parcial	Muito pouco, mais ou menos[...]
-1	Ligeira ou ocasional tendência desfavorável	Às vezes, talvez[...]
0	Neutralidade, ambivalência, nenhuma tendência favorável ou desfavorável	Normal; comum[...]
+1	Leve tendência favorável	Ligeiramente; ocasionalmente; levemente[...]
+2	Favorecimento com restrições	Mas; contudo; porém[...]
+3	Contentamento pleno /favorecimento total	É; está; definitivamente, plenamente, totalmente[...]

Quadro 4 - Intensidades para o desenvolvimento da análise asserção avaliativa
Fonte: Desenvolvido pela autora com base em Nardi (2001) e Bardin (1994)

Bardin (1994) considera que qualquer escolha de técnica e critérios de análise que envolvam enumeração vai estar fundamentada em duas bases: a frequência, referente a análises mais quantitativas e a presença que referem-se a análises mais qualitativas, como é o caso deste estudo, envolvendo intensidade e distribuição além da associação das variáveis inferidas não linguísticas. Então tais inferências podem manifestar-se de várias maneiras. Bardin (1994) coloca ainda que, se por um lado, é fácil classificar a expressão “muito bom” com uma carga positiva de “+3” e “muito ruim” com uma carga negativa de “-3”, pode-se perguntar se diferenças individuais e culturais não viessem os resultados. Assim, pergunta-se

quando se utiliza por exemplo o termo “família burguesa” a direção é positiva ou negativa? Favorável ou desfavorável? Dessa maneira é necessário que a análise não se atenha apenas as palavras e referências, mas ao contexto cultural e a diversidade linguística.

Para este estudo encontrou-se outra peculiaridade linguística no momento da codificação. A língua portuguesa, diferentemente da inglesa, de onde vem originalmente a técnica, usa muito de palavras e frases negativas como forma de afirmação. Por exemplo: “não têm nada mais bonito que o amor” aqui sujeito está afirmando que não há nada mais bonito que o amor. Assim o C/VL “não tem” acaba expressando direção positiva e não negativa a frase. Portanto optou-se por observar a direção do texto com base no contexto das entrevistas e se este C/VL impulsiona positiva ou negativamente a frase com base nas atitudes do locutor em relação ao objeto a que se refere. Além disso, incorporou-se a técnica norte-americana a análise do tipo sacralização com base nos estudos de Belk, Wallendorf e Sherry (1989) sobre o consumo sagrado, todavia para esta incorporação não foi aferido nenhum tipo de valoração como realizado diretamente aos três componentes. Isso, pois, através da intensidade da atitude do locutor em relação ao objeto seria possível descrever, não de forma contundente, qual foi a intensidade do comportamento de sacralização.

Confiabilidade da pesquisa

Para atribuir confiabilidade à pesquisa foi realizada uma **triangulação**, que segundo Denzin (1989) refere-se à coleta de dados em diferentes fontes, e de diferentes formas. No caso deste estudo, com entrevistas, observação participante e análise documental. Podendo ser explorados diferenças temporais, locais, indivíduos e documentos diferentes. O que para Igeaet. al. (1995) permite evitar ameaças à validade interna concernentes à forma como o material para a pesquisa é coletado. Isso, pois a utilização de diferentes métodos e fontes de coleta de dados permite várias perspectivas sobre uma mesma situação. Denzin (1978) aponta quatro tipos de triangulação. A triangulação de dados, a triangulação de investigador, a triangulação da teoria, e a triangulação metodológica. A triangulação de dados significa coletar dados em diferentes fontes e períodos, como forma de obter uma descrição mais rica e detalhada dos fenômenos. Dentro desta categoria a distinção entre a coleta de dados em tempos diferentes, locais distintos e indivíduos diferentes permite várias formas de olhar para uma mesma situação. A teoria se refere à possibilidade do investigador recorrer a

múltiplos fundamentos para a análise de um mesmo conjunto de dados. A triangulação de pesquisadores com diferentes bagagens teóricas e de áreas diferentes do conhecimento é uma alternativa para uma melhor análise de um mesmo conjunto de dados reduzindo a possibilidade de viesamentos. A triangulação metodológica é referente ao uso de multimétodos para a obtenção de dados mais completos de determinado fenômeno.

A seguir é apresentado um modelo esquemático dos procedimentos metodológicos utilizados nesta dissertação.

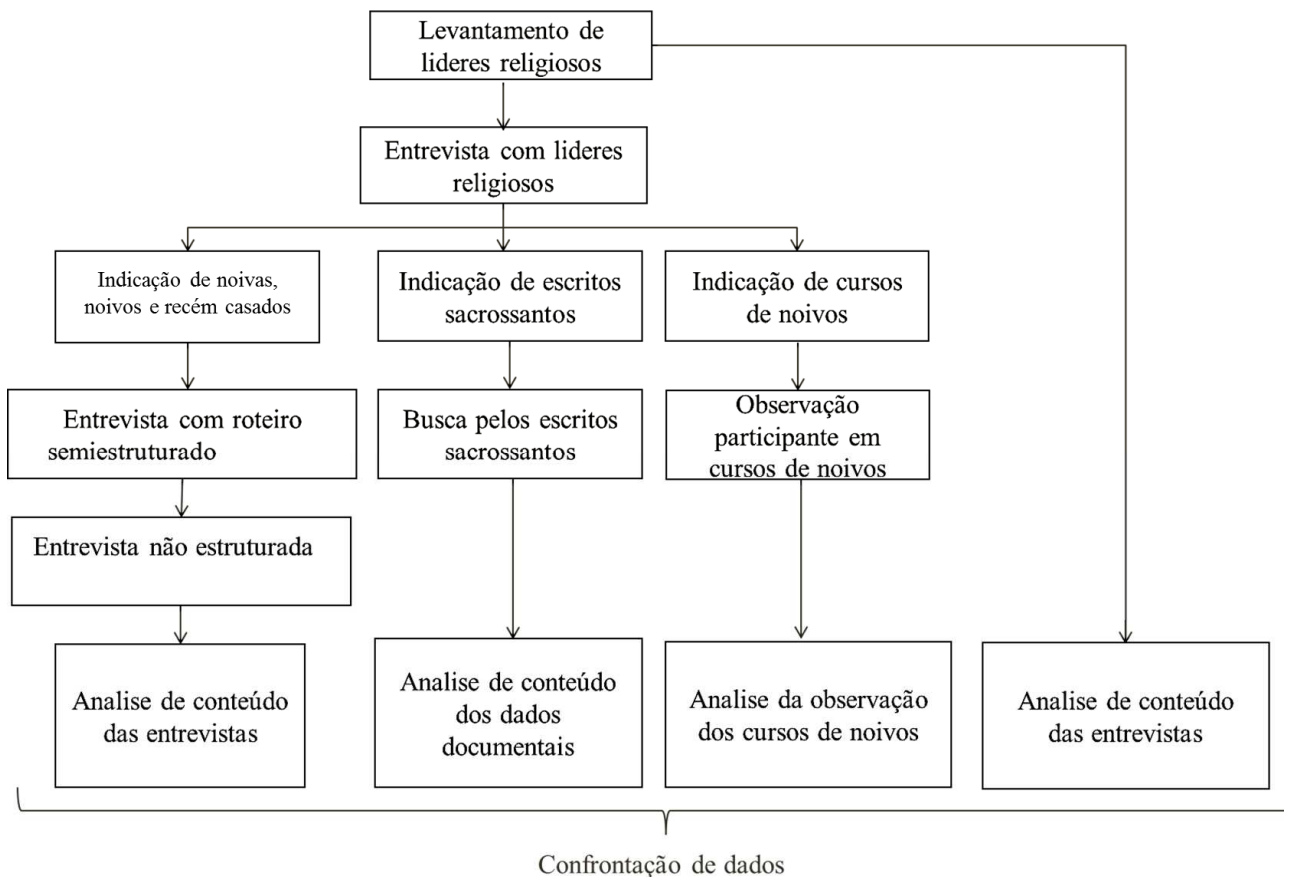


Figura - 3: Apresentação esquemática dos procedimentos metodológicos.

Fonte: desenvolvido pela autora

Definições operacional e constitutiva

As Definições Constitutiva (DC) e Operacional (DO) são definições mais detalhadas dos conceitos trabalhados em pesquisas científicas. A primeira define palavras com outras palavras, ou seja, as definições de dicionário, que normalmente são usadas comumente. Já a operacional atribui significado ao construto ou variável, assim serão

apresentadas as “operações necessárias para medi-la ou manipulá-la”. (KELINGER, 1980, p. 46).

Para Belk, Wallendorf e Sherry (1989) é possível utilizar-se das interpretações acadêmicas convencionais da religião para ter uma melhor compreensão do comportamento do consumidor. Como apresentado na revisão de literatura há uma secularização da religião e uma sacralização do secular, no sentido de ser comum não ligado ao religioso, na sociedade ocidental contemporânea. Assim é perceptível que o sagrado extrapola o contexto religioso chegando à esfera do consumo. Neste contexto o consumo pode tornar-se o meio principal para experiências transcendentais. O que é comum ser verificado através da religião, também é configurado no comportamento do consumidor que define certos objetos ou experiências de consumo como representantes de algo mais do que apenas objetos ou simples experiências.

A) Consumo Sagrado

DC: Neste estudo, conforme Belk, Wallendorf e Sherry (1989, p.13) “Tomamos o Sagrado na esfera do consumo para nos referirmos aos produtos e serviços que são considerados mais importantes, poderosos e extraordinários que os objetos em si mesmos”.

B) Consumo Profano

DC: Para este estudo foi tomada a definição de Belk, Wallendorf e Sherry

O profano, ao contrário *do que é sagrado*, é normal e não tem a capacidade de induzir ao êxtase, autotranscedência, experiências extraordinárias. Objetos profanos são tratados casualmente ao invés de serem reverenciados, não é foco de devoção.” (Grifo nosso) (1989, p.13)

C) Casamento

DC: Casamento para este trabalho foi considerado enquanto cerimônia que envolva rito religioso. O casamento civil, como um contrato entre o estado e duas pessoas com o objetivo de constituir uma família apenas em parâmetros legais sem realização de evento de celebração, não foi considerado.

DO: Tais definições foram operacionalizadas através de dados obtidos em entrevistas gravadas e transcritas. Tratadas com auxílio de *software* de análise qualitativa, *Nvivo10*, e posteriormente serão analisadas através da observação de conteúdo. Para a operacionalização

também será utilizada a escala proposta por Nardi (2001), Bardin (1994) e Minayo (2000) quanto à análise enunciativa. Esta escala é componente de um processo complementar de três etapas:

1º- Identificação dos Objetos de Atitude (OA)

2º Normalização dos enunciados.

3º Codificação em uma escala de -3 à +3.

4. ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados está dividida a fim de contemplar os objetivos específicos desde trabalho.

O objetivo específico “A” refere-se a “conhecer os elementos do ritual de casamento considerados sagrados para comunidades religiosas cristãs católicas, evangélicas de missão e Evangélicas Pentecostais. Para tanto, serão apresentados quais elementos ritualísticos, segundo a definição de Rook (2007) artefatos, papéis, roteiro e audiência presentes no ritual do casamento, são sagrados para estas comunidades cristãs. Nas seguintes seções: a seção 4.1 e a sub seção 4.1.1 do capítulo 4 desta dissertação tratam dos elementos sagrados para a Igreja Católica Apostólica Romana. A seção 4.2 e a sub seção 4.2.1 do capítulo 4 tratam dos elementos sagrados para as Igrejas Evangélicas de Missão. E por fim a seção 4.3 e a sub seção 4.3.1 do capítulo 4 Abordam os elementos sagrados para as Igrejas Evangélicas Pentecostais.

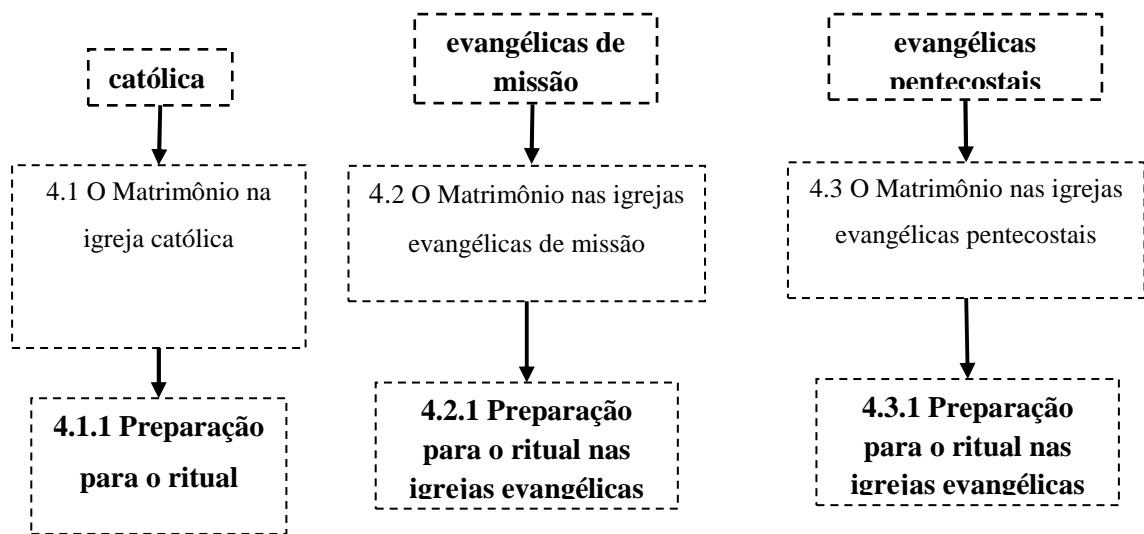


Figura - 4: Apresentação esquemática dos capítulos de análise.

Fonte: desenvolvido pela autora

Os Objetivos Específicos “B” e “C” são:

B) Identificar comportamentos de sacralização de elementos do ritual por noivos e noivas pertencentes a comunidades religiosas cristãs católicas, evangélicas de missão e Evangélicas Pentecostais;

C) Identificar comportamentos de dessacralização de elementos do ritual de consumo de casamento por noivos e noivas pertencentes a comunidades religiosas cristãs católicas, evangélicas de missão e Evangélicas Pentecostais.

A fim de contemplar estes dois objetivos, “B” e “C”, os elementos rituais foram analisados separadamente. Para trabalhar os resultados advindos dos casais católicos pesquisados foram criadas as sub seções 4.1.2 referente ao roteiro; 4.1.3 em relação aos papéis; 4.1.4 concernente aos artefatos rituais; e a sub seção 4.1.5 relacionada a audiência. Respectivamente, os resultados advindos dos casais das igrejas Evangélicas de Missão têm seus comportamentos de sacralização e dessacralização dos elementos rituais analisados nas sub seções; 4.2.2 no que se refere ao roteiro; 4.2.3 relacionado a papéis; 4.2.4 tratando dos artefatos; e 4.2.5 trabalhando a questão da audiência. Assim também os resultados referentes a pesquisa com casais das igrejas Evangélicas Pentecostais, serão apresentados nas sub seções 4.3.2 a análise dos elementos referentes ao roteiro; 4.3.3 aborda a questão dos papéis; 4.3.4 trabalha com os artefatos; e por fim 4.3.5 tratando da audiência do ritual.

Os Objetivos específicos “B” e “C” se propõe a identificar comportamentos de sacralização e dessacralização. Deste modo, estas sub seções descrevem comportamentos de sacralização conforme a classificação de Belk, Sherry e Wallendorf (1989) apresentada de forma mais detalhada no Quadro 2 acima mencionado.

Em relação aos comportamentos de dessacralização, como comentado anteriormente, Belk, Sherry e Wallendorf (1989) afirmam que existem comportamentos de dessacralização correspondentes para cada processo de sacralização. No entanto os autores não denominam, nem deixam claro como cada um deles ocorre. Assim os comportamentos de dessacralização nesta análise são considerados e descrito com base em ausência de sacralização ou mesmo aversão e/ou desdém por parte do casal a qualquer elemento ritual do casamento.

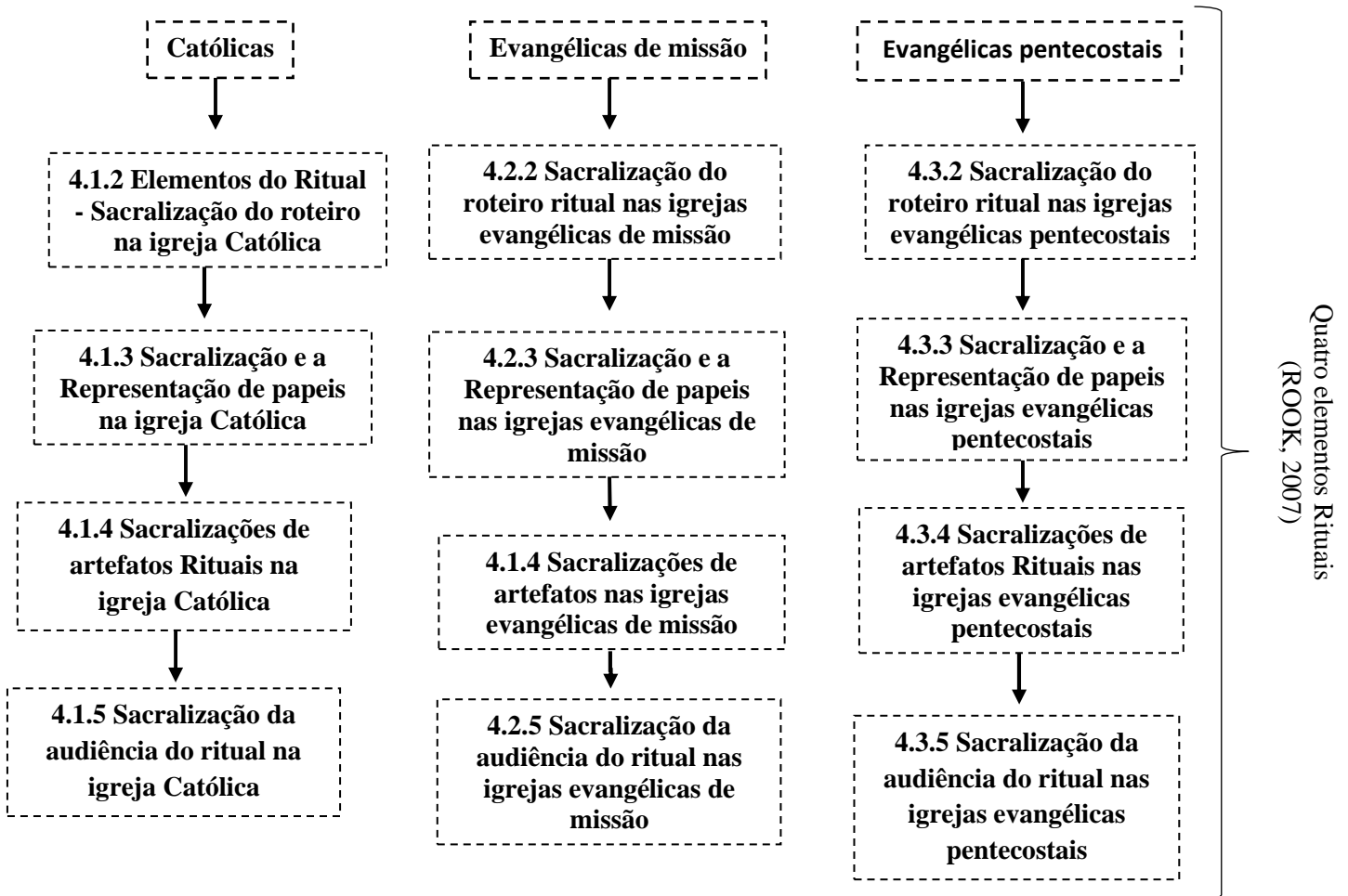


Figura - 5: Apresentação esquemática dos capítulos de análise.

Fonte: desenvolvido pela autora

O objetivo “D” designava conhecer como as confissões cristãs Católicas, Evangélicas de Missão e Evangélicas Pentecostais se posicionam em relação ao ritual de casamento e confronta como membros participantes dos rituais em diferentes confissões se portam diante deles.

A primeira parte deste objetivo, que se relacionava em conhecer como as confissões cristãs se posicionam em relação ao ritual, bem como os participantes, membros destas confissões se portam diante do ritual de casamento, está contemplada nas seções 4.1, 4.2 e 4.3. Quanto a confrontação do conhecimento adquirido sobre estas partes, isso é realizado na sessão 5. “Considerações finais sobre igrejas, noivos e casamento” visto que, como já mencionado, a intenção deste estudo não é de comparar as denominações entre si, mas conhecer como cada denominação, comunidade e membro, em seu contexto, exercem interação no ritual matrimonial.

4.1.O Matrimônio na Igreja Católica

O Cristianismo é a maior religião do mundo em relação ao número de adeptos, cerca de 2,1 bilhões de fiéis. O Catolicismo Apostólico Romano é a maior vertente do cristianismo com cerca de um bilhão de adeptos, quase metade de todos os cristãos. Esta igreja cristã é baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo, filho de Deus encarnado, enviado para morrer a fim de pagar os pecados da humanidade. Para essa denominação religiosa, após vida, morte e ascensão de Jesus ao céu, Pedro foi o principal apóstolo responsável por difundir o cristianismo, assim como Paulo, que foi o maior responsável por disseminar tais crenças no Império Romano, onde a maior parte da sociedade era denominada como “pagã”. Após anos de perseguição, posteriores alianças com nações da Europa a Igreja Católica adentra a Idade Média e segue até hoje como uma das maiores forças religiosas e políticas do mundo ocidental (SOUZA, 2004).

Para reger a realização do ritual de casamento na Igreja Católica Apostólica Romana, há uma espécie de manual que indica o caminho a ser seguido por padres e diáconos que assistem cerimônias de casamento. Assistem, pois para a igreja, quem celebra este ritual é o casal que se une. Tal manual é denominado *Celebração do Casamento* (s/d) e é parte do chamado “Ritual Romano” reformado por decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado pelo V.S. Papa Paulo VI. Revisto sob o cuidado de V.S. Papa João Paulo II. Esse decreto está disponível em português por mídia eletrônica⁶, além disso, cada pároco tem o seu próprio manual impresso para consultas.

Para esta fatia do cristianismo, adeptos da Igreja Católica, o matrimônio acontece quando homem e mulher constituem uma comunhão total de vida. O casal recebe força da própria criação divina, e para os cristãos católicos é de elevada dignidade, e está enumerada entre os sacramentos da nova aliança. Para os católicos esta é uma união indissolúvel e de plena fidelidade. Outro ponto é a procriação, segundo a igreja é a “coroação” do casamento, uma espécie de benção que não deve ser evitada sendo um bem para o mundo e para os pais. A ideia de que “já não são duas, mas uma só carne”, segundo a igreja, foi instituída pelo Deus Criador e nem o castigo do pecado original pode destruir este vínculo sagrado. Segundo a *Celebração do Matrimônio*, (p. 5, s/d) “este vínculo sagrado não depende da vontade do homem, mas do autor do Matrimônio, que o quis dotar de bens e fins peculiares.”. Essas

⁶ Disponível em <http://www.liturgia.pt/rituais/Matrimonio.pdf>. acesso em 20 de julho de 2015.

palavras, transmitida ao ser humano, colocam a vontade de unir o homem e a mulher nos desígnios de Deus. A aliança do casamento é comparada a aliança nupcial de Deus e a igreja.

Com a sua presença, o Senhor trouxe a bênção e a alegria às bodas de Caná; mudando a água em vinho, preanunciou a hora da nova e eterna aliança: “Assim como outrora Deus veio ao encontro do seu povo com uma aliança de amor e fidelidade, assim agora o Salvador dos homens” se apresenta como esposo da Igreja, firmando uma aliança com ela no seu mistério pascal”(*Celebração do Matrimônio*, s/d, p. 6).

A ideia de que Cristo se une a igreja como o noivo se une a noiva, para os fiéis católicos, significa que participam no ministério da unidade do amor entre Cristo e a Igreja. Assim, ao tomarem a vida conjugal, a receber, acolher e educar os filhos, crescem juntos em santidade e tem seu lugar no povo de Deus. Para esses religiosos o exemplo de amor de Cristo deve ser seguido pelos cônjuges. Portanto o casamento é o partilhar da realidade divina e humana, sendo, por isso, um sacramento, algo separado e que une humano e divino, segundo eles, de forma permanente, e, portanto indivisível. Desse modo “É unido pela Igreja, confirmado pela oblação, eucarística, selado pela bênção, anunciado pelos anjos e ratificado pelo Pai” *Celebração do Matrimônio*, (s/d, p. 6).

Assim, como Cristo amou a Igreja e se entregou a Si mesmo por ela, assim, pelo sacramento do Matrimônio, o Espírito Santo faz que os esposos cristãos, dotados de igual dignidade, mútua doação e indiviso amor que brota da fonte divina da caridade, se esforcem por alimentar e promover a sua união conjugal; e assim, partilhando juntamente as realidades divinas e humanas, na prosperidade e na provação, perseverem fiéis de corpo e espírito, absolutamente afastados do adultério e do divórcio.*Celebração do Matrimônio*, (s/d, p. 6).

Para a igreja católica, a preparação da celebração do matrimônio compete aos noivos e suas famílias. Mas no que tange ao denominado Múnus⁷ Pastoral e Litúrgico, é responsabilidade do bispo, do pároco e seus vigários, e, de certa forma, da comunidade eclesial. Para esta preparação, inicialmente os candidatos ao matrimônio são lembrados das questões relacionadas às doutrinas católicas, é prerrogativa que os líderes da igreja acolham os noivos e lhes ajudem na fé cristã. Depois de trabalhadas as questões fundamentais das doutrinas, é ministrada uma espécie de catequese sobre o matrimônio e a família. Sobre as orações, as leituras e os ritos para receber este denominado sacramento.

⁷ Obrigação, tarefa, função.

Depois de recordar aos noivos, se parecer oportuno, os elementos fundamentais da doutrina cristã. Seja-lhes comunicada a catequese quer sobre o Matrimônio e a família, quer sobre o sacramento e seus ritos, leituras e orações, de modo que possam celebrar o Matrimônio de forma consciente e frutuosa (Celebração do Matrimônio, s/d, p.15).

Além desse manual, com o intuito de compreender como a igreja católica compreende e celebra o ritual matrimonial, foram entrevistados dois padres, párocos na cidade de Maringá.

Nome	Idade	Formação	Tempo de ministério	Número de casamentos realizados
Alexandre	65	Filosofia, teologia, e espiritualidade, para formação de novos padres.	10 anos	Não tem ideia
Mauricio	75	Filosofia, e história e teologia	27 anos	Aproximadamente mil casamentos

Tabela 1 – Perfil dos Líderes religiosos entrevistados católica
Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

O Padre Alexandre⁸ comenta que na Igreja Católica é necessário que o casal esteja casado em cartório civil ou com data marcada em cartório próximo ao dia do casamento, sendo este um pré-requisito para o casamento religioso. É necessário que os católicos que ainda não receberam o sacramento da confirmação⁹, o recebam antes de serem admitidos ao matrimônio. É Recomendado aos noivos que prepararem-se e recebam se for necessário, o sacramento da Penitência e da Santíssima Eucaristia, mesmo que na própria celebração do Matrimônio. É indispensável que nada conste em compromissos anteriores com a igreja ou com outra pessoa, que impeça a realização do matrimônio. Quando, mesmo diante de todas as tentativas feitas, os nubentes demonstrarem recusa de modo explícito a fazer o que a Igreja exige, o padre não pode os admitir à celebração. O padre tem o dever de avaliar a situação e mostrar aos candidatos que são eles, e não a igreja que impede que o ritual ocorra. Existem casos particulares que devem ser tratados de forma singular como nubentes que não são

⁸Nome fictício

⁹Crisma ou a Confirmação é um sacramento onde o fiel católico recebe uma unção com o Crisma. Um rito onde o bispo impõe as mãos sobre os confirmados, invocando o Espírito Santo, e os unge com óleo.

batizados ou uma das partes que recusa à fé católica, os padres devem atentar-se às regras da igreja e se necessário encaminhar à autoridade competente.

Existe, mais a mais grave que é a pessoa não estar, não ter casado com outra na igreja. Casamento na igreja só existe duas formas de ele ser extinto, a morte de um dos dois, ou a anulação que a igreja declara o casamento nulo, então se a pessoa por exemplo, se casou na igreja, se ela se separou a outra pessoa, ainda é viva e a igreja não declarou que ela, é[...] tem o casamento nulo, então ela não pode se casar na igreja de novo, e às vezes tem pessoas que não sabem, vem querem marcar, e daí existe essa restrição, a gente diz que nossa não pode casar de novo na igreja, porque a sua esposa, ainda é viva, você está separado ainda é viva e a igreja não declarou seu casamento nulo. Agora tirando essa restrição as outras não existem, mais é essa mesmo (Alexandre, 65 anos, Padre).

Convém que seja o mesmo presbítero que prepara os nubentes quem faça a homilia¹⁰ na celebração do sacramento, receba o consentimento e celebre a missa¹¹. Há a possibilidade, de diáconos, com delegação do pároco, presidirem celebrações de casamentos, dando a benção nupcial. Onde há falta de sacerdotes e diáconos, é possível que o bispo diocesano¹² delegue leigos para este trabalho, este deve ser idôneo e competente para preparar os nubentes, além de ser apto para celebrar corretamente a liturgia¹³ matrimonial. Porém, o mais preparado, em relação à formação, entre estas três figuras que em suas paróquias podem assistir tais cerimônias são os padres.

No documento *Celebração do Matrimônio* há abertura para a celebração do casamento na paróquia de um dos nubentes ou outro lugar com licença do pároco. Entretanto, nenhum dos padres entrevistados mostrou-se favorável a realização desta cerimônia em outros lugares que não o ambiente de uma paróquia, capela ou igreja. Celebra-se o Matrimônio habitualmente dentro da Missa. O pároco por sua vez, é quem decidirá se é conveniente propor a celebração do Matrimônio dentro ou fora dela da celebração da missa.

Quanto aos cânticos, leituras, formulários de troca de alianças, a benção das alianças e a benção universal, esses serão de escolha dos noivos, tendo como possibilidade as

¹⁰Mensagem especial a um grupo específico

¹¹Celebração da Igreja Católica. cada missa é um sacrifício no qual o Cristo está presente corporalmente no altar e é oferecido outra vez à Deus Pai, como expiação pelos pecados.

¹² Responsável por determinado território religioso

¹³ Reunião de elementos e práticas regulamentados por uma igreja ou ceita que regem determinado culto religioso.

várias formas dispostas no rito tradicional bem como os costumes locais que desejam preservar. Os cânticos e as obras musicais, no entanto, devem ser adequados à fé católica, tendo especial importância do salmo responsorial na liturgia da palavra.

Mesmo que hajam honras devidas, neste momento, não se deve fazer acepção de pessoas por condições sociais ou qualquer outro motivo. Sendo esta uma cerimônia pública. “O caráter festivo do Matrimônio deve ter expressão adequada, mesmo na decoração da igreja.” (Celebração do Matrimônio, s/d, p.18). Outro ponto aborda os dias da celebração, se realizado no tempo da quaresma, adverte-se que o casal tenha espírito penitente. Ainda é colocado que se evite, frisado pela expressão, “absolutamente” a celebração do matrimônio na sexta-feira da paixão e no sábado santo.

Se realizada dentro da missa, utiliza-se o rito descrito no capítulo I da “Celebração do Matrimônio” o qual narra todos os passos desde o espírito do celebrante, a ordem das entradas, a roupa a ser utilizada e os gestos a serem feitos. As vestes sagradas brancas ou festivas. Essa missa é denominada, “missa ritual” e “*pro sponsis*”. Se feito fora da missa, há uma tabela dos dias litúrgicos dentro deste manual, o qual consta as peculiaridades de cada dia denominado santo para esta confissão religiosa.

RITOS INICIAIS

Primeiro modo

45. À hora estabelecida, o sacerdote, revestido de alva, estola e casula da cor própria da Missa que se vai celebrar, encaminha-se para a porta da igreja, juntamente com os acólitos; aí recebe os noivos e os saúda com afabilidade manifestando-lhes que a Igreja toma parte na sua alegria.

46. Em seguida organiza-se a procissão a caminho do altar: irão à frente os acólitos, a seguir o sacerdote, e depois os noivos; estes, segundo os costumes locais, podem ser honorificamente acompanhados ao menos pelos pais e por duas testemunhas até ao lugar que lhes está preparado. Entretanto, canta-se o cântico de entrada.

47. O sacerdote, ao chegar ao altar, saúda-o com uma inclinação profunda e beija-o em sinal de reverência. Depois dirige-se para a sua sede. (*Celebração do Matrimônio*, s/d, p.23)

O restante do manual traz as formas do rito descritos nos mínimos detalhes, vários modelos de leituras, de bênçãos, de roteiros, alguns deles inclusive apresentam pauta com a entonação da voz com que devem ser pronunciados. Mesmo as leituras bíblicas estão escritas no manual com o enunciado certo para serem introduzidas. Há ainda leituras e orações para ocasiões de bodas. A exemplo

Depois o sacerdote (ou o diácono), de mãos estendidas sobre os esposos, diz:

Deus, Pai san-to, pelo vosso infinito poder fizestes do nada

todas as coi-sas e, na harmonia primordial do univer-so,

No Seminário, há no curso de teologia, disciplinas específicas para ministrar tais cerimônias. O aspirante ao ministério é instruído sobre o significado do casamento e como este rito de passagem deve ser conduzido. Os seminaristas ainda participam de simulações, no qual encenam o ritual. São avaliados em relação à fidelidade com a qual conduziram o casamento em relação ao que é proposto no manual *Celebração do Matrimônio*.

Na minha formação existe. No último ano da minha formação de seminário, no curso de teologia, existe uma disciplina que é a parte prática do rito. Primeiro nós estudamos toda a parte teórica e depois nós fazemos algumas simulações, nós simulamos como se fosse um laboratório mesmo, dentro do próprio seminário, a gente faz um laboratório, como se a gente estivesse ali presidindo um casamento. Então a gente o faz do começo até o fim e isso é avaliado por um professor, o professor avalia nossa performance, o nosso laboratório, se não deixamos nenhum item para trás, se nós estamos inventando coisas que não estavam no rito, é tudo avaliado, valendo nota e tudo mais (sic) (Alexandre, 65 anos, Padre)

Os noivos também participam de momentos de preparação antes da celebração do rito de passagem. As paróquias, através da pastoral da família, promovem cursos chamados popularmente de “curso de noivos”. O curso da capela que Padre Alexandre é pároco, tem a duração de 16 horas, sendo obrigatório para que o casal se case na igreja.

Preparação para o ritual

Antes de participarem efetivamente do rito de passagem do casamento, as comunidades religiosas propõem a seus membros que se preparem para o que virá tanto no

rito quanto posterior a ele. A Igreja Católica tem uma espécie de departamento paroquial chamado Pastoral da Família. Este departamento, dentre suas atribuições, juntamente com o padre, é responsável por esta preparação. Os cursos ocorrem geralmente nos finais de semana, sábados e domingos, e em diferentes paróquias. Quando a paróquia do casal não disponibiliza o curso por algum motivo, ou porque já o promoveu em período anterior e o casal não participou, os noivos são encaminhados à paróquia mais próxima a fim de realizarem o curso em tempo hábil antes da data marcada para o casamento. Dessa maneira não há obrigatoriedade de que o casal faça o curso na paróquia de origem, ou mesmo na paróquia que irá realizar a cerimônia. É necessário apenas que o candidato apresente um certificado assinado por um padre atestando a participação em um curso de qualquer paróquia dentro do país. No que se refere ao curso para noivos Padre Alexandre comenta:

Então, referente aos casais, eles são obrigados a fazer um curso de preparação para o matrimônio, o nome se chama “preparação para o matrimônio”, popularmente estão falando curso de noivos, onde eles também precisam passar por 16 horas de avaliação. Dentro deste período, eles vão ver palestras, sobre diálogo entre um casal, uma palestra sobre a preparação para ter filhos, uma outra palestra que é educação dos filhos. (sic) (Alexandre, 65 anos, Padre)

Este curso de preparação matrimonial tem a duração padrão de 16h horas, geralmente distribuídas dentro de um final de semana. No entanto, essa distribuição dos dias de curso fica a critério das paróquias a fim de estabelecer o que for mais cômodo a sua comunidade religiosa. As palestras são variadas, ministradas por profissionais, com temas sobre diálogo, finanças, saúde, criação de filhos. Além de testemunhos de casais, contando a história do relacionamento, dificuldades e como as superaram, além de dinâmicas de casais e de grupos.

Uma das propostas de coleta de dados para este estudo se dá pela observação destes cursos. Foi realizada uma observação participante no curso de noivos, ocorrido em uma paróquia situada na cidade de Maringá, no estado do Paraná, no domingo dia 23 de novembro de 2014. O curso começou por volta das 7h10 da manhã, a equipe estava completa e alguns dos casais participantes também já estavam no local. A líder os reuniu na cozinha. Com o padre eram cerca de 20 pessoas responsáveis pela alimentação, pelo acolhimento aos casais, as dinâmicas, a decoração. Foram dadas algumas orientações sobre rotina do dia e feitos agradecimentos sobre os trabalhos já ocorridos no dia anterior - o curso teve início às 17h e se

estendeu até às 22h onde tiveram duas palestras e um jantar especial. Após as orientações e agradecimentos e rezas realizadas, cada um seguiu para sua função.

Uma parte da equipe foi fazer a recepção. Através da entrega dos crachás e do material a equipe tinha controle de quantos casais haviam chegado. No total eram 21 casais presentes, sendo 22 inscritos, no entanto um deles não compareceu ao segundo dia de curso. Todos os casais eram encaminhados à capela onde cantavam e rezavam. A seguir foram direcionados para o auditório, onde um casal trabalhou a questão do diálogo com vídeos e conversas. A seguir os casais foram fazer uma dinâmica de grupo sobre causas e consequências da falta de diálogo.

Ao retornarem da dinâmica que estava distribuída nas salas da paróquia, foi realizada uma palestra sobre filhos. A palestrante era psicopedagoga e participava ativamente de outra pastoral, mas sempre ajudando em cursos de noivos na cidade. Trabalhou a questão de limites, serviu-se também do testemunho pessoal, sobre como a igreja e Deus influenciaram na formação dela enquanto filha e enquanto mãe. Frisou a participação da família às missas de domingo e nos demais programas e ministérios. Disse que é um dos segredos para se manter firme na fé, mesmo com as adversidades da vida e do casamento, isso é fonte de felicidade. Nesta palestra os noivos se emocionaram muito, alguns choraram. Logo após, houve o retorno da dinâmica e o fechamento sobre o tema diálogo e convivência.

Ao final dessa primeira etapa de curso no dia, foi oferecido um café da manhã preparado em outro ambiente. Entre as duas mesas onde estava servido o café encontrava-se uma espécie de altar com uma cadeira onde uma das integrantes da pastoral se vestiu de nossa senhora. Eles cantaram, fizeram um agradecimento e depois a refeição foi liberada para que os casais se servissem. Além das refeições havia uma mesa com doces para que os casais comessem durante as palestras. No decorrer de uma palestra sobre reprodução e métodos contraceptivos, com um médico ginecologista conversou sobre os métodos que a igreja preconiza, como a chamada “tabelinha” e o “teste do muco”. Depois o médico explanou sobre outros métodos, que não são indicados pela igreja, apesar de não ter deixado muito claro essa objeção. Falou sobre os métodos e o trabalho dele na medicina e por fim comentou sobre sua experiência enquanto casado.

Antes de saírem para o almoço, foi feita uma dinâmica com música. Na recepção do almoço havia um casal de crianças vestidos de “sagrada família” com uma boneca, havia uma capelinha para esta sagrada família. Ao retornarem foi feita a última palestra pelo Padre

sobre o sacramento do Matrimônio, a qual estava mais relacionava as questões trabalhadas neste estudo.

[...] a última que é domingo é justamente a gente vai repassar todo o ritual com eles no curso, desde a primeira entrada até a hora deles saírem. Eles são preparados no curso também sobre o rito, para que eles não cheguem lá na hora, e não saibam o que está acontecendo. Então eles sabem de cada pedacinho que vai acontecer, depois na semana do casamento, isso é uma coisa pessoal minha, eu gosto de me reunir com o casal que vai receber o casamento, o matrimônio no sábado, na semana a gente senta, os três, e a gente repassa novamente o ritual, aí só com o casal. O curso é obrigatório fazer essa parte do ritual com todos, que nem eu disse, com o casal assim é, eu faço uma coisa minha, porque eu acho que quanto mais o casal preparar-se saber o que, que vai fazer lá no dia na igreja, mas ele vai viver aquele momento. Com mais intensidade. (Alexandre, 65 anos, Padre).

O conceito da cerimônia no curso ficou mais claro. O Padre utilizou uma linguagem simples com exemplos e encenações para que todos os noivos pudessem compreender o significado do Matrimônio. Afigurou-se que o conceito de casamento para a comunidade não estava muito bem compreendido. Houve divergências de um palestrante para o outro, quanto à importância e significado do casamento, o que indica certa incerteza da comunidade sobre o que significa o sacramento do matrimônio.

Questões sobre o que pode e o que não pode no ritual já estão bem firmadas, já que há um manual detalhado. No entanto, houve insegurança e divergências quanto ao conceito do que é o matrimônio na fala dos palestrantes. Um dos exemplos refere-se à temática do planejamento dos filhos: houve discordâncias sobre planejar ou não o nascimento. Todavia, em entrevista com o padre, ficou claro a ideia de que filho é prerrogativa para a realização do casamento, assim não se deve evitá-lo de qualquer forma. Não se realiza um casamento se o casal não estiver disposto a ter filhos. Questões como esta denotam que há dúvidas ou desinformação, pelo menos no grupo observado, quanto às prerrogativas para a realização e condução deste sacramento.

Na igreja católica, matrimônio é um dos sete sacramentos. Sacramento é a presença real de Jesus naquele momento, que está ali acontecendo. Como igreja desde o sec. 12, se assumiu os sacramentos como perdão, o matrimônio como sacramento, então a igreja, a igreja é algo sagrado, mas sacramentos, sacro, aquele que é sagrado, aquele que tem a presença de Deus. Então para nós naquele momento, para o casal que diz sim um para o outro, Deus estava ali selando aquele símbolo, aquele amor. Ele uniu aquele amor, colocando sua mão, estava ali presente, estava ali junto. Então é algo sagrado, e algo onde está presente o divino, naquelas duas pessoas humanas. (Alexandre, 65 anos, Padre)

Posteriormente a análise do documento *Celebração do Matrimônio*, bem como após a análise de duas entrevistas com padres, além da observação de um curso de noivos de uma Paróquia Católica na cidade de Maringá- PR, alguns dados foram levantados. Obteve-se, então, o Quadro 5 com elementos sagrados para a Igreja Católica Apostólica Romana, classificados com base nos elementos do ritual conforme proposto por Rook (2007).

Roteiro	Atores	Artefatos	Audiência
Benção das alianças	Noivo	Paróquia	Cerimônia pública
Cerimônia	Noiva	Salmo responsorial	
Costumes locais	Padre	Capela	
Entrada dos noivos	Diácono	Igreja	
Formulários de troca de alianças	Acólito (coroinha)	Outros lugares	
Leituras	Pais	Cânticos	
Liturgia da palavra	Testemunhas	Obras musicais	
Missa	Bispo	Decoração adequada	
Missa ritual		Bíblia	
Procissão até o altar		Alianças	
Rito do capítulo 1 de a “Celebração do Matrimônio		Estola sacerdotal alva	
Sacramento			
Saudação Sacerdotal			
Troca das alianças			

Quadro 5 – Elementos do ritual de casamento sagrados para a Igreja Católica Apostólica Romana
Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

Outro objetivo deste estudo é identificar processos de sacralização e dessacralização do ritual de casamento como ritual de consumo e de passagem. A próxima sessão apresenta este processo de sacralização e dessacralização os relacionado com cada um dos quatro elementos de rituais propostos por Rook (2007): papéis, artefatos, roteiro e audiência. Como mencionado na explanação dos procedimentos metodológicos da pesquisa, cada um destes elementos gerou uma tabela que classifica os elementos de -3 a +3 conforme o conteúdo encontrado nas falas dos entrevistados (NARDI, 2001; BARDIN, 1994; MINAYO, 2000).

Esta forma de tratamento de dados foi escolhida, pois possibilita, principalmente através da classificação dos enunciados, a visualização da medida aproximada (visto não pretender resultados conclusivos) dos termos e disposições dos entrevistados, ao reportassem

aos objetos de atitude que lhes dão indícios de sacralização. Os entrevistados foram indicados através do contato com as comunidades religiosas como descrito nos procedimentos metodológicos. No Quadro 6 estão os dados dos entrevistados. Os nomes dos entrevistados foram alterados para preservar sua identidade¹⁴.

¹⁴Optou-se por nomes bíblicos visto o contexto da pesquisa.

Entrevistado	Casal	Idade	Profissão	Tempo de noivado	Tempo de casado	Quem está custeando	Data do casamento	Número de encontros com a pesquisadora
Gabriel	Casal A	33	Engenheiro Mecânico	8 meses	Ainda não Casados	Casal e Pais	13 de dezembro 2014	1
Maria	Casal A	33	Nutricionista	8 meses	Ainda não Casados	Casal e Pais	13 de dezembro 2014	1
Sara	Casal B	24	Pedagoga	1 ano	Ainda não Casados	Casal e Pais	15 novembro de 2014	2
Lia	Casal C	26	Administradora	1 ano e 3 meses	Ainda não Casados	Noivos	30 de maio/15	2
Priscila	Casal D	36	Educadora Física	1 ano e 9 meses	1 mês	Noivos	Agosto de 2014	2
Alexandre	Casal D	32	Impressor Gráfico	2 anos e 9 meses	Ainda não Casados	Noivos	Agosto de 2014	2
André	Casal E	25	Contador	1 ano e 7 meses	Ainda não Casados	Casal e Pais	Janeiro de 2014	1
Maressa	Casal F	26	Lojista	1 ano	3 meses	Noivos	Junho de 2014	2
Benjamim	Casal F	25	Técnico em Telefonia	1 ano	3 meses	Noivos	Junho de 2014	2
Total de entrevistados católicos = 9				Total de entrevistas = 15				

Quadro 6 – Perfil dos noivos católicos entrevistados
Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

4.1.1. Elementos do Ritual - Sacralização do roteiro - Católica

Dentro dos quatro elementos que compõem um ritual propostos por Rook (2007) está o roteiro. Este é responsável por apresentar como será a sequência, e em quais momentos atores, papéis e artefatos irão compor o rito. Na intersecção entre os elementos de Rook (2007) e a teoria do consumo sagrado de Belk, Wallendorf e Sherry (1989) uma das formas de sacralização é o ritual. Mais especificamente a capacidade deste de roteirização que possibilita que artefatos, pessoas, lugares e tempos saiam da dimensão cotidiana e comum e adentrem a esfera do sagrado. No contexto do casamento Católico, o momento mais sacralizado do ritual é a cerimônia. Principalmente por ser o momento mais roteirizado, tanto pelas comunidades religiosas quanto, pelos noivos. Neste trabalho a cerimônia foi classificada como parte do roteiro ritual, mesmo que existam outras partes resultantes de sua fragmentação. No entanto como a intenção principal não era a classificação, optou-se por tratá-la como parte do roteiro ritual.

Cerimônia religiosa - Católica

Como comportamento de sacralização da unidade de análise cerimônia religiosa católica foram identificados: **compromisso compartilhado**, **mistério**, *communitas* e **mito**. Dentre estes o **mito** é o mais aparente. A ideia de ter sido criado dentro de uma comunidade religiosa, participando desde a infância de reuniões onde o assunto era tratado, de fazer leituras, ouvir sermões, são algumas das razões relatadas para esta sacralização. Segundo Belk, Wallendorf e Sherry (1989), através da repetição o ritual socializa as compreensões coletivas do que é sagrado e tem como função instruir. Quanto à sacralização da cerimônia algumas das justificativas também aparecem ligadas não somente a questões religiosas, mas familiares. Ver pais, tios, irmãos mais velhos se casando e constituindo família - aos moldes tradicionais cristãos - contribui, juntamente com a catequese, as missas, as palavras do padre na preparação para o casamento, aliado também ao treinamento proporcionado pela comunidade religiosa em formato de curso ou mesmo nas conversas com pais e pessoas mais experientes da família. Enfim, a convivência e os ensinamentos católicos incutem nas mentes

destes noivos os padrões de como deve ser o roteiro seguido para a execução de uma cerimônia de casamento socialmente aceitável.

Em relação ao **mistério**, em alguns casos, tal comportamento se manifesta juntamente com o **mito**. Há uma relação sagrada em cumprir o roteiro ritual para que a presença divina se faça presente na união do casal. Tal ideia ascendente é encontrada tanto nos escritos e na fala dos líderes religiosos quanto nos comentários dos noivos. Segundo os entrevistados, a presença de Deus abençoa a nova família, os liga de forma espiritual, trazendo um bom começo para o novo casal. A mudança de *status*, na forma do comportamento de sacralização *communitas*, é muito marcante, como explanado por Belk, Wallendorf e Sherry (1989) ao tratar da mudança de posição social durante ou mesmo após um ritual. No caso da cerimônia de casamento as duas formas de *communitas* se apresentam quando o noivo e a noiva se tornam o centro das atenções no espaço de tempo que engloba o rito religioso; bem como, quando estes passam a ter *status* de casados, no fechamento do rito.

A outra forma de comportamento identificada foi o **compromisso compartilhado**, que prorroga que independente do que é escolhido para representar o sagrado na sociedade, tal escolha implica na reprodução da ordem social, sem maiores reflexões dos porquês. O casal Benjamim e Maressa são muito ligados à igreja, participam ativamente de suas atividades e relatam que em semelhança de sua família natal buscaram fazer o casamento conforme os padrões cristãos católicos configurando um comportamento de sacralização por **mito**. Além disso, para eles, o casamento era o sacramento que necessitavam para se sentirem completos em sua jornada religiosa, já que haviam cumprido os requisitos e recebido todos os sacramentos durante sua trajetória enquanto católicos. Assim, a ideia do **mistério** se faz presente, já que o sacramento é para os católicos a presença de Deus em algo.

Mesmo que tais comportamentos em relação à cerimônia possam parecer resultados apenas da convivência com a família e a comunidade religiosa de forma até mesmo recente ou de nível imediato, tais ideias podem estar ligadas ao que Weinstein (2004) aborda em relação ao *Concílio de Trento* (1545-1562), onde foi formulada a posição da Igreja Católica sobre o casamento. Trazendo este evento da esfera privada para esfera pública e religiosa. A igreja recebeu fortes críticas dos protestantes que rejeitavam a postura teológica e jurídica que permite aos cônjuges muita liberdade, e critica também do estado e suas instituições políticas seculares que exigiam direitos adicionais sobre a família.

Benjamim e Maressa nasceram em um lar católico e até então haviam participado da maioria dos ritos da igreja, no entanto, o exemplo de seus pais e as lições aprendidas nas missas e na catequese não foi suficiente para que compreendessem a importância dada pela igreja ao ritual do casamento, a ponto de chamá-lo de sacramento. Nesse casal encontra-se o comportamento de sacralização denominado **mito**, isto porque eles demonstraram uma mudança de postura após passarem pelo popularmente conhecido curso de noivos. Pode-se classificar este curso como uma das formas utilizadas para a educação e posteriormente sacralização já que através dele os casais são instruídos de que a cerimônia religiosa é o momento mais importante do ritual todo. Benjamim e Maressa relatam que após o curso, entenderam melhor os motivos propostos pela igreja para participarem da cerimônia, dando maior valor a esta parte em detrimento a festa, por exemplo.

Sara está noiva há um ano, e conta que nem ela nem seu noivo haviam refletido muito sobre a cerimônia religiosa. Ela relata que apenas após o curso de noivos começou enxergar a cerimônia religiosa como a parte mais importante do ritual. Neste caso há também uma sacralização por **mito**.

Depois que fizemos o curso de noivos, nós vimos a importância de Deus estar presente na nossa vida. Que a gente vai ter briga, que a gente vai viver em pé de guerra, que vai vir as dificuldades, mas que Deus vai sempre estar ali com a gente. Então o curso de noivos que nos deram ali foi excelente, mudou os nossos pensamentos, então a partir daí a gente começou a ver a celebração do casamento mais importante que a festa. (Sara, 24 anos, Casal B)

André depois de 9 anos de namoro decidiu que era o momento de passar pelo ritual do casamento. Ele relata a importância do curso, mas, mais aparente em sua fala é a forte sacralização em forma de **comunidades**. É na cerimônia, que se sentirá realmente casado, confirmando a mudança de *status* perante a igreja e seus pares. Já para sua noiva o ritual é mais marcante e significativo, pois segundo ele, ela sempre participou ativamente das atividades da igreja e de nenhuma outra forma faria o casamento em outro ambiente e de outra maneira caracterizando também uma sacralização por **mito** pelo casal. Ademais, ambos são de famílias religiosas e “já sabem os degraus” para executarem o rito da forma como a comunidade religiosa espera.

Benjamim e Maressa adoraram a cerimônia. Segundo eles, os convidados gostaram muito das palavras do padre, o que configura de certa forma um **compromisso**

compartilhado dando a ideia de opinião coletivo sobre o que é sagrado. Para mais, eles se sentiram com seu *status* pós cerimônia realmente modificado, configurando o *communitas*. O casal conta que uma das coisas que o marcou foi uma missa onde o padre estava tratando sobre o ritual do casamento e como os casais se queixam do alto custo para realizá-lo. O padre afirmou com tom firme que casamento na igreja é de graça, cerimônia para dizimistas é de graça, não custa nada. Essas palavras reforçaram para o casal o pensamento de que o casamento na igreja é o mais importante e de que a festa é apenas um detalhe.

De um total que pode ir até nove pontos a cerimônia obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 7,9 o que demonstra o forte nível de sacralização para os noivos entrevistados.

Entrada da Noiva - Católica

Como mencionado anteriormente, para fins de análise a cerimônia foi fragmentada conforme partes do roteiro do ritual foram relatadas como marcantes pelos noivos e pelas comunidades religiosas. Um destes fragmentos é a entrada da noiva. Otnes e Pleck (2003) afirmam que a entrada da noiva assemelha-se muito com um baile de debutante. Afirmam isso, pois, ao trabalharem sobre o histórico dos rituais matrimoniais na década de 1950 os autores chegaram ao conhecimento de que a noiva era muito jovem. Segundo eles, as cerimônias, recepções e festas eram realizadas sem muita pompa ou decoração com flores, como é comum atualmente. No entanto, um grupo de judeus ortodoxos acreditava ser uma profanação da sinagoga realizar casamentos neste espaço. Por isso eles contratavam *buffets*, que ofereciam estes elementos incomuns, como flores, garçons, e decorações glamorosas. Assim com música orquestrada, a noiva fazia uma entrada triunfal no salão de recepção. Havia uma grande marcha para a festa e aplausos dos convidados sentados. Este modelo foi aos poucos se transferindo para o ambiente cristão e a festa nupcial chegou ao ponto de a noiva ser capaz de mostrar o seu vestido no longo comboio pelo corredor da catedral.

A ideia de ser o centro das atenções aparece como uma das formas de sacralização. Mais especificamente no que se refere a *communitas*, onde o *status* social é alterado, neste caso, temporariamente. Os noivos relatam que em seu ponto de vista as noivas realmente se tornam o centro da sua atenção. Há uma mudança de *status* dela, juntamente com um comportamento de sacralização por **êxtase e transcendência**, para os noivos. O momento

parece maior e mais imponente do todos quando o nubente vê sua noiva chegando a determinado lugar. Esta é uma das únicas e, em alguns casos a única vez, que tal chegada provoca reações tão eufóricas e emotivas no parceiro.

Essa entrada imponente desperta a expectativa de Gabriel que acredita ser o momento em que mais vai ficar nervoso. Diz que quando sua noiva entrar na igreja irá que vai tremer e quem sabe até chorar. “Acho que eu mais vou tremer, quando eu ver a noiva entrando, eu já sou meio chorão” (Gabriel, casal A). Neste caso apesar de envolver uma entrada imponente que transforme temporariamente o *status* de sua noiva, a sacralização para Gabriel é por **êxtase e transcendência**, já que ele espera sentir um misto de sentimentos naquele momento.

Sara, que ainda não se casou, quando questionada sobre o que vai ser mais importante e mais marcante para ela, brinca com a ideia de entrar na igreja. Ao toque da marcha nupcial, todos a olharão. Mas já corrige que mais importante mesmo é a celebração, principalmente depois que ela e o noivo fizeram o curso de noivos. Assim há uma sacralização por *communitas*.

Alexandre (32 anos, casal D) diz que o momento que o marcou no casamento para foi a entrada da noiva, que estava muito bonita. Apesar de não apresentar palavras que descrevessem o momento como extraordinário a questão do sentimento se fez presente. Portanto um comportamento de sacralização **mistério** se encaixa melhor a sua descrição. Dado que envolve sentimentos como amor e devoção relacionando-se a respostas emocionais. Para sua esposa, Priscila (36 anos), a sua entrada foi o momento que mais lhe marcou, “quando eu fui [...], a entrada foi o momento que foi mais marcante”. Em contexto a noiva expressa como marcou ser o centro das atenções naquele momento configurando uma sacralização por *communitas*.

Apenas Lia(26 anos, casal C) tratou da questão de tradição, em seu comportamento de sacralização por **mito**, a entrada da noiva com o terço na mão é algo marcante e que ela não quer deixar de fazer.

A entrada da noiva foi um momento fortemente sacralizado pelos casais, atingindo uma média de atitude de nove pontos. Mesmo que esteja no roteiro ritual da comunidade religiosa, a importância é sacralização. Sendo esse um dos momentos mais especiais para o casal.

Entrada dos pajens - Católica

As crianças são uma parte importante para o ritual, elas entram carregando placas, alianças ou mesmo jogando flores preparando o caminho para a noiva (Hill e Daniels, 2008).

Priscila descreveu alguns pontos sobre a entrada dos pajens e daminhas: primeiramente a organizadora da cerimônia achou que a menininha que entraria no carrinho de bebê, puxado pelo irmão mais velho, choraria. Mas não, a menininha “entrou numa boa” diz Priscila. Tanto ela quanto seu esposo, Alexandre, ficaram impressionados, pois foi a primeira vez que sua sobrinha acenou com as mãozinhas. Há, portanto, uma sacralização por **mistério** visto, o carinho com a criança, quanto sacralização por **objetivação**, pela forma como ela entrou. O casal preferiu atrasar a cerimônia a começar sem a menina entrando, o que confirma a sacralização por **mistério** da figura e da forma planejada para que o anúncio da entrada da noiva fosse feito.

Lia acha importante a presença de um pajem e uma daminha. Segundo ela, “tem que ter o casalzinho. Fica bonito”. Ela também menciona a disciplina com que o menino que foi escolhido para ser pajem entrou na cerimônia. Ele é um “veterano” já participou como pajem em três casamentos, comenta. Assim, sacraliza sua entrada por **objetivação**, visto estar confiante de que o menino irá entrar cumprindo sua função como planejado. A entrada dos pajens obteve uma sacralização alta, com um resultado médio de nove para o objeto de atitude. Isso demonstra a importância dessa figura para o casal, especialmente para noiva principalmente no que tange a questão emocional relacionado ao afeto direcionado a criança.

Mensagem e Bênção - Católica

Outra parte da cerimônia são as palavras proferidas pelo padre ou diácono. Os noivos denominaram a “fala do padre”, “o sermão”, “as palavras, os conselhos”. Estes são tomados como de grande valor, principalmente por fazer parte da liturgia e ter uma sequência pré-determinada, trechos da Bíblia com aplicações aos noivos e a comunidade. Elementos do roteiro são sacralizados por **mito**, e **objetivação**. Igualmente, a bênção católica e as palavras afirmativas do padre “vocês estão casados” também apareceram como objeto de sacralização, na forma de **compromisso individual**, quando se toma a convicção de algo é resultando em uma mudança de identidade (BELK, WALLENDORF e SHERRY, 1989).

Weinstein (2004) trata que a promessa de um homem para uma mulher era dada de forma particular e sem testemunha. Isso, principalmente, visando um controle do erótico, levando a ideia de que o único casamento válido era o realizado no contexto religioso. Mesmo com as mudanças decorrentes do tempo e do pensamento social, tradições como a dos proclamas e a bênção do padre permanecem como uma forma de controle e determinação da mudança de *status* social. Essa sacralização imposta por parte da igreja em relação ao casamento é refletida diretamente no comportamento de sacralização dos casais. Sara acredita que a fala do padre é o mais importante. Mesmo que a sua entrada lhe parecesse mais interessante, ela se retrata apontando que a fala do padre é a coisa mais importante. Isso configura um comportamento de sacralização por, por **mito**, visto sua menção ao curso de noivos como um dos motivos de ser a fala do padre e não sua entrada o mais importante.

Tal sacralização também é apresentada no relato de Lia. Além de seu comportamento de **compromisso individual** com seu noivo firmado diante do padre e da igreja, ela traz a ideia de que o casamento não pode ser desfeito se realizado na igreja diante do padre. Configurando assim o **mito**, o líder religioso é muito tradicional, é algo muito solene ela relata.

As palavras e a bênção apesar de pouco mencionadas em relação a outras partes do ritual são importantes e sacralizadas pelos noivos. Com um resultado médio para o objeto de atitude de nove pontos cada um é perceptível que este momento solene tenha sua importância no ritual de passagem. Demonstra ainda a forte influência e a importância destes elementos religiosos na construção do ritual para o casal.

Benção das alianças - Católica

Como demonstrado por Weinstein (2004), a tradição judaica na Itália influenciou muito os casamentos católicos cristãos. O reconhecimento social e o conhecimento público de um enlace matrimonia era a colocação do anel. Além da declaração "*kiddushin*" relacionada à santificação de acordo com a lei de Israel e Moisés.

A bênção das alianças é uma parte do roteiro que foi mencionada apenas por Gabriel. Mesmo que as alianças tenham sido lembradas por outros casais enquanto um importante artefato ritual. O momento da bênção das alianças é importante e sagrado no rito católico. As palavras proferidas sobre aqueles objetos simbolizam toda a essência do ritual

transmitida a este artefato material simbólico. A aliança será utilizada para demonstrar publicamente que estes indivíduos se comprometeram a ser fieis um ao outro. Assim há a possibilidade de sacralização por quatro formas, **compromisso individual** firmado entre os cônjuges, **compromisso compartilhado**, já que há um entendimento do que a benção incutiu a aquele símbolo, **objetivação** que advém da transformação do compromisso em um símbolo palpável, e **comunitas**, pois através desta benção sobre o objeto o casal passa a estar identificado com o seu novo *status*.

Mesmo lembrado por apenas 1 entrevistado, é valido ressaltar que a classificação em nove pontos de resultado médio para a benção das alianças, reflete a importância que a comunidade religiosa dá a esse ato.

Troca das alianças - Católica

O casamento enquanto um ritual de passagem para Otnes e Pleck (2003) apresenta mensagens altamente contraditórias envolvendo patriarcado e gênero. A troca de alianças demonstra quão dramático e igualitário é a encenação ritual matrimonial. As alianças são destinadas a um uso contínuo e permanente, uma declaração visual do compromisso, da identidade civil, e /ou exclusividade sexual.

Sara, que ainda é noiva, afirma que a troca das alianças é um momento que ela particularmente gosta. Ela diz que quando for se momento irá chorar. Portanto tal comportamento de sacralização envolve **mistério**, pela carga afetiva depositada sobre este acontecimento. Maressa, que já passou pelo rito, afirma que após a troca das alianças é que ela se sentiu realmente casada, sacralizando assim por **comunitas**, visto a percepção de mudança de *status*. Este momento obteve um resultado médio para o objeto de atitude de nove pontos, índice alto que ressalta a importância deste momento, mas que também é mencionado apenas uma vez. Demonstrando que apesar de ser um momento importante, por ser parte do contexto religioso do ritual, é uma ação realizada pelo casal, e pouco lembrada, diferente de outros momentos de responsabilidade do padre ou diácono, que tem mais menções.

Juramento e votos e “Hora do sim” - Católica

Juntamente com a troca das alianças onde o casal participa efetivamente do rito, há a resposta ao questionamento quanto ao real desejo de se casarem. É a denominada “hora do sim”. As práticas do juramento, a troca de alianças e o *sim*, também são muito ligados as tradições judaicas. Weinstein (2004) relata que este costume ocorria quando homens da família, particularmente os pais e irmãos, se colocavam em posição de entregar a noiva em casamento no futuro, enquanto o noivo se compromete a levá-la como esposa. Eles expressavam seu acordo através de um gesto físico, um beijo. Um notário convidado preparava o artefato da união, especificando os termos da aliança e a data do casamento. O ritual foi chamado *Giuramento grandioso* traduzido em *grande juramento*, ou mesmo *fidanze* ou *sponsalia*, *sponsalitium* em linguagem jurídica latina.

Esta aceitação do compromisso configura-se como comportamento de sacralização em forma de **objetivação, *communitas*, e compromisso individual**, feito diante de Deus e dos homens. É onde, segundo a tradição e os participantes, o casamento é selado. É interessante notar que não houve nenhuma menção ao beijo do casal. É possível entender que o juramento falado tornou-se maior que o gesto com o passar do tempo. É possível que o combate ao erótico realizado pela igreja pós-tridentina, possa ter gerado o comportamento de dessacralização deste gesto.

Benjamim (25 anos, casal F) aponta que para ele a hora do sim, é a hora do casamento propriamente dito. Esse comportamento pode ser entendido como **compromisso individual**, já que ele se compromete com sua parceira de forma contundente e pública, mudando sua postura enquanto indivíduo. Então, como Maressa, ele que acredita que o juramento é o casamento em si, sacralizando por seu compromisso pessoal, bem como pela mudança de *status* que configura como ***communitas***.

A sacralização do juramento e do momento em que o casal diz *sim*, aceitando o matrimônio, é percebida através das falas que resultaram em uma média para o objeto de atitude de nove pontos. Isso demonstra que a importância dada a estes momentos pela comunidade religiosa e livros sagrados é correspondida pelos noivos entrevistados. Este momento teve um índice de nove pontos de resultado médio para o objeto de atitude “hora do sim” que aparece como sacralizado por compromisso individual, *communitas* e objetivação. E ao objeto “juramento e votos” sacralizado pelos entrevistados por compromisso individual e

communitas, também obtendo um percentual de resultado médio para o objeto de atitude de nove pontos. Isso demonstra a importância desses momentos para a construção do ritual, especialmente por ser algo religioso e naturalmente sagrado.

Festa de casamento - Católica

O Casal A (Gabriel e Maria) pensou, a princípio, apenas em morar juntos, queriam alugar uma casa ou apartamento. A noiva então sugeriu a possibilidade de comprar um imóvel, comunicaram a família e a mãe do noivo deu a ideia de casamento no civil. O pai da noiva, mais tradicional, propôs uma grande festa. Os noivos relatam que pensaram mais na ideia de civil pelos gastos que uma festa, como o pai de Maria havia proposto, oneraria. Pensaram em fazer no civil com a recepção em uma chácara. Contudo, o pai de Maria se posicionou contra, argumentando os ajudaria com as despesas da festa. Assim, eles dividiram as despesas do casamento em quatro pessoas. A sacralização, neste caso, foi realizada mais pelos pais que pelos próprios noivos, visto que a princípio a ideia dos noivos era a de um casamento no cartório civil. Maria comenta

É porque, na verdade, a gente ia fazer um churrasco aí eu pedi para reservar uma chácara, aí ele [pai] falou, ‘chácara não, então eu farei uma festa, então ajudo vocês’. E como ele se ofereceu pra ajudar, nós estamos dividindo as despesas entre meu pai a mãe dele, eu e Gabriel (Maria, 33 anos, casal A)

A sacralização, portanto, se dá pelo **compromisso compartilhado**, ou seja, implicam na reprodução da ordem social, mantendo o compromisso com as definições coletivas de sagrado e profano sem maiores reflexões (Wallendorf e Sherry Jr., 1989). Isso é notável porque os pais aparecem incomodados com a ideia de que seus filhos passariam a apenas morar juntos. As sugestões são atendidas e os filhos planejam o casamento.

Alguns entrevistados relataram, principalmente os homens, que fariam apenas a cerimônia religiosa, alegando que para eles é apenas isso que importa, a festa é um “algo a mais”, mas que não faria muita diferença. Como é caso de Benjamim, Maressa, Alexandre e André que em alguns momentos demonstram comportamentos de dessacralização em relação a festa. Já outros casais sacralizam a festa, como parte integrante do ritual, dando importância tanto para a celebração na igreja quanto para a comemoração na festa. Outros, ainda, sacralizam a festa mais que a própria cerimônia religiosa. Um entrevistado adepto a festa diz

Assim, ele [o casamento] vai ser clássico, mas a nossa cara também é que a gente gosta bastante de festa, então já que vai ter festa [...]Vamos ‘festá’ de acordo (Gabriel, 33 anos, casal A).

Este objeto de atitude, a festa, foi muito mencionado por alguns casais e mesmo que para alguns ele seja objeto de sacralização é perceptível que para a maioria festa é mais o processo contrário, trata-se de dessacralização. Há uma visão, por vezes negativa, desta parte do ritual. principalmente por questões passadas pela própria comunidade religiosa. Destas 32 menções que exprimem alguma forma de significação quanto à festa, sua intensidade enquanto sacralizada alcançou apenas 0,5 no resultado médio para o objeto de atitude.

Sendo sacralizado por **objetivação, mito, compromisso compartilhado, compromisso individual** e sendo dessacralizada em dezesseis menções. Através das atitudes despendidas a este objeto é possível perceber o conflito sobre o que é realmente importante e sagrado para o casal, levando em consideração o sagrado e profano naturais. as falas demonstram que mesmo que o casal colocasse a festa como importante em um primeiro momento esse momento era dessacralizado logo em seguida por falas que ressaltavam a importância dos momentos religiosos em detrimento aos momentos de comemoração pós cerimônia.

Sapato e gravata - Católica

Há um momento que não é relatado na literatura internacional e ao que parece é um costume bem brasileiro. O popularmente chamado “cortar a gravata” e “passar o sapato da noiva”. Ocorre da seguinte forma: em determinado momento da festa de casamento amigos e familiares do noivo e/ou da noiva se unem, pegam uma gravata, no caso dos homens, e no caso das mulheres o sapato da noiva, e passam de mesa em mesa solicitando doações em dinheiro para o casal, com pretextos muitas vezes relacionados a lua de mel. Não foi realizada menção positiva sobre este fato. O casal Gabriel e Maria acha que isso é desconfortável e inconveniente. Por essas menções negativas o resultado médio para o objeto de atitude foi negativo, -9,0. Demonstrando a dessacralização do momento para o casal, principalmente por ser algo, segundo eles incomodo para os convidados.

Baile e primeira dança do casal - Católica

Dentro da festa uma das preocupações é a diversão dos convidados, por isso muitos noivos proporcionam uma espécie de baile. Apesar de apontarem que passaram momentos agradáveis junto à audiência do ritual, não há indícios fortes de sacralização. Este momento, portanto apenas acontece. Isso aparenta, segundo as falas, não marcar muito os noivos. Outro momento que também envolve música é a primeira dança do casal, momento que normalmente abre a pista de dança.

É muito comum em recepções de casamento, uma primeira dança. Hill e Daniels(2008) apontam que este costume é muito comum na tradição norte americana e que também foi incorporada aos casamentos brasileiros. A noiva e o noivo desfrutam de sua primeira dança como um casal, dançando sozinhos um repertório de sua escolha. Os casais normalmente escolhem uma música específica, muitas vezes aquela que tem um significado especial. Após terem dançado por alguns momentos, os outros casais na festa podem ser convidados para se juntar a eles.

Nem todos os entrevistados citaram este momento, alguns citaram com uma tendência favorável, em outras ocasiões comportamentos desfavoráveis eram descritos. No caso da Priscila e Alexandre a tradicional valsa foi substituída por uma música de estilo sertanejo, o casal relata que gostou por ser o estilo do casal, o que caracteriza sacralização por **objetivação**, visto a música representar de certa forma a personalidade do casal. No entanto, a ideia inicial era uma espécie de dança acrobática que a Priscila gostaria que o casal fizesse. Alexandre não gostou e por isso decidiram que iram dançar a tradicional valsa, mas na hora da dança o DJ não tinha valsa, então a noiva pediu que ele colocasse música sertaneja, ao relatar estes fatos o casal apresenta em três momentos comportamentos de dessacralização.

Para Lia, existem coisas mais importantes que o baile, pois segundo ela nem todo mundo dança, assim a preocupação maior é com a comida, representando assim uma **dessacralização**. Para Priscila, não houve nada de extraordinário em seu baile, apenas um baile comum, assim não havendo um comportamento de sacralização o elemento é neutro, portanto, dessacralizando.

Essa atitude em relação ao baile e a dança resultou uma média para o objeto de atitude de -1. Há, portanto um pequeno índice de dessacralização deste momento em detrimento a momentos que integram o cerimonial religioso. As falas sobre esse momento são

muito próximas as falas que dessacralizaram a festa. Houve comportamentos de sacralização sobre a dança e o baile por **objetivação**, e **cinco comportamentos de dessacralização**, em sua maioria os casais sacralizavam em um primeiro momento, e em seguida, como que se fosse errado essa sacralização completavam suas falas afirmando que o mais importante estava vinculado as questões religiosas. O Quadro 7 apresenta um resumo dos elementos presentes no roteiro do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados católicos.

Elemento do roteiro	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(11) Cerimônia religiosa	Mito (6); <i>communitas</i> (2); compromisso compartilhado (1); mistério (1); dessacralização (1)	7,9
(7) Entrada da noiva	<i>Communitas</i> (2); mistério(2); Êxtase e transcendência(1); mito(1)	5,4
(4) Entrada dos Pajens	mistério (2), (2) objetivação	9,0
(3) Mensagens	mito (2), (2) objetivação	9,0
(4) Bênção	mito (2), mistério(1); compromisso individual(1); objetivação(1)	9,0
(1) Bênção das alianças	compromisso compartilhado(1); compromisso individual(1); objetivação(1); <i>communitas</i> (1)	9,0
(2) Troca das alianças	mistério (1); <i>communitas</i> (1)	9,0
(5) Hora do sim	compromisso individual (2); objetivação(1); <i>communitas</i> (2)	9,0
(3) Juramentos e votos	compromisso individual(2); <i>communitas</i> (2)	9,0
(32) Festa	mito (3); compromisso compartilhado(3); compromisso individual(2); objetivação(9); dessacralização (16)	0,5
(2) Hora do sapato/gravata	dessacralização (2)	-9,0
(6) Baile e dança	objetivação (1); dessacralizações(5)	-1,0

Quadro 7 – Resumo dos elementos do roteiro ritual sacralizados por noivos e recém casados católicos.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.1.2. Sacralização e a Representação de papéis – Católica

A realização de um ritual só se vale, pois existem indivíduos que se propõem a encená-lo. Estes papéis performáticos são encenados segundo um roteiro previamente estabelecido, isso é o que caracteriza um comportamento ritual. A seguir serão trabalhados os papéis do ritual do casamento.

Noiva - Católica

No ritual de passagem do casamento há a ênfase nos papéis femininos, o que torna a noiva a figura principal do rito. Como já visto anteriormente, em relação ao roteiro ritual, na entrada da noiva a igreja toda a atenção é voltada a ela. Não são apenas os convidados ou o noivo que elegem a noiva como a principal figura do ritual, ela também sacraliza este papel. A ideia da princesa vem do contexto dos sonhos de infância e se torna realidade de certa forma no dia do casamento.

O vestido, a maquiagem e toda atenção que é dedicada a ela, representam uma sacralização por **mito**, visto que durante a vida inteira se ouviu falar que esta figura era a principal dessa ocasião, quanto por **communitas**, já que há uma mudança temporária de papel. A mulher deixa de ser apenas um indivíduo comum e passa a ser o centro das atenções naquele período. Alguns noivos, em suas falas, apontam ideias como as de Alexandre, de que não havia nada mais bonito ou mais interessante no casamento do que sua noiva.

Algumas noivas não acreditavam que tal momento chegaria em suas vidas. Seja como Maria, que apenas pensou em morar junto e no final estava escolhendo flores, doces e trocando o carro para conseguir bancar todo o casamento; ou como Priscila que se imaginava sendo noiva desde que se conhece por gente. A noiva é a figura principal do ritual como aponta a literatura, e como as noivas se colocam e como os noivos assim entendem. Com exceção de Maria, todos os entrevistados que fizeram menção a esta figura a sacralizam com grande intensidade. Assim sendo, o resultado médio para o objeto de atitude noiva foi 5,4 pontos, advindos de comportamentos de sacralização por **mito**, **compromisso individual** e **communitas** e uma dessacralização. Esse resultado mediano demonstra que a noiva apesar de, segundo a literatura ser ela mais importante, influenciadores ligados as tradições familiares e católicas como os pais e padrinhos ou mesmo o padre são colocados como mais importantes e relevantes para o ritual do que a própria nubente.

Noivo - Católica

Enquanto a noiva aparece como personagem principal do ritual do casamento, o noivo acaba se colocando em posição de dessacralização. Tanto ao se falar da preparação deste ritual quanto da participação efetiva desta figura no dia do casamento. Ele é colocado

em segundo plano tanto pela noiva, mas principalmente por ele próprio. Há comentários como: “preferi que a noiva escolhesse” (Benjamim, 25 anos, casal F), “ela escolheu e apenas aceitei”, ou mesmo, “tive que apenas tomar um banho e chegar no horário” (André, 25 anos, casal E), demonstram a ideia de que os noivos não se envolvem tanto nas decisões para organizar o ritual.

Como Montemurro (2006) aponta que os homens não têm muitas obrigações na preparação dos casamentos, já que, para os homens, são as futuras esposas e as mulheres da família as responsáveis por toda o planejamento e preparação do casamento. Este é um bom exemplo de um ritual que demonstra uma classificação de gênero (CURRIE 1993; OTNES e PLECK 2003).

André é um noivo que não gostaria de se envolver tanto quanto se envolveu nos preparativos de seu casamento. Está muito focado na questão financeira, sabe dos contratos, entretanto gostaria de participar apenas desta forma. Para ele, o casamento é uma consequência da idade, as pessoas se casam porque precisam se casar, para completarem um ciclo na vida adulta. Sua família cristã católica, segundo ele, lhe passou bons princípios sobre constituição familiar, e era isso que ele esperava.

Não que era um sonho, no momento esperava casar e constituir uma família, não que era um sonho assim tudo, mas claro, eu tinha desejo ter uma família própria e casar, já tinha me imaginado noivo, ta que imaginar, para os homens é um assunto meio preocupante, ‘né’ (André, 25 anos, casal E)!

Para ele, se sua noiva juntamente com uma amiga fosse escolher as flores ou as cores das toalhas e dissesse que era flor A e a cor B, ele ficaria muito mais feliz do que ter que se locomover aos locais para estas escolhas, bem como ir a reuniões com decoradores e *buffet*. Para Montemurro (2006) e Otnes e Pleck (2003) os Noivos são desencorajados de participar destas atividades pela indústria do casamento, por seus pais, e às vezes suas noivas. Os autores abordam que tradicionalmente os noivos não são, e socialmente não deveriam a ser, interessados em selecionar os padrões de porcelana, arranjos florais, ou trajes de casamento por serem atividades tidas como femininas. Sua função é participar das atividades menos femininas do pré-casamento, como por exemplo, a tomada de decisões sobre as bebidas alcoólicas e organizar o transporte, de uma forma menos ameaçadora para a masculinidade dos homens passarem pelo ritual.

Alexandre também é um noivo que preferiu envolver-se menos com a cerimônia de seu casamento. Como está construindo a casa para morarem depois de casados, fez o seguinte acordo com sua noiva: ela cuidaria das coisas do casamento e ele das questões da construção. Ela só deveria fazer as coisas dentro do prazo, sem deixar nada para a última hora e cuidar com gastos excessivos. Para ele “É só deixar a mulher escolher tudo” que o casamento sai como deveria sair. Uma das suas únicas obrigações era a escolha do seu traje, o que ele confessa, deixou para a última hora. Hill e Daniels (2008) comentam que mesmo que os modelos de traje de noivo sejam mais amplos do que o da noiva, compreendido que não há uma cor padrão, tão pouco limite que existam combinações de coletes, gravatas, assessorios diversos que podem ser incorporados ao traje do noivo, a atenção e o esforço na busca pelo traje nupcial masculino é muitas vezes expressivamente inferior a atenção requerida ao traje feminino. Esta dessacralização do traje é um reflexo da dessacralização do papel do noivo enquanto alguém que apenas aceita as escolhas que a noiva faz para o ritual e que socialmente sente que não deveria se importar muito com as questões do casamento enquanto rito. Benjamim comenta

Acho que para o homem é mais de supetão, né. Chegou. Acho que agora é hora de casar, estou ficando velho, mas, noivo, marido, esposo, pai, essas coisas, foi criado assim, minha família tem uma base muito legal, então eu já sabia que minha hora ia chegar, quando eu vi que o momento chegou não tinha dúvidas (Benjamim, 25 anos, casal F).

Mesmo com o estigma de ser um ritual predominantemente feito por mulheres, alguns noivos se envolvem na preparação de seu rito de passagem. Benjamim participou ativamente nas escolhas e na preparação dos itens relacionados ao seu casamento, mas não foge da ideia de que homem não tem tanta relação com o sonho do casamento quanto as mulheres. Ao analisar que o noivo se coloca ativo em sua preparação, e ao mesmo tempo tem uma atitude de distanciamento ao falar do casamento como uma “fatalidade da vida” e não como uma “escolha feliz”, é possível perceber um comportamento de dessacralização. Foi possível observar que mesmo que o noivo tivesse quatro sacralizações por **mito** e uma por **communitas** os cinco comportamentos de dessacralização baixariam o resultado médio para objeto de atitude noivo. O noivo, mesmo sendo citado com possibilidade de identificar comportamentos de sacralização, obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 1,5. Com uma sacralização relativamente baixa em relação à figura da noiva corroborando com os autores que comentam sobre o tema.

Padrinhos - Católica

No ritual do casamento como nos demais rituais, os indivíduos desempenham papéis performáticos. Além dos noivos, existem os responsáveis por celebrar a cerimônia, os pais e familiares do casal. Há ainda outro grupo importante: os padrinhos. Cabe aos noivos o trabalho de escolher as pessoas que vão executar tal papel. Estas testemunhas de casamento são geralmente compostas de uma série de pessoas que foram figuras significativas na vida dos noivos. Muitas vezes, estes são irmãos, amigos próximos, ou parentes. Como se confirma nas falas de todos os entrevistados quanto à importância que estas figuras tiveram em suas vidas, essa sacralização por sua vez pode ser compreendida como um mistério (5) visto a relação de afeto para com essas pessoas e sua importância ao ocupar este papel no ritual de passagem. Este costume segundo Hill e Daniels (2008) é uma das mais antigas tradições do casamento que ainda é observada em todo o mundo.

O casamento é considerado um importante rito de passagem na maioria das culturas, e aqueles que estão prestes a se casar muitas vezes recebem uma atenção e ajuda especial de amigos e parentes próximos nos dias que antecedem o casamento. Estes escolhidos muitas vezes ajudam a noiva e o noivo a se prepararem, e também testemunham a cerimônia. Hill e Daniels, (2008) comentam que a tradição judaica diz que o casamento de Adão e Eva foi testemunhado pelos anjos Gabriel e Miguel, que ainda são considerados como o *shushvinim* que quer dizer, amigos de noivas e noivos. Os autores ainda dizem que as antigas noivas romanas foram atendidas por grupos de damas de honra, cujo principal objetivo era confundir quaisquer maus espíritos e seres humanos desagradáveis que poderiam querer prejudicar a noiva. Ao contrário de damas de honra e madrinhas modernas, essas mulheres eram vestidas em trajes idênticos aos da noiva, a fim de garantir uma fraude bem-sucedida.

O **mito**, **mistério** e a questão do **ritual** aparecem como possíveis formas de sacralização. Priscila relata que apesar de apenas um casal de padrinhos assinar os papéis na igreja enquanto testemunhas, as demais pessoas, segundo ela, estão demonstrando apressado e carinho.

Aí o Alexandre *falou* que ela que ia assinar na igreja que tinha que escolher um casal de cada lado como testemunho, os outros padrinhos são mais para representar como a gente tem apressado por eles, quando eu fui lá e coloquei a

data ai no Máximo seis padrinhos de cada lado (Priscila, 26 anos, casal D) (*Grifo nosso*).

Os padrinhos do meu lado foram dois casais. Foram tias, uma irmã da minha mãe e outra tia minha que é como se fosse uma segunda mãe, que sempre me dá conselho, sempre esteve do meu lado, outra é tia minha que também cuidou de mim desde pequena e o meu irmão. E meu cunhado e minha cunhada. Aí do lado do Benjamim foram os dois irmãos dele [e seus pares], foi os dois, os dois casais, e um amigo nosso, que a gente foi padrinho (Maressa, 25 anos, casal F).

Um ponto colocado pelos casais é a limitação da quantidade de padrinhos. Algumas noivas apontaram que há um número específico de padrinhos designado pelas paróquias, o que para elas limita as escolhas. Uma das noivas conta que solicitou ao padre de sua paróquia a possibilidade de aumentar um casal. Ela foi atendida e pode escolher as pessoas que gostaria que estivessem ocupando este lugar de destaque na cerimônia caracterizando uma sacralização por **mistério**. Estes convidados ilustres são sacralizados pelos noivos, principalmente pelo laço afetivo que estes têm com o casal e a influencia na vida social e religiosa dos nubentes. O resultado médio para o objeto de atitude é de 6,1 um índice expressivo, por não serem eles as peças principais do ritual. As entrevistas apresentam comportamentos de sacralização por **mistério, mito, ritual, compromisso individual**, além de uma dessacralização.

Damas e pajens- Católica

Além de madrinhas e padrinhos, como abordado por Hill e Daniels(2008) a festa de casamento também pode incluir outras pessoas que desempenham funções específicas. Crianças do grupo familiar da noiva ou do noivo podem servir como “ajudantes junior”, no caso brasileiro, “daminhas e pajens”. As crianças geralmente servem como responsáveis por carregar a aliança, levando um pequeno travesseiro ou recipiente segurando os anéis de casamento. Meninas floristas podem preceder a procissão, espalhando pétalas de flores diante dos noivos.

Priscila não abriria mão de sua sobrinha de onze meses entrando na igreja anunciando sua chegada, saindo da esfera funcional e partindo para a afetiva ao chamar um bebê para desempenhar tal papel. Atualmente, tem-se usado placas para anunciar a entrada dos noivos. Para que sua sobrinha fizesse parte deste momento, foi alugado um carrinho de

madeira de puxar para carregar a bebê, com uma placa que dizia “Lá vem a Noiva” a frente. O irmão de seis anos da criança foi quem puxou o carrinho até o altar da igreja. Portanto há uma sacralização por **mistério** devido a relação afetiva com a criança.

A Jaque a, né, a Jaque a, que eu não abri mão. A minha sobrinha de 11 meses, eu não abri mão de por ela para entrar e ela entrou no carrinho, e deu um show, e deu tchau pela primeira vez para todo mundo, o irmãozinho dela de seis anos *puxando* e ela lá dando tchau para todo mundo. (Priscila, 36 anos, casal D) (*Grifo nosso*)

A figura do pajem e da daminha é sempre lembrada com muito carinho na maior parte das entrevistas. A escolha de quem fará tal papel é dada geralmente a um sobrinho, primos mais novos, filho de uma amiga ou mesmo um filho do próprio casal. Esta lembrança carinhosa representa um espírito de sacralização principalmente por parte da noiva. É possível caracterizar a sacralização por **mistério** já que a escolha se dá como forma de objetivar o afeto que o casal tem pela criança em questão, assim como a sacralização enquanto *communitas*, visto que o indivíduo muda de papel naquele momento. Há também comportamentos de sacralização por **compromisso compartilhado**, ou seja, se tem o pajem por ser uma prática socialmente aceita, que sempre foi realizada, já que não houve colocações e questionamentos apresentados em relação à necessidade, comportamento ou funcionalidade desta figura no ritual matrimonial.

Com 14 menções, relacionadas a sacralizações por **mistério**, *communitas*, **compromisso compartilhado**, **mito**, e **objetivação** os pajens aparecem como figuras importantes e significativas para os noivos. Sua sacralização forte de 7,3 pontos demonstra a afetividade sobre estas figuras no ritual.

Pais - Católica

As constituições familiares dos noivos têm um papel fundamental na sacralização deste ritual. Os noivos relatam que por viverem em famílias cristãs o casamento dos pais era um exemplo a ser seguido. Esse foi um dos motivos relatados pelos casais quando questionados quanto a razão de terem optado pela celebração religiosa. Os pais são uma forma de inspiração e ensino que retrata um processo de sacralização por **mito**, onde o indivíduo é

ensinado, sobre determinada crença, de que algo é sagrado, como é o caso do ensino desde a infância proporcionado aos filhos.

Os pais são apontados pelos noivos como figuras fundamentais em todo o processo, nas escolhas e no momento do rito de passagem. Além disso, estes tem forte influencia na vida religiosa dos filhos. Isso pode ser percebido ao observar o índice forte de sacralização no resultado médio de nove pontos. As falas demonstram comportamentos de sacralização por **mito, mistério, compromisso individual e objetivação**.

Mães - Católica

Ao chegar o momento de preparação para o ritual, Otnes e Scott (1996) colocam que a maioria das noivas se voltam para suas mães a fim de obter assistência. Meninas e mulheres desde muito cedo aprendem com suas mães, não só como tratar de coisas dentro do casamento, mas também lições importantes sobre o que é ser feminina. A mãe tem o papel de realizar uma espécie de iniciação a filha. Ela está se tornando uma mulher adulta e noiva com muitas tarefas novas, então o papel materno é iniciar a filha em todo esse novo círculo.

Lia, assim que ficou noiva, disse que a primeira coisa que fez foi ligar para sua mãe, que segundo ela faz parte de tudo, demonstrando uma sacralização por **mistério e objetivação**. Maressa diz que quem não pode faltar é quem faz ela senti-se confortável, sua mãe. Uma sacralização clara por **mistério**. André, que perdeu a mãe há aproximadamente três anos de sua cerimônia, acredita que vai ser um momento difícil, pois não poderá contar com a presença dela. Considera que quando entrega os convites já ouve de seus parentes e amigos que sua estaria muito feliz e orgulhosa deste momento. Uma clara sacralização por **mistério**.

A mãe ainda é lembrada como, por exemplo, a que ajudou a fazer os docinhos, como é o caso de Benjamim ou mesmo da sogra do André. Ambos sacralizados por **objetivação**. No contexto do ritual ela aparece como mentora e “ajudadora”, mas não possui nenhuma outra atribuição especial ou de destaque no dia do casamento. Neste contexto ela é lembrada como uma convidada importante que não deveria faltar de maneira alguma. Assim sua sacralização se dá por **mistério**, devido a carga emocional que tal relação carrega e por **objetivação** por toda ajuda e envolvimento que esta figura tem no processo de elaboração do ritual. Isso é corroborado pelo índice de nove pontos obtido pelo resultado médio no tratamento dos dados demonstrando a sacralização atribuída a esta figura.

Pai - Católica

O pai aparece principalmente nos momentos de entrada, na condução da noiva até o altar, onde entrega sua filha ao futuro cônjuge. Weinstein (2004) relata que em pinturas italianas do Renascimento esse gesto descreve a cena do noivado. O pai ou tutor da moça estendia a mão direita e mandava sua filha para frente do noivo, para que ele colocasse o anel de noivado. O ritual era muitas vezes celebrado em um espaço doméstico, sem sacerdote onde era o pai quem conduzia de certa forma a cerimônia.

Para os entrevistados a figura do pai é importante pela carga afetiva que envolve a relação pais e filhos refletindo em um comportamento por **mistério**. Também pela ajuda que esta figura proporciona na preparação do ritual. Além destes dois aspectos os pais também aparecem como figuras que influenciam muito a lista de convidados. André trata isso como dificuldade, pois seu pai tem a ideia de que se foi, em algum momento, convidado para o casamento de alguém deve “devolver” o convite, assim quer chamar muitas pessoas para o casamento de seus filhos. André fala que

O maior problema ai é pai, por que nestas influências, os pais que acabam influenciando fortemente na lista de convidados. Mas é amigo do meu pai, então é aquilo, né. Você tem muito, de ‘ah, eu fui convidado da filha dele, desse amigo, então eu também preciso convidar ele para o casamento do meu filho’, então os pais tiveram bastante influencia. (André, 25 anos, casal E)

O pai da Maria a está ajudando com os custos. Ele é quem propôs uma festa e propôs ajudar com o que fosse necessário para tudo ocorresse. Objetivando seu apressa pela filha em forma de ajuda para o evento. Para agradar o pai, Maria escolheu uma música especial para a entrada, “Ave Maria”, pois é um dos sonhos dele vê-la entrando na igreja com esta canção. “Uma coisa eu coloquei uma música para minha entrada, que é uma música simples aquela Ave Maria, que meu pai sempre falou que era o sonho dele” configurando uma sacralização por **mistério**.

Além da ajuda financeira, alguns pais como o de Alexandre ajudaram de outras formas. Após conseguir um bom desconto no salão da associação de onde trabalha ele passou um dia todo pintando o local para que estivesse mais bonito para o evento do filho. O pai de Sara a está ajudando na decoração. Sara e seu pai pesquisam e colocam em prática dentro das

possibilidades os planos para a festa de casamento. Foi o pai dela quem sugeriu as flores a serem utilizadas na decoração do casamento. “ai na decoração meu pai me ajudou, deu ideia, a gente vai colocar copos de leite.”

A figura do pai é importante para noivos, seja na preparação, enquanto influência e apoio, ou no rito acompanhando a noiva até o altar, apoiando a filha. Esta figura obteve um resultado médio de 6,8 demonstrando um nível considerável de sacralização por parte dos entrevistados.

Irmãos - Católica

Os irmãos aparecem enquanto padrinhos e convidados especiais, mas também podem ocupar papéis que são destinados aos pais. Por exemplo, no caso da entrevistada Priscila foram seus dois irmãos que, na ausência do pai, a conduziram ao altar. Esta presença é marcante, como mencionado anteriormente, a entrada da noiva é um dos momentos mais importantes, e a figura do pai ou mesmo neste caso, a dos irmãos é fundamental para completar esta parte do rito de passagem. Configurando uma **objetivação** do carinho que já se tem por esta figura muito representativa na vida da noiva bem como de estar participando de um momento tão significativo do ritual onde ela é simbolicamente entregue ao seu noivo pelos membros de sua família. Com um resultado médio para os irmãos foi de 6,8. A cumplicidade apresentada nas falas entre os noivos e essas figuras é um dos fortes motivos para que os irmãos sejam sacralizados, mesmo sem um papel fixo no ritual a presença deles é indispensável para o casal.

Padre- Católica

A figura do Padre é parte fundamental para a realização deste ritual na Igreja Católica. Seja pela **objetivação**, onde, este representa a liderança espiritual da comunidade, seja quanto ao **compromisso compartilhado**, pela tradição popular de que um padre deve ser o responsável por conduzir o ritual no contexto cristão católico, além do **mito** que o ensino familiar e religioso impõe sobre tal figura. Weinstein (2004) aponta que desde o início da Idade Média até início do Período Moderno, a Igreja intensificou as exigências para a presença de um padre no ritual de casamento. A Igreja Católica, no entanto, não alterou a sua

posição básica sobre o casamento como um assunto de família. Esta posição deriva da sua compreensão fundamental de que o casamento é constituído pelo casal, em vez de ser pela Igreja, confere um sobre o outro o sacramento do matrimônio.

No entanto os casais apontam indícios de que o padre é a parte fundamental para a realização da cerimônia de casamento. Gabriel e Maria, que pensaram primeiramente em apenas morar juntos e em seguida foram aconselhados pela mãe do noivo a casarem pelo menos no civil, relatam que pensaram em depois do casamento no cartório civil pedir a benção de um padre, o que demonstra a visão de que o padre é a figura que efetua a cerimônia.

Tem importância, tanto que a gente pensou em fazer o casamento no civil, à gente precisa fazer, tentar, conversar com o padre, precisa fazer pelo menos uma benção religiosa, não precisa todo mundo, mas é importante para começarmos bem. (Maria, 33 anos, casal A)

Benjamin e Maressa comentam que mesmo que sua cerimônia se desse aos moldes católicos, principalmente com relação à preocupação com a parte religiosa em detrimento a festa, nunca haviam parado para refletir sobre a cerimônia religiosa, e acreditavam que tudo era responsabilidade do padre, que eles chegariam no dia do casamento e tudo estaria preparado. Depois do curso de noivos e de conversas com o líder religioso, entenderam que, de certa forma, esta cerimônia era responsabilidade deles e que eram eles que a organizavam.

A gente nunca pensa na celebração da igreja, a gente sabe que o padre que vai fazer. Eu, na minha cabeça, imaginava assim: o padre vai preparar tudo, eu sabia que tinha que eu tinha confessar, eu sabia que tinha os preparatórios antes de casar, mas não imaginava que eu, Sara e o André teríamos que sentar lá com ele, ver as leituras, as músicas, sabe essas coisas. (Sara, 24, casal B)

Para Weinstein (2004) o ritual no prédio da igreja, na presença de sacerdotes, foi apenas o fim simbólico de uma sequência ritual muito mais significativa e interessante que já haviam sido concluídas nos rituais seculares comuns a família. Em muitas regiões da Europa a formalidade de rituais de casamento foi mínima, e foi basicamente resumida em um voto de casamento e um ato sexual, ou no próprio fato de o casal ter uma habitação partilhada. O ritual era claramente doméstico, e a presença da Igreja era redundante. Com o tempo e exigências legais e religiosas uma tradição urbana para a realização do ritual de noivado foi

desenvolvida na Itália durante a Idade Média, que combinava as exigências da Igreja, as tradições jurídicas e a inventividade dos comerciantes urbanos. O lugar de clérigos nesta fase foi bastante marginal e a maior parte do ritual teve lugar no espaço doméstico, sem quaisquer estranhos e, muitas vezes, sem sacerdotes. Weinstein (2004) conta que no século XVI o *Concílio de Trento* realizou um exame abrangente de crenças e atitudes teológicas católicas então desafiadas pelo protestantismo, e muitas discussões foram dedicadas ao casamento e à família. Apesar da pressão dos representantes franceses e espanhóis, a Igreja manteve a abordagem de base representada por clérigos italianos, argumentando que os cônjuges são os que constituem o casamento. É um compromisso legal que não pode ser anulado, mesmo que a família desaprove. No entanto, os casais entrevistados demonstraram através de suas falas que a presença do padre, para eles é indispensável para a realização da cerimônia de casamento.

Mesmo que estes aspectos da tradição estejam presentes e sejam importantes para os noivos, alguns deles desaprovam esta faceta. Preferem padres que inovem em seu ritual. Dessacralizando um pouco a tradição em detrimento de algo mais personalizado e atual. A figura do padre obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 6,6 demonstrando a importância deste para a realização do casamento na visão dos entrevistados. Visto ser ele colocado como mais importante que a noiva e o noivo, que deveriam em tese serem as figuras centrais do ritual.

Promoter- Católica

Outra figura que se faz presente em casamentos é a do *promoter*, que apesar de não ser tradicional desenvolve um papel significativo em para alguns que contratam seus serviços. Certas noivas preferem contratar os serviços deste tipo de profissional, que pode ser acertado com meses de antecedência para auxiliar o casal em todas as decisões e atividades referentes à preparação do casamento. Entretanto, algumas noivas preferem realizar toda a preparação sozinha e contar com a ajuda desta profissional apenas no dia da cerimônia.

Priscila optou por confeccionar a maior parte das coisas sem ajuda de *promoter* nem de cerimonialista no dia do casamento. Ele relata que tudo foi feito por eles de forma caseira, e que ela gostou de ter sido desta maneira por poder ver o resultado do que ela mesma havia confeccionado, dessacralizando assim a figura do *promoter*.

Benjamim e Maressa estavam preocupados com a casa nova e os moveis. Por essa razão procuraram economizar no que puderam. Optaram por fazer os docinhos, o convite, as lembrancinhas e por não contratar *promoter*, pois acreditavam que iriam perder o controle sobre os preparativos. Escolheram, depois de buscarem tal profissional, não contratar os serviços e realizarem os preparativos por conta própria. No final, afirmam que gostaram de ter participado dos preparativos de forma mais ativa dessacralizando também a figura da *promoter*.

Esse comportamento de **dessacralização** demonstrado pelos casais para com esta figura, pode estar relacionada a atitude que os casais relatam ter em relação ao seu ritual de passagem. Nestes casos citados como exemplos, os noivos queriam casamentos simples, pois tinham como prioridade financeira a casa do casal e não para a festa em si.

Para Otnes e Pleck (2003) uma forma de medir o luxo de um casamento é o número de assessores para a noiva e o noivo, assim, quanto mais luxuoso maior é o número de atendentes. O crescimento do número médio de atendentes em um casamento dá prova da escala crescente da teatralidade da cerimônia.

Um exemplo peculiar aos demais casais é o caso do Gabriel e da Maria. Os noivos contrataram dois garçons, um homem e uma mulher, para serem garçons particulares dos noivos. Assim o casal tem assessores em todo o período da festa.

Em um casamento que eu fui de uma prima minha, tinha uma garçonete que só atendia a ela, e um garçom que só atendia o noivo. O porquê o disso? Ah essa pessoa é o sombra, porque eu vou tirar foto só estico a mão já pega a taça, o copo, abraço a turma, e não vou ficar me preocupando para quem eu vou entregar a taça, para quem que eu vou entregar para segurar. (Gabriel, 33 anos, casal A)

A figura das *promoters* não obteve um resultado médio positivo o que configurou uma dessacralização por parte dos noivos. Apesar das facilidades que esse profissional pode proporcionar sua figura foi vista como desnecessária, cara ou mesmo ameaçadora para o ritual. Assim seu resultado médio expressando essa dessacralização foi de -6,6.

Garçom - Católica

Como resultado médio para o objeto de atitude garçom houve uma pequena sacralização com apenas 0,6 pontos. Algumas das razões é que esta figura não tem laço

afetivo com o casal e sua função fica restrita a festa não envolvendo nenhum elemento naturalmente sagrado.

Banda e DJ. - Católica

Otnes e Pleck (2003) argumentam que na escolha de alguns itens para a realização do casamento, como é o caso quando se escolhe um tipo particular de banda na recepção, representa não só uma afirmação do casal de que eles querem que a cerimônia seja lembrada como a comemoração da união de amor, mas também uma cultura de consumo caracterizada pela abundância, novidade, e últimas modas. Isso é possível perceber na fala de Benjamim, quando relata que um de seus amigos ganhou uma promoção e pode ter em sua festa de casamento uma banda “badalada” da cidade, assim, comenta

A gente foi padrinho, ele ganhou promoção, ele teve a banda *nome da banda*, o melhor *buffet*, o melhor *frucutu*, o melhor de tudo... Foi um casamento super. Eu não senti falta, não tive vontade de ter, claro que de vez em quando você fala, a banda *nome da banda* tocando no meu casamento ia ser bom[...] (risos) *grifo nosso* (Benjamim, 25, casal F)

Para André, ao que parece, a escolha de uma banda em detrimento de um DJ foi um dispêndio maior de dinheiro que não se fazia necessário. A noiva, no entanto, escolheu a banda por alegar que esta animaria mais a festa. Como André relatou que no fim do processo de escolha e fechamento de contratos estava dando maior liberdade para escolhas, independentemente de serem mais caras, aceitou a banda. Se estivessem ao seu alcance ele não se opunha.

Contudo é perceptível a dessacralização desse serviço. Gabriel e Maria, optaram por banda mas no caso deles saiu mais barato que os DJ pesquisados.

Lia escolheu um DJ que ela classifica como caro, mas pareceu disposta a arcar com o custo já que este profissional, segundo ela, anima muito bem as festas em que trabalha. A busca da noiva é de uma festa animada onde os convidados se sintam contagiados. É possível verificar o comportamento de sacralização neste caso como **objetivação**, já que a noiva busca, através do serviço ofertado pelo DJ, transmitir alegria e felicidade aos convidados de diferentes idades. Apesar disso, ocorre o mesmo que com o garçom: estes personagens são sacralizados com um índice muito fraco, 0,2 pontos como. Isso pode ocorrer,

pois não há um vínculo emocional com os noivos e sua atuação se dar em um ambiente não sagrado naturalmente.

O Quadro 8 apresenta um resumo dos elementos presentes no roteiro do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados católicos

Personagens	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(5) Noiva	<i>Communitas</i> (1); compromisso individual (1); mito(2); dessacralização (1)	5,4
(10) Noivo	<i>Communitas</i> (1); dessacralização (5); mito (4);	1,5
(11) Padrinhos	Mistério (2); compromisso individual (2); dessacralização (1); Mistério (4); mito(3); ritual (2)	6,1
(14) Pajens	<i>communitas</i> (4); compromisso compartilhado (1); mistério (8); mito (4); objetivação (1)	7,3
(11) Pais	mito (1); compromisso individual (1); mistério (5); mito (3); objetivação (1)	9,0
(9) Mãe	Mistério (4); objetivação (5)	9,0
(19) Pai	Dessacralização (4); mistério (6); mito (1); objetivação (8)	6,3
(8) Irmãos	Mistério (3); objetivação (6)	6,8
(15) Padre	<i>communitas</i> (1); compromisso compartilhado (2); dessacralização (3); mistério (1); mito (5); objetivação (3); ritual (2)	6,6
(7) Promoter	Dessacralização (7)	-6,6
(5) Garçom	dessacralização (2); Objetivação (3)	0,6
(10) DJ e Banda	objetivação (4); dessacralização (5); compromisso compartilhado (1); mito (1)	0,2

Quadro 8 – Resumo dos papéis sacralizados por noivos e recém casados católicos.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.1.3 Sacralizações de artefatos Rituais- Católico

Os artefatos estão presentes nos rituais como uma espécie de materialização do rito. No casamento alguns deles são mais lembrados e tem maior significados. Outros são apontados, mas não se exprime nenhuma opinião que caracterize algum tipo de sacralização. E há aqueles que os noivos se referem com certo desprezo.

Vestido de Noiva- Católica

Dentre os artefatos apontados, o vestido de noiva é muito lembrado, enquanto há aqueles que sacralizam pelo **compromisso compartilhado** de que noivas casam de branco, há

quem pense no vestido como um dos principais artefatos para o seu “grande dia”, outros ainda que se posicionam de forma contrária apontando que o montante de dinheiro despendido para o vestido é grande demais se levar em consideração o período relativamente curto do ritual. Em outros casos o vestido é importante, mas foi dessacralizado, pois outra pessoa usou um vestido que era para ser exclusivo. Mesmo que seja comum o aluguel a ideia é de que ninguém tenha utilizado o mesmo vestido que você ou se usou isso não deve chegar ao conhecimento da noiva nem de seus convidados.

Ingraham (1999) acredita que o vestido de noiva é provavelmente, a compra mais importante do casamento. Ele afirma que analistas da indústria notaram que a maioria das noivas faria, sem muitas coisas para planejar um casamento ficar dentro do orçamento, mas que não iria poupar quando se trata da compra do vestido.

Sara comentou que nem todos os sonhos que ela tinha para o casamento vão se concretizar, mas o vestido, os docinhos e a decoração estão saindo como ela gostaria. No entanto ela teve uma decepção, ao visitar um blog de determinado fotógrafo, ela viu o vestido que já havia alugado, disponível no sistema de primeiro aluguel. Assim comenta

Eu li um monte de revista, eu fui ver no local para ver o primeiro aluguel, pelo amor de Deus quase enfartei, olhei *blog*, como que chama, [nome do fotógrafo]. Uma moça usou meu vestido, você acredita?! Fui até lá para trocar, eu provei não sei quantos mil vestidos, ah é! sempre tem essas coisas! (Sara, 24 anos, Casal B)

Então, a noiva sacraliza seu vestido como uma **objetivação** de seu sonho. E posteriormente sente que seu vestido foi dessacralizado, pois outra noiva o usou antes dela. A noiva sente que perdeu sua exclusividade, por ter pagado um valor a mais para que o vestido fosse confeccionado sob medida e que ela deveria ser a primeira utilizá-lo. Lia está procurando seu vestido para alugar, quem sabe no mesmo esquema de primeiro aluguel relatado por Sara, mas gostaria mesmo era que sua mãe fizesse o vestido. Ela conta que a mãe não é costureira profissional, mas em ocasiões especiais se arrisca e faz roupas que a noiva realmente gosta. Foi sua mãe quem fez os vestidos de formatura dela e por esse afeto, a mãe e a seu trabalho, tinha vontade de ter seu vestido de noiva confeccionado por ela. No entanto a mãe acha que é uma responsabilidade grande demais. Ela preferiu recusar o pedido da filha, para ter certeza que realmente o vestido será bonito e do gosto da filha.

E o vestido eu queria que minha mãe fizesse, porque o meu de formatura, dois de formatura, foi a minha mãe que fez, ela não costura, mas eventos assim ela faz. Por que a princípio eu queria um vestido só de tafetá branco porque eu acho maravilhoso só o tecido também, sem muito bordado, então ela falou que desistiu, que é muita responsabilidade então eu fui em uma loja olhar vestido só para saber - o que eu não gosto, e eu quero alugar primeiro aluguel quem sabe. (Lia, 26 anos, casal C)

O vestido obteve um resultado médio para objeto de atitude de quatro pontos. Sacralizado com um índice mediano, visto os diversos comportamentos de sacralização e dessacralização impostos pelas noivas ao artefato. Demonstrando mais uma vez o conflito entre o que é realmente importante para noiva e o que é importante e sagrado para a crença católica dentro do ritual matrimonial.

Roupa do Noivo- Católica

Além do vestido de noiva há a roupa do noivo. Entretanto, este traje nupcial não aparece com a mesma preocupação que despendida na procura do traje feminino. Foi possível verificar nas entrevistas que o traje do noivo foi tratado com certo desprezo por parte de um único entrevistado que fez menção a ele. Isso pode estar relacionado ao que foi explanado quanto a dessacralização do papel do noivo no contexto do ritual. Esta dessacralização parece ser estendida ao traje isso, pois quando Alexandre fala: “Roupa, esses negócios eu deixei tudo para a última semana” ele dessacraliza este artefato. Assim o objeto de atitude obteve um percentual de -0,9 pontos. Esse resultado corrobora com o conceito de que o noivo se coloca em posição inferior conforma abordado na revisão de literatura. Sendo portanto, a dessacralização da roupa, um reflexo da dessacralização da figura do noivo.

Igreja - Católica

A igreja enquanto artefato ritual é indispensável no contexto católico, visto não ser comum, e muitas vezes permitindo a realização da cerimônia fora deste ambiente. Weinstein (2004) aborda que após o *Concilio de Trento* o ritual passou ter lugar na igreja paroquial, na presença dos sacerdotes. O processo do casamento na igreja começa com a publicação dos proclamas sobre o casamento iminente. Pessoas que conheciam o casal são convidadas a depor sobre possíveis obstáculos e impedimentos para a cerimônia. Os

casamentos realizados sem cumprir as exigências da Igreja eram inválidos, ilegais, e mereciam punição e sanções a serem impostas às famílias envolvidas.

O poder de voto familiar para o casamento foi enfraquecido em favor de um procedimento mais formal. Sínodos¹⁵ da Igreja com forte legislação agiram em conjunto para fortalecer esse controle sobre a família, em paralelo com a mudança do casamento do espaço doméstico para o ambiente da Igreja. Assim foi construída a ideia de casamento no ambiente paroquial. Não há problemas em apontar aqui uma sacralização por **mito** visto que os fiéis são instruídos sobre a prerrogativa de casamentos na igreja, para que sejam válidos perante a comunidade religiosa e os clérigos. (WEINSTEIN, 2004)

Desde cedo participando da igreja católica juntamente com seus pais o casal André e Noemi não abrem mão de ter sua cerimônia realizada neste ambiente. Noemi é muito engajada em várias atividades de sua paróquia, segundo seu noivo não existe para ela a possibilidade de um casamento em outro ambiente. O que configura uma sacralização por **mito**.

Ela nunca casaria fora, não faria cerimônia fora da igreja, que não aconteceria, isso eu tenho certeza que isso não aconteceria. De tudo isso que seria, das coisas que a gente fala, vamos casar, seria fazer o casamento na igreja. Em função da participação, é eu participo hoje com ela, mas eu participo assim, de vez em quando com os meus pais, nunca fui tão ativamente quanto ela, sempre participei sempre em ambiente cristão, mas ela bah! foi da catequese, coordenadora dos coroinhas, coordenadora de grupo de oração tem um envolvimento muito grande na nossa religião nos grupos que ela participa então isso seria de fato primordial (Sic) (André, 25 anos, casal E).

Além do **mito**, a sacralização para Lia se dá mais em forma de **mistério**. Desde criança ela sonhava se casar na catedral da sua cidade. Ela desde a infância sabia, ou sentia que tinha que casar na catedral de sua cidade “É uma igreja linda” diz. A primeira coisa que ela e seu noivo fizeram assim que voltaram do exterior, onde ela foi pedida em casamento, foi ir a catedral marcar a data. “Mas a primeira coisa foi isso, foi a data, primeiro cheguei ao Brasil, primeira semana a gente marcou igreja já, por que a catedral é bem concorrida sabe”.

O curso de noivos foi crucial para que Priscila começasse a idealizar seu casamento na igreja. Antes dele a noiva não se imaginava nem entrando na igreja, pensava que deveria primeiramente crescer profissionalmente antes de dar este passo. Quando

¹⁵Comissão de clérigos e leigos para decidir juntos sobre determinado assunto.

retornou do curso diz que se sentiu preparada para seu casamento. Sacralizando assim por **mito**. No entanto, mesmo após o curso seu noivo, Alexandre, ainda que apoiando a realização da cerimônia e a festa, não demonstrava desejo intenso de casar-se na igreja.

Benjamim e Maressa mesmo antes do curso de noivos tinham em mente que o casamento deles deveria ser na igreja. Semelhante a outros casais, o curso deu uma ideia melhor de como se portar e enxergar a cerimônia neste espaço sagrado para a denominação Católica. Como cresceram neste ambiente a escolha de realizar a cerimônia religiosa nele foi quase que natural. Benjamim comenta que “Na igreja foi uma benção o casamento, muito lindo”. Uma das precauções da noiva foi colocar mangas no vestido, por respeito ao ambiente da igreja, achou que um tomara que caia ia expor demais e preferiu esconder os ombros prezando pela sacralidade do ambiente. Configurando assim uma sacralização por **mito**.

Justamente por ser um ambiente naturalmente sagrado é possível observar que sua sacralidade é entendida, aceita e respeitada pelos entrevistados. Com um resultado médio para este objeto de atitude de 7,4 pontos, esta sacralização forte é percebida pelo caráter significativo que o ambiente representa para noivos.

Comida- Católica

A comida é uma das maiores preocupações apresentadas pelos entrevistados. A busca pelo *buffet* é sempre a primeira a ser mencionada. Pois as empresas fornecedoras são vistas pelos casais como muito concorridas principalmente por questões de valores e data disponível para o evento. A sacralização deste artefato aparece relacionada à satisfação dos convidados. Como se a comida fosse uma forma de acolhida bem como de uma demonstração de status. Da comida também parece depender boa parte do “sucesso” ou fracasso do ritual. Assim a um processo de sacralização por **objetivação**.

Os casamentos são comemorados em quase todas as culturas. Tem-se evidências que esse ritual já era realizado nas primeiras sociedades. Hill e Daniels (2008) afirmam que arqueólogos descobriram evidências históricas de festas de casamento realizadas por povos antigos em toda a Ásia, África, Europa e América. Para os autores, as festas de casamento mais bem documentadas foram as dos antigos romanos, que acreditavam que o casamento não era juridicamente vinculativo até que o casal compartilhasse uma refeição juntos. Os pais de um noivo na China antiga iriam sediar um grande banquete como uma demonstração de sua

riqueza e posição social. Hoje, recepções de casamento oferecem uma oportunidade para as famílias e os amigos da noiva e do noivo confraternizem em ambiente social. O velho costume de compartilhar uma refeição é muitas vezes combinado com música e dança. Há então a busca pelo reconhecimento público e aceitação do novo casamento.

Maressa buscou fazer tudo, segundo ela, da forma mais simples possível. A noiva afirma que para o casal o mais importante era a celebração religiosa. Mesmo assim tinha uma preocupação em relação à festa: “Porque querendo ou não a gente acaba se preocupando, se a comida de um casamento estava fria, e eu não quero que a minha comida esteja fria”. Há, portanto, um comportamento de sacralização por **objetivação** visto o desejo de que sua festa fosse agradável aos seus convidados.

Na busca por economizar e ainda assim proporcionar uma boa refeição a seus convidados, Priscila e Alexandre optaram por churrasco, algo que, segundo ela, toda a família e amigos gostam. Há também, neste caso, uma sacralização por **objetivação**, já que a preferência do casal e seus convidados foi materializada na refeição servida na festa de casamento.

A comida também estava maravilhosa que a gente quis churrasco, tanto eu não gosto de coisa muito sofisticada, nem ele, eu e ele gostamos de churrasco, e a preocupação também era com os nossos familiares né, por que eu sei que o pai dele não gosta de nada cheio de coisa, e a gente foi ver assim que agradasse a minha mãe meus irmãos e a família dele mais importante e o bolso também, risos, e nós optamos por churrasco (sic) (Priscila, 36 anos, casal D).

Todas as noivas e noivos elencaram o *buffet* como a primeira ou segunda coisa a ser procurada na preparação do casamento. Assim a comida é um item de muita preocupação para os para noivos. Ocorre uma busca por uma comida que seja apreciada pela audiência do ritual. Por tais motivos o resultado médio para este objeto de atitude foi de 6,5 pontos. Um índice considerável de sacralização visto ser algo que não faz parte diretamente da cerimônia religiosa, mas da festa que anteriormente apresentou um índice forte de dessacralização. Isso está relacionado a busca do casal por agradar os convidados e proporcionar um evento de sucesso.

Bebida - Católico

Para acompanhar a comida os noivos poder servir bebidas diversas para seus convidados. Lia abriu mão de servir vinho branco em sua festa de casamento, pois já ofereceria como opção aos que tomam bebidas alcoólicas whisky e cerveja. Segundo ela estas opções já estão “de bom tamanho para quem bebe”. Não havendo indícios fortes de sacralização, apenas uma leve sacralização por **objetivação**. Benjamim conta que em seu casamento as bebidas foram dadas pela família. Também uma leve sacralização por **objetivação** da bebida, visto que o objeto de atitude principal é a família que fez a doação. Ao contrário da comida, este artefato tem um resultado médio para o objeto de atitude de 2,0 pontos. Essa sacralização baixa está ligada a idéia de que não são todos os convidados que consomem bebidas alcoólicas, assim a preocupação quanto a este item não aparece como a maior na preparação e execução das recepções matrimoniais estudadas.

Bolo - Católica

A tradição de a noiva e o noivo cortarem o bolo juntos, segundo Otnes e Pleck (2003), teve origem porque a cobertura do bolo de casamento inicialmente tinha de ser extremamente rígida para suportar todas as camadas, empilhadas de modo que a noiva necessitava aplicar força bruta, a fim de atravessar a faca através da cobertura. Assim, para ajudar a noiva a cortar o bolo, o noivo firmava a mão abaixo da mão da noiva.

Algo muito comum é a utilização de bolos falsos no casamento, a razão disto pode ser vista no comportamento de sacralização apresentado por Benjamim ao dizer que não pode deixar o bolo verdadeiro no mesmo ambiente da festa por causa de sua preocupação com a vigilância sanitária. Assim há uma sacralização por **objetivação**, diretamente ligada à funcionalidade do artefato. Este símbolo tradicional que é importante em casamentos foi substituído por uma réplica para decoração devido a questões sanitárias. Enquanto isso, o bolo verdadeiro geralmente é mantido em refrigeração até o momento de ser servido aos convidados.

Maressa conta que alugou um bolo falso para pôr no lugar das fotos e recebeu seu bolo verdadeiro como um presente de sogro que é confeitiro. Ela disse que economizou cerca de R\$500,00 reais com esta opção. Dado que o bolo confeitado para colocar em exposição é

mais caro. Assim, além de critérios de saúde, Maressa sacraliza por **objetivação** já que com a escolha por um bolo falso a proporcionou uma considerável economia.

Priscila também conseguiu economizar uma boa quantia em dinheiro na compra do bolo falso para as fotos. Quando ela foi fazer o orçamento ficou sabendo que teria que desembolsar R\$700,00 reais. Isso a deixou indignada. Disse que nunca pagaria esse preço por um bolo falso. Por conhecer alguns amigos que tinham contatos de fornecedores de bolos falsos, Priscila conseguiu comprar um por 80 reais. Assim apesar da economia feita pela noiva, ela **dessacraliza** o item, visto a indignação com o valor cobrado não corresponder a sua expectativa de quanto realmente vale o item. Há um resultado médio de 2,5 em relação o artefato bolo, mostrando uma certa sacralização do item.

Topo do bolo - Católica

Os bolos de casamento geralmente são decorados com enfeites que representam o casal. Priscila conta que ao procurar o topo de bolo para seu casamento não encontrou nada que lhe agradasse. As opções que ela viu eram todas feitas como caricaturas e disso ela não gostava o que configura uma **dessacralização** mediana visto a aversão e este tipo de topo de bolo. Até que encontrou, em uma rede social, uma fornecedora que fazia topos de bolo que lhe chamaram a atenção. Priscila entrou em contato com ela e gostou da proposta. A noiva conta que a artesã foi muito atenciosa e detalhista. Esta sua fornecedora pediu fotos de todos os detalhes dela e do noivo: o estilo de cabelo que Priscila usaria: o véu, o vestido de noiva, o terno do noivo, fotos do rosto de ambos. Por fim, Priscila ficou extremamente satisfeita, pois o trabalho foi muito bem feito e extremamente detalhista, o que acabou a surpreendendo. Assim, há uma **sacralização** por **objetivação**, visto que o topo do bolo representaria o casal tanto na forma física quanto nos gostos. O resultado médio para o objeto de atitude foi 2,5, um resultado baixo, porém não expressivo visto se tratar de ideias opostas sobre categorias diferentes do mesmo artefato.

Docinhos- Católica

Além do bolo, é comum em casamento uma mesa com doces variados que servem, como uma espécie de sobremesa. Lia disse que irá escolher dois tipos de doce. O

primeiro, tradicional. O segundo é um doce especial com recheio de *marshmallow* e por fora o desenho dos noivinhos. Ela gostou desta possibilidade de detalhe no doce, então mandará uma foto sua com o noivo para a confeitaria e ela os desenhará no glacê.

Há uma sacralização por **objetivação** visto que a noiva escolheu um doce que representa uma fotografia do casal. A noiva pretende colocar a frente dos demais doces demonstrando a importância deste doce, que também foi servido por sua irmã em seu casamento, assim há uma sacralização por **mito**, devido à influência da irmã na escolha.

Benjamim e Maressa preferiram fazer os docinhos em casa. Pesquisou os valores dos docinhos e estavam muito altos para o orçamento do casamento. Quando calcularam o preço dos doces perceberam que gastariam cerca de 2 mil reais. Ele e sua noiva preferiram “colocar a mão na massa e fazer”. Com isso gastaram menos de 550 reais neste item. Maressa fala que gostou de participar do processo, pois os doces foram feitos com carinho e de forma simples. Dessa maneira, há uma sacralização por **objetivação**, visto que mesmo que o casal não estivesse disposto a pagar pelo item, demonstrou seu envolvimento através da confecção dos docinhos. Como resultado destes comportamentos de sacralização e dessacralização tem-se um índice de 2,6 pontos como resultado médio, demonstrando não essa uma grande preocupação dos entrevistados.

Buquê - Católica

O buquê é um artefato tradicional do casamento. Lia mencionou e sacralizou de forma especial o buquê. A noiva perdeu sua avó recentemente e através do buquê ela deseja homenageá-la. Para isso pensa em utilizar flores específicas, como margaridas ou de cerejeira para compô-lo. A base do buquê ela irá fazer de camufel com fotos de pessoas importantes para ela. Tal sacralização pode ser classificada como por **mistério** e **objetivação** como se as fotografias utilizadas em seu buquê tivessem a capacidade de trazer de alguma forma, a presença e participação destas pessoas importantes para a noiva, no dia de seu casamento.

Otnes e Pleck (2003) comentam que o buquê é direcionado às convidadas e não especificamente à noiva. O lançamento do buquê é uma declaração sobre a importância de ser casada para mulheres. Lançar o buquê de mulher para mulher simboliza a importância de uma única mulher encontrar um companheiro. A mulher que pega o buquê é supostamente a próxima a casar. O lançamento do buquê acaba sendo algo desconfortável para algumas, pois

sugere que seus *status* de solteira são de segunda classe. Ao contrário do que os autores propõem, o buquê também aparece como importante para as noivas que mencionaram o artefato. O resultado médio para o objeto de atitude é de seis pontos, um índice considerável de sacralização, visto que ao contrário do que os autores abordam, este artefato aparece imbuído de significado emocional e de certa forma representa a personalidade da noiva através da escolha das flores e mesmo do estilo de arranjo.

Lembrancinhas - católica

Além de todos os preparativos, os noivos se dedicam também pensando em seus convidados e lembranças para a audiência. Otnes e Pleck (2003) elencam canecas personalizadas, pequenas molduras, chocolates, balas, ou mesmo coisas que tenham significado de cunho étnico, como as amêndoas no caso norte americano ou no brasileiro o bem-casado, uma espécie de pequeno pão-de-ló confeitado. Para os autores, estas lembranças da ocasião garantem que o evento vai viver na mente dos convidados algum tempo depois de ser concluído.

Para Lia, o bem casado foi indispensável. Além de ser tradicional, para ela o bem casado seria suficiente para que seus convidados lembrem com carinho do evento no dia posterior. Além disso, esta lembrança representa para a noiva, o que o próprio nome sugere: uma promessa de um bom casamento. Lia comenta

E eu tive uma ideia muito legal. Colocar uma árvore toda com fotos, preta e branca, tipo assim, da minha vó com meu vô, da minha mãe com meu pai. Minha irmã com o marido dela, meu Irmão, todo mundo. E do noivo também. Uma parte da árvore minha, uma parte da árvore dele. Como vai seguir uma linha meio rústica, com folhagem no casamento, Colocar uma plaquinha, aqui estão os bem casados. Fofa, né?. (sic) (Lia, 26 anos, casal C)

Este comportamento de sacralização pode ser caracterizado por **objetivação**, visto a intenção de tornar o objeto como uma lembrança dos momentos da festa, além de representar uma promessa de um bom casamento.

Priscila e Alexandre, assim como Maressa e Benjamim, optaram por uma lembrancinha personalizada, mas barata. Segundo Maressa eles pesquisaram e escolheram um copo de acrílico, que segundo eles “foi o mais em conta e a gente achou muito melhor que dava para as pessoas levarem”. Não houve necessariamente uma dessacralização do item,

visto a preocupação de personalizar o quitute, mas a sacralização por objetivação que não foi muito forte, já que o item foi escolhido mais em função de uma formalidade do que de um forte desejo do casal de ser lembrados posteriormente a festa.

Sara escolheu presentear seus convidados com “caixinhas de perola” “uma caixinha de MDF, toda encapada na perola”. Ela mesmo comprou os materiais necessários para confeccioná-las, mas ao lixar a caixa ela teve uma reação alérgica e decidiu contratar uma artesã que irá executar todo o processo. Este caso também caracteriza uma sacralização por **objetivação**. Estes artefatos utilizados para agradar os convidados obtiveram um resultado médio de 6,4 pontos demonstrando sua importância e conseqüentemente, a sacralidade, especialmente para as noivas, que se preocuparam em presentear os convidados com algo que fosse significativo a eles. Além disso a modalidade de lembrança “bem casado” aparece como algo tradicional o que naturalmente já imbui o artefato de sacralidade.

Decoração- Católica

Alguns itens de decoração foram citados pelos noivos, como as flores e o tapete, que são artefatos opcionais para a celebração do casamento na igreja, mas ao que parece já se tornaram tradicionais neste ritual. No entanto o tapete não é mais permitido em algumas igrejas católicas, principalmente porque as cerimônias ocorrem tradicionalmente antes e depois das missas, assim a missa pode atrasar, pois a decoração está sendo removida, ou mesmo o casamento atrasar por estar sendo colocada a decoração. Essas sanções acabam inibindo comportamentos de sacralização já que isso está pré-definido pela igreja. As flores são permitidas na maior parte das igrejas, mesmo com as restrições em relação a itens de decoração, estas ainda são utilizadas em arranjos maiores e mais fáceis de remover.

As flores para Priscila foram importantes. Ela exigiu que fossem brancas na igreja e na recepção não havia restrições de cores a serem utilizadas. Houve então uma **objetivação** do desejo da noiva na escolha da cor das flores da igreja.

Como mencionado anteriormente, Otnes e Pleck (2003) abordam que estes elementos de decoração (tapetes, flores, louças, talheres elaboradas, vasos, lustres, moveis elegantes, entre outros) não eram comuns nas celebrações. Pela influência das celebrações de judeus ortodoxos é que os casamentos cristãos católicos inseriram tais itens as suas celebrações, dentro das paróquias e catedrais.

É possível notar que a decoração pode ser sacralizada de formas diferentes, alguns itens são sacralizados por **mito**, já que se trabalham coisas tradicionais, passadas de alguma forma aos indivíduos. Outra maneira ainda é o significado particular que tais itens podem apresentar. A noiva Lia vai apresentar fotos de casais de sua família e do futuro marido, com a seguinte frase, “aqui estão os bem casados” também se classifica como **mito**, já que há ideia que estes casais representam bons exemplos de casamento. Outra forma de sacralização é o **compromisso individual**. Ao fazerem os itens de decoração o casal, mas em especial a noiva que sente uma satisfação e alegria por estar construindo seu ritual de forma pessoal. Como no caso de Priscila, que valorizou alguns dos objetos da decoração por serem escolhidos por ela ou por confeccionados parentes próximos. Sendo assim, notou-se uma sacralização por **objetivação**, visto a materialização do carinho e da personalidade da noiva e seus parentes através da decoração. Este artefato teve como resultado médio de atitude quatro pontos, resultado da importância do artefato que foi diminuída pelo valor cobrado por empresas que prestam serviços de aluguel e decoração de eventos.

Data da celebração Católica

Como mencionado na revisão de literatura durante o período de noivado, muitos casais dedicam tempo e esforço considerável para os preparativos do casamento. Entre os inúmeros preparativos do casamento que devem ser feitos, o casal primeiro tem que se preocupar com uma data para o evento. Vários casais religiosos ainda evitam dias santos, outros grupos religiosos tendem a agendar casamentos durante meses ou estações específicas.

Sara, indo contra a ideia de evitar dias santos, escolheu o dia 13 de dezembro. Ela relata que ficou com a data do casamento na cabeça, deveria se casar naquela data. Ao descobrir que era dia de Santa Luzia reafirmou sua convicção de que deveria celebrar seu casamento naquele dia. Há, assim, uma sacralização por **mito** visto ser um dia sagrado conforme a tradição. A data do casamento ainda aparece como algo primordial na preparação dos casais, este é de forma unânime a primeira coisa que os noivos católicos relatam que definiram. Isso se dá principalmente, pois necessitam da disponibilidade das paróquias e *buffets* com certa antecedência.

Ao contrário de Sara, André não gostou muito da data escolhida, o que demonstra uma forma de **dessacralização**. Devido às atividades desenvolvidas pelo casal no âmbito

profissional, o noivo acredita que a data estava muito próxima e que os afazeres são muitos. Mas concorda que se não marcasse uma data o evento nunca aconteceria.

Lia diz que a primeira coisa que ela fez ao chegar da viagem onde havia sido pedida em casamento foi ir junto com seu noivo marcar a data do casamento. Isto ocorreu, segundo ela, a concorrência de datas na catedral. Ela escolheu maio, no mês das noivas, e também por preferir se casar em um mês com temperaturas mais amenas, principalmente por causa do vestido. Assim, há sacralização por **objetivação**, visto a busca por uma lógica, um cronograma, ao planejar para casar na catedral em um mês com temperaturas amenas. Lia sacraliza a data por **mito**, visto a tradição de que maio é o mês das noivas.

A intensidade de sacralização para este objeto de atitude foi de apenas 3,9 de pontuação, revelando que apesar de fundamental para que o evento ocorra, a data não é algo tão importante para noivos sendo passível de mudanças conforme a necessidade do casal.

Aliança - Católica

Como mencionado ao tratar da benção e da troca de aliança, há uma forte relação da tradição judaica com os rituais de casamento cristão católicos. Weinstein (2004) e Otnes e Pleck (2003), assinalam a troca de anéis com diamantes como evento que marca o início de noivado e um posterior casamento. Assim, este objeto tem grande importância, tanto pelo que representa no contexto religioso, uma materialização do sacramento, quanto no que tange na representação do **compromisso individual** do casamento sacralizando este objeto.

Gabriel comenta “após a benção das alianças e a troca das alianças, acho que é um momento que sela o matrimônio, ali eu acho que é bem bacana acho que é mais importante ali nesse aspecto”, foi na troca das alianças que ele se sentiu casado. Representando sua mudança de *status*, *communitas*, e a **objetivação** do compromisso simbolizado naquele artefato. A intensidade de sacralização é mediana, pois o momento da troca de alianças é mais lembrado que o objeto em si. Isso resulta médio para o objeto de atitude de 4,5 pontos.

Porta alianças - Católica

Quem levaria as alianças até o altar no casamento de Priscila seria seu sobrinho. Ao ir a loja comprar a porta alianças o vendedor ofereceu um ursinho. Ela disse que, por ser um menino que levaria as alianças, preferiria algo mais masculino. Priscila encontra um príncipe pelúcia que lhe chamou a atenção e comprou o príncipe para ser o porta alianças que o sobrinho levaria ao entrar na igreja. Há, portanto uma sacralização por **objetivação**, visto ser personalizado para o casal. Este artefato obtém, então, um resultado significativo para objeto de atitude de 6,3 pontos.

A) Bíblia

A Bíblia tem uma relação importante com a sacralização do casamento. Otnes e Pleck (2003) abordam que as conexões comemorativas para eventos específicos são muitas vezes feitas por meio de ações familiares íntimas, como a inclusão de uma Bíblia da família ou livro de orações na cerimônia. As mensagens e falas dos padres, já mencionados como de extrema importância, na maioria vezes advém desse livro. No entanto, este artefato tão importante para o contexto cristão, não é mencionado de forma que configure comportamentos de sacralização. Os respondentes apenas tratam sobre a entrada deste artefato e nada mais. Uma das noivas menciona que usará tal artefato como lembrança aos padrinhos, mas também não apresenta isso como algo extraordinário, e sim como algo corriqueiro e comum. A Bíblia é, para ela, naquele momento mais uma lembrança e não especificamente um livro sagrado. Algumas noivas comentam

Os padrinhos ao invés de ganhar flores, quando a gente cumprimenta a gente vai dar bíblias (Sara, 24 anos, Casal B)

Ai cauã levou a bíblia (Priscila, 36 anos, casal D)

O resultado médio para o objeto de atitude Bíblia é 0,8 de pontuação, um resultado baixo em comparação a importância que o livro tem para a crença cristã. Isso pode se relacionar a importância dada pelos párocos e a comunidade ao manual “celebração do matrimônio”, bem como a importância dadas aos dogmas e aos líderes religiosos em detrimento ao dado a Bíblia.

Terço - Católica

A noiva Lia sonha em ter um casamento repleto de tradição, para ela o terço faz parte disso, assim, a entrada da noiva com este artefato na mão pode ser classificada como uma sacralização por **mito** para Lia. Hill e Daniels(2008) comentam que a utilização de terços era comum nos casamentos hispânicos tradicionais. Um rosário ornamentado ou em corda branca é enrolado em torno da noiva e do noivo em forma de oito, circundando os dois e cruzando entre eles. Se um terço é utilizado, o oficiante do casamento, diz uma oração especial de bênção, e o rosário torna-se então uma herança de família.

No Brasil é comum que as noivas entrem com o buquê e um terço nas mãos. Destas duas formas o **mito** é a forma pela qual o terço é sacralizado. Entretanto, somente Lia cita o artefato. Priscila comenta sobre outro artefato religioso singular a denominação católica, uma imagem de nossa senhora. No entanto ela apenas fala que uma criança entrou carregando a imagem da santa. Mesmo que de forma implícita, a fala de Priscila caracteriza certa sacralização por **mito**. O Resultado médio para o objeto de atitude é nove demonstrando que da mesma forma que esses objetos são sagrados para a religião eles são sacralizados pelos entrevistados.

Fotografia e vídeo - Católica

Existem itens que são empregados após o evento e servem para lembrar os noivos de como foram os momentos passados no ritual. Para Otnes e Pleck (2003) as fotografias de casamento, são originalmente destinadas a provar *status* e formalidade. É uma forma de encapsular e consagrar os seus sentimentos românticos um pelo outro, preservando a magia de todos os momentos do casamento. Como se trata de algo que não é sacralizado no momento, mas que se contrata para sacralização futura, através da fala e pelas atitudes dispostas, é perceptível que realmente não há uma sacralização no ritual. Isso, pois não se tem nenhuma foto oficial consumida, excluindo as fotografias particulares registradas e postadas em tempo real nas redes. Além das fotos do evento em si, uma prática que tem se tornado comum são as fotos feitas no intervalo entre a cerimônia e o casamento. Os fotógrafos e os noivos saem para algum lugar, ou mesmo na igreja a fim de fazerem retratos dos noivos, uma espécie de pequeno ensaio fotográfico do casal. Os noivos mencionaram o fato, mas não o

fazem com tanta empolgação assim não há como apontar indícios de comportamento de sacralização.

Apesar de não haver sacralização imediata algumas escolhas foram feitas pensando no resultado final das fotos. André optou por se arrumar em um hotel, e comenta que a escolha foi “mais pela questão de foto” ele ainda comenta que, além das fotos do denominado *making off*, uma espécie de ensaio onde os noivos são fotografados se arrumando para o evento também irá compor o álbum, “A gente vai tirar fotos depois da cerimônia, mas os convidados já vão direto para o salão para o *buffet*”, comenta.

Priscila também teve os dois momentos mencionados por André, “Eu sentei com um rapaz e ele fez o *makingoff*, tirou foto da decoração, e tirou foto na igreja e na festa”, mas como forma de cortar custos não irá comprar o álbum que é ofertado com uma seleção de fotos feita com noivos. Sacralizado por **objetivação**, ela comprou apenas um CD com as fotos tratadas e ainda optou por não ter filmagem.

Priscila e Alexandre também pensam nos momentos das fotos. A noiva conta que uma papelaria¹⁶ elaborada foi preparada pela equipe da paróquia para marcar os lugares na igreja, além disso, mesmo que simbólico eles preparam certificados para que fique registrado nas fotografias algo mais bonito. Configurando uma sacralização por **objetivação**. “Eles fazem os papeizinhos na igreja mesmo, mais para tirar foto, para ficar bonito.”

Maressa teve o momento de fotografias particulares, mas ela diz que nunca havia solicitado tal serviço, nem gostaria de tê-lo recebido. Apresentando um comportamento de **dessacralização**. Maressa e Benjamim gostaram das fotos do intervalo, mesmo Benjamim não gostando da idéia a princípio. Contudo, no momento em que estavam no hotel ou mesmo na avenida onde eles escolheram para as fotografias, Benjamim relata ter sido boa ideia.

Um artefato que envolve memórias, mas no entanto é consumido na hora da festa e foi mencionado por alguns casais, é o vídeo apresentado durante a festa. Lia diz que o vídeo é um momento que emociona, que para ela é importante. Para Maressa a sacralização do vídeo se deu, pois fotos de seu pai, que é falecido, apareceram nas imagens. Assim ela preferiu ver o vídeo antes, para não se emocionar tanto no momento da festa.

E eu acho bonito isso, na hora do vídeo, né?. Que tem aquele vídeo, que emociona, qualquer um [...] depois no final, como que chama aquele mini

¹⁶ Termo utilizado para designar os itens de identificação, cardápios, cartões de agradecimento, placas, *tags* e convites.

vídeo? Depois que acabou o casamento e daí chega o vídeo, com o *making off* (Lia, 26 anos, casal C)

A minha mãe falou: você não chore que eu vou chorar[...] ai a agente fez aqueles vídeos de apresentação de fotos infantil tudo ai tinha fotos do meu pai, e até eu pedi para ele. O vídeo, a gente casou no sábado e o vídeo chegou na quinta né amor? Assim que chegou o vídeo eu vi o vídeo porque eu sabia que eu ia abria a boca a chorar. (Maressa, 26 anos, casal F)

Outros casais, no entanto, não acham que este é um momento especial, pelo contrário, André acredita que é um momento de incômodo para os convidados. Pois ele mesmo se sente desconfortável de parar o que está fazendo durante a festa para assistir o vídeo especial dos noivos.

Este item teve um índice de resultado médio para o objeto de atitude de três pontos, o que configura uma sacralização baixa, mas significativa, visto se tratar de um item da festa, não tradicional, e de origem naturalmente comum e não sagrado no contexto do ritual. Resultado médio para o objeto de atitude de fotografia -0,3, refletindo a ideia de que as fotos não são consumidas no casamento. O artefato vídeo obteve um resultado médio para o objeto de atitude de três pontos.

Musica- Católica

Durante a cerimônia, hinos e outras músicas com significado espiritual podem ser executados. Hill e Daniels (2008) abordam que embora a música secular seja mais popular, por vezes, também são utilizadas canções religiosas se relacionadas com os temas do casamento, amor e compromisso. Músicas especiais muitas vezes são escolhidas pelos noivos para acompanhar partes da cerimônia. Se um parente ou amigo próximo do casal é músico pode ser convidado a se apresentar durante a cerimônia. Músicas comumente usadas em cerimônias religiosas modernas incluem *Marcha Nupcial* de Felix Mendelssohn e os segmentos de *Ode à Alegria* acompanhadas pelo quarto movimento da *Nona Sinfonia* de Beethoven.

No Brasil, no contexto católico, é comum utilizar *Ave Maria* na entrada da noiva. Maria vai utilizar essa música para surpreender seu pai, já que este era um sonho dele “Eu coloquei uma música para minha entrada, que é uma música simples aquela *Ave Maria*, que meu pai sempre falou que era o sonho dele”. Pode-se dizer que este comportamento de

sacralização se dá por **Êxtase e transcendência**, já que é através de uma música naquele determinado momento é que vai se concretizar o sonho de seu pai.

Além da sacralização por **êxtase e transcendência** a música pode ser sacralizada por **mito**, visto que os noivos são instruídos que a música a ser utilizada na cerimônia deve ser cristã e não secular.

No caso de Maressa e Benjamim, preferiram um cantor contratado, mas que fosse religioso. Outras noivas ainda gostariam de utilizar músicas seculares em suas cerimônias, Lia têm vontade de começar sua entrada com o prelúdio da *Marcha Nupcial* e depois com uma música secular importante para o casal. O que pode caracterizar uma sacralização desta música popular. Também como forma de **objetivação**, pois a noiva busca demonstrar algo do perfil do casal em forma de música. Além disso, Lia sonha com uma musicista que é atuante no mercado de casamento, é possível identificar um comportamento de sacralização por **êxtase e transcendência** ao dizer que ela fica arrepiada com a forma como a musicista executa essa mistura da marcha nupcial com músicas seculares.

Priscila e Alexandre tiveram um contratempo e trocaram o estilo de música na primeira dança do casal Maressa e Benjamim apenas citam que tiveram valsa, sem exprimir nenhum termo que conotasse sacralização ou dessacralização. O resultado médio para o objeto de atitude de quatro pontos positivos, confirmando a sacralização por parte de alguns dos participantes de rituais de casamento entrevistados, mas ao mesmo tempo apontando que apesar de ser lembrada com carinho, não se torna mais importante que os aspectos religiosos. O Quadro 9 apresenta um resumo dos artefatos do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados católicos.

Artefatos	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(20) Vestido da noiva	Compromisso individual (1); dessacralização (7); mistério (1); Mito (1); Objetivação (11)	4,0
(1) Roupa do noivo	Dessacralização (1)	-9
(26) Igreja	Ritual (4); compromisso individual (3); Dessacralização (2); mistério (3) ; mito (16); objetivação (3)	7,4
(11) Comida	Objetivação (11)	6,5
(2) Bebida	Objetivação (1) dessacralização (1)	2,0
(6) Bolo	Objetivação (3); dessacralização (3)	2,5
(2) Topo do bolo	Objetivação (1); dessacralização (1)	2,5
(12) Doces	Dessacralização (3); mito (1); objetivação (8)	2,6
(6) Buquê	Mistério (1); objetivação (6)	6,0

(12) Lembrancinha	Objetivação (11); dessacralização (1)	6,4
(17) Decoração	Dessacralização (4); objetivação (13)	4,0
(9) Data	Dessacralização (2); Compromisso compartilhado (1); Compromisso individual (1); mistério (1); mito (1); Objetivação (4)	3,9
(4) Aliança	Dessacralização (2); Mito (1); Mistério (1);	3,8
(3) porta aliança	Objetivação (3)	6,3
(2) Bíblia	Dessacralização (2); objetivação (2)	0,8
(1) Terço	Mito (1)	9,0
(12) Fotografia	Dessacralização (10); objetivação (2)	-0,3
(3) Vídeo	Êxtase e transcendência (1) ; dessacralização (2)	3,0
(8) Música	Dessacralização (2); êxtase e transcendência (1); mito (3); objetivação (2)	4,0

Quadro 9 – Resumo dos Artefatos rituais sacralizados por noivos e recém casados católicos.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.1.4 Sacralização da audiência do ritual- Católica

Por fim o último elemento que caracteriza o ritual, segundo Rook (2007) é a audiência ou platéia. É ela que mais diferencia o ritual do hábito. Por ser um comportamento maior e plural, diferente dos hábitos que tendem a ser menores e privados. A audiência é o que transforma este momento em coletivo e de certa complexidade.

Maressa e Benjamim relatam que tiveram certa dificuldade ao realizar a escolha dos convidados. Sua lista era limitada, no máximo 120 convidados. Eles tinham dúvidas se as pessoas iriam realmente ir ao seu casamento e por isso ponderaram bastante sobre quem convidariam para presenciar o ritual.

Como comentado anteriormente, a família, em especial os pais, tem uma forte influência sobre a lista de convidados. Benjamim conta que o pai sugeriu alguns convidados, mas que o casal não se sentiu pressionado quanto a isso. Outro momento descrito retrata a importância dos personagens principais em detrimento aos convidados. A noiva de Benjamin diz que “O convidado entra antes, mas para iniciar o casamento, o noivo inicia a noiva fecha” (sic) retratando a sequência e o grau de importância dos participantes frente à audiência.

André tinha outras preocupações. A escolha do horário foi importante especialmente pelos convidados. Ele queria um horário que fosse bom e confortável para sua audiência. Relata que, mesmo que seja a cerimônia no religioso o mais importante, há sempre

uma tensão quanto ao bom tratamento para seus convidados. Que o ambiente esteja descontraído e alegre.

André relata também que preferiu contratar uma banda, mesmo que tenha amigos músicos. Sua intenção com este gesto é de que seus amigos, que também são convidados, aproveitem a festa e não necessitem trabalhar ou se preocupar com ensaios antes do evento. A audiência do ritual, em especial os convidados, foram mencionados com menor grau de sacralização, ao se observar o contexto geral. No entanto, alguns casais dão maior importância a esta faceta do ritual em detrimento de outros. Assim, este resultado médio para objeto de atitude de 1,4. Pouco sacralizado se levar em consideração que principalmente a recepção, que o momento onde o casal mais investe financeiramente é construída para a audiência.

O Quadro 10 apresenta um resumo da audiência do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados católicos.

Audiência	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(7) Convidados	Dessacralização (4); mistério (1); objetivação (2)	1,4

Quadro 10 – Resumo da audiência do ritual sacralizados por noivos e recém casados católicos. Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.2. O Matrimônio nas igrejas Evangélicas de Missão

O protestantismo teve seu início a partir do século XVI. Começou como um movimento cujo principal objetivo era causar uma reforma nas práticas religiosas da Igreja Católica. Daí surgiu o nome Protestantismo. Este movimento foi composto por diversas pessoas, a maioria ligadas diretamente à Igreja Católica. Estes homens eram ministros, padres ou professores de universidades que não concordavam com alguns pontos doutrinários apresentados pela fé católica. Alguns desses pontos tratavam da cobrança de indulgências, da salvação pelas obras e da tradição eclesiástica como a palavra final em assuntos de fé. Vários homens se destacaram como precursores no movimento protestante como John Huss, John Wycliffe, João Calvino, William Tyndale e o maior expoente da Reforma, Martinho Lutero. O movimento protestante se caracteriza por apoiar suas doutrinas em alguns pontos: a Bíblia como única regra de fé e prática, a justificação mediante a fé em Jesus e a salvação unicamente pela Graça. Após os primeiros anos da Reforma Protestante houve ramificações

em diversas outras denominações. Ainda assim, estas novas igrejas mantinham uma fé de confissão protestante. São algumas igrejas resultantes da Reforma: a Igreja Luterana, Igreja Presbiteriana, Igreja Batista, Igreja Calvinista, Igreja Metodista e, derivada de algumas destas ramificações, a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Atualmente, o número de pessoas que possuem religião de origem protestante constituem 22% da população brasileira¹⁷.

A seguir serão descritos como ocorrem os casamentos em duas igrejas protestantes históricas. Dessas igrejas foram entrevistados pastores Adventistas do Sétimo Dia e Presbiterianos. Os adventistas do Sétimo Dia se denominam uma igreja cristã protestante. Foi fundada em 1863 nos Estados Unidos. Tem como

A) Missão

Fazer discípulos de todas as nações, comunicando o evangelho eterno no contexto da tríplice mensagem angélica de apocalipse 14:6-12, convidando-os a aceitar Jesus como seu salvador pessoal e unir-se a Sua igreja remanescente, instruindo-os para servi-Lo como Senhor preparando-os para sua breve volta;

B) Visão

Em harmonia com as grandes profecias das escrituras, esta doutrina entende que o clímax do plano de Deus é restaurar toda a sua criação a completa harmonia com sua perfeita vontade e justiça.

A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma federação de igrejas que tem uma história em comum, uma forma de governo, uma teologia e um padrão de culto e vida comunitária. Organizadas no Brasil de maneira formal a partir de 1903.

As igrejas Presbiterianas de fé Reformada adotam todas as doutrinas apostólicas estabelecidas na Bíblia e formuladas em credos pelos grandes concílios ecumênicos da igreja primitiva. Ela é baseada em um relacionamento com Deus através da mediação de Jesus Cristo, baseado no Evangelho revelado por Ele e pelas escrituras sagradas. Como forma de compreender como os evangélicos de missão compreendem e conduzem o ritual matrimonial foram e entrevistados pastores, conforme apresentado na tabela 2 e por meio deles a indicação

¹⁷Fonte: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>>, acesso em 20 de abril de 2015.

e o acesso a manuais que regem o ritual em cada denominação pesquisada. Além da indicação de noivos e recém casados.

Nome	Idade	Formação	Denominação	Tempo de ministério	Número de casamentos realizados
Marcio	37	Teologia	Presbiteriana	20 anos	Não tem ideia
Pedro	60	Teologia	Presbiteriana	37 anos	Não tem ideia
Gilmar	35	Teologia, mestrado em teologia	Adventista do sétimo dia	12 anos	20 casamentos

Tabela 2 – Perfil dos Líderes religiosos entrevistados Evangélicas de missão
Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

O casamento na Igreja Adventista do Sétimo Dia

Em nota oficial a Igreja Adventista do Sétimo dia declara que o casamento foi estabelecido divinamente no jardim do Éden como relatado em Gênesis e confirmado por Jesus Cristo como monogâmico e heterossexual. Ao final da criação Deus formou os seres humanos, macho e fêmea, a sua própria imagem e instituiu o casamento. Esta união é baseada no físico, emocional e espiritual e “é na aliança entre os dois sexos, a que a Escritura se refere falando de uma só carne”. A diversidade dos dois gêneros humanos e a unidade proporcionada pelo casamento reflete a unidade na diversidade da Divindade, bem como “em toda a Escritura, exaltada como um símbolo do laço entre a Divindade e a humanidade”. Para eles é um exemplo do amor de Deus por seu povo.

Para os Adventistas, o Criador destinou a sexualidade no casamento para unir e para a propagação da raça humana. Assim no propósito de Deus além de unir, o casamento deve proporcionar “alegria, prazer e complemento físico”. Segundo a nota, o casal, cujo o amor lhes possibilitou conhecerem-se mutuamente no laço sexual, “é que uma criança pode ser confiada”, tendo, assim, um ambiente saudável com amor para crescer e se desenvolver. A nora diz

A união monogâmica no casamento de um homem e uma mulher é confirmada como o fundamento divinamente ordenado da família e da vida social, e o único *locus* de expressão genital ou sexual íntima correlacionada

[...]A Igreja Adventista do Sétimo Dia adere sem reservas a esta visão bíblica do casamento, acreditando que qualquer rebaixamento deste ponto de vista é em idêntica proporção um rebaixamento do ideal celeste. Pelo fato de o casamento ter sido corrompido pelo pecado, a pureza e a beleza do casamento tal como foi designado por Deus precisam de ser restauradas. Através de uma apreciação da obra redentora de Cristo e da obra do Seu Espírito no coração humano, o propósito original do casamento pode ser recuperado e a deleitosa e saudável experiência do casamento realizada por um homem e uma mulher que juntam as suas vidas na aliança matrimonial. (sic) (Nota Oficial de 23 de Abril de 1996)¹⁸

A Igreja Adventista, além de declarações oficiais, tem alguns manuais com instruções para a realização de cerimônias de casamento. Dentre eles, dois são os mais relevantes sobre o assunto. O primeiro é o Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que aponta algumas questões como quem está autorizado a realizar a cerimônia de casamento, quem pode ou não pode se casar, entre outras questões. O segundo deles é o Guia para Ministros Adventistas do Sétimo Dia. O primeiro está disponível em PDF nos *sites* oficiais da igreja adventista¹⁹. O segundo está disponível para venda em livrarias especializadas em literatura Adventista ou para aquisição impressa via *internet*.

Nestes manuais adventistas alguns pontos são colocados. Primeiramente na igreja Adventista do Sétimo Dia somente um pastor ordenado²⁰ pode officiar a cerimônia, não cabendo a nenhum outro membro ou líder esta função. O casal deve estar em conformidade legal perante o estado, ou seja, casado civilmente. A igreja não realiza casamento entre um membro e um não membro da denominação, nem de nubentes que já vivem maritalmente, pois para a Igreja o casal já está casado, não necessitando de uma benção nupcial. Está escrito

é mais provável que o casamento perdure e a vida familiar cumpra o plano divino se o marido e a esposa estão unidos e vinculados pelos mesmos valores espirituais e estilo de vida. Por estas razões a Igreja Adventista do Sétimo Dia desaconselha energicamente o casamento entre um adventista do sétimo dia e uma pessoa que não o é, e recomenda com muita insistência que os pastores adventistas do sétimo dia não realizam tais casamentos. (Manual da Igreja, p. 183-184).

¹⁸ Esta declaração foi aprovada e votada pelo Conselho Administrativo da Conferência Geral em 23 de Abril de 1996.

¹⁹ Disponível em <<http://adventistas.org.br>>, ou <http://adventistas.org.pt>. acesso em 20 de julho de 2015.

²⁰ Que já passou pelo estágio de avaliação enquanto ministro e está autorizado a realizar determinadas cerimônias eclesiais como casamento e batismos.

No Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia existem dez requisitos relacionado ao casamento de pessoas que já estiveram casados. Sobre isso Pastor Gilmar comenta que

se o indivíduo se divorciou legalmente, [...] E é a parte culpada, então, se ele adulterou [...] ele é proibido de se casar novamente na igreja. A igreja não faz o casamento desse indivíduo porque ele está em transgressão, entendeu? Então ele só poderá ser livre para casar novamente quando a parte vitimada se casar. Se a parte vitimada não se casar, se[...]desejar ficar sozinho para sempre o outro nunca terá a permissão da igreja para um novo casamento. a igreja não realiza casamento de pessoas que estão vivendo juntos, por exemplo: [...] se o indivíduo já está vivendo maritalmente, a gente já reconhece isso como casamento, porque pra Deus a consumação do casamento acontece com sexo, se o indivíduo já teve relação ele não precisa bênção do casamento, ele já está casado. (sic) (Gilmar, Pastor, Adventista do Sétimo Dia)

Os adventistas não prescrevem nenhuma liturgia nupcial. Os costumes variam amplamente de acordo com a tradição local. Há, no Guia, para ministros uma liturgia sugestiva, mas se algum pastor perceber que tal liturgia não condiz com as tradições locais as divisões e uniões podem sofrer adaptações. Casamentos em domicílio ou em outros ambientes devem ser planejados de acordo com as circunstâncias e gostos das partes envolvidas e de, certa maneira, são mais pessoais, em relação a casamentos realizados em igrejas que são abertos ao público.

A sugestão do Guia para ministros da Igreja Adventista do Sétimo Dia para o roteiro do ritual de casamento consiste em

- Prelúdio musical
- Livro de assinaturas dos convidados a porta
- Lugar dos convidados
- Entrada dos pais
- Música especial²¹
- Entrada do pastor e dos noivos
- Entrada dos acompanhantes da noiva
- Entrada da noiva
- O noivo recebe a noiva
- Apresentação da noiva
- Música especial
- A noiva e o noivo se dirigem a plataforma
- Sermão
- Votos
- Declaração de casamento
- Oração
- Música especial (pai nosso ou oração de casamento são muito apropriadas)
- Abraço de matrimônio
- Apresentação do casal
- Recessional (saída dos noivos)
- Saída dos pais
- Saída da audiência

²¹Denominada especial, por ser escolhida para aquele momento em especial

Este roteiro não é obrigatório, mas ajuda o casal a ter uma base no momento de organizar, juntamente com o pastor, a cerimônia. O casamento deve ser feito com modéstia e bom gosto, sem excessos. Visto tratar-se de um culto, deve ter músicas, postura e vestimenta condizente com a ocasião. O Quadro 11 apresenta um resumo dos elementos rituais propostos por Rook (2007) são sacralizados para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Personagens	Roteiro	Artefato	Audiência
Pastor	Benção nupcial	Domicílio ou outros ambientes	Público quando na igreja
Casal	Entrada dos pais	Livro de assinatura para os convidados	
Noivo adventista	Entrada do pastor	Os lugares dos convidados	
Noiva adventista	Entrada dos noivos	Música	
Pais	Entrada da noiva		
	Entrada dos acompanhantes da noiva		
	Entrada da noiva		
	O noivo recebe a noiva		
	Apresentação da noiva		
	A noiva e o noivo se dirigem a plataforma		
	Sermão		
	Votos		
	Declaração de casamento		
	Oração		
	Abraço de matrimônio		
	Apresentação do casal		
	Recessional (saída dos noivos)		
	Saída dos pais		
	Saída da audiência		

Quadro 11 – Elementos do ritual de casamento sagrados para a Igreja Adventista do Sétimo Dia
Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

O casamento na Igreja Presbiteriana

O casamento para a Igreja Presbiteriana do Brasil, segundo pastor Marcos é algo muito significativo, é o início, de uma família. A Igreja Presbiteriana não tem o casamento como sacramento. É algo sério diante de Deus. É a união de um homem e de uma mulher. Casamento, no conceito bíblico, é algo entre duas pessoas que constituem uma família e vivem juntos para sempre na dificuldade, na pobreza, na riqueza, com fidelidade.

Na Igreja Presbiteriana do Brasil é também responsabilidade exclusiva do pastor, devidamente ordenado, a realização de casamentos. É necessário que o casal tenha passado por tramites legais, assim como na igreja adventista, para se casar na Igreja Presbiteriana. O

pastor tem autonomia para realizar, conforme os processos necessários junto a um tabelionato, uma cerimônia religiosa com efeito civil e religioso. O pastor deve redigir uma ata de todas as atividades realizadas, inclusive de casamentos, anotando minuciosamente todos os dados para o arquivo da igreja (art. 31 da Constituição da Igreja).

A benção matrimonial só pode ser dada após o casamento civil, sendo este um pré-requisito indispensável. Na versão comentada da Constituição da igreja, o Reverendo Onezio Figueiredo, professor no seminário teológico presbiteriano, escreve que o casamento moderno é cada vez mais requintado e sofisticado. Todas as atenções são voltadas para a noiva, em sua entrada espetacular, durante a cerimônia e em sua saída. É papel do pastor focalizar a atenção dos fiéis na divina instituição do casamento, sua indissolubilidade e no modelo de Cristo e Igreja. O pastor deve orientar o casal quanto às músicas e instrumentos adequados em relação ao padrão confessional para a ocasião não secularizando e profanando o templo.

A Igreja Presbiteriana não adota padrinhos nem em batismos de crianças nem em casamentos, já que, segundo eles, a figura do padrinho é uma herança romana do tempo da inquisição onde a criança ou o casal, na falta dos pais tidos como hereges, eram batizados e recebiam o matrimônio sob a tutela de pais católicos substitutos. Assim se usa o termo testemunhas, não padrinhos.

A benção matrimonial dada a um casamento misto, ou seja, entre um membro e um não membro, fica a critério do Conselho da igreja local. A benção a casais não vinculados a Igreja Presbiteriana que julgará se os noivos temem a Deus e levam uma vida compatível com a ética cristã.

Quanto a casamentos de divorciados, se a parte fiel for membro da igreja, e deseja casar-se novamente, o conselho deve dar o apoio e autorizar o matrimônio, depois de provada sua inocência através dos procedimentos eclesiásticos necessários de acordo com cada caso específico. Assim também consta sobre Relações pré-matrimoniais

Tratando-se de gravidez pré-matrimonial, e a grávida mostrar-se realmente arrependida, e o casamento civil for efetuado, o pastor deverá orar com o casal e por ele em local semi-privado: lar dos pais, por exemplo; isto independentemente da disciplina eclesiástica a que ficam sujeitos os nubentes (SC-94-119). A IPB não reconhece o instituto da “união estável”, criada pela Constituição Federal de 1988, art. 226. (Artigo 18 da constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil)

Quanto a festas de casamento o conselho da igreja é que seja um evento festivo, mas solene, evitando um ambiente mundano com músicas, danças, inclusive a valsa e bebidas alcoólicas. Como comentado pelo Pastor Marcos em entrevista a Igreja Presbiteriana não possui nenhuma liturgia fixa para o casamento ficando a cargo da igreja local decidir qual é a melhor maneira de conduzir um culto de casamento adequado.

É, alguma coisa específica[...] específica, específica, não[...] sobre o casamento. O que a gente tem é aquilo que a gente tem como conceito, como tradição [...] Aquilo que a gente recebeu até dos nossos pais, essa ideia do casamento, da família, que vem [...] vai passando de geração em geração [...] Mas alguma coisa específica [...] não (Marcos, Pastor, Presbiteriana).²²

O Quadro 12 apresenta quais os elementos do ritual, conforme proposto por Rook (2007), são sagrados para as Igrejas Presbiterianas.

Atores	Roteiro	Artefatos	Audiência
Homem	Benção matrimonial	Igreja	Pública
Mulher	Festa solene		
Pastor			
Testemunhas			
Noiva cristã			
Noivo Cristão			

Quadro 12 – Elementos do ritual de casamento sagrados para a Igrejas Presbiterianas
Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

Preparação para o ritual nas igrejas Evangélicas de Missão

Adventista do Sétimo Dia

O Guia para ministros traz que antes do casamento é necessário que o casal participe de um aconselhamento pré-conjugal. O Guia aborda que há uma quantia considerável de material disponível para que o pastor ou mesmo outros membros capacitados para a preparação do casal para o matrimônio possam utilizar neste aconselhamento. Segundo o manual, entre os temas que devem ser abordados estão a adoração a Deus, a observância do

²²Disponível em <http://www.executivaipb.com.br/site/constituicao/constituicao.pdf> acesso em 20 de julho de 2015.

sábado, a recreação, a associação, o uso de recursos financeiros, a educação dos filhos (Manual da Igreja p. 183)

Segundo O pastor Gilmar ,a igreja exige que os noivos tenham um aconselhamento, o curso de noivos é uma condição. Para ele, se os pastores forem rigorosos não aceitaram o casamento quando não há o curso de noivos. “Se o casal não conseguir fazer com os demais noivos, pelo menos que faça com o pastor”, complementa Pastor Gilmar. Não há um formato específico para o curso, os assuntos trabalhado são os mesmos em diferentes sedes da igreja, e segundo o Pastor Gilmar cada vez mais o material utilizado também é o mesmo.

O curso ocorre cerca de duas vezes por ano, e geralmente é organizado nas sedes regionais da igreja. Como uma forma de conhecer como é oferecido esses curso nas igrejas Evangélicas de Missão, observamos um que ocorre geralmente em suas sedes regionais. O curso observado foi o da sede regional do sul do Paraná, em Curitiba. Ocorreu no domingo, dia 28 de setembro pela manhã. Ao chegar, os casais eram recepcionados com uma pasta que continha materiais como, DVD de palestras para casais, materiais para controle de orçamento, orientações para organização da cerimônia, festa de casamento, entre outros. O primeiro momento do curso foi um culto com louvores e orações. Logo após seguiu-se com palestras sobre controle financeiro, relacionamento familiar, sexualidade, diferenças entre o homem e a mulher e cerimonial. Para finalizar foi realizada uma breve meditação contando uma história sobre casamento. Em seguida foram sorteados brindes, como itens para casa e lingerie para as noivas. Após o sorteio a programação foi finalizada com uma oração e os noivos se dirigiram para um local onde estava sendo preparado um almoço. As mesas e todo o local estavam decoradas de forma especial como se fosse decoração de casamento.

Os casais pareciam bem interessados nas palestras e bastantes participativos. As palestras foram breves e realizadas por profissionais da saúde, administração financeira, cerimonialista, psicologia, além de pastores. O curso foi muito profissional, os funcionários da sede haviam preparado o material e recebiam os noivos.

Quanto às doutrinas, estas foram trabalhadas de forma mais específica pelos pastores, mas não muito abordadas já que para participarem do curso os casais já passam por uma entrevista com seu pastor, onde as questões mais específicas sobre as doutrinas da igreja são tratadas.

Igreja Presbiteriana do Brasil

Na igreja presbiteriana o curso de noivos e mais independente, sendo realizado em cada igreja de forma a atender seus membros. Na igreja onde Pastor Marcos trabalha ele ocorre em formato de sessões do casal com o pastor. “A gente tem uma preparação antes do casamento. Algumas sessões de aconselhamento, orientação. A gente procura fazer isso.” ele comenta que são aconselhamentos em formato de conversas sobre família, finanças, filhos.

Então, todos esses aspectos são tratados com os noivos. Tanto da questão da vida matrimonial em si, no dia a dia marido e mulher, para todas as questões administrativas do lar. Que é fundamental para um bom casamento, porque a não administração também traz conflitos. Acaba trazendo conflitos e desgastes no casamento”. (Marcos Pastor, Presbiteriana)

Não foi possível realizar a observação do curso e os aconselhamentos. na igreja presbiteriana. Buscou-se em três sedes da igreja na cidade de Maringá, no entanto estas também não tinham nenhum casamento, ou aconselhamento marcado no período da coleta de dados.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e não estruturadas com noivos e recém casados Evangélicos de Missão. Os entrevistados receberam nomes bíblicos para que os seus fossem resguardados. A seguir serão descritos processos de sacralização e dessacralização do ritual de casamento dos quatro elementos rituais propostos por Rook (2007), Papéis, Artefatos, roteiro e audiência. Cada um destes elementos gerou uma tabela com índices que classificam os elementos de -3 a +3 conforme o conteúdo encontrado nas falas dos entrevistados (NARDI, 2001; BARDIN, 1994; MINAYO, 2000). No Quadro 13 é apresentado o perfil dos noivos e recém casados entrevistados das igrejas Evangélicas de Missão.

Entrevistado	Casal	Idade	Profissão	Tempo de noivado	Tempo de casado	Quem está custeando	Data do casamento	denominação	Número de encontros com a pesquisadora
Daniel	Casal G	25	Administrador	1 anos e 4 meses	2 meses	Casal	20 de Setembro de 2014	Presbiteriana Renovada	2
Ester	Casal G	33	Química	1 anos e 4 meses	2 meses	Casal	20 de Setembro de 2014	Presbiteriana Renovada	2
Raquel	Casal H	25	Profissional de Marketing	2 anos e 5 meses	2 meses	Casal	26 de outubro de 2014	Adventista do Sétimo dia	2
Davi	Casal H	26	Técnico de informática	2 anos e 5 meses	2 meses	Casal	26 de outubro de 2014	Adventista do Sétimo dia	2
Jaqueline	Casal I	22	Auxiliar Administrativo	1 ano e 6 meses	Ainda não Casados	Casal	21 de dezembro de 2014	Adventista do Sétimo dia	2
Júlia	Casal J	21	Publicitária	1 ano	2 meses	Noivo e pais dos noivos	7 de setembro de 2014	Adventista do Sétimo dia	2
Eliel	Casal J	26	Administrador	1 ano	2 meses	Noivo e pais dos noivos	7 de setembro de 2014	Adventista do Sétimo dia	1
Joana	Casal K	22	Auxiliar administrativo	9 meses	Ainda não Casados	Casal	21 de dezembro de 2014	Adventista do Sétimo dia	2
Total de entrevistados E. de missão = 10				Total de entrevistas = 15					

Quadro 13 – perfil dos casais evangélicos de missão entrevistados

Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

4.2.1 Sacralização do roteiro ritual nas igrejas Evangélicas de Missão

Cerimônia Religiosa - Evangélicas de Missão

A cerimônia religiosa aparece como o momento mais marcante e significativo para os casais. É nela que, na tradição religiosa católica, o casamento é concretizado, essa herança permeia o comportamento de líderes e membros de comunidades cristãs protestantes de missão. Daniel, ao propor namoro, tinha em mente o casamento como meta “nunca passou pela minha cabeça que eu queria começar um namoro como um teste”. Para ele era necessário ter o casamento, “Tinha que ter por que o casamento não é uma invenção da sociedade civil, o casamento é uma invenção que vem lá do Genesis capítulo 26²³” Ao relatar o versículo da Bíblia Sagrada, em que diz “deixara o homem pois pai e mãe e juntar-se-á a sua esposa e serão uma só carne”, afirma que em uma concepção o casamento no civil é uma formalidade criada pelo homem e a benção real do casamento vem de Deus, para ele “não é a sociedade que vai assinar o papel e dizer vocês estão abençoados. É mais importante o religioso”. Um comportamento de sacralização por **mito**, já que através da Bíblia e dos ensinamentos em sua denominação a cerimônia religiosa aparece nestas falas como mais importante que o ato civil do matrimônio, visto que Daniel aponta o recebimento da benção de Deus por concretizar a união na igreja. Além disso o verso mencionado dá a ideia de mudança de Status, já que o homem deixa seus pais e passa a ser uma nova família com sua esposa, assim configurando uma sacralização por **communitas**.

Para Davi, “Deus não podia faltar [...] Deus era o convidado especial” Tudo que o casal fez, segundo ele não era unicamente para alegrar os amigos, a cerimônia religiosa culmina na bênção de Deus e para ele “o principal seria isso” era o mais importante. A cerimônia para Davi é sacralizada por **mistério**, visto a ideia da presença de Deus no momento da celebração.

Eliel também conta que o convidado principal de seu casamento era Deus, “primeiramente a Deus, Deus tinha que estar lá”. Para o noivo a cerimônia religiosa foi um convite para Deus, e ele comenta isso parafraseando a mesma passagem mencionada por

²³O entrevistado comenta Gênesis 26, no entanto recita o conteúdo encontrado no capítulo 2 verso 24 do primeiro livro da Bíblia.

Daniel “foi o convite pra Deus que eu tava casando, pra se tornar uma só carne uma só vida, uma só pessoa” (sic). Para Eliel, mesmo que o casal não tenha realizado a cerimônia em uma igreja propriamente dita, eles tiveram um casamento religioso, “para entrar nos conformes da Bíblia, perante Deus, você faz a cerimônia religiosa perante Deus. Tá na Bíblia” (sic). Assim a sacralização para Eliel se dá por **mistério**, visto a menção da presença de Deus. E por **mito**, pois há o comentário que remete a ensinamentos bíblicos de forma direta, influenciado a atitude do noivo em relação ao casamento religioso. Além de uma sacralização por **comunnitas** visto a ideia expressa pelo verso Bíblico de deixar pai e mãe e unir-se ao cônjuge formando uma nova família.

A noiva de Eliel, Júlia conta que sempre quis casar. Ela imaginava um “casamento dos sonhos”, por outro lado fala que seu noivo “queria só casar no civil e eu falei jamais, é meu” (sic). Júlia, no entanto, não comenta em nenhum momento especificamente sobre a cerimônia religiosa e a importância dela. E mesmo que ela fale que “não imaginava a emoção que eu ia sentir, [...] eu imaginava uma coisa e foi totalmente outra, foi muito mais” (sic) demonstra que a sacralização não se dá por motivos confessionais, mas por alguma outra influência que a fez associar este momento com uma parte do “casamento dos sonhos”. Portanto, esta é uma sacralização por **objetivação**, já que através da cerimônia religiosa houve a possibilidade de concretizar o desejo da noiva.

Ester conta que certa vez namorou uma pessoa que optava apenas pelo casamento no civil. “Eu terminei por causa disso [risos], porque eu queria casar na igreja” (sic). O namoro não deu certo, ela rompeu, pois acha “totalmente indispensável a bênção de Deus” e por considerar mais importante do que o casamento no civil. Para Ester casamento é algo espiritual, e “não é uma coisa capitalista”. Para essa noiva, algumas as pessoas se casam para dividir bens, ou construir riquezas, e comenta “Eu aprendi, eu acredito muito que Deus instituiu o casamento como uma salvação da humanidade” (sic), para ela o casamento é para ter um relacionamento e procriar. Devido a tais atitudes em relação ao casamento a sacralização para Ester se dá por **Mistério**, devido a presença e bênção de Deus para matrimônios religiosos bem como por **mito**, visto os aprendizados mencionados que a levaram a tais atitudes em relação ao casamento na igreja.

Jaque argumenta que a forma como está fazendo seu casamento é algo muito distante da realidade das pessoas. Que talvez nem aconteça mais. Já que, segundo ela, hoje em dia as pessoas apenas se juntam, não se casam mais. Para ela, “pelos meus princípios, eu sei

que o casamento verdadeiro é perante Deus”, Jaque acredita que a bênção divina vêm apenas pela cerimônia religiosa, desta forma apenas um casamento civil “não resolveria”, não seria válido. Essa convicção, foi revitalizada e fortificada no curso de noivos assistido pelo casal. A sacralização para Jaque se dá portanto através de **mito**, visto os ensinamentos do curso de noivos e a ideia de princípios, mencionada pela noiva. Além disso se dá por **mistério** já que para ela é através do rito religioso que a bênção de Deus é depositada sobre o casal.

Raquel conta que desde o início dos preparativos do casamento “já está valorizando mais, dando mais ênfase [...] pra cerimônia” para ela o “maior marco é o da igreja” já que é neste momento onde o casal, segundo ela, recebe a bênção de Deus perante os familiares e os amigos. É um momento que ficará marcado para o resto da vida como casal. A sacralização para Raquel se dá por **mito**, visto o depósito da responsabilidade sobre a igreja como maior marco, bem como por **mistério**, já que para a noiva a bênção de Deus é dada ao casal na cerimônia. Esta parte do roteiro obteve um resultado médio 7,5. Essa sacralização alta bem, demonstra claramente a importância dada aos aspectos religiosos do ritual em detrimento aos demais aspectos que não são naturalmente sagrados.

Entrada da noiva - Evangélicas de Missão

No casamento católico e protestante, o oficiante ou caminha pelo corredor para a frente ou entra na frente de uma porta lateral. Otnes e Pleck (2003) comentam que na tradição judaica o rabino e cantor liderarem a caminhada pelo corredor da cerimônia. Um silêncio cai sobre o público logo antes da cerimônia que está prestes a começar. Após este momento o público se senta em suas cadeiras ou bancos enfeitados com flores. Apesar de tradicionais estas entradas não foram comentadas pelos noivos entrevistados. Já outras formas comentadas e lembradas com certo carinho pelos casais como a entrada da noiva.

Os noivos entrevistados comentaram com entusiasmo o momento em que suas, agora, esposas entraram no local da cerimônia. Para Daniel a entrada da Ester na igreja foi a coisa mais emocionante que ele já viveu, “Eu acho que de verdade foi a coisa mais emocionante que eu vivi na minha vida, não lembro de nenhum momento que eu tive um êxtase, um momento único” (sic). Nesta fala do noivo é claramente visualizado um comportamento de sacralização por **êxtase e transcendência**.

Davi comenta que o momento mais marcante foi na entrada de sua esposa Raquel. Caracterizando uma sacralização por **mistério**, pois foi uma experiência profunda e cheia de significado para o noivo.

Eliel comenta que “a entrada, não tem pra bater” (sic), falando sobre a entrada de sua esposa Júlia. Antes da entrada da noiva, Júlia se posicionou atrás da porta do salão e com um microfone disse algumas palavras ao seu noivo. E ele que havia prometido não chorar, não se conteve. Júlia conta que sua entrada também foi marcante justamente pela mensagem que ela leu para seu noivo.

Ela falou desse jeito: que ela tava casando com o homem que ela amava e que ela queria que todo mundo prestigiasse aquele momento com ela [...] Ela me desmontou e chorei um monte essa hora, eu prometi pra ela que não ia chorar, mas nessa hora eu não consegui, eu chorei (sic) (Eliel, 26 anos, casal J).

Na minha entrada, antes de abrir a porta eu falei uma mensagem, prestando uma homenagem. Que ele chorou um monte pelo que eu fiquei sabendo e quando abriu a porta ele já estava meio se segurando, mas foi bem emocionante. Era alguma coisa que eu falava assim: estou aqui fora atrás dessa porta de braços dados com o homem que me deu a vida, o pai né, e daí a partir de agora ia abrir a porta e iríamos formar uma família, não me lembro bem a fala, mas era isso (sic) (Júlia, 21 anos, casal J).

A sacralização neste contexto se dá pelo **mistério** visto ser uma experiência profunda e cheia de significado para ambos devido as palavras proferidas. Bem como por **êxtase e transcendência** para Eliel pois não se conteve diante daquele momento de grande emoção. Júlia comenta que entrou ao som de Clarins e um quarteto de cordas. Foi muito emocionante para ela, segundo a noiva uma emoção que não consegue explicar. O que caracteriza uma sacralização por **êxtase e transcendência**. Para a ela “A maior emoção do dia foi a entrada”.

Para Raquel, a sacralização de sua entrada se deu por outros motivos. Filha de pais separados ela escolheu que os dois, pai e mãe, a conduzissem ao altar. A noiva comenta que não se lembra de algum momento em sua vida toda onde esteve tão próxima dos dois ao mesmo tempo. Essa sacralização se dá então, por **mistério** visto a relação afetiva e o momento cheio de significado para a noiva.

A entrada da noiva aparece como um momento muito importante e significativo, é possível observar isso visto seu resultado médio para objeto de atitude de nove pontos. Esse resultado alto se dá por ser um momento que ocorre no contexto religioso e ao mesmo tem

onde a noiva é colocada em evidencia, dois fatores que juntos potencializaram este resultado no contexto das igrejas evangélicas de missão.

Jogar o Buquê - Evangélicas de Missão

Ester escolheu duas formas de jogar o buquê. Além da tradicional, ela lançou um sapo “para ele virar príncipe”. Essa nova forma, segundo ela diferencia seu casamento de outros que ela já foi. Há uma forte sacralização por **mito**, visto a tradição de jogar o buquê, e também pela ideia advinda de contos de fada de que um sapo se transforma em príncipe. E sacralização por **objetivação** visto o desejo de se diferenciar e personalizar o ritual.

Júlia conta que amou a parte do buquê “eu amei, morri” (sic). Júlia não jogou o buquê, da forma tradicional. Trancou o buquê em uma caixa e as convidadas solteiras pegaram cada uma, uma chave para tentar abrir a caixa. Há uma forte sacralização por **objetivação** devido à personalização da forma como o momento ocorreu, bem como uma forte sacralização por **mito**, pois ela conta que a dama que abriu a caixa do buquê realmente iria se casar. Assim, mesmo que de forma diferente, o “lançamento do buquê” tem a mesma função apontada por Otnes e Pleck (2003) ao comentar que a mulher que pega o buquê é supostamente a próxima a casar.

Raquel conta que um dos momentos mais especiais do casamento para ela foi jogar o buquê. Ela havia preparado uma surpresa para suas convidadas. Quando jogasse o buquê as flores se separariam no ar. Em cada uma delas tinha uma mensagem especial de carinho da noiva, Mensagens relacionadas a encontrar uma pessoa especial para dividir a vida, “achei esse momento que foi especial porque foi uma surpresa para elas” (sic), logo, há uma forte sacralização por **objetivação** quanto por **mito** pois, jogar o buquê, para essa esposa, está atrelado a ideia de encontrar um parceiro.

Este elemento do roteiro obteve um resultado médio de 6,8 pontos. Isso pois mesmo não sendo um momento relacionado ao contexto religioso, sua sacralidade advém da tradição popular, além disso as noivas pesquisadas buscaram acrescentar sua personalidade ao momento e ao artefato.

Entrada dos pajens – Evangélicas de Missão

Um momento marcante para os casais entrevistados foi a entrada das daminhas e os pajens. Daniel comenta que na entrada de suas daminhas ele havia combinado com a

assessora de descer do palco e pegar as alianças e os votos com as crianças. Mas não conseguiu combinar isso com a noiva. Quando as crianças chegaram entregara a aliança e os votos ao Daniel, mas não subiram para abraçar a Ester que ficou, de certa forma, perdida e decepcionada por não poder abraçar as meninas. Para Daniel, as meninas que foram damas também sentiram-se tristes por não terem este momento especial com a noiva já que estavam muito empolgadas para tê-lo. Dessa maneira, há uma sacralização por **mistério** devido a importâncias e carinhos que teve pelas meninas.

Júlia conta que a entrada dos pajens foi muito particular e especial. O primo do Eliel entrou com os votos “e ai foi aquela choradeira, né” (sic), tanto os noivos quanto os convidados se emocionaram com a entrada. E a outra entrada foi do primo da Júlia com as alianças. O menino estava trajado um terno preto e carregava uma maleta, como se protegesse algo. Eliel comenta que tudo que sua esposa pensou para o casamento foi estilo hollywoodiano, inclusive a entrada com as alianças. Isso caracteriza um comportamento de sacralização desta entrada por **objetivação**, já que era um dos desejos da noiva.

Raquel comenta que desde o início dos preparativos o foco era a cerimônia e as coisas que nela aconteceriam. Um destes momentos era a entrada das alianças, feita por duas de suas sobrinhas. Momento valorizado pela entrevistada. O que caracteriza como uma sacralização por **mito**, visto que a importância dada ao momento está atrelado a ideia de que a cerimônia é o mais importante. Ambos advém de sentimentos religiosos, segundo Raquel.

Este momento no ritual obteve um resultado médio para o objeto de atitude de nove pontos visto a carga afetiva direcionada aos atores e ao momento em que eles atuaram no ritual.

Troca das Alianças - Evangélicas de Missão

Otnes e Pleck (2003) afirmam que uma das possibilidades de surgimento da tradição da troca de alianças entre os casais se deu com os romanos. Comentam que esta prática se tornou comum pois muitos casais “esqueciam” de seus contratos nupciais, e assim as alianças os lembrariam de suas obrigações enquanto cônjuges.

Ester fala que o momento da troca das alianças foi marcante. Assim conclui-se a sacralização se dá por **mistério**, devido as questões emocionais envolvidas no momento que é citado juntamente com os votos.

Júlia diz que a troca das alianças foi importante e marcante para ela pelo simbolismo que esse momento carrega. Uma sacralização por **ritual**, pois o objeto e o gesto de troca estão imbuídos de significado advindo do ritual matrimonial.

Como resultado médio para este objeto de atitude obteve-se nove pontos. Esta sacralização alta se dá visto ser um momento dentro da cerimônia religiosa, bem como ser um ato realizado pelo casal, configurando um compromisso.

Mensagem - Evangélicas de Missão

Júlia e Eliel convidaram para presidir a cerimônia de casamento um pastor que consideram muito bom. Ele é amigo da família e durante seis anos foi pastor na igreja onde Júlia frequenta. A esposa conta que por isso a mensagem foi falada de forma particular, “bem pra nós, bem particular, personalizado, né” (sic). Há uma forte sacralização por **objetivação**, principalmente pela mensagem personalizada.

Ester fala que as palavras dos pastores durante a cerimônia ficaram marcadas “eles tinham palavras com autoridade de Deus mesmo. Então, tem algumas coisas que a gente ouviu que ficaram marcadas” (sic), seus líderes religiosos trouxeram mensagens de Deus. Assim há uma forte sacralização por **mistério**. Este momento do ritual obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 6,8 pontos demonstrando a importância destas falas no contexto da cerimônia religiosa.

Votos - Evangélicas de Missão

Na Inglaterra do século XVI, um noivado se tornava oficial quando o casal participava de um "contrato de casamento", no qual trocaram votos solenes semelhantes, aos repetidos no casamento. Otnes e Pleck (2003) comentam que algumas denominações dão a oportunidades para que o casal crie votos personalizados, enquanto outras denominações têm um *script* padrão que não pode ser alterado. Uma das influências católicas no formato do casamento protestante é a diferenciação entre votos de casamento sem o poder de estabelecer uma união e um compromisso irreversível.

Weinstein (2004) argumenta que os clérigos no Concílio de Trento (1545-1562) estabeleceram uma distinção entre um "voto em tempo futuro" e uma "promessa no tempo

presente.". O "voto em tempo futuro" ("*verba de Futuro*") é feito no momento do acordo entre as partes e destina-se a ser implementado no futuro, enquanto que o "voto no tempo presente" ("*verba de presenti*") é feito no casamento, quando os cônjuges se comprometem a viver a partir de então como um casal.

Os votos e os juramentos são momentos importantes para os casais. E podem assumir muitas formas, incluindo respostas simples a perguntas do oficiante ou declarações escritas, recitados de memória ou compostas espontaneamente. (HILL e DANIELS, 2008) Apesar de todo esse significado e por serem, segundo Hill e Daniels (2008), o centro da cerimônia de casamento, os votos foram pouco mencionados.

Daniel conta que este momento foi marcante para ele. Para Júlia a hora dos votos "foi muito especial" para ambos. Então, há uma sacralização por **compromisso individual** devido a promessa feita a seus respectivos parceiros.

Ester fala que os seus votos formam personalizados, "A gente conversou com o pastor, ele escolheu a gente escrever". Configura uma sacralização por **mito**, em razão da escolha foi feita pelo pastor e que eles aceitaram. Ela diz não saber como não chorou, "acho que eu tinha treinado muito: 'não chora, não chora, que a maquiagem não sei o quê'" (sic). Para ela foi emocionante, pois, por conhecer seu noivo sabia que aquele compromisso era verdadeiro, "Eu acho que eu conheço ele muito bem, e eu sei que aquilo era verdade, não era uma coisa bonita, só, que todo mundo vai ficar impressionado" (sic). Para Ester a sacralização se dá por **mistério**, devido a carga afetiva entre o casal. Além de **compromisso individual**, devido o compromisso assumido por ambos.

Para Jaque, que ainda não havia casado na data da entrevista, a troca de votos será um momento importante para o casal. Ela aprendeu mais sobre o seu significado através do curso de noivos que ela e o noivo participaram. A sacralização, portanto, se dá por **mito**, visto o aprendizado através do curso. Os votos tiveram um resultado médio para o objeto de atitude de nove pontos, se comparado com a mensagem do pastor esse momento aparece como mais sacralizado, o que pode relacionar-se a idéia de que é uma coisa efetuada pelo casal e entre o casal.

Beijo - Evangélicas de Missão

Após os votos, troca das alianças e a benção do pastor, segundo Otnes e Pleck (2003) o oficiante, concede a permissão de o noivo beijar a noiva. Este é um símbolo católico da permissão religiosa de se envolver em relações sexuais, mas que é estendido a tradição matrimonial protestante. O beijo foi originalmente entendido como um gesto para selar um acordo como é o caso Judaico, além de ser um gesto muito comum no oriente médio para este propósito. Otnes e Pleck (2003) também comentam que o beijo nupcial pode ser curto, demorado ou envergonhado. Os convidados às vezes podem bater palmas e assoviar. O fotógrafo tenta estar exatamente no lugar certo para capturar o momento na foto. O beijo é o que, simbolicamente, inicia o romance, tradicionalmente por parte do homem, bem como ocorre no momento do tradicional pedido de casamento e a proposta de casamento. Este gesto de certa forma reprisa a caminhada para o altar e proporciona o tipo de repetição simétrica que faz o ritual completo e satisfatório. (HILL e DANIELS, 2008; OTNES e SCOTT, 1996; OTNES e PLECK, 2003).

Mesmo com tanto significado, e de ser um dos momentos mais lembrados do casamento, esse instante foi lembrado apenas por uma entrevistada. Raquel comenta que o momento do beijo foi marcante, mas não dá maiores explicações do porquê. Isso pode estar relacionado a vergonha por ser este um símbolo da permissão religiosa de se envolver em relações sexuais. No entanto será considerada uma sacralização por **mistério**, entendendo que o gesto é apenas uma representação do afeto da noiva pelo noivo e isso é o que marcou o momento para Raquel. Este objeto de atitude obteve um resultado médio de nove pontos

Saída do Casal - Evangélicas de Missão

Após a cerimônia, o casal sai para que um segundo momento comece: a festa. Esta saída pode ser comum, mas também pode ser personalizada pelo casal. Daniel gostaria de sair com um carro conversível da igreja, “era uma vontade que eu tinha”.

Para Raquel, sua saída foi especial. Seu noivo a carregou no colo e todos os padrinhos sopraram bolhas de sabão no casal. Daniel e Raquel apresentaram sacralização por **objetivação** visto o desejo concretizado e o envolvimento emocional com o momento. Enquanto que **Ester** apresenta uma sacralização por **mistério** já que foi por realizar o desejo

do marido que ela demonstrou seu afeto. Desta forma este objeto te atitude obtém um resultado médio para o objeto de atitude de oito pontos. Mais uma vez a sacralização de momentos onde o casal é colocado em evidência e realiza a ação aparece como altamente sacralizado.

Festa - Evangélica de Missão

Para Hill e Daniels (2008) o tamanho das festas de casamento geralmente varia de acordo com a formalidade e do quanto é elaborado o casamento²⁴. Para a maioria dos recém-casados, a recepção é uma parte importante das festividades do dia do casamento. Após a cerimônia, a festa de casamento é desfrutada por todos os convidados, normalmente com uma refeição, dança e, em muitos casos, o consumo de álcool. Recepções de casamento podem ser realizada em qualquer lugar, mas os mais populares são grandes salões para recepções (HILL e DANIELS; 2008).

Joana comenta que a sua festa não vai ser do jeito que o casal gostaria, “vamos acabar fazendo por adesão, pelo custo que é muito alto” A refeição será paga por cada um dos convidados. A decoração do salão também não irá ser como a noiva sonhou. Ela acredita que a cerimônia religiosa será o que ela mais vai lembrar. Já a festa, acha que não irá aproveitar, por ter que atender a muitas coisas, e cumprimentar os convidados. É como se a festa fosse algo de todos e a cerimônia algo mais pessoal do casal. Ocorre, portanto, uma **dessacralização** da festa por parte da noiva.

Eliel fala que seu casamento foi diferente do que ele imaginava, alguns fatos que ele não gostaria acabam acontecendo, “Teve coisa que eu não quis e teve, ah! eu não queria festa”, ele gostaria de casar apenas no religioso e fazer uma viagem “mas eu não queria aquela festa, aquela bagunça, todo aquilo, sabe?” (sic). Há uma clara **dessacralização** deste momento do ritual por parte do noivo. O noivo ainda complementa que o casal acabou se desentendendo muito, pois sua noiva queria muito uma festa elaborada. Além disso a lista de convidados para o evento ficou extensa gerando ainda mais conflito.

²⁴ Conceito que é, de certa forma contraditório, se for observado a ótica dos denominados “Mini wedding”. Um casamento elaborado, com muitos detalhes pessoais para poucas pessoas, cerca de 60 há 80 pessoas. Nenhum dos casais entrevistados realizou/relizará um casamento a estes moldes.

No geral, o noivo acredita que foi uma boa festa, e diz que não mudaria nada mas complementa que gostaria de diminuir um pouco o custo e não colocaria nada a mais que encarece o orçamento.

Ester conta que o casal deveria escolher entre fazer a festa, que ambos queriam comprar um imóvel “Daí a gente largou mão de comprar. Daí a gente já teve as portas abertas pra fazer festa.” (sic). Há, portanto, uma sacralização por **objetivação**, visto o envolvimento do casal com o evento a ponto de deixar de comprar seu imóvel para realizarem a festa. Ester conta que alguns conhecidos os criticavam por optarem pela festa. Ela diz não ver problema em passar mais algum tempo morando em casa de aluguel, pois estaria casada.

Jaque conta que ela e seu noivo não permitiram muito a intervenção de outras pessoas na organização de sua festa. Uma vez que temiam que alguém quisessem escolher algo diferente do que eles gostariam. Para evitarem aborrecimentos, não deram abertura para sugestões, especialmente da família “Porque é uma coisa que é pra gente, uma festa que é nossa [...] e principalmente questão de família que gosta de querer escolher por você” (sic). O casal tem a festa como um evento que é deles, assim há uma sacralização por **objetivação**, posto o desejo que tudo saia conforme o casal planejado, além disso, há o envolvimento demonstrado por parte da noiva ao relatar a festa como do casal.

Este objeto obteve uma sacralização média para o objeto de atitude de 0,3 pontos demonstrando a baixa sacralização destinada a este momento de comemoração do casamento.

Baile e Danças - Evangélicas de Missão

Algumas tradições de danças de casamento tornaram-se características de festas nupciais. Em algum momento durante a festa, a noiva e o noivo compartilham sua primeira dança juntos (HILL e DANIELS; 2008). Eliel comenta que sua esposa, Júlia, gostaria muito de um casamento aos moldes norte americanos. Como na Igreja Adventista do Sétimo dia não é usual que seus membros dançam, a noiva buscou uma forma de animar seu casamento. Ela juntamente com o coral da igreja planejou e ensaiou uma *flashmob*²⁵ com a música *Como É Grande Meu Amor Por Você* de Roberto Carlos e durante a festa um tio da noiva começou a cantar e em várias mesas os convidados começaram a se levantar e de forma ensaiada e

²⁵ Aglomeração de pessoas em determinado local e horário predefinido para realização de uma ação inusitada previamente combinada.

sincronizada fizeram uma homenagem para o noivo. Assim houve uma sacralização por **objetivação**, visto o envolvimento da noiva e do noivo no momento.

Ester comenta que a igreja presbiteriana também não tem o costume de dançar, então não contratou banda, visto que nem ela, nem a maior parte dos convidados dançariam, “Não fiz banda, não gosto e dançar, nem o Daniel [...] nem a maioria dos nossos amigos [...] Porque a presbiteriana não tem muito isso” (sic). Desse modo, há uma dessacralização deste momento devido ao costume religioso de absterem-se de dança.

Jaque comenta que também não irá proporcionar um baile, “Uma coisa que não vai ter é música pra dançar”. A noiva explica que por princípios religiosos o casal fez esta opção. Ela complementa que foi advertido pelo pastor que realizará a cerimônia de que não deveria mesmo haver este momento de dança. Assim há uma clara dessacralização do baile para estes casais.

Por princípios religiosos. Na nossa religião não é permitido, então[...] são nossos princípios. Mesmo que a família dele não seja da igreja, e da minha também não[...] Alguns não ficaram de acordo, mas respeitaram, tipo “ah, não vai ter. Mas, fazer o quê”? Eles entenderam (sic) (Jaque, 22 anos, casal I)

Este momento do ritual obteve um resultado médio para o objeto de atitude de -3 pontos, uma dessacralização decorrente das crenças religiosas apontadas pelos casais e também pelo fato destas práticas por serem restritas na igreja pesquisada.

Corte do bolo- Evangélicas de Missão

Ester conta que quando assistia outros casamentos via o momento do corte do bolo e não achava legal. Então decidiu fazer em seu casamento de maneira diferente demonstrando assim uma **dessacralização** do momento. Ela conta que de fato o fez, mas não menciona a forma como realizou isso. Assim há um resultado médio para o objeto de atitude de -4,5 pontos, demonstrando assim esta dessacralização.

Sapato e gravata- Evangélicas de Missão

Joana não planejou o momento da gravata e do sapato. Pelo fato da festa ser por adesão ela acredita que se houver um momento onde será pedido dinheiro aos convidados talvez alguns “estranhem” ou sintam-se constrangidos. Então, ela prefere não planejar esta parte, mas se algum dos convidados tiver a iniciativa de começar a brincadeira, ela aceita. Em suas palavras Joana prefere que aconteça “nem tanto pelo valor, mas para brincar. Então a gente deixou para ver o dia do casamento” (sic). Assim **não há uma sacralização** deste momento.

Ester ficou feliz com o resultado da gravata. Foram dois mil reais que os ajudaram a fazer mais passeios durante a lua de mel. Desse modo, há uma sacralização por **objetivação**, visto a ajuda financeira que a brincadeira proporcionou para o casal.

Júlia não se importou com o que as pessoas iriam pensar com relação à brincadeira da gravata e do sapato. Ela diz que o dinheiro arrecadado foi muito útil para a lua de mel. Ela preparou uma dinâmica especial para as brincadeiras. Todos os que doassem alguma quantia iriam receber um *boton* escrito “time do noivo” ou “time da noiva”. Ao final da brincadeira Júlia sorteou uma noivinha e um ursinho entre aqueles que haviam colaborado. Assim há uma sacralização por **objetivação**, pois tudo se tratava de brincadeira.

Este objeto de atitude teve um resultado médio de 6,8 pontos. Esse resultado se dá principalmente pela tradição e pelas vantagens financeiras mencionadas pelo casal advindos da brincadeira.

O Quadro 14 apresenta um resumo dos elementos presentes no roteiro do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados evangélicos de missão.

Elemento do roteiro	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(22) Cerimônia religiosa	Dessacralização (1); mistério (4); mito (16); objetivação (4)	7,5
(7) Entrada da noiva	<i>Communitas</i> (1); êxtase e transcendência (6); mistério (6)	9,0
(8) Jogar o buquê	Mito (4); objetivação (5)	6,8
(4) Entrada dos Pajens	Mistério (2); mistério; objetivação (1); mito (1)	9,0
(2) Troca das alianças	Mistério (1); Ritual (1)	9,0
(3) Mensagens	Dessacralização (1); objetivação (1); Mistério (2);	6,8
(8) Juramentos e votos	Compromisso individual (1); mistério (5); mito (2)	9,0
(1) Beijo	Mistério (1)	9,0
(3) Saída do casal	Objetivação (2); Mistério (1)	8,0
(10) Festa	Dessacralização (6); objetivação (4)	0,3
(6) Baile e dança	Mistério (2); dessacralização (4)	-3,0
(2) Corte do bolo	Dessacralização (2)	-4,5
(5) Hora do sapato/gravata	Dessacralização (1); objetivação (4)	6,8

Quadro 14 – Resumo dos elementos do roteiro ritual sacralizados por noivos e recém casados evangélicos de missão.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.2.2 Sacralização e a Representação de papéis nas Igrejas Evangélicas de Missão

Noiva - Evangélicas de Missão

Otnes e Pleck (2003) abordam o casamento contemporâneo como uma forma de entretenimento com duas estrelas principais. No entanto, se assim for considerado, a noiva tem claramente um faturamento superior. Enquanto o noivo pode querer se sentir "especial", a noiva é muito mais do que o primeiro entre iguais. Por estas questões, muitos casais têm optado por eliminar algumas tradições que denotam sexíssimo evidente, embora camadas sutis dele permaneçam.

Eliel comenta que poucas coisas lhe foram incumbidas diretamente. Para ele a única coisa que ele fez questão de fazer foi a escolha dos padrinhos, “mas o resto foi tranquilo, a maioria das coisas foi pra cumprir a vontade da noiva”. Enquanto o noivo se coloca como secundário, ele sacraliza a noiva por **mito**, a mencionando de forma distante, como se ela não fosse sua noiva, como se fosse uma figura superior a qual se deve cumprir vontades.

A noiva também é sacralizada por Davi. Ela não poderia faltar, caracterizando **objetivação** pelo desejo da presença. Mas também, pois é ela quem o leva a organizar o casamento, “eu acabei indo no embalo da Raquel e aí deu no que deu” (sic). Sendo assim, há uma sacralização por uma espécie de **compromisso compartilhado**. Como se o noivo não soubesse o porquê de realizar as atividades de organização do casamento, e mesmo assim as fizesse por influência da noiva.

Raquel comenta que não se imaginava ou mesmo queria ser noiva. Mas após ser pedida em casamento ela começou a ter vontade e a se imaginar noiva. A noiva que ela descreve é ativa e sempre busca de coisas para o casamento, “Sempre correndo atrás de tudo, vendo várias coisas, vendo bolo, vestido de damas, madrinhas, padrinhos e docinhos” (sic). É esta a vontade que, segundo ela, sentiu ao pedida em casamento e refletir sobre seu novo papel. Assim, a sacralização para Raquel se dá por *communitas* devido a sua mudança de status que a entrevistada experimentou.

Júlia conta que ficou oficialmente noiva durante um ano, mas já tinha a data do casamento marcada nove meses antes do noivado oficial. Ela comenta muito sobre os detalhes do casamento, mas não faz menções diretas sobre o seu papel enquanto noiva. Júlia diz ter batido fotografias com muitas pessoas, mas alguns convidados reclamaram que ela não os procurou para tirarem fotos com ela. Ela comenta ressaltando a importância de seu papel que são as pessoas e não a noiva que devem ir até ela para tirarem fotografias. “ah! mas a pessoa que tem que procurar a noiva pra bater foto” (sic). Ocorre uma sacralização por *communitas* devido a mudança de status da noiva, como comentado por Otnes e Pleck (2003) ao trata do casamento como um espetáculo de duas estrelas sendo que a maior é a noiva.

Daniel comenta sobre o incidente onde ele acabou descendo do palco para pegar os votos e as alianças, impedindo que as damas abrasassem a noiva. “Eu acho que foi ruim tanto pra Ester quanto para as daminhas, pois as meninas queriam ter esse momento”. Para Daniel a noiva é colocada como uma figura que quase se assemelha a uma celebridade, ou mesmo uma “princesa de histórias infantis”. Dessa maneira, há uma sacralização por *communitas* devido a mudança de *status* da noiva.

O papel da noiva obteve um resultado médio de atitude de 6,4, demonstrado que mesmo que ela não se coloque como principal, há uma importância significativa atribuída ao papel pelo casal.

Noivo - Evangélicas de Missão

Mesmo que, como Otnes e Pleck (2003) abordam, o casamento enquanto um evento com estrela principal sendo a noiva, principalmente por questões de gênero e o que de fato envolve papéis femininos e masculinos, e ainda que o casamento seja tradicionalmente um evento mais feminino que masculino, alguns noivos segundo têm modificado esta fronteira de gênero no ritual. Estes podem sim, através do consumo, satisfazerem necessidades emocionais relacionadas ao amor romântico. Esses homens se sentem felizes em serem responsáveis pelos planos de casamento em detrimento de outros noivos que gostariam de se isentarem da maioria dos preparativos do seu casamento.

Daniel é um destes noivos peculiares. Quando saiu a primeira vez para um encontro com sua, agora esposa, a perguntou o que pensava sobre casamento e ela respondeu: “sei lá”, então ele já respondeu em seguida “meu sonho é casar”. Para Ester, seu noivo é raro, “é um noivo bem raro”. Daniel complementa que “na verdade a proposta do nosso namoro foi casar”, nunca passou por minha cabeça começar um namoro como um teste. Ele diz que, se por acaso não desse certo, tudo bem, mas, para ele, namoro sempre foi para culminar em casamento. A sacralização aqui se dá por *communitas*, visto o anseio de Daniel pela mudança de *status*. Daniel também sacraliza por **compromisso individual**, pois, sua relação com o sagrado, no caso o casamento, e a vontade de ser noivo, traz à tona uma convicção forte e leva a uma mudança de identidade. Esta mudança de identidade é visualizada, pois Daniel acaba tendo uma postura peculiar em relação à ideia de um papel masculino no contexto do casamento.

Eliel aparece como um noivo preocupado com os gastos, ao se tornar noivo seu primeiro pensamento foi a questão financeira que o casamento envolve, “A primeira coisa que eu pensei quando fiquei noivo, ah eu vou gastar bastante” (sic). Tem-se a ideia negativa do papel, portanto um comportamento de **dessacralização**. Além disso, Eliel se coloca em posição inferior a noiva, quando fala que “ah! a maioria das coisas foi pra cumprir a vontade da noiva”. Ao colocá-la como uma figura que deve ser satisfeita em suas vontades, ele se coloca como um mero provedor sem opção de escolha em seu próprio ritual de passagem.

Davi disse que não se imaginava no papel de noivo. Apenas quando o dia do casamento foi se aproximando que ele se deu conta que era o noivo. Para ele, não havia muitas exigências ou planos para o ritual, a única coisa que ele não abriria mão seria de casar-

se na igreja, devido a história do casal. Conta que ambos pediram a Deus para mostrar uma pessoa com quem pudessem se relacionar. Davi estava retornando a sua comunidade religiosa depois de um tempo afastado, não se via fazendo outra coisa senão casar na igreja. Assim, há uma sacralização por **mito** visto que foram as crenças religiosas do casal, e em especial de Davi, que o fez sacralizar o papel de noivo.

O Papel do noivo obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 5,7 pontos, apontando que mesmo que o noivo seja pouco menos sacralizado em relação a noiva, ele também é uma parte importante e significativa do ritual.

Pais - Evangélicas de Missão

É possível que no contexto protestante e católico as noivas sejam escoltadas por ambos os pais. Na liturgia católica isso foi favorecido por uma variação vigente desde 1965, mas poucos católicos parecem ter adotado essas reformas. A maioria das noivas define escolta paternal como "tradição" não mais como um ritual de subordinação onde o pai entrega a filha ao seu noivo "responsável" (OTNES e PLECK, 2003). Raquel optou por entrar com seus pais na cerimônia de seu casamento. Para ela foi emocionante, visto que os pais são separados. A noiva diz que foi o único momento de que tem lembrança em que teve os dois juntos tão próximos a ela. Há uma sacralização por **mistério**, visto a emoção que a envolveu devido à presença dos pais naquele momento.

Ester e Daniel acabam **dessacralizando** de certa forma a figura dos pais. Devido a uma tradição, o pastor deve ser comunicado e dar uma permissão para o namoro e conseqüentemente para noivado do casal. Ester conta que foi ela quem teve que fazer o pedido, já que ela era nova na comunidade religiosa, "Igual pai faz para ver se o cara pode namorar a filha, e ele fez comigo (riso). A gente teve o aval dele" (sic), mesmo os pais sabendo e aprovando, e mesmo que o casal tivesse maioria civil e estabilidade financeira, foi necessário pedir a permissão do líder religioso. A Figura dos pais é então colocada em segundo plano, visto a expectativa ante a aprovação ou não da união pelo pastor.

Para os demais casais entrevistados os pais aparecem como figuras indispensáveis no casamento, são uma espécie de plateia especial no ritual. Ao falar sobre quem não pode falar, Jaque comenta que são os pais dos noivos, "Meus pais, os pais dele". Júlia comenta que se seus pais faltassem ao casamento seria estranho "meus pais, esses não daria pra faltar, se

faltasse seria muito estranho” (sic). Ester comenta que os pais do casal não deveriam faltar “Nossos pais, obviamente”. Ocorre assim, nestes casos, comportamento de sacralização por **objetivação** posto a concretização do desejo da presença de pessoas importantes no ritual.

Os pais também são lembrados enquanto possíveis influenciadores na lista de convidados. Jaque conta que a pedido dos pais do noivo eles irão enviar convites a pessoas que possivelmente, devido a distância principalmente, não irão comparecer. Há uma sacralização por **objetivação** devido à materialização do pedido dos pais.

Júlia fala que muitos de seus convidados não conhecia, “foi gente que eu nem conhecia, amigos dos nosso pais há muitos anos, porque quem tá dando a festa são os pais aí não tinha como não chamar” (sic). Ademais, a noiva comenta que quem estava dando a festa de casamento eram os pais do casal, portanto há uma sacralização por **objetivação**, principalmente, pois a noiva se coloca solicita aos pedidos dos pais por convidarem pessoas que nem mesmo conhecia. Isso parece acontecer pois são eles, os pais, quem subsidiaram os custos da realização do casamento.

Este papel obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 8,1 pontos, demonstrando através dessa sacralização a grande importância da figura dos pais para os casais no processo de preparação e execução do ritual.

Pai - Evangélicas de Missão

Ester ressalta dois pontos distintos quanto a sacralização relacionada a participação do pai dela na construção da cerimônia. O primeiro deles é que seu pai “ajudou bastante”, e que sem ele não teriam conseguido realizar o casamento. Isto fica claro no momento em que ela menciona que seu pai a ajudou na negociação com a churrascaria contratada para servir os convidados. Graças à amizade do pai com o dono da churrascaria ela conseguiu um preço acessível. Apresentando, assim, um comportamento de sacralização por **objetivação**. O segundo ponto é de que houve pequenos desentendimentos com relação à escolha dos convidados. Ester decidiu não chamar seus parentes por parte de pai, pois eram familiares com os quais não possuía qualquer vínculo emocional. Caso ela convidasse estes parentes não sobraria espaço suficiente no local da festa para receber seus amigos. Ela relata que seu pai ficou chateado, o que causou atrito entre eles especialmente relacionado à

insistência dele. Há, portanto, um comportamento de **dessacralização** da figura do pai principalmente por não convidar a família dele.

Raquel ressalta a importância da presença de seu pai ao conduzi-la até o altar. Ela planejou ser conduzida até o noivo com seu pai e sua mãe, que atualmente são separados. Este fato tornou sua entrada em um momento único, pois, como ela mesma menciona, “foi o primeiro momento em que eu estive com os dois tão perto de mim isso me marcou bastante”. Assim há uma sacralização por **mistério**, visto a carga afetiva relacionada à figura do pai ao conduzi-la ao altar.

Este papel no ritual obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 3,8 pontos conforme o. Isso se dá, pois mesmo que a influência dos pais no contexto crenças e valores sejam grandes, a questão das decisões e escolhas não são divididas com a figura paterna, sendo algo mais do casal.

Mãe - Evangélicas de Missão

Ester, ao falar sobre processo de planejamento do casamento, lembra que sua mãe a auxiliou com questões relativas às mesas que utilizariam no jantar e seu resultado na hora das fotos. Também pontuou a ajuda da mãe na hora de lembrar o nome dos parentes para colocar nos convites. Apresentando assim um comportamento de sacralização por **objetivação**, dado que a ajuda da mãe naquele momento foi muito relevante.

Para Davi algo que o marcou bastante foi a presença de sua mãe e a emoção que ela sentiu durante o casamento. Em suas próprias palavras comenta que “ela estava bem emocionada, acho que não tinha caído na real que o filho dela estava se casando” (sic). Essa sacralização se dá por **mistério**, dada a emoção entre mãe e filho relatada por Davi.

Já Raquel fala que sua mãe teve uma presença marcante em seu casamento. Em primeiro lugar, ela desejava que todos os detalhes de seu casamento tivessem algum significado. Foi o caso do buquê, feito por sua mãe, para ela um gesto de carinho, da que levou Raquel a sacralizar, não apenas o objeto, mas a mãe que o fez. Essa sacralização se dá por **mistério** visto a relação de afeto. Outro objeto relevante foi o véu. Raquel não queria o véu na composição de seu vestido, mas por insistência de sua mãe, que também fez o véu, acabou usando. Ela diz que utilizou o véu porque sabia que seria importante para sua mãe. Esse gesto configura novamente uma sacralização por **mistério**. Isso, pois, mesmo que não

fosse sua vontade usar o véu ela o fez por amor a mãe. Raquel conta que sua entrada na cerimônia acompanhada pelo pai e pela mãe teve um significado especial. Seus pais são separados e este foi o primeiro momento em que teve os dois tão próximos de si. Mais uma vez ela demonstra em sua fala uma sacralização por **mistério** da figura da mãe no contexto do ritual.

Joana menciona que sua mãe pagará o vestido, maquiagem e cabelo para a cerimônia. Ela também diz que sem a presença de sua mãe o casamento não seria a mesma coisa. Há, portanto uma sacralização por **objetivação**, visto a ajuda e o desejo da presença da mãe no ritual.

Júlia conta sobre a presença de sua mãe no momento das fotos antes do casamento. Ela fala que sua mãe “ficou linda”. E se ela não fosse ao casamento seria estranho por sua presença ser importante. Há, portanto, uma sacralização por **mistério** e **objetivação** levando em consideração a ajuda e o afeto envolvido. Já para Eliel a presença de sua mãe foi importante na hora da escolha dos parentes que seriam convidados. Assim, também há uma sacralização por **objetivação**. Ao contrario do pai a mãe aparece como atuante e influenciadora no ritual do casamento, confirmando o que a literatura aborda. Este papel obteve um resultado médio de 7,8 pontos, demonstrando a importância desta figura para os casais.

Irmãos - Evangélicas de Missão

Ester, ao falar sobre a participação de seu irmão no casamento, conta de alguns momentos que a marcaram. Ela se lembra de sua preparação para o casamento, na qual o irmão ajudou, e de sua ida do salão à igreja, sendo levada por ele. O que demonstra uma sacralização por **objetivação**. A recusa por bebidas alcoólicas na festa foi em virtude da figura de seu irmão, que é alcoólatra. A noiva decidiu que não haveria essas bebidas e optou por uma festa sem bebidas alcoólicas. Uma sacralização por **mistério** em virtude do carinho e a preocupação que Ester teve ao poupar seu irmão de um ambiente propício ao seu vício.

Para Davi a presença e a participação de seus cinco irmãos como padrinhos, era algo essencial. Ele queria que eles tivessem noção de que, como irmão, queria compartilhar com eles este momento tão especial de sua vida. Nas palavras dele: “era importante que eles

fizessem parte deste momento, para eles sentirem a importância na minha vida” (sic). Há, portanto, uma sacralização clara por **mistério e objetivação**.

Assim também, o esposo Raquel decidiu colocar todos seus irmãos como seus padrinhos. Sacralizando por **objetivação** o apreço que tem por eles em forma do convite para assumirem este papel de destaque no ritual.

Júlia descreve a participação de sua irmã nas negociações com o fornecedor da decoração. Ela menciona que, por utilizarem a mesma empresa de decoração para seus casamentos, foi possível obter um preço mais em conta para a organização do evento. Além disso, a figura de sua irmã era essencial durante a cerimônia. Segundo ela, seria estranho se ela não estivesse lá. Assim há uma sacralização por **objetivação** em virtude do apoio da irmã, bem como por **mistério** visto a importância da presença da irmã no casamento. Esse ator obteve um resultado médio para o objeto de atitude de nove pontos. Isso demonstra que assim como a mãe esse ator aparece como muito atuante no contexto do ritual.

Família - Evangélicas de Missão

Ester conta que teve problemas com a lista de convidados por causa de sua família. Tanto ela como seu noivo não tinham contato com um dos lados de suas famílias, o que gerou certo constrangimento na hora de convidar. Seu pai insistiu para que alguns familiares fossem convidados e, embora Ester dissesse que não podia convidá-los porque não tinham dinheiro para pagar o jantar, ele insistiu em pagar para estas pessoas “ele disse que dinheiro não era o problema” (sic). Ester relembra que embora seu pai dissesse que pagaria para estas pessoas, ela e seu noivo se propuseram a pagar o jantar para todos os convidados, o que lhes deu certa autonomia na hora de escolher quem seria convidado ou não. Assim eles preferiram convidar amigos próximos ao invés de convidar familiares com os quais o casal não mantinha vínculo afetivo. Isso demonstra um comportamento de **dessacralização** em relação a familiares.

Embora Jaque cedesse certo espaço para sua família opinar em relação à lista de convidados, chamando algumas pessoas a pedido de seu pai, ela não abriu mão em algumas coisas relativas à festa. Por serem de religiões diferentes das de seus pais, ela e seu noivo deixaram bem claro que sua festa de casamento seguiria os princípios de sua religião. Segundo seu pastor o casamento não poderia ter “bebida, música mundana (secular) e pessoas

de fora da igreja cantando (fora da religião dos noivos)”, etc. A princípio alguns familiares estranham este posicionamento, mas acabaram aceitando. O que demonstra que apesar de terem respeito e carinho por seus familiares, suas crenças e princípios religiosos eram mais importantes que a vontade de agradá-los uma sacralização por **objetivação** da família devido ao o convite, e uma **dessacralização** visto que eles deveriam se adequar aos princípios do casal.

Davi teve problemas com a escolha de seus convidados pois possui uma família muito grande e não queria deixar ninguém de fora. O que demonstra que apesar da menção da dificuldade a família era importante para ele caracterizando uma sacralização por **mistério**.

Para Eliel, sua família esteve presente nos momentos mais marcantes do casamento. Um destes foi a entrada da noiva. Quando ele a viu entrando na igreja também enxergou a família dela ao redor da noiva. Ele se emocionou muito com essa cena. Isso caracteriza uma sacralização por **mistério**, devido à carga emotiva direcionada à noiva e sua família. Outro ponto importante relativo à presença da família foi o significado que envolvia a cerimônia. Segundo Eliel aquele era um momento especial e que “foi o convite pra Deus que eu tava casando, pra se tornar uma s carne uma só vida, uma só pessoa, né, e as pessoas que não podiam faltar eram meus amigos e familiares, né” (sic). Assim, a presença dos familiares era importante naquele momento do ritual de passagem, sendo uma sacralização também por **mistério** visto o carinho e a devoção com que é mencionada.

Júlia diz que a hora da entrada na igreja foi especial, não só pelo fato de ter todos seus familiares e amigos ali, mas porque ela e seu noivo acabariam se tornando uma só família também. Ocorre, assim, uma sacralização por **mistério** visto o carinho direcionado a família.

Raquel comentou que a cerimônia religiosa teve um significado especial pois foi naquela hora que ela e seu noivo receberam a benção de Deus, diante de seus familiares, para juntos começarem uma nova etapa da vida. Assim como Júlia, Raquel sacraliza por **mistério** visto a devoção e carinho destinado a sua família.

Este ator obteve 1,6 pontos como resultado médio para o objeto de atitude. Isso é reflexo da idéia apresentada pelos casais de que a cerimônia e a festa era feita pelo casal, e para o casal. Neste contexto as crenças religiosas e o estilo de vida do casal foi colocado como mais importantes que os familiares convidados.

DJ e Banda - Evangélicas de Missão

Ester não escolheu banda para seu casamento porque nem ela nem seu marido gostam de dançar. Além disso, sua religião, Presbiteriana, é mais conservadora e não incentiva a dança nos eventos de seus membros. Então há uma **dessacralização** deste ator no contexto do ritual de Ester

Ao invés de contratar uma banda, Júlia escolheu um quarteto de cordas e clarins para tocar na cerimônia religiosa. Na festa houve um *flash mob*, e a música deste momento ficou a cargo de seus convidados, sendo cantada por um tio e o coral de sua igreja. Assim, há uma **dessacralização** de banda e DJ e uma sacralização por **objetivação** de seus substitutos. Este objeto de atitude obteve 0 pontos como resultado médio, demonstrando-se neutro acaba sendo **dessacralizado** visto a ausência de sacralização.

Pajem e Daminha - Evangélicas de Missão

Ester comenta que uma das coisas que não gostava nas cerimônias de casamento era o fato de as crianças ficarem responsáveis por serem os pajens e daminhas, muitas vezes choravam e ficavam com medo de entrar na cerimônia. Apesar disso, salienta que desde muito tempo ela já vinha comentando com suas sobrinhas sobre a possibilidade de serem suas daminhas e inclusive escolheu vestidos coloridos para elas participarem da cerimônia. Embora tivesse medo de que a parte das crianças desse errado, sempre quis a presença delas na cerimônia. Como ela mesma disse, “talvez tenha sido uma coisa que fui influenciada pela tradição, indiretamente, não é?”(sic). Assim há uma sacralização tanto por **mistério** devido ao carinho pelas sobrinhas quanto por **mito**, visto o próprio comentário da noiva ao tratar da influência da tradição em sua escolha.

Eliel decidiu escolher para ser daminha de seu casamento a filha de uma amiga pelo fato de ser “uma menininha bem bonitinha”. Outro ponto importante para Eliel foi a entrada do pajem,. Eliel lembra que o menino “entrou trazendo as alianças parecia um segurança com óculos escuros com fone de ouvido”(sic), como se fosse um agente secreto, guardando algo muito importante. Para Eliel, esse foi um momento muito marcante do casamento. Há, portanto, dois casos de sacralização da figura do pajem por **objetivação**, visto

o critério de escolha da daminha ser a beleza, bem como a ideia de que a entrada do menino como um “segurança” ter se tornado um dos pontos altos da encenação do casamento.

Já para Júlia, o critério para seleção dos pajens e das daminhas foi o parentesco ou a proximidade de amizade, “ou era parente ou era muito querido assim, por isso que a gente escolheu”(sic). Foram três primos e a filha de uma amiga da família. Sobre uma das daminhas ela menciona que a menina “é um grude comigo, eu amo ela”(sic). Assim, há uma clara sacralização por **mistério** devido a carga afetiva envolvida na escolha.

Até o momento da entrevista Izabel havia escolhido apenas duas pessoas para serem seus pajens e daminhas, mas conta que pretendia escolher mais alguém. Não demonstrando portanto comportamento de sacralização.

Este objeto de atitude obteve um resultado médio de 6,2 pontos, relacionado principalmente a carga afetiva depositada sobre esses atores.

Padrinhos - Evangélicas de Missão

Ester utilizou para escolha de seus padrinhos o critério que havia aprendido em seu curso de noivos: que cada casal escolhido tem responsabilidade espiritual sobre eles. Sendo assim, foram criteriosos na escolha, chamando apenas três casais para o noivo e três para a noiva. Ocorreu uma sacralização por **mito**, visto que a escolha se deu através de conselhos aprendidos na comunidade religiosa.

por mais difícil que fosse, que os padrinhos, eles têm a responsabilidade espiritual sobre a gente. Então, a gente só chamou casais casados que a gente vê que tem um exemplo de casal mesmo, todos eles eram cristãos (sic) (Ester, 33 anos, casal G).

Mesmo que os padrinhos sejam importantes, não eram mais importantes do que a pontualidade no casamento. Ester menciona que “quase começou sem um padrinho. Nós só esperamos ele chegar por que o vestido de uma outra madrinha deu uma descosturadinha do lado e foram arrumar.”(sic). Nesse meio tempo o padrinho que estava atrasado chegou. “É importante o horário” a noiva ressalta, assim há uma **dessacralização** momentânea do papel do padrinho em detrimento a pontualidade da cerimônia.

Davi comenta que dentre todas as coisas que foram pensadas sobre o casamento, a maioria ele deixou a cargo de sua noiva. Mas um item que ele não abriu mão: a escolha dos

padrinhos. Ainda assim está foi uma situação complicada que gerou, segundo, ele desgosto. Ele sabia que nem todos os seus familiares, incluído irmãos, viriam. Por isso convidou alguns deles para serem seus padrinhos, na esperança que viessem. Mesmo com o convite alguns deles não vieram. Davi se arrepende de ter feitos estas escolhas o que de certa forma **dessacraliza** a figura dos padrinhos.

Júlia se lamenta por não ter tirado mais fotos com seus padrinhos. No decorrer da cerimônia e do jantar ela acabou esquecendo-se de tirar algumas fotografias que havia idealizado com eles. Mas, apesar disso, ela lembra que passaram momentos muito bons juntos durante a festa. Seus padrinhos tiveram um papel fundamental na hora da festa, pois participaram do *flash mob* e alguns deles ficaram encarregados das músicas a serem cantadas naquele momento. Assim há uma sacralização por **mistério**, visto o carinho que a noiva teve por seus padrinhos, quanto por **objetivação** já que eles a ajudaram em alguns momentos da celebração.

Em meio a todos os detalhes do casamento a escolha dos padrinhos foi algo que Joana dedicou maior cuidado, pois os escolhidos eram pessoas importantes que fizeram parte da vida do casal. Segundo ela, entre os escolhidos para os padrinhos estavam familiares muito próximos, amigos com quem ela já havia morado ou já conhecia a muito tempo. Assim há a sacralização destes atores através de **mistério**, devido ao carinho expressado pela noiva ao falar de seus padrinhos.

Foi a parte que a gente mais fez com carinho. Porque eu acho que são pessoas que são importantes, foram importantes pra gente desde quando a gente se conheceu, que apoiaram[...] Então acho que essa foi uma parte que foi, pra gente, como casal, foi bem importante, a escolha dessas pessoas (sic) (Joana, 22 anos, casal K).

Jaqueline diz que escolheu sete casais de padrinhos, aquelas pessoas por quem tinha muita consideração. Segundo ela “sete é o número da perfeição (riso)”. O que configura uma sacralização por **mistério**, devido ao carinho imbuído na escolha da noiva. Em relação às madrinhas teve certo contratempo na fabricação de seus vestidos. Ela queria que todos os vestidos fossem em um mesmo padrão, mas na correria das coisas do casamento não conseguiu as medidas delas para enviar à costureira. Então, pediu a cada madrinha que fizesse o seu, utilizando a cor que ela indicou e seguindo as determinações relativas à altura da barra

do vestido e decote. Ocorreu uma sacralização por **objetivação** devido às determinações da noiva quanto à vestimenta das madrinhas.

Raquel não se imaginava como noiva até ser pedida em casamento. Depois do pedido ela começou a se visualizar no papel da noiva que corre atrás dos detalhes do casamento. Nessa situação que ela imaginou a presença de suas madrinhas, ao seu lado, ajudando a escolher os detalhes que comporiam seu casamento. Uma sacralização por **objetivação**. Outro ponto que demonstra a importância do papel dos padrinhos/madrinhas são os laços familiares. Raquel escolheu todos os seus irmãos para serem seus padrinhos. Por fim, um dos momentos mais marcantes para ela foi o momento da foto, justamente por causa da presença de seus padrinhos e madrinhas. Assim há também por parte da noiva uma sacralização por **mistério** devido ao carinho que a noiva apresentou por seus padrinhos. Este objeto de atitude obteve um resultado médio de 6,4 pontos.

Damas e Condes - Evangélicas de Missão

Hill e Daniels, (2008) comentam que noivas romanas eram atendidas por grupos de damas de honra vestidas de forma idêntica a noiva, cujo o objetivo era confundir quaisquer maus espíritos e seres humanos desagradáveis que possam querer prejudicar a noiva. Ao contrário de damas de honra e madrinhas modernas, essas mulheres eram vestidas em trajes idênticos aos da noiva, a fim de garantir uma fraude bem-sucedida.

Relembrando esta antiga tradição, duas noivas decidiram que suas madrinhas e melhores amigas fossem ao casamento de forma bem parecida. A presença das *mademoiselles* e dos condes, como denominado por Júlia, era algo indispensável. Desde os primeiros planos do casamento já idealizara a situação. As *mademoiselles* deveriam estar com o vestido igual, o sapato igual, mas penteados diferentes, ficando a critério de cada uma das convidadas. Já os condes deveriam vestir a grava da mesma cor do vestido das meninas. Júlia conta que gostou muito dos momentos que passou com elas, tirando fotos e se arrumando para o casamento. Há, portanto, uma sacralização por **objetivação** visto que através de *mademoiselles* e dos condes seu desejo de casamento hollywoodiano concretizado. Este objeto obteve um resultado médio para o objeto de atitude de nove pontos. Pontuação resultante, principalmente, de uma preocupação estética e afetiva.

Pastor - Evangelicas de Missão

Em casamentos evangélicos a figura do pastor é importante. Não só pelo seu papel como oficiante da cerimônia, mas também pela ligação emocional e espiritual que possui com os noivos. Foi esse o caso de Ester. Antes de começar a namorar ela e seu noivo tiveram de ter uma conversa séria com o pastor de sua igreja. Ester tem grande consideração por seu pastor e o vê como um verdadeiro líder espiritual. Ela orou muito e pediu provas a Deus para que, se fosse da vontade divina, o pastor fosse usado para dar indicações sobre a decisão que ela deveria tomar. O que segundo ela de fato aconteceu. Para ela não, só o pastor teve uma presença preponderante, mas os demais pastores da igreja marcaram muito o processo de seu casamento. Assim para Ester há uma sacralização por **mistério**, devido às questões emocionais e espirituais envolvidas na relação com o pastor. Um dos pastores que os ajudaram foi o pastor responsável pelo louvor, que auxiliou na parte da organização da cerimônia e na música do casamento. O que configura uma sacralização por **objetivação**. Outro pastor marcante foi o líder de jovens, que após a cerimônia disse algumas palavras marcantes com relação ao caráter deles. Uma sacralização por **mistério** devido à questão de devoção para com este ator. Além destes também houve um pastor, amigo seu, que veio de outro estado especialmente para prestigiar seu casamento, sacralizado por **mistério** devido à relação de amizade. Ester também menciona que algo que a marcou muito foi às palavras do pastor durante a cerimônia, pois ela considera que foram “palavras com autoridade de Deus mesmo”. Mais uma vez uma sacralização por **mistério** visto a compreensão de que a presença de Deus se fez presente pelas palavras proferidas pelo pastor.

Izabel mencionou que o pastor, além de ter um papel importante organização da cerimônia e da festa, também a influenciou na decisão de fazer uma adaptação em seu vestido de noiva. Sobre a festa e a cerimônia o pastor foi bem rígido. Ela conta que ele disse que “se o casamento tiver bebida, música mundana²⁶, pessoas de fora da igreja cantando, tocando instrumento, ele não aceita”. Apesar da rigidez foi este pastor que realizou o curso de noivos que Izabel participou e que ele foi o escolhido para officiar sua cerimônia de casamento. O casal, então, sacraliza por **mito**, visto que através desta figura eclesiástica é as escolhas forma feitas com base em seus princípios religiosos.

²⁶ Que não é sacra.

Júlia escolheu o pastor que oficializou seu casamento por causa dos laços de amizade. Ela disse que “tinha um carinho muito grande por ele [o pastor], aí esse pastor era muito amigo nosso, a gente chamou ele por conta disso”(sic). Assim há uma sacralização por **objetivação** visto a personalização do sermão para o casal, mas principalmente por **mistério**, visto o carinho que o casal tinha pelo pastor.

Este ator obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 8,1 pontos demonstrando a importância do líder espiritual para a construção do ritual.

Promoter - Evangelicas de Missão

Daniel conta que a cerimonialista lhe ajudou nos preparativos da cerimônia e no casamento em si. Alguns dias antes do casamento ela marcou uma reunião com Daniel e sua noiva para conversar sobre alguns detalhes importantes da cerimônia e dar alguns conselhos para que tudo ocorresse bem. Assim esta figura é sacralizada por **objetivação** visto sua função de auxiliá-los no casamento.

Por morar sozinha, Joana via algumas dificuldades que poderia ter em planejar seu casamento sem a ajuda de seus familiares. Ao consultar amigas, que já tinham se casado, sobre qual era a coisa mais essencial para a organização do casamento, todas disseram que ela deveria encontrar uma cerimonialista. Foi isto que ela fez. Contratou um serviço de cerimonial para lhe auxiliar na organização do evento. Ela ficou muito feliz, pois recebeu da assessora um cronograma de atividades a serem realizadas, mês a mês, até o dia do casamento e também uma lista de fornecedores. Ela achou esta ajuda “bem legal”. Com essa assessoria ela conseguiu organizar seu casamento de forma mais tranquila e satisfatória. Ela também menciona o fato, de ter a presença de alguém que conhecia os fornecedores, o que a fez sentir-se mais segurança para negociar os preços e escolher os produtos oferecidos. Assim, Joana sacraliza esta figura por **objetivação**, visto o auxílio da organização prestado pela profissional.

Jaque conta que teve muito cuidado na hora de escolher a cerimonialista. Ela e seu noivo pesquisaram diversas empresas na internet, consultaram seus CNPJs²⁷ para saber se eram empresas reais e seguras com quem podiam contar. Algum tempo depois de escolherem

²⁷Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

a cerimonialista, Jaque diz que recebeu um “puxão de orelha” dela, pois não havia a apresentado para o pastor. A cerimonialista lhe explicou que era importante falar com o líder religioso, pois precisava saber o que era ou não permitido realizar durante a cerimônia, que músicas tocar, entre outras coisas. Assim há uma sacralização por **objetivação**, mas também por **mito**, visto os “ensinamentos” passados pela cerimonialista ao casal.

Este papel obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 8,6 pontos. Essa pontuação alta resulta do laço afetivo criado principalmente com a noiva e do auxílio que esta profissional teve na construção do ritual.

O quadro 15 apresenta um resumo dos atores do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados evangélicos de missão.

Atores	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(8) noiva	<i>Communitas</i> (2); compromisso compartilhado (1); dessacralização (1); mito (1); objetivação (1)	6,4
(6) noivo	<i>Communitas</i> (4); compromisso individual (1); dessacralização (1); mito (1)	5,7
(7) Pais	Dessacralização (1); objetivação (7)	8,1
(5) Pai	Dessacralização (2); mistério (1); objetivação (2)	3,8
(13) Mãe	Dessacralização (1); mistério (5); Objetivação (8)	7,8
(12) Irmãos	Mistério (4); objetivação (9)	9,0
(17) família	Dessacralização (7); Mistério (4) ; objetivação (6)	1,6
(4) DJ e Banda	Dessacralização (2); communitas (1); objetivação (1)	0,0
(13) Pajens	<i>Communitas</i> (1); dessacralização (2); mistério (4); Mito (1); objetivação (5)	6,2
(17) padrinhos	Dessacralização (3); Mistério(4); mito (4); objetivação (10)	6,4
(5) condes e	Objetivação (5)	9,0

damas		
(13) pastor	Dessacralização (1); mistério (5); mito (4); objetivação (3)	8,1
(8) Promoter	mito (1); objetivação (7)	8,6

Quadro 15 – Resumo dos atores do ritual sacralizados por noivos e recém casados evangélicos de missão.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.2.3 Sacralizações de artefatos Rituais nas igrejas Evangélicas de Missão

Vestido - Evangelicas de Missão

Vestido, véu, costume, terno, *smoking*. Hill e Daniels (2008) comentam que um elemento quase que universal em casamentos é o uso de roupas especiais para a noiva e o noivo. Talvez o traje matrimonial mais famoso no ocidente seja o vestido de casamento branco com um véu, embora haja variações no vestuário, dependendo tradições culturais e religiosas.

Ester conta que, na última semana, seu vestido de noiva quase não serviu, duas amigas lhe passaram um regime para a semana que antecedia o casamento, mas com ansiedade a última coisa que ela queria fazer era um regime para entrar no vestido. “Essa semana, eu não queria regime, eu queria coxinha, cachorrão, pizza”, comenta a noiva. Há, portanto, uma forma de **dessacralização** do vestido visto que para noiva, em seu momento de ansiedade pré-nupcial, não aparece como uma prioridade.

Ester tinha uma pasta em seu computador onde seu noivo não podia ter acesso. Nesta pasta estavam as fotos dos possíveis vestidos de noiva escolhidos por ela. Para obter informações sobre o gosto de Daniel ela descrevia os modelos e ele falava se gostava ou não. Foi desta forma que Ester decidiu qual seria o modelo de seu vestido. Ocorre, portanto, uma sacralização tanto por **mito**, pela tradição de que a noiva não pode se mostrar com o vestido para o noivo, e no caso de Ester ela não quis mostrar nem fotos de possíveis modelos para que “não tivesse azar”; como também ocorre a **objetivação**, já que o vestido era a materialização do desejo da noiva.

Júlia escolheu seu vestido e faltando dois meses para o casamento, ao experimentá-lo, sentiu que não era o vestido com que queria se casar. “tinha adorado era ele,

faltava dois meses pro casamento eu coloquei de novo e falei ‘não é esse vestido que eu quero casar’”(sic). Ela conta que correu em seu estilista e ele fez um vestido “perfeito” para ela. A sacralização, portanto, se dá por **objetivação** devido a materialização do desejo do vestido perfeito.

Este artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 3,5 pontos. Apesar de ser algo muito importante para a noiva, os imprevistos ou mesmo mudanças de opinião sobre qual seria o artefato perfeito para o momento acabam deixando este índice baixo.

Véu - Evangelicas de Missão

Além do tradicional vestido de noiva branco, Raquel também utilizou um acessório muito tradicional em casamentos: o véu. Hill e Daniels (2008) comentam que o véu é usado por noivas de muitas culturas diferentes. Historicamente, o véu cobrindo o rosto da noiva era um sinal de modéstia e pureza. Em algumas ocasiões, o véu era utilizado apenas para evitar que o noivo tivesse um vislumbre do rosto de sua noiva antes da cerimônia de casamento, visto que para algumas pessoas isso tinha a possibilidade de “dar azar”. O rosto da noiva deveria ficar coberto até um certo momento na cerimônia de casamento, quando o noivo iria levantar o véu do rosto. Isto é especialmente significativo em casamentos arranjados, quando a noiva e o noivo muitas vezes se encontram pela primeira vez no dia do casamento. Muitas noivas têm modificado a tradição, optando por usar um véu que não cobre o rosto se tornando um acessório de beleza.

Raquel não tinha o sonho de se casar de véu. Sua mãe que também confeccionou seu vestido de noiva e seu buquê fez um véu e insistiu para que a filha o usasse no dia do casamento. Ela fala que a princípio não sentiu muito bem, pois ela realmente não gostaria de usar, porém diz ter se sentido bem por ver a alegria da mãe vendo-a de véu. Ela comenta que o que ela realmente gostou foi a reação da mãe e não do véu. Assim há uma **dessacralização** do véu, visto que a noiva utilizou apenas para satisfazer a vontade da mãe,

porque ela pediu muito e ela disse que tem que usar o véu porquê, porquê sempre foi assim então eu usei porque ela pediu eu usei o véu (sic) (Raquel, 25 anos, casal H).

Porém, não se sentiu feliz com o artefato.

Este objeto de atitude obteve um resultado médio de -7,8, demonstrando a dessacralização do objeto pela noiva que o citou.

Sapato - Evangélica de Missão

Júlia tinha duas opções de sapato. A primeira é um par prateado que ela havia importado. A segunda opção era um par dourado. Até poucos momentos antes da cerimônia ela não sabia qual dos dois sapatos usaria. Ela levou os dois pares para o hotel onde se arrumou e perguntou a suas acompanhantes qual deveria ser a sua escolha. O grupo ficou dividido então ela resolveu utilizar um na cerimônia e outro durante a festa e as fotos. No entanto, ela não conseguiu trocar de sapatos entre um momento e outro. Havia utilizado o primeiro sapato por muito tempo e ficou com medo de que ao tirar o sapato não conseguir vestir o outro, por causa no inchaço nos pés. Júlia sacraliza os sapatos por **objetivação**, devido à preocupação estética principalmente visto que mesmo sem conforto ela preferiu permanecer com os sapatos.

Ester teve alguns problemas com os calçados escolhidos. Ela havia engordado alguns quilos dias antes do casamento e a sapatilha que tinha escolhido para usar na festa não serviu. Por causa disso, ela teve que escolher uma rasteirinha, conta aliviada, o que caracteriza uma sacralização mediana do item por **objetivação**, pois atendeu sua necessidade substituindo a sapatilha escolhida por outro calçado. No entanto, ela passou pouquíssimo tempo calçada com a rasteira, logo trocou por um chinelo de borracha bordado, o qual **não sacraliza** sendo sua reação neutra ante este artefato.

Este objeto obteve um resultado médio de -1,8 pontos, demonstrando que não há uma grande preocupação e até mesmo um descuido com esse artefato ritual.

Roupa do Noivo - Evangélica de Missão

Enquanto a preferência das noivas é o vestido branco de casamento, segundo Hill e Daniels(2008) o noivo normalmente usa um terno elegante ou um *smoking*. Este último como escolha do traje tradicional para muitos noivos. O *smoking* é um terno formal geralmente bem adaptado e inclui calças, uma espécie de paletó, um colete ou uma cintura larga, frequentemente com pregas horizontais, uma gravata e sapatos. Um toque pessoal pode

ser incorporado ao *smoking* pela escolha de um colete colorido, *compoteira*²⁸ ou gravata. O *smoking* se assemelha a um paletó tradicional; onde o casaco pode ter caudas ou o corte de um fraque. Embora as opções de roupas para o noivo sejam relativamente extensas a atenção dada ao traje do noivo muitas vezes é bem menor.

Daniel, como segundo sua esposa relata, também foi um “noivo raro” ao demonstrar elevada importância a sua vestimenta. Ester, esposa de Daniel, comenta que a escolha da roupa do noivo foi mais complicada que seu próprio vestido de noiva “porque ele é muito difícil de comprar as coisas”(sic), comenta. Ademais, a roupa do noivo foi mais cara que o vestido de noiva. “Foi muito difícil [...] E ficou muito mais cara a roupa dele inteira do que a minha” (sic). Ocorre, então, uma sacralização por **objetivação** visto o envolvimento do casal com a busca da roupa do noivo. Como resultado médio para objeto de atitude a roupa do noivo obteve 9,0 pontos.

Bíblia - Evangélica de Missão

Eliel acha importante a cerimônia do casamento “para entrar nos conformes da Bíblia, perante Deus”. Por isso fez questão da cerimônia religiosa, embora não tenha casado em uma igreja propriamente. Há, portanto, uma sacralização deste artefato através de **mito**. Visto a influência sobre as convicções do noivo.

Como resultado médio para o objeto, a Bíblia obteve nove pontos demonstrando a importância deste artefato para este entrevistado.

Alianças - Evangélica de Missão

A ideia de um anel para o noivo parece ter se popularizado durante a Segunda Guerra Mundial, para Otnes e Pleck (2003) isto se deu, pois, ao saírem para guerra os soldados queriam colocar um anel em seus sacos de *duffle*²⁹ como uma lembrança de seu casamento. Desde aquela época, a cerimônia do anel duplo tornou-se a forma padrão de troca

²⁸ Cinto largo decorado

²⁹ Tecido utilizado para fazer sacos com alças utilizado por militares norte-americanos.

de alianças. Este costume adicional entre os cristãos passou de “uma tradição inventada” para um novo ritual simétrico que se tornou muito popular e é agora considerado como tradicional.

Joana comenta que para o casamento irá trocar as alianças. Ela comenta que para o noivado sua aliança era mais singela. O casal comenta ainda que irá comprar alianças de ouro mais robustas para utilizarem no ritual e logicamente posteriormente a ele, “a aliança do meu noivado a gente usou uma mais ou menos, que a ideia era investir de verdade agora no casamento. Uma melhorzinha de ouro. Então, a gente vai fechar com eles”(sic). A preocupação do casal com a troca das alianças está relacionada o que Otnes e Pleck (2003) abordam em relação a estas joias. Elas se destinam a um uso permanente para uma declaração visual de sua identidade visual de seu compromisso matrimonial. Assim há uma forte sacralização por **objetivação**. Este artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de nove pontos. Resultado do significado deste artefato para os casais.

Porta Aliança - Evangélica de Missão

Ester ganhou o porta aliança em um sorteio de um *blog*. Era de porcelana em formato de coração. Mas não expressa nenhum comportamento de sacralização do item, sendo este neutro.

Já Júlia preparou um momento elaborado para a entrada de suas alianças. Elas foram trazidas por um menino, vestido como se fosse de alguma agência secreta de segurança. Óculos escuros, fone de comunicação, terno preto, e uma maleta. Ao chegar junto aos noivos abre a maleta para eles. Segundo Júlia este é um momento da cerimônia que todos se lembram. O porta aliança é preparado de uma forma toda especial, visto a ideia que a noiva tem de um casamento com elementos hollywoodianos. Assim, esse item é forte sacralizado por **objetivação**, pois o desejo da noiva sendo realizado de forma satisfatória através de seu porta aliança e como ele foi carregado.

Este objeto de atitude obteve um resultado médio de 4,5 advindo da preocupação da noiva com a forma com que o artefato seria carregado.

Buquê - Evangélica de Missão

Raquel preparou dois buquês. Um foi feito de pérolas e outro de flores. Nos preparativos do casamento ela queria que cada coisa tivesse um significado especial. O buquê usado na cerimônia religiosa foi o de pérolas e feito por sua mãe. Assim há uma sacralização por **mistério**, devido o carinho que ela teve pelo item por ser feito por sua mãe. Ela comenta que se pudesse mudar alguma coisa em seu casamento, este buquê seria uma delas. Não que se arrependesse ou não gostasse dele, mas ela explica que nas fotos ele saiu muito branco, ficou apagado em relação ao vestido. Então, há uma **dessacralização** devido a reação da noiva ao ver o buquê em suas fotos do casamento. Na festa, o buquê que foi jogado às convidadas foi o montado com flores. Raquel queria que fosse um momento especial, então montou este buquê de um modo que ele se partisse no ar e as flores que o compunham voassem em várias direções. Cada uma dessas flores continha uma mensagem que Raquel escreveu para suas convidadas. Há, portanto, uma sacralização por **objetivação** em razão da personalização e desejo que suas convidadas participassem de um momento especial através do artefato.

Ester se decepcionou um pouco com o buquê. Momentos antes da cerimônia religiosa ela recebeu uma foto dele, e o achou “meio murquinho”. Acarretando aí uma dessacralização do artefato. Na festa, no momento de atirar o buquê, ela também atirou um sapo, oferecendo duas opções para suas convidadas. Este foi um momento que ela quis fazer diferente das situações que via em outros casamentos. Sacralizando este novo artefato por **objetivação** e por **mito**, visto a ideia de um sapo remeter a histórias infantis de príncipes e princesas.

Ao mencionar o item buquê em sua entrevista, Jaque dá enfoque à sua preocupação quanto aos buquês das madrinhas. Em nenhum momento menciona o seu. Não havendo, portanto, sacralização.

Júlia foi atenta a todos os detalhes. Planejou os pormenores de todos os buquês de sua cerimônia. A daminha infantil entraria com um buquê de *marshmallow*. Uma sacralização por **mistério** por ter sido feito por uma prima que gosta muito. Com relação ao seu próprio buquê, ela comenta que no momento da festa ela não gostaria de jogar o buquê. Ela não gostaria de fazer nada das coisas tradicionais dos casamentos, queria ser original. Pensando

nisto ela utilizou uma dinâmica pouco conhecida para “sortear” o buquê. Ao final da dinâmica quem conseguiu resgatar o buquê foi uma das madrinhas de Júlia, o que a deixou muito feliz.

Este objeto de atitude, o Buquê, obteve um resultado médio de 4,4, visto a preocupação da personalização e mesmo da relação de afeto com a confecção do artefato.

Igreja - Evangélica de Missão

Ester teve alguns conflitos com relação à igreja. Em primeiro lugar com a parte doutrinal. Ela e seu noivo eram de denominações diferentes, Quadrangular e Presbiteriana. Ela disse, “O Daniel é da Presbiteriana. Daí a gente conversou, porque um dos dois tinha que mudar de igreja, daí eu que fui pra IPR”(sic). Assim há uma sacralização por **mito** visto a ideia de que ambos devem ser da mesma denominação para se unirem em casamento. Outro ponto relativo à igreja diz respeito ao ambiente físico. Ester pretendia casar –se em uma igreja pequena. É seu sonho. Mas agora, por ter se desligado de sua antiga denominação não tinha mais autorização para utilizar as igrejas da qual havia sido membro. Assim há uma **dessacralização**, visto a dificuldade que teve ao tentar utilizar as igrejas para a realização de seu casamento. Até que o pai dela conseguiu que sua igreja permitisse o casamento. Isto a deixou muito feliz, como ela mesma disse “fui batizada lá, tudo, então tinha bastante vínculo, ainda”. Assim há uma sacralização por **objetivação** visto que a igreja era nova e pequena e isso, segundo a noiva, supria as expectativas do casal.

Antes de se converter para sua atual religião, Jaque tinha uma ideia diferente sobre o casamento. Ela disse que antes de entrar para a igreja o casamento era uma coisa muito distante para ela. Depois de sua conversão o casamento se tornou algo mais natural em seus planos o que caracteriza uma sacralização por **mito**, visto a mudança de comportamento influenciada por sua nova denominação. A princípio os planos eram casar-se em Maringá-PR. Mas os lugares que agradavam o casal eram muito distantes de onde moravam os familiares. Ela queria uma coisa mais simples, mas seu noivo tinha o desejo de se casar na Praia, como ele trabalha em Santa Catarina ele optou por fazer a cerimônia ao ar livre. E ela acabou aceitando sem muita oportunidade de escolha. Desde os primeiros momentos de planejamento do casamento Jaque recebeu instruções bem claras do pastor quanto ao procedimento mesmo para o casamento na praia. Não poderiam ser tocadas músicas seculares, e mesmo as músicas da igreja também não poderiam ser executas por pessoas que não faziam parte de sua

denominação. As regras também eram bem claras com relação à festa. Sua igreja não permitia nenhum tipo de bebida alcoólica durante a comemoração do casamento, a dança também era incluída na lista das restrições. Estes pontos não eram problemas para Jaque, mas ela sabia que alguns de seus convidados estranhariam, a princípio. Novamente é visualizado uma sacralização por **mito**, devido a influência denominacional na configuração da festa e na condução do evento naquele ambiente externo, e sacralização por *communitas* como se a praia se tornasse uma igreja naquele momento.

Davi menciona de que desde que retornara para igreja, a qual estivera afastado por alguns anos, procurou uma boa moça com quem pudesse se casar. Ele acredita que Deus o conduziu até Raquel. Quando ambos começaram a planejar o casamento, ele não fazia ideia de como gostaria que fosse a cerimônia. Raquel sugeriu que o casamento fosse realizado ao ar livre. Davi nunca havia pensado nisso, mas ao ver as fotos que Raquel mostrara como referência, foi mudando de opinião. Depois de ter assimilado a ideia de fazer um casamento ao ar livre. Ele também não queria algo cansativo, demorado. A cerimônia ao ar livre tornou as coisas mais dinâmicas. Além de, no local onde foi feita a cerimônia, também haver piscina e tirolesa, coisas que Davi nunca havia visto em outros casamentos. Assim há uma sacralização por **objetivação** uma vez que a concretização foi desejo dos noivos.

Eliel conta que não se casou na igreja, mas no religioso, “para entrar nos conformes da bíblia, perante Deus”. Se dependesse dele também não haveria festa, pois não gosta do barulho e da algazarra deste momento. O começo do relacionamento de Júlia se deu com a entrada dele para sua congregação. Esse foi, para ela, um sinal de que deveria continuar seu relacionamento. Com relação à cerimônia ela queria as situações tradicionais, mas com detalhes diferentes. Ela não casou na igreja, mas transformou o salão em que a cerimônia foi realizada em uma igreja. Assim há uma sacralização por *communitas*.

Joana sempre quis se casar na igreja em uma cerimônia simples. Para ela a escolha do lugar representava o ato de colocar Deus em primeiro lugar em seu relacionamento. Apesar disso, a escolha da igreja em que seria realizada a cerimônia não foi um dos primeiros itens providenciados. Foi algum tempo depois, após “um puxão de orelha” que recebeu da cerimonialista, que ela despertou para este detalhe. Procurou, então, algumas igrejas de sua denominação. Sua primeira opção a encantou pela beleza do local, por possuir um piano de causa, contudo o preço do local era muito caro. A taxa de uso da era mais cara para quem não era membro frequentador daquela igreja, comenta. Representando uma **dessacralização**

relacionada ao valor. A segunda opção foi uma igreja maior, mas que não se encaixava nos planos de Joana. Ela decidiu ficar com a terceira opção: uma igreja menor que combinava mais com o estilo de decoração rústica que ela escolhera. Um comportamento de sacralização, visto que supria de certa maneira as expectativas do casal. Para Joana, a escolha da igreja ideal também era importante porque julgava que o momento mais importante do casamento era a cerimônia. Disse ainda que se lembrar da festa, mas a cerimônia seria algo inesquecível, que ela iria se “lembrar com mais carinho”.

Este artefato teve como resultado médio para o objeto de atitude 2,6 , isso está especialmente ligado ao fato de que não há uma obrigatoriedade de realizar as cerimônias na igreja.

Músicas - Evangélica de Missão

Raquel escolheu músicas para sua cerimônia que tivessem significado para ela e seu noivo. Optaram por não utilizar as músicas tradicionais para a entrada, mas sim canções que fizeram parte de sua história juntos. Ela conta que ambos, ao ouvirem as músicas que seriam tocas em suas entradas, ficavam imaginando e idealizando como seria o momento. Hoje, após a cerimônia, Raquel conta que quando ouve aquelas músicas se lembra dos momentos e da emoção que viveu naquela ocasião. Assim, há uma sacralização por **objetivação** e **mistério**, devido a personalização e o significado das músicas do casamento.

Um dos momentos que marcou Eliel foi durante a festa, quando a noiva Júlia e os convidados fizeram um *flash mob* cantando a música *Como é Grande o Meu Amor Por Você*, de Roberto Carlos. Eliel não sabia que aconteceria aquilo, então ficou surpreso quando a música começou. Depois, foi convidado por sua noiva para ir a frente, onde os convidados cantaram em homenagem aos noivos esta música. “Aquilo marcou”, comenta Eliel. Uma sacralização por **objetivação** dado que através daquela música o noivo foi homenageado.

Para Joana as duas coisas mais importantes da cerimônia de casamento são o momento do “sim” e a parte musical. Segundo ela, “as duas que mais chamam atenção”. Isto reflete a sua preocupação por não ter a quantidade de músicos adequada que desejava ter em seu casamento. Ela queria ter dois músicos, um que tocasse piano e outro saxofone. Ela conseguiu apenas o pianista. Mas isso não a impediu de planejar a cerimônia de casamento com dez músicas. Este foi um ponto que ela ressaltou na entrevista, e mencionou ter pedido à

cerimonialista que dedicasse uma atenção especial às músicas para que acontecesse como havia planejado. Assim, há uma sacralização por **objetivação**, uma vez que há a preocupação e o planejamento sobre a este artefato ritual.

Jaque não deu muita atenção com relação às músicas a serem executadas em seu casamento até receber “um puxão de orelha” de sua cerimonialista. Ela lembrou Jaque de que deveriam conversar com seu pastor sobre qual tipo de músicas seriam permitidos na cerimônia e na festa de casamento. Esse fato a fez ir atrás destas informações, mas Jaque confessa estar com algumas dificuldades quanto a isso, “é uma música para cada coisa e eu estou muito confusa ainda em relação a isso”(sic). Ao conversar com o pastor foi advertida a não utilizar nenhum tipo de música secular, com exceção de música clássica. Jaque mostrou ao pastor algumas opções que haviam pré-selecionado, mas ele descartou algumas delas. Segundo ela “apesar de a gente querer muito, a gente entendeu isso também. Só que é importante, né”(sic). Ela também compreende que esta é uma forma de “mostrar pras pessoas os nossos princípios”. Para executar as músicas selecionadas para a cerimônia Jaque não se mostrou interessada em contratar músicos para isso, “eu não vou querer pagar isso, então eu ainda prefiro colocar o som pronto”. O som a ser utilizado no evento foi emprestado, e é este que ela pretende utilizar para reproduzir as músicas. Sobre a festa Jaque também recebeu instruções quanto às músicas da festa, ela explica que “uma coisa que não vai ter é música pra dançar”. Assim é possível perceber tanto comportamentos de dessacralização, quando a noiva deixa de se preocupar com aquele item e se sente confusa com as escolhas, ou mesmo chateada com as sanções, quanto sacralização por **mito** pela ideia de que a música deve refletir seus princípios religiosos.

Este objeto de atitude obteve um resultado médio de 2,6 pontos, que refletem as crenças religiosas dos casais.

Decoração - Evangélica de Missão

Daniel ouviu de muitas pessoas que deveria investir na decoração porque é o que as pessoas verão, uma sacralização por **objetivação**. Na opinião de Ester a decoração e o *buffet* são as partes mais importantes do casamento. Sendo assim, ela deu atenção para fechar com os fornecedores destes dois itens primeiro sacralizando também por **objetivação**. O que ela não contava é que teria diversos problemas. Sobre a decoração ela até participou de outro

casamento organizado pela empresa que havia contratado. Ela achou o evento ótimo e ficou com esperanças de que o dela também desse certo. Ester passou para a nova empresa de decoração já que havia tido problemas com uma contratada anteriormente. Queria arranjos com rosas e flores que preenchessem o espaço. Mas no dia, antes de entrar na igreja, recebeu uma foto dos arranjos, isso a deixou muito preocupada, conta que ficou muito triste com a decoração. Aquilo, para ela, estragou a cerimônia. Não se lembra de, ao entrar na igreja olhar para o noivo, só conseguia pensar nas flores que não estavam do jeito que ela queria. Mas o que mais a chateou foi a decoração do palco. A empresa havia feito o arranjo com orquídeas de plástico. Ela disse que ficou com muita raiva quando viu aquele “mato de plástico”. Por fim, Ester disse que se arrependeu da decoração, pelo serviço que foi oferecido ter ficado longe de satisfazerem suas expectativas. Demonstrando aí um alto grau de **dessacralização** visto a decoração na corresponder ao desejo da noiva.

A terceira coisa a ser fechada durante o planejamento do casamento de Raquel foi a decoração. Mas além de fechar com uma empresa, ela queria dar um toque pessoal. Logo após ser pedida em casamento ela e seu noivo começaram a juntar garrafinhas de vidro. Raquel tinha o objetivo de enfeitar estas garrafas para que elas fizessem parte da decoração. Demonstrando um envolvimento que pode ser compreendido como um comportamento de sacralização por **objetivação**. Davi conta que não teve uma participação muito expressiva com relação à decoração em seu casamento. Ele menciona que apenas concordava com o que a noiva decidia para a ocasião, pois achava a decoração apenas um detalhe, assim ele **dessacraliza** fortemente a decoração.

Jaque tinha o sonho de realizar seu casamento na praia, e sua decoração no ambiente da cerimônia e da festa ser de uma forma mais rústica. E foi isso que aconteceu. Ela e seu noivo conseguiram se organizar para fazer o casamento em uma praia de Santa Catarina. Com relação à decoração ela conseguiu atingir seus objetivos graças à decoradora que contratou. Além de decoradora e cerimonialista, a pessoa contratada por Jaque a ajudou muito a organizar a decoração e a cerimônia do casamento. Jaque conta que em diversos momentos aceitou a opinião da decoradora. Em sua entrevista é possível perceber que Jaque sofreu uma grande influência desta fornecedora, pois em diversos momentos menciona “ela escolheu”, “ela disse”, “ela falou”, “ela achou melhor”. Por fim, Jaque ficou muito satisfeita com o trabalho da decoradora que havia escolhido e adorou a decoração, achou que tudo iria ficar

muito bonito, configurando assim uma sacralização por **objetivação** visto que a decoração, segundo ela superava suas expectativas iniciais.

Embora tenha sido a primeira coisa que Joana procurou fechar para o casamento, configurando uma sacralização por **objetivação** devido ao desejo da noiva, a decoração foi o último detalhe do casamento a ser fechado. Apesar disso, ela já tinha todas as ideias de como gostaria que fosse a decoração. Mas ela conta que teve de abrir mão de algumas coisas que havia planejado: “A decoração do salão não vai ficar do jeito que a gente tinha imaginado que fosse ficar”(sic). Assim a concretização do desejo através da decoração contrata acaba **dessacralizada**. Isto aconteceu por causa da questão financeira.

O dono da primeira empresa com quem Júlia havia fechado a decoração fugiu com o dinheiro que ela havia pagado. Por causa disso, ela teve que contratar uma nova empresa para ser responsável por isso. Ela teve que começar praticamente do zero, mas já possuía todas as ideias e referências do que desejava. Devido à questão financeira ela teve que abrir mãos de algumas coisas. Júlia explica,

eu não abri mão do que ia acontecer, eu abri mão do mais caro. Eu tive que mudar. Então o negócio é assim, eu não posso pagar por aquele então eu vou fazer aquilo. Então eu me virava para usar a mesma coisa e continuar criativo, divertido.(sic)
(Júlia, 21 anos, Casal J)

Uma das coisas que ela teve de abrir mão de seus planos foram das flores. Por fim, este e outros pontos foram substituídos por produtos mais baratos. Mas a opinião final de Júlia é que, mesmo com as mudanças, ela amou a decoração. Saiu tudo como ela havia planejado. Portanto há sacralização por objetivação.

Como resultado médio para este artefato tem-se 1,8 pontos. Essa dessacralização está ligada especialmente aos valores altos e mesmo imprevistos ligados a decoração.

Bebida - Evangélica de Missão

Joana conta que *buffet* de seu casamento ficou por R\$37 reais/ pessoa com três bebidas inclusas. Ela não especificou qual seria o tipo de bebida. Tão pouco apresenta algum comportamento de sacralização. Ester tem alguns motivos para que em sua festa de casamento não haja bebidas alcoólicas. Nem ela nem seu noivo bebem, sua religião não permite o uso de bebidas alcoólicas, além do fato de possuir um irmão alcoólatra. Por isso ela não desejava ter

este tipo de bebida sendo oferecida a seus convidados. Desse modo há uma clara e forte **dessacralização** da bebida alcoólica para Ester.

Jaque comenta que por princípios religiosos não haverá bebida alcoólica no seu casamento. Ela menciona que o pastor deixou claro quais os padrões a serem seguidos durante a festa. Isto incluía a abstenção de bebidas alcoólicas. Assim para Jaque também há uma **dessacralização** da bebida alcoólica.

Este objeto de atitude obteve -7,3 como resultado médio, configurando uma dessacralização ligada as crenças e convicções religiosas dos casais.

Bolo - Evangélica de Missão

Joana comenta que ganharia o bolo de casamento de suas amigas de trabalho. Segundo ela seriam “450 reais a menos, que vou gastar”.

Jaque optou por não fazer um bolo com pasta americana. Achava também que não combinaria com o estilo rústico que escolhera para a decoração. E apesar de achar os bolos feitos desta forma bonitos, o gosto da pasta americana é “horrrível”.

Raquel teve alguns contratemplos por causa do bolo. Ela e seu noivo haviam ganhado o valor do bolo de presente de um dos primos. Mas quando os noivos pediram para mudar o sabor da massa do bolo, o primo confeitiro ficou chateado. Foi se afastando aos poucos da escolha dos detalhes do bolo, depois pagou apenas uma parte do valor que havia se proposto. Por fim, este primo decidiu não ir ao casamento. Teve de usar um bolo falso, algo que não queria. Seu bolo também foi servido em pequenas embalagens. Algo que não lhe agradou, mas que acabou fazendo.

Ester se orgulha de, desde o início dos planos para o casamento, ela desejar um bolo de verdade. Ela não queria um bolo falso para as fotos. Queria um de verdade do início ao fim. Na entrevista ela mencionou que quando ia a outros casamentos e via um bolo falso não gostava. Sendo assim se propôs a ter um bolo de verdade, não um de “plástico”. Seu bolo tinha três andares e, segundo ela, “ficou muito lindo”.

Júlia disse que seu bolo de casamento ficou idêntico ao da foto que havia escolhido como referência. Para ela seu bolo ficou lindo, perfeito.

Este artefato obteve como resultado médio para o objeto de atitude 3,9

Topo do bolo - Evangélica de Missão

Jaqueline não queria um topo de bolo tradicional, “noivinho de porcelana de *biscuit*”. Por isso entrou em contato com uma amiga que fazia artesanato em feltro e encomendou os noivinhos, que na realidade eram dois passarinhos. Para Jaqueline compensou, visto que sua amiga cobrou 30 reais. Ela gostou muito de seu topo de bolo “quase cai de costas quando eu vi porque eles ficaram muito perfeitos e eles são mais rústicos mais artesanais e combina bastante com o bolo”(sic). Que segundo a fotografia mostrada pela noiva será um *nakedcake*³⁰. Há portanto uma sacralização por **objetivação** em razão do desejo de personalização da noiva em relação ao seu topo de bolo.

Ester utilizou um topo de bolo feito de *papertoy*³¹ que ganhou de uma moça que não conhecia pessoalmente, apenas pela internet através de um grupo de casamento de uma rede social. Para Ester aquele fato foi uma das provisões de Deus quanto aos detalhes de seu casamento. O que caracteriza uma sacralização por **objetivação** e **mistério**. **Mistério** porque a noiva acredita que o artefato foi uma provisão divina. E **objetivação** dado que através dessa amiga, sente a materialização desta provisão.

Júlia mandou fazer seu topo de bolo personalizado, no estilo caricatura. Com vestido, cabelo e roupa do noivo imitando a original. Mas reclamou que sua bonequinha não ficou muito parecida. Ela disse que, como não tem traços muito definidos, sua bonequinha ficou apenas com um “sorrisão”. Já o boneco de seu marido ficou idêntico em todos os detalhes. Assim há uma sacralização por **objetivação** já que a noiva quis um topo de bolo personalizado. Este objeto de atitude obteve um resultado médio de seis pontos relacionado principalmente a personalização da identidade do casal.

Comida - Evangélica de Missão

Para Raquel, várias coisas em seu casamento tiveram um significado especial. Uma delas foi a comida. Como seu noivo é vegetariano, havia a opção de alimentação para

³⁰Bolo pelado – tradução livre, um bolo sem cobertura de glacê onde a massa e a cobertura ficam expostas em camadas decoradas com frutas e açúcar.

³¹Brinquedo de papel – tradução livre. São, geralmente, bonecos feitos de forma planejada, para recortar e montar com dobras

estes dois grupos de regime alimentar distintos. Além disso, a opção de servir alimentação vegetariana também representava testemunhar a seus convidados um dos princípios de sua religião. A escolha do cardápio foi um item tratado desde os primeiros momentos da organização do casamento. Raquel não escolheu uma empresa para prestar o serviço de *buffet*, mas um grupo de pessoas que prepararia o almoço. Ocorreu, portanto, uma sacralização por **mito**, em virtude dos princípios religiosos relacionados a saúde, bem como a **objetivação**, já que o casal tinha o desejo de demonstrar um pouco do que acreditavam e viviam através da comida.

Uma das prioridades de investimento no casamento de Ester foi a comida. Tanto que o *buffet* e a decoração foram as primeiras coisas que ela quis fechar. Em suas palavras “eram as duas coisas mais importantes”. Ester queria que fosse o jantar servido fosse algo “gostoso e agradável”. Seu sonho era servir pizza na festa, mas por não conseguir achar um lugar que comportasse todos seus convidados acabou mudando de ideia e escolhendo um *buffet*. Este *buffet* com rodízio de carnes foi indicado por seu pai, o qual era amigo do dono da empresa fornecedora. Assim, Ester conseguiu preço mais barato. Isso caracteriza uma sacralização por **objetivação**, visto a ideia de agradar os convidados através da comida. Ester decidiu que as entradas seriam servidas nas mesas de seus convidados. Ela não queria uma única mesa onde as pessoas ficassem na volta. As entradas seriam compostas de salgadinhos de festa, algo que a Ester gosta muito. Os cuidados com a refeição também abrangiam o horário. Ela preferiu gastar menos tempo com as fotografias para poder chegar mais cedo e dar início ao jantar. Ester também preparou um cardápio para que seus convidados ficassem inteirados sobre o que seria servido na festa. Uma das coisas que ela não queria, era que houvesse filas na hora de se servir. Por isso optou por um rodízio de carnes, onde os convidados eram servidos em suas mesas. Isso a deixou muito feliz, pois evitou filas e agradou os convidados. Assim com todas estas preocupações relacionada a este artefato há uma sacralização por **objetivação**.

Júlia já havia dado início aos preparativos do casamento muito antes do noivado. Então, quando eles começaram a fechar os preços com os fornecedores de alguns itens do casamento tudo já estava encaminhado. Já sabiam a quantidade exata de convidados, e o tipo de *buffet* que gostariam. Sobre a comida que foi servida Júlia conta que estava uma delícia. Essa preocupação antecipada de Júlia demonstra uma sacralização por **objetivação**.

Jaque fechou o *buffet* com um fornecedor que é conhecido seu. Mas antes verificou sua situação financeira e pediu indicações sobre seu trabalho. Tudo que ela verificou sobre ele e seu serviço a agradou. Este foi o primeiro item a ser fechado.

Joana conseguiu fechar um *buffet* por R\$37 reais com três bebidas inclusas. Para ela, foi muito barato e o lugar muito bom. Há, portanto, uma sacralização por **objetivação**.

Este objeto de atitude teve um resultado médio de 8,3 pontos, relacionado principalmente a sacralização deste elemento como fundamental para um bom evento em detrimento de outras possíveis atrações não ofertadas pelos casais como bebidas ou danças, que vão contra as crenças religiosas dos casais

Foto - Evangélica de Missão

Ester foi aconselhada por amigos a investir mais na parte de fotografias. Segundo esses amigos, as fotografias eram importantes justo que ficaram como lembrança do casamento. Ela não precisou contratar nenhuma empresa para fazer as fotos de seu casamento, pois conseguiu, de graça, duas amigas fotógrafas e mais um rapaz para montar seu portfólio. Ester deu bastante atenção para as fotografias do pré-*wedding*(fotos pré-casamento), mas no dia do casamento, entre a cerimônia civil e a festa, dedicou apenas 15 minutos para uma sessão de fotos. Ela não queria que seus convidados ficassem esperando para jantar. Para ela era mais importante o jantar que a sessão de fotografias. Assim, mesmo que ela sacralize por **objetivação** as fotos que gostou, **dessacraliza** as fotos no momento da festa, já que para ela o conforto dos convidados é mais importante.

Durante a entrevista de Júlia foi possível perceber o quanto as fotos foram importantes em seu casamento. Em nenhum momento ela menciona como foi o processo para contratar a empresa de fotografia, mas em diversas ocasiões ela menciona que tirou centenas de fotos em todos os momentos. A fotografia foi um ponto tão importante para Júlia que a principal lembrança é uma fotografia tirada em uma cabine que produzia fotos instantâneas, personalizadas do casamento. Júlia menciona também que ela não queria tirar fotografias tradicionais, ela queria poses fora do normal, fazendo caretas. Assim para Júlia há uma alta sacralização deste artefato por **objetivação**.

Joana disse que a única coisa que ela não abriria mão em seu casamento eram suas fotografias. Menciona duas vezes este fato durante a entrevista. Ela também contratou o

serviço fotográfico para o *trash the dress*³², juntamente com as fotos para o dia de seu casamento. Há também, devido a relevância, e o envolvimento, uma sacralização por **objetivação**.

Para Raquel algo que não poderia faltar eram as fotos. As fotografias simbolizam as lembranças dos melhores momentos de seu casamento e também uma forma de eternizar essa ocasião. Sendo, portanto, uma sacralização por **objetivação**. Davi conta que seguiu o conselho de sua fotografa, em planejar o momento das fotos do casamento, para que cada uma delas tivesse significado. Seu objetivo era deixar isso “marcado para as pessoas”. A sacralização das fotos para Davi se dá por **objetivação**.

Este artefato tem uma sacralização de seis pontos relacionado a importância destas lembranças para o casal.

Filmagem - Evangélica de Missão

Ester contratou um profissional para ficar responsável pelas filmagens de seu casamento. Até o momento da entrevista ainda não havia recebido o resultado do trabalho. Apesar disso, ela conta que durante a festa do casamento os primos de seu noivo haviam feito um vídeo de boas-vindas à família para pudesse assistir durante sua lua de mel, o que ela achou muito bonito. Assim não há um comportamento de sacralização para a filmagem contratada. Mas há uma sacralização por **mistério**, para a filmagem feita pelos primos de seu esposo.

Júlia também não recebeu o resultado das filmagens de seu casamento. Está ansiosa por recebê-las, pois, há muitas coisas que ela não viu e algumas outras que ela não se lembra. Assim há uma sacralização por **objetivação**, em razão do desejo de que as gravações lhe proporcionem um vislumbre ordenado dos acontecimentos de seu casamento.

Raquel comenta que teve de abrir mão do vídeo. Ela disse que isto a chateou um pouco, mas já que precisava economizar em algumas coisas a filmagem foi suspensa. Não há a concretização do desejo da noiva de ter um filme retratando seu casamento.

O resultado médio para este objeto de atitude é 3,6 especialmente relacionado a questões financeiras que impediam os casais de terem este artefato em seu ritual.

³² Ensaio fotográfico com casais de noivos geralmente após o evento do casamento onde não há uma maior preocupação com a integridade do vestido.

Carro - Evangélica de Missão

Daniel tinha o desejo de ao sair da igreja após a cerimônia religiosa de carro conversível. Ao ser questionado por sua noiva do porquê disso ele respondeu que, assim como ela pode escolher tantas coisas relacionadas ao casamento, este era um desejo dele. Caracterizando assim uma sacralização por **objetivação**. Daniel diz

Porque eu quero. Não tem um por que. Por exemplo, a gente podia escolher por exemplo qualquer decoração, mas ela queria branco e azul. Você poderia querer qualquer vestido, mas você gosta do modelo que você escolheu. Poderia escolher qualquer igreja, a gente queria que fosse uma com a aparência bonitinha, e eu poderia sair com qualquer carro, mas eu quero sair com um conversível (sic) (Daniel, 25 anos, casal G).

Mas para Ester a escolha de seu noivo, de sair de carro conversível da igreja, não fazia muito sentido. Como o carro com o qual sairiam da cerimônia era algo sem importância para ela, aceitou a escolha do noivo. Ficava apreensiva, com medo de estragar o penteado, mas ela conta que depois aproveitou o passeio e até gostou da ideia. Assim, em um primeiro momento ela **dessacraliza** o artefato, mas acaba aceitando e aproveitando o veículo demonstrando uma sacralização por **mistério**, já que estava participando do sonho do noivo através da utilização do conversível em seu casamento.

Davi menciona que algo que ele gostaria de ter feito em seu casamento era ter dado mais atenção à escolha de um carro para levar sua noiva até a cerimônia. Ele disse que ela foi levada em um carro que foi conseguido na última hora. Para ele, este seria um ponto que daria mais atenção, ou mudaria se pudesse realizar a cerimônia novamente. Assim ele sacraliza o artefato carro por **objetivação**, e **dessacraliza** o carro utilizado por ter sido escolhido de última hora.

Júlia tinha o desejo de se casar da maneira como os Hooliwoodianos realizam suas cerimônias e festas, para completar este desejo, conta que alugou uma limusine para ser levada até a cerimônia. Ela fala que aproveitou o veículo para sua sessão de fotos com padrinhos, madrinhas e noivo. configurando uma sacralização por **objetivação**, e também por **mito**, visto a influência que teve sobre os casamentos Hooliwoodianos envolvendo limusines.

Júlia tinha o desejo de ter um casamento luxuoso a maneira dos filmes hollywoodianos. Alugou uma limusine para ser levada até a cerimônia e aproveitou o veículo para sua sessão de fotos com padrinhos, madrinhas e noivo, configurando uma sacralização

por **objetivação**, e também por **mito**, visto a influência dos filmes norte americanos sobre todos os detalhes de seu casamento.

Este artefato Obteve um resultado médio para objeto de atitude de 3,5 pontos

Lembrancinha - Evangélicas de Missão

Os convidados de Júlia receberam quatro lembrancinhas. Três planejadas por ela, a outra oferecida por sua sogra. A primeira era uma caixinha em formato de noivinhos que continha um docinho dentro. Esses doces foram colocados em um lugar de destaque na festa, dentro de uma cristaleira caracterizando uma sacralização por **objetivação**. A segunda lembrancinha era um *bóton*. Cada convidado que ajudasse doando alguma quantia em dinheiro para a brincadeira do sapato e da gravata recebia um *bóton*, então há uma sacralização por **objetivação**. A terceira lembrança era uma foto instantânea, tirada em uma cabine fotográfica contratada para o casamento. Esta foto vinha com dizeres personalizados, algo que a noiva gostou muito, principalmente por ser uma lembrança personalizada para cada convidado, configurando assim uma sacralização por **objetivação**. A lembrança oferecida por sua sogra foram os bem-casados. A princípio, Júlia não havia planejado isso, demonstrando certa **dessacralização** para com o item, mas aceitou o presente. Conta que fez diversos orçamentos com empresas, priorizando o baixo custo e chegando, até mesmo, a terminar a confecção ela mesma, assim, há uma sacralização por **objetivação** pelo envolvimento, mas uma **sacralização mediana** visto que esse envolvimento se deu pois a noiva não quis arcar com custos mais altos.

Eliel conta que sua postura em relação à preparação era de meramente aceitar os desejos da noiva. Desse modo também foi em relação às lembrancinhas para os convidados. Assim ele **dessacraliza** o item, mas depois sacraliza o resultado por **objetivação**.

Não estava nos planos de Ester ter doces como lembrancinha de seu casamento. Ela disse que o orçamento que haviam planejado era alto o que a desmotivou, assim, em um primeiro momento esse item é **dessacraliza**. Mas a noiva acabou ganhando, da família de uma amiga, pães de mel para serem utilizados como substitutos do bem-casado. Ester conta que “ficou bem bonito” e ficou feliz também. Como ganhou de amigos muito queridos, esse artefato é sacralizado por **objetivação**, mas também por **mistério**, visto o afeto envolvido.

Este objeto de atitude tem uma sacralização baixa de dois pontos como resultado, visto ser tomado como um item opcional e não obrigatório para o sucesso do evento.

Data - Evangélicas de Missão

Jaque marcou seu casamento para um domingo às dez da manhã. Ela tomou cuidado com a escolha da data para que não interferisse seu dia de guarda, o sábado. Jaque também se preocupou em transmitir esta informação a cerimonialista, para que ela não mexesse em nada relativo a seu casamento durante o sábado. Assim, neste momento, ela **dessacraliza** a data do seu casamento visto ser seu dia de guarda mais importante para ela.

Daniel lembra que a escolha do dia do casamento foi quando começaram a flertar. “a gente escolheu uma data que era um dia importante para nós então fazia muito sentido marcar esse dia que era dois anos após a nossa primeira conversa” (sic). Dessa maneira, há uma sacralização por **mistério**, visto o significado do dia para o casal e as experiências marcantes que viveram e esperam viver nesta data. Após definirem a data, Daniel conta que sua principal preocupação foi conseguir o dinheiro para pagar o casamento. Ester marcou seu casamento após dois meses de namoro. O que, segundo ela, acabou deixando a todos impressionados. Eles conversaram sobre quanto dinheiro precisariam juntar para pagar o casamento, e a data foi marcada pensando nisso. “Foi mais ou menos assim: falta tanto tempo, a gente precisa de X de dinheiro. Quanto que a gente tem que guardar por mês para conseguir fazer?”(sic), disse Daniel. Sendo assim, o importante não era a data, mas o valor monetário necessário para custear o casamento, dessa forma a data fica como algo neutro, portanto, **dessacralizado**.

No caso de Davi e Raquel foram marcadas algumas datas para o casamento. Essas datas foram desmarcadas por causa de problemas no relacionamento ou mudanças de planos entre os dois. Raquel desejava a muito tempo ter marcado a data de seu casamento, mas por um problema ou outro não havia sido possível. Ela desejava conseguir uma casa para o casal. Um lugar onde não precisasse dar mais satisfações a ninguém. Ela marcou uma primeira data, mas como não fora possível conseguir uma casa para se mudarem após o casamento houve a renúncia da primeira data. Foi quando receberam uma proposta de aluguel e isso foi a “luz no fim do túnel com relação à data do casamento”. Com essa confirmação o casal decidiu marcar

de uma vez por todas a data. Nesse caso, há uma **dessacralização** da data, visto que o importante para o casal H era a casa naquele momento.

Este objeto de atitude obteve um resultado médio de 1,5 por esta não ser para o casal o mais importante e poder ser alterada conforme a necessidade do casal. O Quadro 16 apresenta um resumo artefatos do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados evangélicos de missão.

Artefatos	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(6) vestido da noiva	Dessacralização (2); mito (1); objetivação (3)	3,5
(5) véu	Dessacralização (5)	-7,8
(9) sapato da noiva	Dessacralização (7); objetivação (2)	-1,8
(2) Roupa do noivo	Objetivação (2)	9,0
(1) aliança	Objetivação (1)	9,0
(1) Bíblia	Mito (1)	9,0
(2) porta aliança	Dessacralização (1); objetivação (1)	4,5
(8) buquê	Dessacralização (3); mistério (2); mito (2); objetivação (1)	4,4
(16) igreja	<i>Communitas</i> (2); dessacralização (6); mistério (1); mito (3); objetivação (7)	2,6
(11) música	Dessacralização (3); mistério; mistério (2); objetivação (6)	5,2
(24) decoração	Dessacralização (12), objetivação (12)	1,8
(7) Bebida	Dessacralização (7)	-7,3
(10) bolo	Dessacralização (5); objetivação (5)	3,9
(7) Topo do bolo	Dessacralização (1); objetivação (6)	6,0
(8) comida	Mistério (1); mito (1); objetivação (7)	8,3
(25) Fotografia	Dessacralização (4); mistério (1);	6,0

	objetivação (20)	
(5) vídeo e filmagem	Dessacralização (2); objetivação (3)	3,6
(8) carro	Dessacralização (2); mistério (2); objetivação (4)	3,5
(15) lembrancinha	Dessacralização (4); mistério (1); objetivação (10)	2,0
(6) Data	Dessacralização (6); mistério (7)	1,5

Quadro 16 – Resumo dos artefatos do ritual sacralizados por noivos e recém casados evangélicos de missão.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.2.4 Sacralização da audiência do ritual nas igrejas Evangélicas de Missão

Ester teve alguns problemas na hora de selecionar os convidados. Primeiramente ela teve que refazer diversas vezes a lista até chegar ao número ideal em que ela e seu noivo conseguissem pagar o jantar para todos. Depois disso, ela ainda precisou adicionar alguns convidados que seu pai fazia questão que fossem. Outro problema foi em relação a seus próprios familiares. Ela ficou em dúvida sobre convidar algumas pessoas de seu círculo familiar que ela não tinha contato. O mesmo aconteceu com a família de seu noivo. A avó dele não foi convidada, pois, isto geraria um tipo de confronto com os familiares que não foram convidados. Apesar dos problemas Ester via seus convidados como uma parte indispensável de seu casamento. Foi pensando neles que ela fez a escolha do tipo de jantar. Ela levou em consideração o que agradaria mais seus convidados. Então, ela, em alguns momentos, sacraliza por **mistério** e **objetivação** pensando no afeto que tem com as pessoas como critério de convite. E em outros momentos **dessacraliza** esse item devido ao *stress* que teve para montar a lista bem como a presença de algumas pessoas que não gostaria que estivessem no casamento.

Eliel brigou em alguns momentos com sua noiva por causa da lista de convidados. O motivo foi que ele não tinha paciência para “ficar sentado e ficar escrevendo nomes e ficar ligando pro pessoal pra ver se vai ir”(sic). Assim, Eliel **dessacraliza** estes atores, por não ter paciência em atendê-los e convidá-los.

Quando noivou, Júlia já tinha uma ideia de quem convidaria para seu casamento. Com o passar do tempo a lista foi tomando forma e acabou com 420 nomes. Fala da afetividade que teve em relação aos convidados, assim, sacraliza por mistério. Conta que no dia da festa foram 320 convidados, mas que se pudesse, refaria sua lista. Isso por que algumas pessoas foram a sua festa saíram falando mal. Ela conta que, se pudesse, substituiria estas pessoas por outras que teve que de deixar de fora por causa do fator financeiro. Assim há uma **dessacralização** destas pessoas convidadas visto que geraram arrependimento.

Para Raquel a coisa mais difícil dos preparativos de seu casamento foi escolher quem seria convidado. Ela mencionou que tinha “um apreço muito grande pelas pessoas”, o que dificultava na hora de fechar um número definido de convidados. Esforçou-se para diminuir o número de convidados e acabou listando 250 nomes. Ela também tinha a preocupação financeira, pois sabia que quanto mais convidados, mais gastos. Portanto, ela **dessacraliza** visto a dificuldade relatada, ao mesmo tempo que sacraliza por **objetivação** e **mistério** pelo apressado que teve e pelo esforço envolvido para convidá-los.

A audiência teve como resultado médio para o objeto de atitude de 1,9 um reflexo de ser a festa pensada para o casal, sem muita pretensão de agradar os convidados em um primeiro momento.

O quadro 17 apresenta um resumo da audiência no ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados evangélicos de missão.

Audiência	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(18) Convidados	Dessacralização (8); mistério (7); objetivação (4)	1,9

Quadro 17 – Resumo da audiência do ritual, sacralizados por noivos e recém casados evangélicos de missão.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.3 O Matrimônio nas Igrejas Evangélicas Pentecostais

Uma das ramificações que surgiu do movimento da Reforma Protestante foi o grupo Pentecostal. Baseia sua doutrina em um evento muito importante para a igreja cristã primitiva: o Pentecostes. No Pentecostes bíblico os discípulos de Jesus receberam o batismo

do Espírito Santo, o que os habilitou a desenvolver e apresentar dons espirituais. Alguns destes dons são: o dom de cura, o dom de profecia, o dom de falar línguas estranhas, entre outros. O movimento Pentecostal atual também apresenta o batismo pelo Espírito Santo como algo contemporâneo e, aqueles que o recebem, também podem desenvolver os mesmos dons espirituais apresentados pelos discípulos de Cristo do primeiro século.

O pentecostalismo moderno (ainda ancorado pelos preceitos básicos do pentecostalismo clássico) surgiu nos Estados Unidos em 1901. O início deste movimento foi fortemente marcado pela inclusão de mulheres e afrodescendentes em seus cultos e na liderança religiosa. Atualmente, o movimento pentecostal possui dezenas de ramificações e seus princípios estão presentes na doutrina de milhares de igrejas independentes. Desde *megachurchs* até pequenas congregações em bairros de pequenas cidades do interior é possível encontrar a doutrina pentecostal e o clamor de seus membros pelo batismo com o Espírito Santo e pela aparição dos dons espirituais. No Brasil a parcela da população que se diz pentecostal é de mais de 25 milhões de pessoas³³.

A Igreja Assembléia de Deus, no Brasil, começou com a chegada de dois missionários suecos que trouxeram a doutrina pentecostal do batismo do Espírito Santo, e dom falar línguas estranhas. Converteram alguns cristãos batistas, que ao deixarem sua denominação, criaram junto aos missionários uma nova igreja, Missão da Fé Apostólica, que mais tarde, em 1918, passou a se chamar Assembléia de Deus. Esta última tem como líderes os pastores residentes no Brasil, e tem laços de fraternidade com comunidades da Suécia e dos Estados Unidos.

Para a Igreja Assembléia De Deus o casamento é a mais importante de todas as instituições, ela é base da família e da sociedade. O casamento é o vínculo jurídico entre o homem e a mulher para o auxílio material e espiritual, a fim de uma interação fisiopsíquica e constituição familiar. Os fins para o matrimônio na Igreja Assembléia de Deus são a instituição da família, a procriação, que é uma consequência lógico-natural, no entanto, não essencial do matrimônio, validação das relações sexuais entre os cônjuges, prestação do auxílio um ao outro, que é consequência direta do convívio entre os consortes, estabelecimento de múnus patrimoniais ou não entre os cônjuges, e a educação e nomeação dos filhos.

³³Fonte:<ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_Deficiencia/ta_b1_4.pdf>, acesso em: 09 de junho de 2015

Em entrevista o Pastor Fábio conta que para ele a família é uma instituição que tem sido muito combatida. “Nós vivemos um tempo, por um lado, de globalização, e por outro lado, de sodomização”(sic). Para o pastor Fábio a mídia incentiva, e as leis permitem e incentivam, assim é comum o divórcio, por exemplo. Para esse pastor, a única instituição na Terra trabalha com princípios usando as suas armas pra manter a família é a igreja de Cristo, e a sua igreja se preocupa muito com isso. Para ele um dos problemas é a falta de homens na sociedade, “não estou dizendo homens só porque nasceram do sexo masculino, nasceram com genitais masculinos. Homens de cabeça, homens de decisão, de determinação”. Por isso eles trabalham a hombridade, o homem enquanto sacerdote da família. Pai e esposo presente. Assim eles têm um ministério do homem e da mulher para que os papéis dentro da família sejam preservados. “Se nós não cuidarmos da família, a sociedade vai se desintegrar totalmente”, comenta o pastor.

Os três princípios que regem o casamento na Igreja Assembléia de Deus são a livre união dos futuros cônjuges, a monogamia, e a comunhão indivisível. O casamento enquanto cerimonial é uma herança do catolicismo. Segundo o Pastor Fábio, casamento válido para a Igreja Assembléia de Deus é aquele diante o juiz de paz, no cartório. Para ele, por muito tempo, a Igreja Católica fez valer o casamento religioso em detrimento ao casamento legal, ao ponto de algumas pessoas pensarem que se não casassem na igreja, não estariam casados. Assim para a igreja desse pastor o casamento religioso “tem um valor relativo. É relativa, a cerimônia em si”(sic). Pastor Fábio comenta que em alguns casos o casal deseja apenas casar-se no civil e pedem uma bênção apenas. Assim não há nenhuma exigência de cerimônia elaborada, apenas os votos, uma unção e uma bênção ao casal.

Se o casal, mesmo após casamento no cartório civil, desejar realizar uma cerimônia religiosa na igreja ou outro ambiente poderão fazer, bem como realizar a cerimônia de casamento civil e religioso ao mesmo tempo. Ficando a critério do pastor e do casal.

O roteiro de cerimonial das igrejas Assembléia de Deus são muito parecidos com as demais denominações cristãs. Existem entradas especiais, como a entrada da noiva, do noivo, dos pajens. As músicas devem ser aprovadas pelo pastor e seguir os padrões cristãos. O pastor faz uma mensagem relacionada a passagens bíblicas sobre casamento para os noivos e convidados. Existe a troca das alianças e a bênção sobre o casal, e se, assim desejar o casal, poderá haver uma festa de comemoração.

Cada comunidade irá decidir a sequência e quais os elementos são fundamentais para a realização da cerimônia de casamento. Pois, segundo pastor Fábio e pastor Silvano não há um manual específico e oficial da igreja sobre o assunto. Porém, a igreja não realiza casamentos de pessoas divorciadas, apenas de solteiros e viúvos e entre seus membros e pessoas não evangélicas, não necessariamente apenas da Assembleia de Deus.

O Quadro 18 apresenta um resumo dos elementos rituais, conforme Rook(2007), apontados como sagrados para a Igreja Assembléia de Deus, conforme os líderes e os *sites* da denominação.

Atores	Roteiro	Artefatos	Audiência
Homem	Votos	Musicas	Testemunho público
Mulher	Unção		
	Benção ao casal		
	Entradas especiais		

Quadro 18 – Elementos do ritual de casamento sagrados para as Igrejas Assembleias de Deus

Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

Bênção matrimonial na Comunidade Evangélica de Maringá- PR

A Comunidade Evangélica de Maringá- PR foi criada em 1989 a fim de ser o primeiro templo evangélico entre as zonas 5 e 6 da cidade de Maringá, uma igreja que buscasse mover-se entre os dons e os ministérios de Jesus Cristo. Para ela, a totalidade desse ministério se realiza na plenitude do corpo da igreja e “fundamenta-se dentro do princípio de Jetro (Êxodo 18) e busca apoiar homens e mulheres fiéis, tementes a Deus, cheios do Espírito Santo e escolhidos por Ele para que efetuem toda a obra.”³⁴. As igrejas denominadas Comunidades Evangélicas têm uma administração local, ou seja, não participam de uma confederação de igrejas, nem se denominam uma igreja de abrangência nacional ou mundial. Cabendo a cada comunidade local manter-se e organizar-se da maneira que julgarem melhor.

Para a Igreja Comunidade Evangélica, o casamento significa a valorização da família. O casal, formado por homem e mulher, busca a bênção de Deus na Sua palavra e com intercessão da comunidade. Neste ato de união, o casal se apresenta com livre e espontânea

³⁴Disponível em <http://www.comunidade.org.br/index.php> acesso em 20 de julho de 2015.

vontade para unir-se e não mais se separarem. Para eles o casamento foi instituído por Deus para ser uma fonte de prazer, felicidade e aprendizado.

Na comunidade evangélica é necessário que o casal realize o casamento civil antes de concretizar sua união na igreja. Pelo menos um dos noivos deve ser membro da comunidade evangélica. O roteiro segue o mesmo padrão de diferentes denominações cristãs, com entradas, votos e benção. A benção ao casal pode ser dada pelo pastor ou pastora. Quando um dos nubentes não pertence a mesma fé Cristã, é possível que o ministro desta outra igreja participe do casamento, se assim desejarem. Quando um dos noivos não for cristão a comunidade evangélica acolhe o nubente e realiza a benção nupcial. Outro requisito é a preparação do casal através de um curso de noivos. O Quadro 19 apresenta um resumo dos elementos do ritual do casamento sagrados para a igreja comunidade evangélica de Maringá-PR.

Atores	Roteiro	Artefatos	Audiência
Homem	Benção de Deus	Palavra de Deus	Comunidade
Mulher	Entradas		
Pastor	Votos		
Pastora	Benção ao casal		
Ministro de outra denominação			

Quadro 19 – Elementos do ritual de casamento sagrados para a Comunidade Evangélica de Maringá-PR.

Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

Preparação para o ritual nas igrejas Evangélicas Pentecostais

Na sociedade latino-americana o termo evangélico engloba as igrejas protestantes históricas ou de missão, como Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Adventista, bem como as pentecostais, representadas por Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Universal do Reino de Deus, Sara Nossa Terra. De forma breve e não muito detalhada o pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico, por pregar a crença dos dons do Espírito Santo de forma moderna, entre os quais os dons de glossolalia, cura e a expulsão de demônios e a outorga divina de bênçãos e realização de milagres.

Na Igreja Assembléia o processo de preparação para o casamento começa com o noivado. Este compromisso para a igreja é sério, e quase tão importante quanto o casamento. Para noivar é necessário que o casal peça permissão do pastor responsável por sua comunidade religiosa. O casal é orientado pelo líder quanto à importância do compromisso que estão firmando e são alertados sobre os princípios do noivado e do casamento para a igreja. O casal, após estas conversas esclarecedoras, é apresentado a comunidade religiosa como noivos, sendo necessário que haja um evento para concretizar o compromisso. Esse evento pode ser realizado tanto na igreja quanto na casa de uma das famílias do casal. Os convidados ficam a critério do casal.

Não existem documentos oficiais da igreja para designar qual sua posição em relação ao casamento e sua celebração. Pastor Fabio comenta que, em sua concepção, o casamento é uma instituição que tem sido muito combatida. “Sempre foi combatida[...] pelo Diabo[...] e hoje, ela é combatida pela sociedade.” Para ele a sociedade tem feito isso a bastante tempo, antes de forma localizada e, agora, de forma generalizada. A erotização está sodomizando a sociedade. Diante deste quadro, para ele é comum o divórcio. A igreja, para ele é a única instituição que combate este processo.

Para evitar este processo de “sodomização” uma das coisas obrigatória é a preparação para o casamento. O casal deve participar do curso, uma exigência da igreja, isso pela postura adotada em relação a formação das famílias. Neste curso os casais trabalham várias questões relacionadas ao matrimônio e a família. O curso é realizado em vários encontros com o pastor, onde o casal estuda um livro ou apostila e discute com o líder religioso várias questões contidas no material. No caso do pastor Fábio, ele utiliza o livro de Jaime Kemp, *Antes de dizer o sim*, um guia com temas variados como filhos, sexualidade, espiritualidade e finanças para casais, com testes e um roteiro para um curso a ser ministrado por pastores protestantes. Já o Pastor Silvano comenta que, em sua igreja, o curso é realizado duas vezes por ano, em formato de palestras e depende da quantidade de casais com casamento marcado para o período.

Preparação para o matrimônio na Comunidade Evangélica de Maringá.

A única forma de encontrar material sobre o assunto na visão da Comunidade Evangélica é através da igreja local e seus pastores. Após entrar em contato com a Comunidade Evangélica de Maringá, no estado do Paraná, foi solicitado uma entrevista com o

pastor e com possíveis noivos e recém casados. No entanto, foi possível contato com uma noiva apenas. Sem sucesso para entrevistar o líder religioso em Maringá, foi procurado líderes em Curitiba-RS e em Porto Alegre – RS, no entanto também sem sucesso.

Como na Igreja Assembleia De Deus não há um curso base para que as comunidades sigam, visto que são administradas de forma individual, cada igreja se adapta conforme a demanda. Na sede de Maringá o curso base é o ONE³⁵, tornando dois em um, promovido pelo *Marriage Ministries International* (ministério internacional de casamento) fundado em 1983, sediado em Littleton no estado Colorado -EUA. No Brasil sua sede fica na cidade de Atibaia - São Paulo. As reuniões são feitas uma vez por semana com duração de duas horas a duas horas e meia, durante 10 semanas, na própria igreja. As lições com temas relacionados ao casamento são fornecidas através de uma espécie de apostila com lacunas para serem preenchidas com as respostas dos casais.

Igreja Cristã Carisma

Assim com as demais denominações pentecostais, a Igreja Cristã não tem nenhuma material oficial especificando do casamento. Por ser uma nova denominação, também não apresenta um histórico definido, com data de fundação ou mesmo as crenças principais. Quanto a entrevista com o pastor, após contato insistente, mesmo sem sucesso, optou-se manter a entrevista da noiva. Por ser uma entrevista rica em detalhes e também por representar uma parcela de pequenas igrejas neopentecostais.

A fim de responder os objetivos B, C e parte do Objetivo D deste estudo. através de entrevistas semiestruturadas e não estruturadas com noivos e recém casados Evangélicos Pentecostais. A seguir, serão descritos processos de sacralização e dessacralização do ritual de casamento dos quatro elementos rituais papéis, artefatos, roteiro e audiência propostos por Rook (2007). Cada um destes elementos gerou uma tabela com índices que classificam os elementos de -3 a +3 conforme as falas dos entrevistados (NARDI, 2001; BARDIN, 1994; MINAYO, 2000).

³⁵ Traduzido do inglês como um (1)

Entrevistado	Casal	Idade	Profissão	Tempo de noivado	Tempo de casado	Quem está custeando	Data do casamento	Denominação	Número de encontros com a pesquisadora
Adália	Casal L	36	Professora	1 ano e 2 meses	2 meses	Casal	25 de outubro de 2014	Assembleia de Deus	1
Filipe	Casal L	34	Eletricista	1 ano e 2 meses	2 meses	Casal	25 de outubro de 2014	Assembleia de Deus	1
Ana	Casal M	26	Advogada	1 ano e 3 meses	2 meses	casal	10 de outubro de 2014	Comunidade Evangélica	2
Cláudia	Casal N	26	Geógrafa	2 anos e 5 meses	15 dias		7 de Setembro de 2014	Assembleia de Deus	2
Ezequiel	Casal N	33	Administrador	2 anos e 5 meses	15 dias	Casal	7 de Setembro de 2014	Assembleia de Deus	1
Damaris	Casal O	21	Publicitária	10 meses	Ainda não Casados	Noivo e pais dos noivos	17 de janeiro de 2015	Igreja Carisma	2
Edna	Casal P	27	Psicóloga	8 meses	Ainda não Casados	Casal	Novembro de 2014	Comunidade Evangélica	1
Total de entrevistados E. de missão = 9				Total de entrevistas = 11					

Quadro 20 – Perfil dos noivos Evangélicos pentecostais entrevistados

Fonte: Elaborado a partir de pesquisa da autora

Nome	Idade	Formação	Denominação	Tempo De Ministério	Número De Casamentos Realizados
Fábio	50	Mestrando Em Teologia	Assembléia De Deus	24 Anos	Não Tem Ideia
Silvano	70	Filosofia E Teologia	Assembléia De Deus	35 Anos	Não tem ideia

Tabela 3 – Perfil Dos Líderes Religiosos Pentecostais Entrevistados
 Fonte: Elaborado A Partir De Pesquisa Da Autora

4.3.1 Sacralização do roteiro ritual nas igrejas Evangélicas Pentecostais

Independente da denominação, o conceito de liturgia prerroga que ocorra sempre da mesma forma. Em rituais, há sempre um roteiro, escrito ou não. É o roteiro que prescreve quais as ações devem ocorrer no ritual. Devem ser parametrizadas e sistemáticas com começo, meio e fim, a improvisação aqui não é bem-vinda. Pode ocorrer, mas de certa forma isso quebra o ritual (ROOK, 2007). No ritual do casamento também há a ideia de uma sequência e o início do ritual do casamento propriamente dito é a cerimônia religiosa.

Cerimônia - Evangélicas Pentecostais

Edna, que é da comunidade evangélica, comenta que já havia planejado tudo mesmo antes de ter um noivo. Ela sabia exatamente como seria a cerimônia, e todas as demais coisas que envolveriam o ritual. Ela fala que a cerimônia é algo importante pelo que ela chama de “herança familiar”. Como sempre foi evangélica não poderia deixar de passar por este ritual, o que caracteriza sacralização por **mito** e por **ritual**. Ela espera que todo o roteiro se cumpra, as entradas, a mensagem a oração a benção. Mas espera que a cerimônia não seja muito longa, que ocorra e logo os convidados possam desfrutar da festa. Para ela, a cerimônia religiosa é um complemento para a civil, o que acaba **dessacralizando** o ritual religioso por ser considerado um complemento e não a parte principal. Edna, então, optou realizar as duas cerimônias (civil e religiosa) no mesmo dia e horário.

Hill e Daniels (2008) relatam que existem algumas sociedades com pouca ou nenhuma separação entre lei religiosa e civis, tais como as comunidades de ascendência judaica ortodoxa, um casamento só poderia ser realizado como parte de um ritual religioso. Para outras, como culturas, principalmente budistas, o casamento legal era uma questão civil e a religião não desempenhava nenhum papel. Cerimônias de casamento civil não eram populares entre os cristãos até depois da Reforma Protestante, no século XVI. O impulsionador da Reforma, Martinho Lutero (1483-1546), negou que o matrimônio era um sacramento, transformando seu significado em algo a mais para os interesses seculares. Então, no final do século XVIII, a Revolução Francesa reduziu consideravelmente a influência da Igreja Católica na vida diária e o casamento tornou-se uma instituição civil e não religiosa. Estes dois eventos contribuíram grandemente para a secularização do casamento nos países europeus onde o cristianismo era a religião principal.

Cláudia, que frequenta a igreja Assembléia de Deus, diz que sua cerimônia foi ótima, teve o cerimonial normal ao ar livre, com o pastor falando como gostaria. Para ela deu tudo certo. Assim, é possível perceber uma sacralização por **ritual**, já que todo o roteiro foi cumprido satisfatoriamente mesmo com o atraso do pastor. “Ótimo, foi perfeito, teve cerimônia normal ao ar livre o pastor atrasou um pouquinho, mas deu tudo certo” (sic), comenta Cláudia.

Damaris, que é membro da Igreja Carisma conta que sua cerimônia vai ser realizada no mesmo local onde será a recepção dos convidados. Ela chama de recepção, pois não considera que será uma festa, para ela o importante é a cerimônia, visto os preceitos que ela tem enquanto cristã. Isso caracteriza uma sacralização por **mito**.

A cerimônia teve uma sacralização considerável de 5,8 pontos no resultado médio do objeto de atitude, demonstrando a ideia de que a cerimonia, neste contexto não é a coisa mais importante para o casal, principalmente pela abordagem denominacional que entende o casamento civil como válido e não o religioso.

Data - Evangélicas Pentecostais

Para Ana a data foi bem importante, ela tinha como propósito não ficar mais de um ano noiva. Seu plano era marcar o casamento após, no máximo, um ano de

noivado. O casal noivou no aniversário do noivo e marcou o casamento para outubro, não apenas por contabilizar menos de um ano de noivado, mas também por ser o mês que o casal começou a namorar. Assim a data do casamento foi sacralizada por **objetivação**, visto o cronograma que o casal adotou, bem como por **mistério**, visto o significado do mês escolhido pelo casal.

Damaris e seu noivo marcaram a data em setembro, no mesmo dia em que começaram a namorar. O casamento ficou previsto para dezembro de 2014. Mas ao pesquisarem salões e locais para o evento descobriram que, no período pretendido, seria mais caro devido ao volume de eventos de final de ano, especialmente festas de formatura. O noivo, com a preocupação financeira e sabendo da vontade que Damaris tinha de que ele se casasse fardado, fez um acordo com a futura esposa de que se eles optassem por casar em janeiro, ele casaria fardado. Ela aceitou e eles marcaram o evento para janeiro de 2015. Assim há sacralização por **objetivação** devido a escolha pautada no aspecto financeiro, mostrando algo ordenado e racionalizado, bem como por **mistério**, já que a primeira data envolvia um evento passado, significativo para o casal.

Este objeto tem, portanto, um resultado médio para o objeto de atitude de 4,8 pontos, sendo significativa para os entrevistados, mas passível de ser alterada conforme a necessidade do casal dentro do planejamento inicial do evento.

Entrada da noiva - Evangélicas Pentecostais

As duas figuras principais do evento são o noivo e a noiva. A entrada destes é feita de forma especial. A entrada do noivo ocorre de forma contida, sem que a audiência tenha que se levantar, acompanhado pela mãe e sem um fundo musical apoteótico como é comum às noivas. O noivo entra antes da noiva, depois de algumas entradas de padrinhos e pajens, a noiva caminha até o altar conduzida por seu pai. Esse costume muito comum na década de 1950 simbolizava a filha saindo do seio da família e criando sua própria família (OTNES e PLECK, 2003)

Edna, que é da comunidade evangélica, lembra o quanto foi importante a entrada dela com o pai, pois, para ela, seu pai é o alicerce e esse gesto é como se representasse todo o apoio que ela tinha recebido da família, perfazendo, assim, uma sacralização por **objetivação**.

Ana diz que nunca havia pensado nela enquanto noiva entrando na igreja, fala como se fosse um momento importante para o ritual, mas que não se via como pertencendo a aquele momento. O que caracteriza um comportamento de **dessacralização** por sua parte. Porém, quando ela se colocou em cena, no momento da entrada, conta que foi o momento mais emocionante de todo o casamento, a entrega simbólica ao seu futuro esposo. Foi algo que remete ao sentimento e comportamento de sacralização por **êxtase e transcendência**.

Eu estava bem tranquila, entrei, não chorei, só que a hora que meu pai me entregou, foi tenso, foi o mais emocionante da noite inteira. (sic)
(Ana, 26 anos, casal M)

Cláudia e Damaris sacralizaram sua entrada por *communitas* pois relatam terem se sentido o centro das atenções com todos os olhares voltados para elas.

A hora que eu fui entrar, ah eu tava me achando, desci toda toda, tinha uma escada, foi tudo lindo, amei tudo, ficar olhando todo mundo e o Ezequiel lá todo besta, ah e o discurso também foi legal com as promessas do casamento (sic) (Cláudia, 26 anos, casal N)

A minha entrada foi o mais importante [...] ai gente porque eu sou estrela, ninguém olha para o noivo só olha para a noiva (sic) (Damaris, 21 anos, casal O)

A entrada da noiva obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 5,4. Um resultado mediano especialmente por uma **dessacralização** por parte de uma das entrevistadas. No entanto, é possível perceber que para as demais e em o momento foi considerado sagrado. Tendo uma sacralização maior que a da própria cerimônia religiosa.

Mensagem - Evangélicas Pentecostais

Apesar de comentadas pelos líderes religiosos a mensagem foi mencionada e sacralizada apenas por duas noivas. Edna acredita que as palavras proferidas na cerimônia religiosa tornam o ritual do casamento mais completo. Adália conta que sabe de alguns noivos que não se lembram muito do que o pastor falou no momento da cerimônia devido às emoções. As lembranças vêm com o tempo e isso, segundo ela, é o que

deixa bonito. Este objeto de atitude obteve cinco pontos de resultado médio, sendo importante

Benção - Evangélica Pentecostal

A benção sobre o casal é umas das partes importantes para o ritual de casamento nas igrejas cristãs em geral. Edna conta que escolheram um dos tios do noivo para fazer uma oração de benção para o casal. Essa escolha pode ser classificada como um comportamento de sacralização por **objetivação** e **mistério**. **Mistério**, pois, através de um laço afetivo tal escolha foi feita e **objetivação**, devido a esse laço e a promessa de uma benção, objetivado no gesto da oração.

Na igreja Assembléia, segundo Adália um costume comum é a sobreposição de mãos sobre a cabeça dos noivos pelos padrinhos como uma forma de benção ao novo casal sacralizando assim por ritual.

É tão emocionante, que acho que é bonito essa cerimônia religiosa em si que vai ter uma oração, vai ter a bênção sobre a nova família que ta sendo constituída ali eu acho que os padrinhos ali em volta estender as mãos alie em volta abençoar acho que isso é muito importante (sic) (Adália, 36 anos, casal L).

Damaris sempre pensou em casar na igreja, para ela é importante receber a benção de Deus na presença dos familiares e das pessoas que ela gosta, o que se configura como uma sacralização por **ritual**, pois é importante a celebração como um todo para o recebimento da benção quanto pelo **mistério** envolvendo a afeição da noiva para com os presentes que participam da benção.

Este objeto de atitude obteve um resultado médio de 8,3, configurando alto índice de sacralização da benção como parte do ritual.

Hora do sim - Evangélica Pentecostal

Uma das partes importantes para os noivos é o momento do “sim”, de aceitar o compromisso com o outro. Apenas Luis e Ezequiel (da Assembléia de Deus) mencionaram este momento. Para Luis o momento de dizer “sim” é o mais importante,

é a decisão de aceitar o matrimônio. Suas palavras revelam que há uma sacralização por *communitas* visto a eminente mudança de *status*.

Ezequiel acredita que o “sim” é o que sela o matrimônio, ele descreve este momento como o ponto final como a concretização do matrimônio.

O resultado médio de objeto de atitude para este momento foi de nove pontos. Essa sacralização se dá principalmente pela participação e mudança efetiva do casal no momento do ritual.

Votos - Evangélica Pentecostal

Cunha (2014), ao tratar da mulher evangélica pentecostal, relata que esta é sempre vista como uma figura que deve ser submissa ao seu marido. Este compromisso assumido na igreja diante do pastor e principalmente do marido ocorre na cerimônia de casamento, principalmente nos momentos do “sim” e dos votos matrimoniais. A separação para os evangélicos pentecostais e segundo a Bíblia só acontece em caso de adultério. A quebra dos votos de fidelidade do casamento é algo grave para a comunidade religiosa

Eu, porém, vos digo que qualquer um que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério, e qualquer que casar com a repudiada comete adultério (MATEUS 5-32). (Cunha, 2014; p. 70)

Quando questionado sobre quais momentos são mais importantes para o casal, Edna relata que para ela os votos são importantes. Isso, pois, se assume um compromisso e uma responsabilidade de matrimônio, “os votos eu considero muito importante por que eu acho que é um momento de promessas entre o casal e também de assumir os compromissos e a responsabilidade do matrimônio”(sic). Fala também que sempre planejou este momento, onde ela e seu noivo se comprometeriam através de votos de casamento, é um momento que ela não abre mão. Menciona que sonha que seus votos sejam escritos pelo casal que não seja algo pronto, comum a liturgia, mas personalizado com elementos significativos.

Os votos eu sempre planejei que eles fossem escritos e não aquele que faz parte da liturgia do casamento e pros votos a gente elegeu um versículo de Rute³⁶ que é muito significativo na minha vida e muito significativo na vida do meu noivo, então eu acho que esse vai ser o auge, o momento mais marcante pra gente (sic) (Edna, 27 anos, casal P).

Por estas menções é possível inferir que há comportamento de sacralização por parte da noiva no que tange a **compromisso individual**, visto a pretensão de mudança de identidade e a convicção apresentada pela noiva direcionando sua atenção para a importância e sacralidade do compromisso. Também por *communitas*, visto a consciência de mudança de *status* que os votos representarão. Além disso, o desejo de personalização dos votos representa uma sacralização por **objetivação**, já que as palavras de um para o outro representarão o sentimento e o compromisso de forma pessoal.

Para Hill e Daniels(2008) o núcleo de uma cerimônia de casamento é a troca de votos entre o casal, a cerimônia é concluída quando um oficiante licenciado, clérigo ou juiz, proclama formalmente que os dois são casados.

Damaris também pretende fazer votos personalizados, mas seu noivo, segundo ela não é muito criativo, “eu espero que saia alguma coisa até lá.” ela comenta. O que representa certa **dessacralização** para com os votos de seu noivo.

A sacralização deste momento obteve uma média de 6,8 em relação ao objeto de atitude. Este índice também representa o grau de importância dado aos votos pelo casal.

Troca das Alianças - Evangélica Pentecostal

Outro momento que simboliza um compromisso é a troca das alianças, Hill e Daniels(2008) comentam que a noiva e o noivo normalmente trocam alianças durante cerimônias de casamento religioso como sinal de seu amor e compromisso com o outro. Edna convidou um pastor especial para conduzir esta troca de alianças, ela o chama de “meu pastor”, esse carinho representa uma sacralização por **mistério**, já que é um líder religioso que ela tem apressado e por isso escolheu para conduzir este momento.

³⁶Livro Bíblico do velho testamento escrito aproximadamente em 1000 a.C

Damaris acha que este vai ser um momento importante para o casal. Conta que este momento vai ser bem importante, pois logo após esta troca o casal participará da primeira ceia com suco de uva e pão sem fermento. Este costume, segundo Hill e Daniels(2008) pode ser visto em cerimônias judaicas onde a noiva e noivo compartilham dois copos com suco da vida. E também pode estar ligada a tradição católica da eucaristia, onde uma hóstia, representando o corpo de cristo é ministrada aos nubentes. Esse comportamento, portanto, pode ser entendido como uma sacralização por **ritual**. O resultado médio para este objeto de atitude foi de 7,5 pontos.

Saída dos Noivos - Evangélica Pentecostal

Cláudia comenta que os detalhes de sua cerimônia deram certo. Houve fogos de artifício em sua saída à luz da lua, ficou satisfeita com a forma como as coisas aconteceram. Assim há uma sacralização por **objetivação**, visto a saída ter ocorrido de forma satisfatória.

Damaris disse que em seu casamento haveria o “teto de aço” (prática em que os militares desembainham suas espadas e as unem no ar fazendo um corredor). Por seu noivo ser militar, ele fez questão de que em determinado momento houvesse a realização deste ato por parte de seus colegas militares. Apesar de Damaris achar este momento bonito, não fazia questão dele, e o aceitou na cerimônia apenas porque seu noivo queria. Assim, há uma **dessacralização** “do teto de aço” por parte da noiva.

O objeto teve um resultado médio de objeto de atitude de seis pontos. Demonstrando a importância destas ações na saída para os noivos.

Festa - Evangélica Pentecostal

Otnes e Pleck (2003) comentam que a partir da década de 1950 era cada vez mais comum a recepção de casamentos a noite. Isso pode estar ligado ao advento da lâmpada elétrica, alguns anos antes. Nessas recepções, o tipo de alimento escolhido e a forma como era servido tinham a intenção de demonstrar prestígio. Isso pois, a ideia de servir um jantar, tornava estes momentos pós casamentos mais sofisticados.

Damaris relata que “desde sempre” quis casar. Sempre imaginou um casamento de princesa, com um “vestidão” e uma grande festa. Seu comportamento de sacralização pode ser entendido como **mito**, pois relata que desde criança sonhava em casar. A descrição de um casamento de princesa revela que, de alguma forma, a influência recebida na infância faz com que ela idealize seu casamento. Ao mesmo tempo Damaris acaba dessacralizando o momento da festa, pois apesar da idealização deste momento, não haverá festa, ela classifica sua “festa” como uma recepção no mesmo local da cerimônia. Além disso, comenta a importância das coisas que não podem falta no casamento “cerimônia, acho que não tão de festa, cerimônia, a e aquelas coisas” dessacralizando mais uma vez esse momento, pois aponta cerimônia mais importante que a festa.

Edna também já se imaginava sendo noiva e por isso em todo casamento que ia observava os detalhes da festa e cerimônia. Conta que já planejava como seria o seu, “meu noivo até brinca, ele fala que eu tinha tudo planejado só faltava o noivo”(sic). Sua festa neste caso foi sacralizada posto que o casamento ia ser a **objetivação** de todos os planos que a noiva tinha.

Cláudia e Ezequiel contam que não se importariam em se casar apenas no civil. Para eles não era necessário uma festa, o que demonstra um comportamento de **dessacralização** por parte do casal. Eles pensavam em fazer uma costela de chão (comida típica do sul do Brasil) em uma chácara e chamar alguns amigos para um pequeno evento. Mas ao procurarem as opções de festa se depararam com as possibilidades e mudaram totalmente o estilo, um casamento com festa convencional

Fomos vendo as coisas, os lugares, o custo-benefício, fomos vendo e gostando e ai vem outras propostas melhores, né? e a gente opta pelo melhor e ai fugiu totalmente fora do que a gente queria, mas fizemos algo bem bacana (sic)(Cláudia, 26 anos, casal N).

O casal apesar de pensar em um tipo de recepção acaba optando por algo mais rebuscado e assim sacraliza sua festa por **objetivação** afirmando que as propostas e escolhas foram melhores tornando sua festa bem bacana.

Ana conta que nunca ficou pensando nela de noiva, mas almejava ter um marido, uma casa, um casamento. Uma das coisas que conta CE sobre sua relação com a festa: estava mais ansiosa com o depois do que com o dia da festa. Ela ficou muito

calma, apenas pensado na vida de casada. Para ela esse momento não era importante, e, portanto, não foi sacralizado. Ela fala que sempre sonhou com algo pequeno, para poucas pessoas, talvez no campo, um local aberto. Mas a família do noivo dela era muito tradicional, e por isso queria uma super festa. Foi o que aconteceu, uma recepção para 700 pessoas. Mas a decisão foi tomada por causa da família do noivo. Ocorre um comportamento de desapego e **dessacralização** já que, segundo a noiva, algo simples agradaria o casal. A noiva acabou submetendo-se a vontade da família do noivo. Ela se coloca como muito desapegada em relação à festa, apesar de ter feito as coisas tudo com muito carinho, não exigiu nada.

Ai, eu sabia que para a família dele era muito importante e eu também nunca quis exigir nada porque para mim o que vale é a vida que se vai levar entre quatro paredes, né? Do que uma vez em uma festa um dia e tudo mais, então, eu, desde o começo, sempre me coloquei aberta. Nunca coloquei um tipo de restrição, se é importante para eles então a gente faz, foi uma decisão mais minha do que dele. (sic) (Ana, 26 anos, casal M).

Apesar de a festa ser considerada cara, não só pelo número de convidados, mas pelo valor cobrado pelos fornecedores, e mesmo que a celebração e a festa tenham fugido do que a noiva gostaria, ela se reporta a festa com certo carinho. Especialmente por que seus amigos e familiares puderam se divertir juntos neste momento. Isso configura um comportamento de sacralização por **mistério** devido ao fator emocional envolvido.

Adália e Filipe também acham que os itens relacionados a casamentos são caros. Mas acreditam que é importante esta celebração para comemorar a mudança de *status*. Assim este comportamento pode ser sacralizado como **communitas**, pois envolve essa mudança, quanto por **ritual**, pela comemoração de um ritual de passagem.

A gente acha importante tem que fazer essa declaração, né? para as pessoas agora nós mudamos de estado civil, a gente tá dando uma festa e convidando as pessoas mais queridas para celebrarem com a gente o nosso amor e a nossa decisão que a partir de agora a gente vai ser um só vou ser a senhora lima (sic) (Adália, 36 anos, casal L).

O casal não queria deixar passar em branco e irá realizar uma festa para 200 pessoas. Adália conta que em sua casa os irmãos e primos já se casaram e ela tem isso como exemplo, todos já fizeram festa e por isso ela não irá fugir do padrão configurando assim uma sacralização por **mito** visto a relação familiar nesta escolha.

Como nas demais divisões do cristianismo analisadas, a festa não teve um índice alto de sacralização, devido a ideia de que a comemoração não deve ser maior que a cerimônia religiosa. Obteve um resultado médio de 1,9 de objeto de atitude.

Dança do Casal - Evangélica Pentecostal

Uma dos momentos lembrados pelos noivos foi a primeira dança do casal. Otnes e Pleck (2003) falam que a primeira canção tocada tem a intenção de levar os sentimentos do noivo e da noiva aos convidados, sendo algo único e pessoal. A primeira dança na recepção, no entanto, deixa claro que o evento não é simplesmente uma celebração do romance do casal, porque a recepção também deve ser um sucesso teatral. Portanto, enquanto a primeira dança é uma celebração do casal, a dança também é uma maneira de os convidados de ambos os lados da família se divertir.

Ana tem como proteção de tela do celular a foto da primeira dança como casada, diz que essa é a foto que ela mais ama. Ela conta que um dos momentos que ela mais gostou da sua festa foi o momento do baile. Como não vê a família com muita frequência e como eles têm dificuldade de se reunirem, já que são de várias partes do país, se lembra com carinho deste momento de união. Em sua fala ela demonstra que há uma sacralização por **mistério**, já que o maior elemento de achar tão especial o baile foi a emoção de ver todos os amigos e parentes próximos e divertindo com ela.

Acho que a hora que estava todo mundo junto na pista dançando, todos os meus amigos, minha família, minhas tias, [...] é que minha família e toda de fora, e a gente nunca se reúne, é cada um de um lugar do Brasil, foi muito gostoso ver todo mundo reunido, foi muito legal. (sic) (Ana, 26 anos, casal M)

Cláudia conta que achou seu casamento perfeito. Depois da cerimônia, do jantar, “teve bailão com DJ e com tudo que tem direito”(sic), o que caracteriza uma **objetivação** visto a concretização do que o casal desejava como festa, bem como **compromisso compartilhado** demonstrando um espécie de ideia coletiva do que é que torna um baile completo.

Edna conta que a valsa é música significativa para o casal, eles não escolheram uma música tradicional, “é uma música da Marcela Tais, que se chama *Eu*

Escolhi Esperar, então a gente vai dançar essa música como valsa”. Essa escolha configura um comportamento de **objetivação**, pois o casal busca demonstrar um pouco do sentimento e da personalidade através de uma música que os representa. O casal vai abrir a pista de dança, “uma ‘dancinha’ só nós dois, então antes de chamar todo mundo pra dançar a gente vai dançar juntos, eu acho que vai ser assim bem legal”(sic), essa colocação pode ser compreendida como duas formas de sacralização. A primeira é *communitas*, pois o casal quer um momento só dos dois, sendo assim o centro das atenções. A segunda é o **ritual**, pois envolve questões de roteiro, o abrir a pista de dança com uma dança do casal. A noiva conversou com uma amiga professora de dança de salão que vai ajudar o casal a “fazer a valsa e a dancinha”. Edna classifica como “satírica”, para ela é será uma brincadeira do casal para os convidados, “não é nada pra ser uma dança elaborada é pra brincar mesmo a gente quer começar brincando” (sic). Comportamento que também se configura como sacralização por **objetivação**, pois o casal demonstra sua personalidade através desta dança especial. Edna também diz,

A valsa dos noivos eu acho que é um momento de celebração, assim a primeira dança juntos, muito simbólica, muito importante, como começar o casamento dançando, aproveitando e gostando daquele momento (sic) (Edna, 27 anos, casal P).

Este momento de dança aparece como um momento importante para os casais. Obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 7,9 pontos. Em nenhuma das menções a este momento há atitude negativa. Demonstrando que mesmo que a festa fosse dessacralizada a experiência e os momentos da festa são muito importantes para estes casais. O Quadro 21 apresenta um resumo dos elementos presentes no roteiro do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados evangélicos pentecostais.

Elemento do roteiro	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(13) Cerimônia religiosa	<i>Communitas</i> (1); compromisso compartilhado (1); dessacralização (1); mito (4); objetivação(8); ritual (3)	5,3
(6) Data	Dessacralização (2); mito (1); objetivação (3)	4,8
(5) Entrada da noiva	<i>Communitas</i> (2); dessacralização (1); êxtase e transcendência (1); objetivação (1)	5,4

(2) Mensagens	Objetivação (1); Mistério (1)	5,0
(2) Hora do sim	<i>Communitas</i> (2)	9,0
(5) Juramentos e votos	Dessacralização (1); <i>Communitas</i> (1); compromisso individual (2); mistério (1); Objetivação (2)	6,8
(2) Troca das alianças	Ritual (1); Mistério (1)	7,5
(4) Saída do casal	Objetivação (4); Mistério (1)	6,0
(17) Festa	<i>Communitas</i> (1); dessacralização (7); mito (4); mistério (1); objetivação (5); Ritual (1)	1,9
(8) Baile e dança	<i>Communitas</i> (2); compromisso compartilhado (1); Mistério (3); objetivação (3); ritual (2)	7,9

Quadro 21 – Resumo dos elementos do roteiro ritual sacralizados por noivos e recém casados evangélicos pentecostais.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.3.2 Sacralização e a Representação de papéis nas igrejas Evangélicas Pentecostais

Noiva - Evangélica Pentecostal

A figura da noiva é apontada como principal no ritual do casamento segundo alguns autores como Otnes e Pleck (2003), Hill e Daniels (2008), Currie (1993) Montemurro (2006), Ingraham (1999), Grimes (2000) entre outros. Como visualizado nas duas divisões do cristianismo já trabalhadas, a figura da noiva aparece como imprescindível neste ritual.

Damaris evidencia essa ideia quando fala: “ai gente porque eu sou estrela, ninguém olha para o noivo só olha para a noiva”(sic), o que traz a tona um comportamento de sacralização por *communitas*.

Ana apresentou um comportamento contrário. Conta que nunca teve muito o sonho de incorporar a figura da noiva. Sempre quis se casar, mas nunca se imaginou sendo uma típica noiva. Queria ter um marido e casa, sua preocupação era com o depois do rito de passagem. Mesmo tendo este tipo de atitude em relação à figura da noiva e o ritual de passagem em si, para compor este papel Ana fala “Eu gastei bastante dinheiro, eu estourei a minha poupança, só a noiva, só eu, sozinha, sem convidar ninguém já é muito dinheiro”. Ela conta que somente com sua produção, envolvendo salão de beleza,

vestido e sapatos gastou cerca de 10 mil reais. Este comportamento descrito por ela pode ser considerado como uma sacralização por **objetivação**, pois mesmo que ela se refira a figura da noiva com certa **dessacralização**, o envolvimento e o desprendimento financeiro para o papel de noiva fosse construído revela uma forma de **sacralizar**.

Adália acredita que é o homem que embarca no sonho das mulheres. É a mulher que se propõe a fazer. Para ela a noiva é quem toma iniciativa de planejar e executar um casamento. A idealização é para ela o principal motivo, diz “mulher fala ah! quero me vestir de noiva, né? fazer festa”(sic). Esta atitude configura uma sacralização por **mito**, advindo da ideia de que são as mulheres que são responsáveis e guardiãs dos laços familiares, e, portanto, responsáveis pelos rituais familiares de passagem (DI LEONARDO, 1987), e também da ideia de que o casamento é algo do universo feminino (MONTEMURRO, 2006; OTNES e PLECK, 2003).

Edna programava seu casamento antes mesmo de ter um noivo. Por ter pensando em todos os detalhes mesmo antes de saber com quem iria casar, tinha o desejo de ser noiva mais tempo, para preparar o casamento e pagar as com mais tranquilidade. Há, nesse contexto, uma sacralização por **objetivação**, devido ao envolvimento dela enquanto indivíduo em relação ao seu papel no ritual. Uma busca por um casamento perfeito, sem falhas, que a leva a uma busca por desempenhar seu papel de noiva de forma impecável.

Esse objeto de atitude teve um resultado médio de 7,3 pontos, reflexo da importância que se dá a esta figura como uma das principais da cerimônia.

Noivo - Evangélica Pentecostal

O casamento tem muitas formas e representação de gênero, Otnes e Pleck (2003) comentam que as leituras religiosas feitas, lançamentos de buquê entre muitos outros momentos do ritual, expressam opiniões, de certa forma, retrógradas dos papéis de gênero. Ao mesmo tempo, coisas como a personalização dos votos representam a ideia de transmitir a individualidade e interesses compartilhados em vez de seus papéis compartilhados. No entanto, em alguns casos o papel do noivo é apenas de mero coadjuvante sendo a noiva quem escolhe e vive o momento do qual ele apenas participa como um convidado especial.

Edna imaginava como seria a cerimônia, as pessoas que estariam presentes, que tipo de decoração, e todas as demais coisas já havia planejado. Apesar de o noivo ser uma peça fundamental, para Edna, especificamente no momento no ritual do casamento, o noivo foi ofuscado pelos preparativos. Embora as questões relacionadas a sentimentos de cumplicidade e amor mútuo fossem os motivos pelos quais eles escolheram se unir em matrimônio para ela o ritual se tornou muito mais importante que seu noivo mesmo antes de conhecê-lo. O que representa uma forte **dessacralização** desta figura.

Em alguns momentos Edna cita a participação do noivo na preparação e em algumas escolhas como o verso que ele utilizará em seus votos ou mesmo a lista de convidados, uma sacralização fraca por **objetivação**, visto que as escolhas maiores e, segundo a noiva, mais importantes foram pensadas por ela bem antes.

Damaris tem dois momentos que de certa forma são contraditórios. Ao falar do que não poderia faltar ela cita o noivo como primordial, é a primeira coisa que a noiva comenta. Seu comportamento configura uma sacralização por **objetivação**, pois a importância do noivo é objetivada através da sua presença. A seguir ela acaba falando do seu papel de noiva e para isso acaba desvalorizando a figura do noivo “ai gente porquê eu sou estrela, ninguém olha para o noivo só olha para a noiva”(sic), assim ela **dessacraliza** a figura do noivo, como se não fosse necessário que ele estivesse no ritual.

Adália acredita que os noivos também sonham e querem o casamento, mas eles querem uma pessoa que tome iniciativa de falar e fazer as escolhas. Para Adália, é uma questão mais feminina, mulheres tem esse sonho de forma mais explícita que os homens, para os noivos é mais constrangedor ter atitudes em relação ao casamento porque acreditam que essas questões são femininas. Desse modo há a **dessacralização** dessa figura, principalmente em relação ao pudor que ela acredita que seu noivo sente ao participar do rito. Adália, no entanto, comenta que para ela o noivo é importante e não pode faltar.

As duas noivas sacralizam por **objetivação**, visto a importância desse papel do noivo para elas.

Apesar das menções negativas e, conseqüentemente, a **dessacralização** deste papel, o resultado médio para o objeto de atitude noivo foi 7,1 pontos, o que representa um nível alto de sacralização para esta figura para o ritual.

Pajem e daminha - Evangélica Pentecostal

A entrada dos pajens e daminhas é um momento único na cerimônia de casamento. As crianças escolhidas para esse momento são geralmente da família ou filhos de amigos próximos ao casal de noivos. Ana escolheu como pajem um priminho, “é minha paixão da minha vida, mas ele não entrou, e ele não conseguiu entrar, ai não teve”, comenta. Como a criança não entrou na cerimônia, este papel não foi representado no casamento de Ana. Assim houve sacralização pelo convite, **objetivação** do carinho, no entanto não houve a concretização da representação do papel de pajem.

Damaris foi ao casamento de uma amiga que realizou uma forma diferente da habitual no momento de levar as alianças: um menino vestido de agente secreto com uma maleta prateada. Gostou tanto da ideia que resolveu fazer o mesmo, “essa é a maletinha que eu comprei da Júlia, ai o pajem vai levar a aliança, ai ela decorou tudo, eu vou deixar assim”(sic) comenta Damaris. Ela diz dentre as coisas que não podem faltar - as principais estão relacionadas à cerimônia – são os momentos das daminhas e dos pajens. Para pajem, o casal escolheu a prima da Damaris e uma sobrinha do Leandro mais dois sobrinhos dele, que são os menores da família, de 7 e 8 anos. Também caracterizando uma sacralização por **objetivação**, visto a proximidade e carinho que têm pelas crianças escolhidas, e também sacralização por **mito**, vestem a ideia que Damaris expressa ao comentar sobre o quais são os papéis que devem ser representados na cerimônia, no caso os pajens e daminhas. Além disso, há sacralização por **communitas** visto a mudança de *status* temporária da criança.

Edna escolheu para pajem o filho de uma de suas madrinhas de casamento e as duas daminhas escolhidas são filhas de seus primos, configurando uma sacralização por **objetivação**, visto o apressamento pelas crianças e pelos pais delas ao fazerem o convite, e sacralização por **communitas** pela mudança de *status*.

Adália conta que tudo que gostaria de ter em seu casamento terá, inclusive pajens e daminhas. Para ocupar esse papel, Adália e Filipe, casal L, escolheram sobrinhos e filhos de melhores amigos. Para ela, uma das coisas marcantes foram as daminhas jogando pétalas antes de sua entrada. Essa sacralização se dá por **communitas**, visto o papel assumido pela criança no momento do casamento.

Ezequiel conta que sua daminha foi uma sobrinha dele e outras duas damas forma filhas de amigas. A daminha mais velha era uma filha da melhor amiga do casal, que nunca havia sido dama, e era o sonho dela, “tem 9 anos, uma damona”(sic), comenta o noivo. O casal a escolheu pelo desejo que a menina tinha de participar de um ritual

de casamento com este papel. Assim eles sacralizaram por **objetivação**, seja pelo carinho das crianças e pelos pais delas, seja por realizar o sonho de uma de suas convidadas para este papel.

Este papel obteve como resultado médio para o objeto de atitude cerca de 5,6 pontos, demonstrado o afeto por essa figura no ritual.

Padre - Evangélica Pentecostal

Ana que é da comunidade evangélica, mas se casou na igreja católica por opção da família do noivo, aborda que a figura do padre no momento da escolha da catedral da cidade para a celebração não foi muito amigável. O departamento que agenda os casamentos na catedral não aceitou os comprovantes de residência com os nomes dos pais e dos noivos. Ana conta que teve que solicitar ao Padre que reconsiderasse. No fim ela e o noivo optaram por mudar o local da celebração, pois o padre não aceitou os comprovantes Assim esta figura para Ana se tornou, neste momento, **dessacralizada**. Esse objeto obteve, portanto, um resultado médio de -9 pontos.

Pastor - Evangélica Pentecostal

Adália conta que, além de comunicar a decisão de se casar para sua família e para a família de seu noivo, o casal teve que comunicar também essa decisão ao pastor de sua igreja por ser essa etapa importante para os nubentes, pois aprenderam que devem proceder assim dentro da comunidade religiosa. Há uma sacralização desta figura por **mito**. Adália e Filipe pretendem fazer a cerimônia religiosa na igreja que frequentam e com o pastor que é amigo da família de longa data. Por tal motivo o escolheram para celebrar esse momento, o que configura uma sacralização por **mistério**

e **objetivação**, visto o envolvimento emocional com o ministro e a **objetivação** deste apressado através da escolha. O líder religioso vai fazer o casamento civil e religioso do casal L no mesmo evento. Eles escolheram fazer desta forma, pois acreditam que “de acordo com as leis de Deus assim a gente quer fazer tudo direitinho casar na igreja casar no civil e religioso e é um rito de passagem”(sic), comentam. O que configura uma sacralização por **mito**, já que assim foram ensinados. Eles esperam, com isso, mostrar para a família e a comunidade religiosa, a celebração do seu amor diante de Deus e do pastor. Adália não quer que ninguém faça homenagens ou tenham muitas falas, quer que tenha o sermão do pastor e a bênção, o que ela julga como fundamental para o bom começo de sua nova família, porém espera que seja breve para não cansar ninguém. Assim, esta figura religiosa e seu papel representado reproduzem estes desejos de um bom começo o que caracteriza um comportamento de sacralização por **objetivação**.

Edna conta que quem vai celebrar o casamento é o pastor de seu noivo, da igreja Presbiteriana de Londrina- PR e quem irá fazer a cerimônia das trocas de alianças é o pastor da noiva. A família do noivo tem outros dois pastores que são tios dele, então um dos tios vai fazer a oração de bênção final. O que caracteriza uma sacralização por **mistério**, devido a devoção e o envolvimento emocional com os líderes religiosos bem como por **objetivação** do que esta figura religiosa e seu papel no ritual do casal.

Esse papel obteve uma sacralização por 7,5 demonstrando a importância que tem para os entrevistados.

Promoter - Evangélica Pentecostal

Cláudia conta que buscou uma *promoter* da cidade onde realizaria o casamento, “ela indicou os parceiros e a gente já pegou quase todos os parceiros mesmo”(sic). Eles optaram pelo serviço, pois ficaram preocupados em faltar alguma coisa como música, não ter cadeiras para os convidados, não ter onde colocar os presentes, faltar comida. Contrataram uma *promoter* que indicou a maior parte dos fornecedores que o casal contratou. Há uma sacralização por **mito**, visto o casal pautar-se na experiência da profissional em organizar eventos, para contratarem os fornecedores de seu casamento.

Adália e Filipe comentam que há uma organizadora de eventos na comunidade religiosa onde frequentam. Essa organizadora, segundo a noiva, ajudou a coordenar o casamento de um de seus irmãos e também de muitos outros casais que frequentam sua igreja. O casal não pretendia contratar o serviço de um organizador, mas a profissional se posicionou falando que não acreditava que o casal não a deixaria ajudar na organização. Com essa atitude a profissional acabou impondo sua contratação, o que configura uma **dessacralização**, posto que o casal L não pretendia contratar a profissional, mas o fez pela insistência da organizadora. Ao mesmo tempo, representa uma sacralização da comunidade religiosa, pois, para não desagradar alguém que participa da mesma comunidade, optaram por contratá-la.

A Maria aqui da igreja é organizadora de eventos e falou que não acreditava que não ia deixar ela me ajudar no casamento e eu não tinha condições de pagar por que eu sei que uma organizadora de eventos cobra em torno de 2.000,00 reais, mas ela disse que já tinha ajudado meu irmão, ajudava todo mundo na igreja e iria ficar muito chato se ela não me ajudasse, ai ela cobrou um valor irrisório em vista dos 2.000,00 reais (sic) (Adália, 36 anos, casal L).

Adália já havia encontrado algumas coisas para o casamento, após combinar com a organizadora de eventos um valor, a profissional buscou e apresentou as opções do que faltavam para completar a cerimônia e a festa. Apesar de não ser uma escolha direta do casal, há uma sacralização por **objetivação** relacionada ao auxílio na organização do evento.

Edna também contratou uma assessoria, mas não exprime nenhuma atitude que possa ser interpretada como sacralização. A participação da assessora é neutra, portanto, **dessacralizada**.

Ana, similar a Edna, contratou uma pessoa para organizar a festa, mesmo assim, fez questão de conferir todas as coisas pessoalmente com todos seus fornecedores, para que tudo saísse perfeito. Por isso, apesar de ter contratado a profissional, a noiva acaba **dessacralizando** esta figura auxiliar, visto que fez tudo o que a contratada deveria fazer como forma de precaver-se de imprevistos. Este papel obteve um resultado médio para o objeto de atitude de -0,6.

Banda e DJ - Evangélica Pentecostal

Ana conta que a banda foi umas das primeiras coisas que ela procurou, devido a datas. Ela diz ter se divertido muito com banda que escolheu. Foi uma das coisas que mais gostou, pois se divertiu com as pessoas que ama em seu casamento. Assim há uma sacralização por **objetivação**, visto que a banda cumpriu sua função de animar o evento.

Cláudia disse que optou por DJ pelo preço que era mais acessível, mas acha que casamento com banda é muito mais animado, assim ela afirma que só faltou banda para que seu casamento ficasse mais bacana. Assim, nesse primeiro momento, ela sacraliza a banda por **objetivação** e dessacraliza o DJ. A seguir, Cláudia comenta que gostou de ter contratado DJ, disse que a banda era cara e o DJ dá versatilidade a festa. As pessoas podem escolher os mais variados tipos de música, algo aprovado por seus convidados. Portanto, sacraliza o DJ por **objetivação**, visto que a substituição da banda por DJ foi satisfatória para todos.

Um das coisas que Adália e queria m sua festa era um DJ. Mas ainda não havia escolhido nem fechado contrato com ninguém. Assim há uma **objetivação**, pois o desejo que ela tem de animar sua festa e convidados, a fez querer esse profissional. Há um resultado médio para o objeto de atitude de 2,6 pontos, uma sacralização razoável para estes profissionais, visto que a conexão emocional entre eles e os noivos é relativamente baixa. Além disso, há um balanceamento: enquanto a banda é sacralizada como algo desejado, apenas um casal, de fato, fechou contrato, os demais contrataram o DJ como um substituto. Apenas um casal almejou como primeira opção este profissional mais versátil que é o DJ.

Este ator obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 2,6 pontos, que representa que há importância para esse profissional no ritual, mas não há vínculo emocional apenas profissional o que deixa o índice baixo. O Quadro 22 apresenta um resumo dos atores do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados evangélicos pentecostais.

Atores	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(7) Noiva	<i>Communitas</i> (1); dessacralização (1); mistério (1); mito (2); objetivação (3)	7,3

(12) Noivo	Compromisso individual (1); mistério (3); objetivação (8)	7,1
(12) Pais	Mistério (2); mito (3); objetivação (7)	8,3
(8) Pai	<i>Communitas</i> (1); êxtase e transcendência (1); mistério (2); mito (1); Objetivação (4)	7,3
(11) Mãe	Dessacralização (1); mito(1); objetivação (9); mistério (2)	5,6
(16) Irmãos	Mistério (2); mito (2); objetivação (12)	7,3
(26) Família	<i>Communitas</i> (3); dessacralização (6); ritual (1); mistério (5); mito (4); objetivação (8)	4,3
(14) Padrinhos	Dessacralização (2); mistério (1); mito (1); objetivação (11)	6,7
(7) Pajens	Dessacralização (1); mito (1); objetivação (5)	5,6
(1) Padre	Dessacralização (1)	-9
(11) Pastor	Mito (2); dessacralização (1); mistério (4); objetivação (4)	7,5
(5) <i>Promoter</i>	Mito (1); dessacralização (3); objetivação (1)	-0,6
(4) DJ e Banda	Dessacralização (2); Objetivação (9)	2,6

Quadro 22 – Resumo dos atores do ritual sacralizados por noivos e recém casados pentecostais.
Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.3.3 Sacralizações de artefatos Rituais nas Igrejas Evangélicas Pentecostais

Aliança - Evangélica Pentecostal

Entre os gregos acreditava-se que existia uma artéria que ligava o quarto dedo da mão esquerda diretamente ao coração. Otnes e Pleck (2003) comentam que originalmente apenas a mulher utilizava o anel como demonstração de seu compromisso. Com o tempo a ideia de uma cerimônia de troca dupla de anéis se tornou mais comum em muitas partes da Europa. O fato de dois anéis custarem mais do que um, fez com que joalheiros nos Estados Unidos encorajassem a ideia, mas sem muito sucesso até meados da década de 1920.

Quando Adália começou a se interessar por seu noivo já havia deixado bem claro que ela queria namorar, noivar e se casar. Filipe então se propôs a preparar um noivado e sem muitos rodeios marcaram a data para o casamento. A primeira coisa foi a busca pelas alianças. Filipe diz que a noiva escolheu a mais grossa e mais cara, já ela diz que foi intermediária, e aliança era algo importante, pois, com esta troca de anéis, estavam firmando o compromisso de se casarem em breve. O que demonstra um comportamento de sacralização por *communitas*, visto a mudança de *status*, bem como por **objetivação** devido a firmação de compromisso através da aliança.

Cláudia e o noivo só compraram as alianças quando já haviam acertado todos os outros detalhes do casamento. Foi como um fechamento da certeza de que teriam todas as coisas como gostariam, de que teriam os recursos para arcar com a cerimônia e a festa, “a gente falou ‘já deu certo as coisas vamos comprar as alianças vamos casar’ ai a gente noivou pra poder coincidir com meu aniversário” (sic), comenta Cláudia. Assim, a aliança foi sacralizada pelo casal através de **objetivação**, visto que era a demonstração da certeza que tinham de que tudo estava encaminhado e que se casariam em breve.

Esse artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 4,5 pontos.

Igreja - Evangélica Pentecostal

Para Adália para ter um bom casamento é necessário fazer tudo certo, isso inclui, se casar na igreja. É, para o casal, um rito de passagem que eles precisam ter. O que demonstra uma sacralização por **ritual**, além de uma sacralização por **objetivação**, como se a ideia de se casar na igreja os trouxesse um bom casamento.

Nós vamos fazer a cerimônia religiosa aqui na igreja, o pastor Robson que vai ... fazer o casamento civil e religioso junto, porque é de acordo com as leis de Deus. Assim a gente quer fazer tudo direitinho: casar na igreja casar no civil e religioso e é um rito de passagem na verdade; e a gente quer mostrar pra nossa família quer celebrar esse amor com a família com os amigos diante de Deus o pastor a comunidade evangélica (Adália, 36 anos, casal L)

Primeiramente o casal estava pensando em casar ao ar livre, e depois surgiu a ideia de casarem na igreja, principalmente pois os três irmãos da Adália casaram na igreja em que a família frequenta assim para seguirem a tradição eles optaram por casarem na mesma igreja. Adália se casou na mesma igreja onde foi realizado o casamento de seus três irmãos mantendo, assim, uma tradição. Ela lamenta por achar não ter escolhido a igreja que frequenta como primeira opção. Essa escolha demonstra um comportamento de sacralização por **mito**, visto a costume e o exemplo familiar

influenciando fortemente na preferência da noiva para um casamento em determinada igreja.

Já Filipe pensava em se casar, não na igreja como ele via nos filmes. Mas diz que é normal, é o que deve ocorrer, todo o ritual na igreja, por isso eles iram fazer. Assim acaba dessacralizando o ambiente da igreja, já que seu desejo era se casar sem precisar passar por todo ritual no local de culto.

Cláudia e Ezequiel preferiram se casar ao ar livre e em outra cidade, já que os valores dos ambientes que estavam analisando na cidade de Maringá não estavam muito acessíveis, “o lugar foi a primeira coisa, que ia ser ao ar livre, que foi em Castelo Branco, queria casar ao ar livre no campo, com aguinha, cachoeirinha”(sic). Assim, Cláudia também **dessacraliza** o templo escolhendo outro ambiente para realizar seu rito de passagem. Ao mesmo tempo em que sacraliza o ambiente ao ar livre onde escolheu realizar seu casamento.

Damaris diz que, como sua denominação religiosa não obriga que os casais se casem no prédio da igreja, tudo será realizado em um salão onde ocorrerá a cerimônia e posteriormente uma recepção aos convidados. Porém, ela acaba falando do local onde realizará a cerimônia como se fosse uma igreja. Visto que para a noiva a presença de Deus é o que importa.

Sempre pensei em casar na igreja. Ah eu acho porque é importante para ter a benção de Deus, você está ali com seus familiares com as pessoas que você gosta, e tendo uma celebração para Deus abençoar mesmo”(sic) (Damaris, 21 anos, casal O).

Ana é evangélica, mas a família do noivo é católica e, segundo ela, muito tradicional na cidade. Inicialmente, como é de costume na família do noivo, eles foram procurar a catedral da cidade, mas acabaram decepcionados com o atendimento recebido pela equipe que agenda os casamentos. Por se colocar aberta as sugestões da família do noivo, Ana, juntamente com seu noivo, optou, então, por se casar em outra paróquia católica na qual se sentiram mais acolhidos, “A gente reservou a data em outra igreja católica, o pessoal é muito bacana lá aquela igreja é maravilhosa. É menor, mais escondido, mas atende o objetivo” Sacralizando, portanto, esta outra igreja católica por **objetivação**, visto ter tudo que o casal precisava. A escolha por se casar em uma igreja católica foi dela, pois entendia que era muito importante para a família de seu noivo. Ela

diz que cresceu em um lar católico e evangélico, e quando adulta optou por ser evangélica. Ela recorda que de início ficou meio confusa com a escolha, mas ao procurar seu pastor, conversar sobre o significado do casamento e sobre a consumação da união, ela ficou mais tranquila, com a certeza de que para ela o importante mesmo era a vida do casal pós casamento e não aquele momento de cerimônia em si. Há então um comportamento de **dessacralização** tanto de sua igreja evangélica quanto da igreja católica, visto que para Ana o importante é o pós casamento independentemente de onde se realize. Não seria aquele momento que definiria como as coisas serão no seu relacionamento conjugal.

para mim o que vale é a vida que se vai levar entre quatro paredes, né? do que uma vez em uma festa um dia e tudo mais então eu desde o começo eu sempre me coloquei aberta nunca coloquei um tipo de restrição, se é importante para eles então a gente faz, foi uma decisão mais minha do que dele, ele deixou aberto se ele quisesse fazer uma coisa conjunta, por mim não teve problema nenhum, eu também cresci na igreja católica, e na e na evangélica, então por mim não teve problema (sic) (Ana, 26 anos, casal M).

Esse artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 0,4 pontos conforme.

Vestido - Evangélica Pentecostal

Cláudia começou pensando em fazer algo mais informal, um evento pequeno só com as pessoas mais próximas, mas com o passar do tempo ideias foram surgindo. Por ser evangélica e sempre participar de casamentos em sua comunidade religiosa a ideia de um vestido de noiva pomposo e um casamento tradicional foi a escolha do casal por fim. Mas mais por parte da noiva que cresceu na Igreja Assembléia vendo grandes festas com belos vestidos. Uma sacralização por **mito** devido a influência de sua comunidade religiosa na escolha.

Adália pensou primeiramente em três coisas, local para festa, tipo de vestido e local para morar. Para ela, no início, essas foram as coisas mais importantes. Ela optou primeiro pelo aluguel do vestido. Com a ideia de que, até o momento, seria a única noiva a usá-lo. Uma sacralização por **communitas**, visto que o vestido era uma peça importante para sua mudança de *status* e que a faria centro das atenções.

Damaris sempre sonhou em se casar com um “vestidão” estilo princesa. Desde criança ela se imaginou no momento do casamento e em seus sonhos tinha um vestido rodado e grande. O que caracteriza uma sacralização por **mito**, visto a ideia de princesa advindas de histórias infantis. O sonho não mudou, apenas o estilo do vestido, agora é sereia. Ele foi ganhado de uma colega de trabalho de sua mãe que sempre quis ver outra noiva com seu vestido. Damaris diz que assim que o experimentou soube que era aquele que usaria em seu grande dia. O que caracteriza uma sacralização por **mistério** em virtude da resposta emocional advinda do sentimento de “ser O vestido” para o seu casamento. Para entrar no vestido, que segundo Damaris, marca bastante as curvas do corpo, a noiva tem ido regularmente à academia. Ela relata que certo dia foi a uma padaria, e acabou comendo mais do que deveria, sentiu-se culpada e chorou muito. Agora diz estar mais focada para estar em forma para o dia de seu casamento. Diz, ainda, que está muito feliz com o vestido que para ela é lindo com uma grande calda. Ela relata que saiu praticamente de graça, se contar os custos de costura para alguns ajustes e lavanderia: R\$ 150,00 reais foi o gasto com seu vestido quase dos sonhos. Uma sacralização por **objetivação**, posto o envolvimento que a noiva está tendo com esse vestido.

Ana conta que a maior parte do casamento foi custeada pelos pais do noivo, mas de algumas coisas a noiva fez questão de participar financeiramente. Uma delas foi o vestido. Os pais ou sogros dela não a ajudaram. Ela desenhou o modelo levou a uma estilista, perguntou se era possível fazê-lo daquela forma e fez questão de arcar com os custos. O que evidencia um comportamento de sacralização por **objetivação**, uma vez que se concretizou seu desejo de determinado modelo de vestido, através de um profissional, e de pagamento deste item por ela mesma. Ana diz que gostaria muito de ter ficado com o vestido, mas como o custo era muito alto ela acabou fazendo em primeiro aluguel, onde a noiva escolhe o modelo que é feito sob medida, mas que após a cerimônia o devolve a loja. Ana gastou cerca de R\$6700 reais com o vestido. Este artefato obteve um resultado médio para objeto de atitude de 8,2 pontos, demonstrando a importância desse artefato para a noiva o que reflete também a importância desse papel central do casamento.

Roupa do Noivo - Evangélica Pentecostal

Adália acredita que os homens não têm de forma muito evidente o sonho de se vestirem de noivos. Eles acabam embarcando no sonho das mulheres. A ideia de alugar uma roupa especial parece não ser tão comum quanto parece ser para as noivas. Demonstra um comportamento de **dessacralização** por parte dos noivos. O noivo de Adália comprou um terno, não alugou, mas foi esse foi a única menção sobre o assunto, o que não demonstra um comportamento de sacralização. A noiva comenta

Eles querem uma pessoa que toma iniciativa de falar aí eles criam coragem porque eu acho que a partir deles dizer ah! quero me vestir de noivo é mais difícil a mulher fala ah! quero me vestir de noiva né fazer festa e homem é mais assim, né!(sic)(Adália, 36 anos, casal L).

Damaris gostaria de ver seu noivo de farda no dia do casamento. De início ele não havia aceitado a ideia, como o casal pretendia casar em dezembro e os valores estavam altos por ser um mês com muitos eventos corporativos e escolares o noivo utilizou-se do desejo da noiva para negociar, se Damaris concordasse em casar no mês seguinte, em Janeiro, ele casaria de fardado. A sacralização vem do comportamento da noiva, já que o noivo usou de forma racional a questão de sua roupa, já a noiva, através de seu comportamento de abrir mão da data e esperar mais um mês para poder ver seu noivo de farda, demonstra uma sacralização por **mistério**, visto que sua ideia de que mesmo que o casamento seja postergado vai ser mais especial se seu noivo estiver fardado, além de **objetivação** pela concretização do desejo de Damaris. Diz

Ele falou que ele casava de farda se a gente casasse em janeiro que era mais barato, a eu falei então fechou!! Nem pensei duas vezes. Fechou daí foi assim disso que abri mão da data, porque ah eu queria casar em 2014, porque um mês depois nem faz muita diferença.(sic) (Damaris, 21 anos, casal O)

Esse artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 0,4 pontos.

Fotos - Evangélica Pentecostal

As fotografias guardam lembranças e ao serem mostrados para os outros devem fornecer um registro da perfeição, uma "utopia" portátil. Otnes e Pleck (2003) comentam, que tal como acontece com todos os outros aspectos do casamento, este "banco de memórias" tem recebido um número cada vez maior de registros fotográficos já que o tamanho médio do álbum dos casamentos têm crescido. O ritual de tirar fotos de noivas com o passar dos anos mudou consideravelmente. O primeiro retrato de uma noiva remonta a década de 1850 e foi tirada em um estúdio. As fotos pré-casamento eram incomuns, talvez porque ser considerado azar fotografar a noiva antes do casamento. No entanto, a classe média começou logo a ver a fotografia como uma versão mais barata do que um retrato a óleo feito por um artista.

Fotógrafos do século XIX e início do século XX, segundo Otnes e Pleck (2003), levavam seus equipamentos para as casas dos ricos, mas a maioria das pessoas só podia se dar ao luxo de pagar por um retrato no estúdio. Em alguns casos, era comum que o casal fosse a esse estúdio até um ano após o casamento. A fotografia nupcial passou a fazer parte do dia a partir de casamentos de 1920, porque os clientes queriam que suas fotografias representassem como eles realmente viveram o grande dia. No entanto, para a maioria da população, a fotografia permaneceu em estúdio por muito tempo ainda.

Ana conta que uma das fotos que ela mais gosta e que usa como proteção de tela em seu celular é a da primeira dança do casal. Isso, pois, a imagem representa como o casal estava se sentindo no momento da festa. A fotografia é, portanto, uma **objetivação** do momento, de forma mais organizada e que pode ser guardada ao longo dos anos. Ana diz que um dos momentos que mais lembra com carinho foi o das fotos. Por ser um momento logo após a cerimônia, onde, de certa forma, os recém-casados tiveram instantes de cumplicidade em uma pequena sessão de fotos antes da festa.

O casal L (Adália e Filipe) conta que há um casal de sua comunidade religiosa responsável pelas fotos oficiais da igreja e, segundo Adália, cobram metade do preço normal, "gente renomada e tem álbum de capa dura com aquelas folhas e tudo que tá usando hoje em dia"(sic). Além da fotografia do evento, eles irão fazer o *layout* do convite também impresso como fotografia. Nas lembrancinhas irão com uma foto do

ensaio que o casal fará antes do casamento. Os noivos também terão um *banner* com as fotos do ensaio pré-casamento para colocar na entrada do salão. Além disso, receberam um álbum grande para o casal, mais dois álbuns pequenos para os pais dos noivos. Adália conta que irá emoldurar o *banner* para colocar na parede de casa, “depois a gente vai aproveitar esse *banner* e a gente vai emoldurar e colocar de foto no quarto”(sic). Essa atitude em relação as fotografias mostra que o casal L teve uma sacralização por **objetivação**, principalmente pela questão de o artefato *fotografia* ser uma **objetivação** das lembranças de forma ordenada. Esse artefato obteve um resultado médio para objeto de atitude de 6,1 pontos, uma demonstração da importância deste registro para o casal. .

Música - Evangélica Pentecostal

Edna escolheu em lugar da tradicional valsa uma música representativa para o casal. Assim, eles vão abrir a pista de dança dançando esta canção que tem significado afetivo para os dois. Uma sacralização por **objetivação**, visto que a música representa a personalidade do casal.

As músicas escolhidas para o casamento de Damaris são todas músicas cristãs, como o casal não costuma ouvir músicas não cristãs, no casamento também só terá músicas cristãs. Algumas delas são especiais para o casal e fizeram parte da vida dos dois até o momento. Por isso há uma sacralização por **mito**, visto que em seus lares é costume ouvir apenas músicas cristãs, bem como sacralização por **objetivação** pois algumas dessas músicas representam de alguma forma o casal.

Ah então acho que assim, as músicas são todas músicas cristãs, que a gente não costuma ouvir músicas que não são cristãs, e são músicas que algumas delas fizeram parte da nossa vida, que a gente diz que é nossa música e tal(sic) (Damaris, 21 anos, casal O).

Ana disse que a banda foi umas das primeiras coisas que ela procurou, devido a datas. Ela diz ter se divertido muito com as músicas tocadas, foi uma das coisas que mais gostou em seu casamento, pois se divertiu dançando e cantando com as pessoas que gosta, sacralizando por **objetivação**, mas também por **mistério**, visto que foi a música que de certa forma uniu os amigos e familiares neste momento especial.

Esse artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de oito pontos.

Decoração - Evangélica Pentecostal

Edna conta que já havia planejado a decoração do casamento antes mesmo de ter um noivo. Quando noivou, o casal olhou fotos e observou outros casamentos e a partir disso buscou os fornecedores que já tinham em mente e poderiam satisfazer suas exigências de decoração. É possível observar uma forte sacralização por **objetivação**, pois a noiva apresentou preocupação com estes artefatos decorativos e quem os forneceria mesmo antes de se tornar noiva.

Adália conta que vai ter tudo o que ela queria em quesito de decoração do casamento, nada do que ela gostaria vai ficar faltando. Uma sacralização por **objetivação**, devido à concretização do desejo. O casal L conta que assim que marcou a data do casamento e depois de buscar o *buffet*, buscou uma floricultura, já que as flores eram importantes, além de ter sido o item que mais encareceu o valor da decoração. A escolha de procurarem inicialmente esses itens é a possibilidade do pagamento mensal, e a ideia de que a antecipação lhes daria mais opções de fornecedores possibilitando uma decoração mais próxima ao esperado. Isso caracteriza uma sacralização por **objetivação**.

Ana diz que a decoração superou suas expectativas, foi mais do que ela imaginava que seria. Uma fala que remete ao uma sacralização por **êxtase** e **transcendência**, visto que a noiva ficou extasiada com tanta beleza em sua decoração de casamento. Ana comenta,

A decoração me surpreendeu muito, eu não esperava que ia ser tão maravilhoso, muito melhor, eu até virava para ele e falava: ‘a gente escolheu essas coisas lindas’, não sei o quê. Foi muito bom, foi muito melhor, muito além, sem sobra de dúvidas (sic)(Ana, 26 anos, casal M).

As falas sobre decoração aparecem muitas vezes relacionadas às flores, é praticamente como um sinônimo, isso ocorre com Damaris. Para ela não pode faltar decoração, “nem que seja uma florzinha, flor do campo”(sic). Para ela é fundamental

este elemento decorativo presente no seu casamento, o que caracteriza uma sacralização por **objetivação**.

Cláudia, ao iniciar os preparativos para seu casamento, buscou como um dos primeiros itens a floricultura. Para ela, os acabamentos e as flores foram de primeira. Ela também escolheu flores como lembrança para seus convidados.

Este artefato decorativo obteve um resultado médio para objeto de atitude de 5,1 pontos.

Buquê - Evangélica Pentecostal

Em relação ao buquê, Adália quer um vermelho, uma sacralização na forma de **compromisso compartilhado**, pois apresenta o buquê vermelho como algo tradicional, mas não dá maiores explicações sobre o porquê de escolher essa cor. Ana, que é advogada, apenas menciona o buquê é parte de algo que faz parte da festa, chega a falar como se as convidadas que mais aguardassem esse momento, sem mencionar sua participação efetiva no momento. Assim não há a caracterização de algum tipo de sacralização.

Este artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 4,5 pontos.

Buffet e comida - Evangélica Pentecostal

Na década de 1950, segundo Otnes e Pleck (2003), *buffets* com canapés e bolo eram muito comuns. Para as recepções realizadas à noite nas décadas de 1950 e 1960 exigia-se que o noivo e garçons alugassem *smokings* e paletós. Havia a busca por um “menu do casamento perfeito”, juntamente com um jantar servidos a mesa ou um *buffet* com estações que oferecem as diferentes variedades do cardápio muito popular na década de 1990.

Após definirem a data do casamento, Cláudia e seu noivo foram procurar o *buffet*. Para ela a comida era importante “porque crente não bebe, mas gosta de comer, e pensamos na comida”(sic). Ela conta que teve mesa de frios a noite toda e um *buffet* com costela recheada e leitão à Califórnia que o casal queria, “nada de molho, comida

mesmo de verdade, arroz, maionese, farofa”(sic). Para essa seleção o casal participou de degustações para verificar de perto o que seria servido em sua festa.

Para Cláudia era muito chato ir a um casamento e não ter comida para os convidados. Então ela ofereceu uma mesa de frios a noite toda, e pratos que os noivos pensaram de forma especial, a ideia era de que o casamento deveria ter fartura. A comida e a bebida ficaram a contento dos noivos que se sentiram satisfeitos com o resultado até final. O que caracteriza uma sacralização por **objetivação**, devido ao envolvimento dos noivos com a escolha e a preocupação de que a refeição servida fosse satisfazer a todos e especialmente os próprios noivos, “comida, bebida, tava tudo gelado, tava tudo bom, deu tudo certo mesmo!” comenta Cláudia

Caroline diz que depois de reservar a igreja, a coisa mais importante eram encontrar os fornecedores que necessitam de antecedência para agendar datas. Como é o caso do *buffet*.

Ana disse que ficou muito satisfeita com o *buffet* escolhido. Superou as expectativas do casal em relação ao que ia ser servido, “Foi muito melhor, foi muito mais legal, a gente ficou muito impressionado com o *buffet*”(sic). Uma sacralização por **objetivação**, visto que a comida superou as expectativas.

Adália escolheu seu *buffet* pois três casais que ela conhece se casaram e utilizaram o serviço. Além disso, o dono do *buffet* é amigo da mesma comunidade religiosa que o casal frequenta. Assim, há uma sacralização por **mito**, visto que a qualidade do produto e do serviço foi passada por três casais e a ideia de confiança por ser de um amigo da mesma comunidade religiosa. Resultado médio para esse item do ritual de atitude de 7,4 pontos.

Bebida Alcoólica - Evangélica Pentecostal

Enquanto os outros casais não se posicionaram quanto ao quesito bebida, especialmente alcoólica, Damaris e seu noivo decidiram que não haveria nenhum tipo de bebida alcoólica em seu casamento. Por causa de sua religião optaram por oferecer a seus convidados apenas refrigerante, suco e água. Ela aponta que mesmo que seus familiares, especialmente do lado materno, que não são evangélicos, reclamem, nem ela

ou seu noivo irã mudar a postura visto ser um princípio religioso importante para eles. Assim há uma **dessacralização** da bebida alcoólica para o casal.

Esse artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de -9 pontos.

Bolo - Evangélica Pentecostal

Se havia uma coisa que não podia faltar no casamento de Adália era o bolo. Para ela, a festa estaria incompleta sem este item. Ela chega ao ponto de fazer a seguinte comparação entre os itens que não podiam faltar: “se falar de sentimento não pode faltar amor, mas se falar de coisas materiais não pode faltar o bolo de casamento”. Se tivessem que abrir mão de algumas coisas para que o bolo estivesse presente na festa, ela abriria mão. Assim há uma sacralização por **objetivação**, devido ao significado que o bolo tem e quão importante para o sucesso de uma festa de casamento um bolo significa. Bem com por **compromisso compartilhado**, pois demonstra a ideia, advinda do senso comum de que um casamento deve ter bolo.

Damaris também acha que não pode faltar o bolo na festa do casamento. Mas apesar disso o formato não era um fator preponderante. A princípio ela desejava um bolo cheio de glacê, mas ao conversar com a confeitadeira recebeu uma contra proposta. A mulher que faria o bolo sugeriu-lhe fazer um *nakedcake*³⁷, já que seu casamento seria no verão e a festa ao meio dia. Por causa do calor o *chantilly* do bolo poderia derreter e acabar estragando. Damaris aceitou a proposta e prontamente mudou o formato do bolo. Ela ficou muito contente com a escolha configurando uma sacralização por **objetivação**, já que esse item já estava fechado e cumpriria a função de enfeitar e servir como sobremesa especial de seu casamento. Esse artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de oito pontos.

³⁷Bolo pelado – tradução livre, um bolo sem cobertura de glacê onde a massa e a cobertura ficam expostas em camadas decoradas com frutas e açúcar.

Doces - Evangélica Pentecostal

Para Cláudia era muito importante que todos os seus convidados aproveitassem a festa, e desfrutassem de tudo que ela e seu noivo oferecessem. Ela menciona que contratou uma pessoa para cuidar especialmente da mesa dos doces, com medo de que alguém os comesse antes da hora. Assim quando a mesa fosse liberada todos os convidados poderiam comer os doces tranquilamente. Portanto, há uma sacralização por **objetivação**, devido a preocupação e o esquema organizado e preparado para que os doces pudessem ser consumidos por todos os convidados em determinado momento.

Apesar de Damaris mencionar que os docinhos eram algo que não poderia faltar, o fator financeiro falou mais alto. Em alguns momentos ela teve de abrir “mão das coisas mais caras, de docinho que era mais caro”(sic), por outros mais acessíveis. Assim ela opta por doces mais simples, para que esse item permaneça na festa, sem que seja prejudicada. Há também uma sacralização por **objetivação**, já que houve uma preocupação de encontrar formas alternativas para que os convidados tivessem docinhos para desfrutar em sua festa.

Adália conta que a mesa de doces era indispensável e que gastou mais de mil reais com ela. Ficou satisfeita com esse valor, pois disse que “teve gente que gastou muito mais”(sic). Ela conseguiu um preço mais em conta, pois foi atrás de alguns fornecedores que conhecia e eles fizeram mais barato. Assim, há uma **objetivação** em relação aos doces visto a preocupação financeira e ao mesmo tempo a preocupação de que este item estivesse disponível em seu casamento.

Esse artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 5,3 pontos.

Bem-casado/lembrancinha -- Evangélica Pentecostal

Uma das coisas que a noiva Edna não gostaria de ter em seu casamento era o bem-casado, mas a mãe que gosta muito de doces insistiu para que ela colocasse os tradicionais docinhos em sua festa. Como a noiva teria que escolher um outro tipo de lembrancinha se não tivessem os bem-casados ela optou por satisfazer o desejo de sua mãe ofertando essa lembrança tradicional. Ela conta que após escolher os papéis que

embrulhariam o artefato acabou ficando contente com a escolha. Uma sacralização por **objetivação**, visto a realização do desejo da mãe e do envolvimento da no processo de escolha o que sacralizou o artefato.

Ana também não queria bem-casado, então optou por bolo de cenoura decorado em uma caixinha. A escolha de personalizar saiu um pouco das tradições **dessacralizando** esse elemento ritual tradicional e sacralizando esse novo elemento, também por **objetivação**, devido a concretizando de seu desejo por bolos de cenoura como lembrancinha.

Adália e Filipe irão ter duas lembrancinhas, o bem casado, por ser tradicional, configurando uma sacralização por **mito**, e amêndoas confeitadas, pois ela queria algo diferente e não tradicional. Essa tradição, conforme Otnes e Pleck (2003), advém da cultura norte americana. Amêndoas estarão decoradas e junto irá uma foto do casal. Uma sacralização por **objetivação**, já que o casal com isso quer deixar uma lembrança palpável do casamento.

Cláudia irá presentear seus convidados com uma flor fugindo da ideia de dar um doce como lembrança do casamento. Este artefato obteve um resultado médio para o objeto de atitude de 1,7 pontos.

Carro - Evangélica Pentecostal

Adália acha o gasto com um carro especial para a cerimônia do casamento uma “*despesa a mais*”, sendo assim decidiu não gastar com isso. Preferiu utilizar o carro de seu irmão, que era novo, branco, e que substituiria satisfatoriamente um carro alugado para a ocasião. Assim, há uma **dessacralização** do item, visto que a noiva acha esse item uma despesa extra, sem necessidade.

Este objeto obteve um resultado médio negativo de -6 pontos para o objeto de atitude. O Quadro 23 apresenta um resumo dos artefatos do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados evangélicos pentecostais.

Artefatos	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(4) Aliança	Compromisso individual (1); dessacralização (1); objetivação(2)	4,5
(17) Igreja	<i>Communitas</i> (1); dessacralização (10); Mito (1); objetivação (5)	0,4
(13) Vestido da noiva	Mito (1); objetivação (12)	8,2
(3) Roupa do noivo	Objetivação (1); Dessacralização (2)	0,4
(12) Fotografia	Objetivação (11); dessacralização (1)	6,1
(11) Música	Dessacralização (1); Mito (4); Objetivação (10)	8,0
(17) Decoração	Êxtase e transcendência (4); dessacralização (2); objetivação (4)	5,1
(2) Buquê	Objetivação (1); dessacralização (1)	4,5
(8) Comida	Êxtase e transcendência (1); objetivação (13); dessacralização (1)	7,4
(5) Bebida	Dessacralização (5)	-9
(9) Bolo	Compromisso compartilhado (1); dessacralização (1); objetivação (7)	8,0
(4) Docinho	Objetivação (3); dessacralização (1)	5,3
(9) Lembrancinha	Dessacralização (4); objetivação (5)	1,7
(1) Carro	Dessacralização (1)	-6,0

Quadro 23 – Resumo dos artefatos do ritual sacralizados por noivos e recém casados evangélicos pentecostais.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

4.3.4 Sacralização da audiência do ritual nas Igrejas Evangélicas Pentecostais

Para Adália os convidados são importante pois “as pessoas mais queridas celebrarão com a gente o nosso amor e a nossa decisão”(sic), sacralizando-os assim por **mistério**. Apesar disso, não seria possível para ela e seu noivo convidar todas as pessoas com quem gostariam de compartilhar este momento. Ela disse que por causa dos gastos o número de convidados teria que ser menor. Comenta “difícil selecionar, né?! Falar esse vai no meu casamento, esse não vai, é ruim. A gente queria ter condições de convidar mais gente”(sic). Mas mesmo assim teve que organizar sua lista deixando as pessoas realmente próximas, uma sacralização que além de **mistério** envolve **objetivação** devido a questão da organização desta lista de pessoas importantes para a vida do casal.

Cláudia disse que seus convidados não poderiam faltar em seu casamento. Para isso eles convidaram quem realmente deveria comparecer. Como tem uma família muito grande teve que cortar alguns amigos em detrimento da família, colocando-a como prioridade. Há, portanto, sacralização tanto por **mistério** devido ao afeto que é

demonstrado para com os convidados como também por **objetivação**, visto a organização da lista.

Nas palavras de Ana seu casamento “foi meio diferente, porque teve mais 700 convidados”(sic). Ela explica que os seus convidados foram apenas 70 pessoas, as mais próximas, configurando uma sacralização por mistério. Além do que fez questão de pagar o jantar de cada um de seus convidados configurando uma sacralização por **objetivação**. A lista de convidados de seu noivo alcançou 130 e de sua sogra 500 pessoas, mas esses convidados aparecem de forma neutra e, portanto, **dessacralizada** para Ana. Outro ponto que demonstra a preocupação de Ana com seus convidados é o fato de ela ter se arrependido de ter feito o casamento na sexta e se pudesse escolheria o sábado pensando nos convidados, configurando assim um comportamento de sacralização por **objetivação**. Gostaria também de ter feito algo mais reservado, sem tantos convidados, **dessacralizando** assim os convidados que ela não conhecia ou não gostaria que estivesse naquele momento especial para ela.

Foi pensando no conforto de suas convidadas que a noiva Edna contratou uma empresa para fazer massagem nos pés. Como ela sabia que suas convidadas estariam de salto e, provavelmente estariam com seus pés doendo, ela decidiu fazer este investimento no bem estar delas. Configurando uma sacralização por **objetivação**. Essa decisão até gerou um pequeno atrito com seu noivo, mas foi um ponto que ela não voltou atrás.

Damaris decidiu convidar apenas as pessoas mais próximas e ter um número menor de convidados, convidou apenas os irmãos e os primos bem como os tios próximos de sua família. A família do noivo é muito grande o que de certa forma gerou um *stress* ao compor a lista, o que acaba **dessacralizando** um pouco a audiência do ritual. Ela também decidiu que não serviria bebidas alcoólicas para seus convidados e que também não seria autorizada a venda para aqueles que quisessem. Demonstrando uma **dessacralização** da audiência, colocando suas convicções religiosas e estilo de vida acima dos convidados de seu ritual.

Os convidados receberam um resultado médio para o objeto de atitude de 3,7 pontos,. O Quadro 24 apresenta um resumo da audiência do ritual de casamento sacralizados por noivos e recém casados evangélicos pentecostais.

Artefatos	Tipos de sacralização/dessacralização	Resultado médio para o objeto de atitude
(21) Convidados	Dessacralização (8); mistério (8); objetivação (8)	3,7

Quadro 24 – Resumo da audiência do ritual sacralizados por noivos e recém casados evangélicos pentecostais.

Fonte: Elaborado com base em pesquisa da autora

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE IGREJA, NOIVOS E CASAMENTO

O objetivo geral desta dissertação era identificar comportamentos de atribuição de significado como sagrado e profano ao consumo ritualístico do casamento e seus componentes em diferentes confissões cristãs. Como uma busca por satisfazer este objetivo as seções anteriores, abordaram as diferentes confissões cristãs pesquisadas e como elas e seus membros sacralizam e dessacralizam os elementos do ritual de casamento. Assim nestas últimas páginas foram trabalhados como é a relação de comportamentos de sacralização e dessacralização dos noivos e como isso pode ou não ser resultado direto ou indireto da forma como as comunidades religiosas abordam o ritual de casamento. Dentro dos objetivos específicos apenas um ponto ainda não foi trabalhado; confrontar como os participantes do ritual de casamento se portam diante de como as suas denominações tratam esse ritual.

Como os membros de igrejas cristãs agem em relação ao casamento? As respostas para essa pergunta vão muito além do que a igreja fala e se posiciona em relação a esse assunto. É possível notar que os membros são fortemente influenciados pela doutrina da igreja como um todo. As suas formas de culto, a sua postura em relação ao casamento, em relação à família e a convivência social. Os hábitos de vida e a própria convivência no ambiente religioso trás para os noivos a perspectiva de que suas escolhas sejam feitas conforme o que aprendem, escutam e estudam dentro e sua denominação. Isto é claramente percebido quando se conhece, mesmo que de maneira simplificada, a forma como a igreja interpreta o cristianismo, quais são suas crenças, qual a sua visão e identidade enquanto igreja cristã.

A Igreja Católica Apostólica Romana é uma igreja histórica, muito grande e com forte influência social e política. A maneira como aborda o casamento é resultado de um contexto histórico envolvendo principalmente as decisões tomadas no Concílio de Trento (1545-1562). Nessa ocasião a igreja, toma para si a responsabilidade do casamento. Na igreja católica os papas e os concílios determinam como serão abordadas as questões primordiais e como a igreja se posiciona. As igrejas católicas têm, devido ao Concílio de Trento, a incumbência de trazer do âmbito familiar para o âmbito religioso a responsabilidade por esse ritual.

Além disso, a igreja tem o casamento como um dos sacramentos da nova aliança. Sendo, portanto, o casamento algo significativo e importante para a jornada espiritual de seus membros. Mesmo que o padre e, em certa medida, o Manual, ritual do matrimônio, coloque como de responsabilidade do casal e da família a ministração do sacramento do matrimônio, é a igreja a principal responsável pela realização da cerimônia e a declaração pública de mudança de *status* do casal.

Notou-se que os aspectos relacionados à incumbência da igreja são consideravelmente mais sacralizados do que os aspectos que não são primordialmente sagrados para a denominação. No roteiro do ritual, por exemplo, é perceptível através das falas e índices que esse aspecto referente à responsabilidade da igreja sobre essa cerimônia religiosa, aparecendo onze vezes e sendo sacralizada com o resultado médio para objeto de atitude de 7,9 pontos. A maior parte dessa sacralização é por mito. O casal aprendeu na igreja que aquele momento é o mais importante.

A troca das alianças, a bênção do padre, a bênção das alianças são citados como altamente sacralizadas, no entanto com poucas menções. Já o momento da entrada da noiva que tem sacralização por êxtase e transcendência e que deveria acarretar uma alta pontuação, aparece com uma baixa sacralização. O mesmo ocorre com a festa que aparece trinta e duas vezes, porém com baixíssima sacralidade (0,3). A dessacralização geralmente ocorreu, pois o casal, mesmo se mostrando animado com a preparação ou com o que ocorreu na festa, utiliza-se de auto-correção, ou seja, em seguida dessacraliza e diminui o valor da sacralização com frases como: “mas isso não tem importância”, “isso não era tão importante”, “o importante mesmo é a igreja, é a bênção, é estar casando na igreja”. Tais comportamentos demonstram que a relação de casamento na igreja católica parece ter mais a ver com o indivíduo e a igreja, principalmente se for levado em conta o sacramento. Assim o casamento é uma maneira de receber a bênção, qualquer coisa fora disso, deve ser considerada menos importante. Parece que para os casais a ideia de se preocupar com elementos que não são primordialmente sagrados é como uma transgressão da lei.

Em relação aos atores sacralizados pelos casais, o padre, o pai e a mãe, além do pajem que é uma figura que envolve grande afetividade, principalmente por parte das noivas, aparecem como os mais sacralizados. Mesmo que a noiva o noivo sejam as figuras principais no casamento eles aparecem pouco e com uma sacralização mediana

para a noiva e baixa para o noivo. Isso se dá em partes para o noivo visto o que os autores comentam quanto ao casamento ser um evento representativo de gênero (CURRIE 1993; OTNES E PLECK 2003). As noivas aparecem apenas cinco vezes e com uma sacralização de 5.4 pontos. O noivo aparece 10 vezes com a sacralização baixa de 1,5. Já os pais aparecem onze vezes com uma sacralização de nove pontos. O padre é mencionado quinze vezes com sacralização maior que a dos noivos. Portanto, isso não é apenas em relação a gênero, já que pela lógica a noiva deveria ser mais sagrada. Entretanto, os pais e o padre são mais sacralizados que a noiva e o noivo, sendo de certa maneira uma limitação do estudo, pois ao entrevistar as noivas, talvez por constrangimento não se sentiram à vontade para expressar isso veementemente, apesar de acreditarem que essa figura seja sagrada para o ritual do casamento. Isso reforça ainda mais a ideia de que a igreja, a comunidade e a família cristã influenciam a forma como os casais sacralizam e dessacralizam o ritual do casamento. O ritual do casamento é algo entre o indivíduo a igreja, a família e a comunidade religiosa mais do que entre o indivíduo e seu futuro cônjuge.

A igreja aparece como o artefato mais sacralizado e lembrado pelos casais, vinte e seis vezes. Demonstrando mais uma vez a influência religiosa neste ritual. Itens como o bolo, topo do bolo, docinhos, e até mesmo o vestido da noiva aparecem como sacralização baixa ou mediana. Mesmo que, por exemplo, a roupa do noivo seja dessacralizada representando em certa medida a dessacralização do próprio noivo em relação à cerimônia, a sacralização do padre e dos progenitores sendo maior que a sacralização da noiva demonstram que estes atores e sua influência são maiores e mais importantes

Quanto à audiência, mesmo que a igreja aponte o casamento enquanto um evento público, os noivos relatam as dificuldades da lista de convidados. Segundo relato dos noivos, há um número de convidados e um orçamento limite no qual esse número de convidados interfere. Neste ponto, portanto a igreja acaba não sendo uma interferência tão contundente quanto nos demais.

As igrejas protestantes tradicionais são mais conservadoras. Sua origem ligada à reforma protestante esclarece tal postura. As regras e normas de conduta social e moral são claramente visualizadas nas falas dos noivos entrevistados. Pelo fato, por exemplo, das festas relatadas serem mais contidas, sem bebida alcoólica e música

secular. Nas falas dos noivos, o conflito entre o que deveria ter na cerimônia segundo a igreja, e o que realmente o casal gostaria de ter em seu casamento, existe, mas em menor medida do que nos casamentos católicos. A fala dos entrevistados é muito convicta sobre as questões de fé que acreditam, e sobre estas convicções elaboram seu ritual de casamento. A igreja tem a grande influência sobre o casal nas escolhas do que irá ter ou não no casamento. São aplicadas as doutrinas e o estilo de vida pregado pela denominação. Essas questões parecem ser muito compreendidas e aceitas, algo que já praticavam antes do casamento. Entendem o porquê de isso acontecer, e o fazem de forma quase que natural.

A igreja tem influência, os pais têm influência. Assim o casal escolhe as coisas, o que haverá ou não seguindo as regras da igreja e em certa medida seguindo o exemplo e opinião dos pais. Embora a cerimônia religiosa apareça vinte e duas vezes e seja sacralizada, momentos como a entrada da noiva, a troca das alianças, os votos personalizados, e até mesmo a saída do casal, tem maior sacralização que este momento maior, o da cerimônia. Mesmo que sejam fragmentações da própria cerimônia, são nessas as partes do ritual que o casal demonstra cumplicidade. Isso demonstra a relação entre o casal como mais importante que a própria cerimônia. A cerimônia é algo para o casal, para que o casal se torne casado, é um momento de cumplicidade entre o casal dentro dos dogmas de sua denominação.

Como mencionado, essas denominações são mais tradicionais e os seus membros praticam as doutrinas de forma rígida. Isso é refletido também na condução da festa de casamento. Esta foi mencionada pelos noivos como algo feito para os convidados. No entanto, com uma forte dessacralização de itens como bebida alcoólica, baile e danças, a festa é realizada conforme os estilos de vida relatados pelos noivos. Se não bebem ou dançam em seu cotidiano não incluíram esses itens como forma de agradar seus convidados, mesmo que esses convidados não aceitem tais mudanças. As convicções religiosas dos noivos são fortes, mais uma vez demonstrando a influência que a igreja exerce sobre eles.

Pela possibilidade de o casal realizar a cerimônia em outro ambiente que não no espaço físico da igreja, esse item obteve uma pequena sacralização 2,6. O vestido de noiva, o porta aliança, o topo do bolo, a roupa do noivo e principalmente comida foram mais sacralizados do que a igreja. Mesmo que a denominação tenha

influência sobre muitos aspectos da cerimônia, a possibilidade de realizar a cerimônia em um outro ambiente acaba fazendo com que os casais dessacralizem o templo.

Assim como nas igrejas protestantes tradicionais os momentos relacionados ao casal dentro da cerimônia foram os mais sacralizados, uma característica da igreja protestante. Nas igrejas protestantes pentecostais apesar da sacralização da festa ser baixa 1,9 pontos o baile e as danças são muito valorizados, atingindo uma pontuação de 7,9 pontos. Isso pode estar relacionado à ideia e as doutrinas das igrejas pentecostais. Os cultos dessas igrejas são marcados pelo espetáculo e pela experiência, especialmente pela doutrina do batismo do Espírito Santo, que é o que os difere em grande parte das igrejas evangélicas tradicionais. Isso é muito visualizado no comportamento dos casais ao tratar dos momentos da festa, mais especificamente do baile.

Alguns casais buscaram fazer coisas que marcassem os convidados, que eles pudessem realmente aproveitar. A dança e a música no baile, tiveram intenção de deixar todos convidados felizes e animados. No momento de sua saída Cláudia, por exemplo, houve fogos de artifício. Essa questão da experiência, apareceu muito nas falas dos casais e pode estar ligada a forma de culto e as doutrinas que são trabalhadas na comunidade religiosa.

O noivo e a noiva aparecem fortemente sacralizados, com 7,3 de média para noiva e 7,1 para o noivo. Itens que se aproximam muito a sacralização direcionada ao pastor, 7,5. Os pais aparecem como uma sacralização mais forte do que o casal e o pastor, demonstrando a importância que estes papéis têm no ritual. Há, portanto, uma igualdade entre os papéis do pastor, dos noivos e dos pais na realização e construção do ritual do casamento. Isso pode ocorrer pelo fato de o pastor ser a maior autoridade religiosa, capaz de determinar como ritual vai ocorrer juntamente com o casal. Nas igrejas pentecostais analisadas não há um ritual ou *script* ou mesmo manual oficial da igreja determinando ou apontando a direção pela qual o casal deve seguir e quais as sequências, as falas e regras. Tudo isso era determinado especialmente pelo pastor, assim a uma maior sacralização desta figura bem como uma sacralização maior para o casal já que este constrói de forma mais efetiva o ritual do casamento, visto que não há algo pré-estabelecido.

Como o casamento não tem obrigação de ser realizado na igreja, podendo ser realizado em outros ambientes ou mesmo em igrejas de outras denominações, a

sacralização da igreja em quanto templo obteve um baixo índice de 0,3. Itens como vestido da noiva, o bolo, a comida, a música, a decoração, obtiveram um índice maior de sacralização do que os itens relacionados à cerimônia mais especificamente. Isso demonstra o que já foi comentado em relação ao espetáculo e a ideia da experiência. Uma boa comida, uma boa música, um belo vestido, tudo isso proporciona experiências espetaculares, o que pode estar relacionado à forma como os cultos e as doutrinas das igrejas pentecostais trazem como influência aos seus membros.

Igrejas que não têm identidade muito definida, como é o caso da igreja que a Damaris frequenta a Igreja Cristã Carisma, uma denominação nova relativamente. Percebeu-se que essa entrevistada, de forma especial, apresenta as influências da religião de uma maneira distinta. Ela demonstra traços, por exemplo, das igrejas protestantes tradicionais: colocou músicas apenas evangélicas, em seu casamento e festa não serviu bebida alcoólica, ambos por princípios religiosos. Também apresenta traços da igreja católica ao pensar sobre sua entrada como centro das atenções, se deslumbrar com a ideia do papel que ela está tomando pra si, logo em seguida, como algumas noivas católicas fizeram, ela diz que está brincando e que o mais é importante e a cerimônia religiosa. Ela também apresenta comportamentos das igrejas Evangélicas Pentecostais, por exemplo, uma saída com um teto de aço, feito por militares, remetendo a ideia do espetáculo e da experiência. Assim é possível visualizar como as denominações influenciam nas escolhas dos casais e como estes, por estarem imersos neste ambiente religioso sacralizam de forma peculiar o ritual do casamento.

Limitações da pesquisa

Como limitação, a primeira foi a questão do tempo. Visto ser um estudo qualitativo, com uma quantidade considerável de coleta de dados de forma diferente, um tempo maior possibilitaria que mais e melhores análises fossem realizadas. Outro ponto de limitação foi que algumas comunidades religiosas não apresentaram histórico, ou mesmo materiais suficientes para analisar como elas conduzem o casamento. Além disso, algumas das comunidades entrevistadas, com maior número de fiéis, e mais tempo de história não possuíam noivos ou recém casados no ano da pesquisa, impossibilitando assim a continuidade do estudo nestas denominações, e,

consequentemente, levando a substituições por denominações menores com casais dispostos a serem entrevistados.

Contribuições do Estudo

Para a pesquisa esse estudo contribui de forma mais eficiente em relação à metodologia. Apesar da metodologia utilizada neste estudo estar descrita em livros traduzidos para a língua portuguesa, foi necessário a realização de algumas adaptações. A forma de aplicação descrita por estes livros, devido a tradução literal dos trechos que tratam da análise de enunciação, não se preocuparam com as peculiaridades da técnica e qual a melhor forma de aplica-la a texto em português. Assim, este estudo possibilitou a aplicação da técnica em um grande volume de material, permitindo que algumas peculiaridades dessa técnica fossem compreendidas e adaptações para a técnica encontradas. Isso para que os resultados desta técnica em material de análise na língua portuguesa fossem mais eficazes e confiáveis. Considerando que a língua portuguesa, diferentemente da inglesa, de onde vem originalmente a técnica, utiliza-se muito de palavras e frases negativas como forma de afirmação influenciando o resultado final, bem como a utilização dos verbos de ligação para a análise de dados.

Para a teoria este estudo qualitativo proporciona uma observação dos processos de sacralização em ambientes religiosos naturais e como estes ambientes influenciam os consumidores e participantes destes rituais em suas escolhas e a forma de compreender o ritual do qual participam. Esse estudo colabora ainda para a compreensão do sagrado imposto pela religião e o sagrado que o indivíduo impõe sobre tempos, ambientes, objetos, pessoas e experiências. Colabora, de certa maneira, com um pequeno passo para a compreensão dos processos de sacralização em ambientes religiosos contemporâneos, devido a escassez de estudos desta natureza. Além disso, expande para a compreensão dos significados atribuídos a itens de consumo e artefatos ritualísticos.

Em uma observação mais prática esse estudo possibilita uma visão mais ampla de como os casais, em seu ritual do casamento, sacralizam e dessacralizam influenciados pelo ambiente religioso que participam. Isso é relevante, pois a compreensão de cada denominação e de como os fiéis se portam diante do ritual do

casamento, pode ajudar profissionais da área de eventos bem como empresas de variados ramos que atendem e fornecem serviços e produtos para esse ritual colaborando, assim, na satisfação do cliente. A compreensão do modo como os noivos, suas famílias e as comunidades religiosas consideram o matrimônio levará a uma melhor oferta de produtos e serviços, tendo um portfólio específico para cada seguimento, por exemplo. A partir deste estudo que aborda pontos de vista baseados nas crenças, profissionais do ramo poderão entender o universo religioso de cada casal, levando a uma relação de respeito por parte desses profissionais em relação à crença dos noivos neste momento tão importante na vida do casal, de sua família, bem como para as comunidades religiosas as quais profissionais estarão envolvidas ao prestarem serviços e fornecer produtos.

Para a pesquisadora esse estudo, dentre outras coisas, desenvolveu práticas de pesquisa e estudo, compreensão do modo como este ritual de passagem tem significado para cada casal e para suas comunidades religiosas. Esse trabalho se encerra relembrando algo apontado na introdução. Mesmo em um contexto de secularização, conforme Eliade (2001), o homem sempre irá buscar sacralizar algo, não abolindo o comportamento religioso de sua vida, sempre irá buscar formas de sacralização de tempos, pessoas, objetos, lugares e experiências.

Sugestões para futuras pesquisas

Tendo em vista os resultados obtidos nesse estudo, podemos pensar em uma continuidade aplicando esse estudo em grupos religiosos distintos e não cristãos; estudar outras festas e rituais religiosos sob a perspectiva da teoria do consumo sagrado; estudar como fornecedores de produtos e serviços para eventos se portam diante do ritual do casamento em diferentes denominações; e, ainda, como continuidade a este trabalho pode-se estudar mais a fundo cada item específico do ritual, como a sacralização do vestido de noiva, por exemplo.

5. REFERÊNCIAS

ABDALA, P. R. Z.; **Espiritualidade e Consumo: Relações e Temáticas de Pesquisa.** XXXIV Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, p.11, set. de 2010. Disponível em <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/mkt2553.pdf>>, acesso em: 21 de julho de 2015.

ALMEIDA, T. S. de; CARVALHO NETO, A.; SANTOS, C. M. M., TANURE, **BExecutivas: Como Equilibrar Carreira e Vida Pessoal?**. In: SEMEAD, Seminários em Administração. São Paulo: p.16, out. de 2012, USP-SP. Disponível em <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/15semead/resultado/trabalhosPDF/397.pdf>>, acesso em: 21 de julho de 2015.

ANDRADE, M. M.. A Pesquisa Científica. In:_____. **Como Preparar Trabalhos Para Cursos De Pós-Graduação: Noções Práticas.** v. 2, p. 11-36, 1997.

ANDREASEN, A. R. Life Status Changes and Changes in Consumer Preferences and Satisfaction. **Journal of Consumer Research**, v. 11, n. 3, p. 784-94, 1984.

AREND, P. S. M.**Class,Gender, And The Ritual Acquisition of the White Wedding Dress.** Conference Papers: American Sociological Association. Atlanta; 23p, 2003. Disponível em < http://www.allacademic.com/meta/p106643_index.html>, acesso em 21 de julho de 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edição 70, 1994.

BELK, Russell W; SHERRY JR. John F; WALLENDORF, Melanie. A Naturalistic Inquiry Into Buyer and Seller Behavior at A Swap Meet. **Journal of Consumer Research**, vol. 14, p. 449-470, mar. de 1988.

_____. Gift Giving Behavior. In: **Research in Marketing**, v. 2, ed. JagdishSheth, Greenwich, CT: JAI, p. 95 a 126, 1979.

_____; WALLENDORF, Melanie; SHERRY JR., John F.; **The Sacred and the Profane in Consumer Behavior: Theodicy on the Odyssey.**; **Journal of Consumer Research**, V. 16, 1989.

BOSSARD, J. H.S. BOLL, E. S. **Ritual In Family Living: A Contemporary Study**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1950.

BRAGA NOGUEIRA CUPOLILLO, M.; MOREIRA CASOTTI, L.; DIAS CAMPOS, R. Estudos de Consumo: um Convite para a Riqueza e para a Simplicidade da Pesquisa de Rituais Brasileiros. **Revista ADM. MADE**, v. 17, n. 3, p. 27-46, 2014.

CARVALHO, D. L. T.; PEREIRA, R. C. F. **A Conspicuidade no Consumo Do Ritual do Casamento**. XXXVII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, set. de 2013.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: 5 ed., Perarson Pratic Hall, 2002.

COLPE, C. Carsten. The Sacred and The Profane. In: M; Eliade. **The Encyclopedia of Religion**. New York: Collier Macmillan Vol. 12, p. 511-526, 1987.

COMMURI, Suraj; GENTRY, James W. Opportunities for family research in marketing. **Marketing Department Faculty Publications**, p. 10, 2000.

COSTA, Patrícia Garcia. A Representação do Feminino na Mídia Pentecostal: Uma Análise de Discurso do Quadro Abrindo o Coração. **Revista Relegens Thréskeia: estudos e pesquisa em religião** v. 3, n. 1, p. 55-79, 2014.

CUNHA, Luis Henrique. Rituais de Dessacralização. **Blecaute, Uma Revista de Literatura e Artes**. Campina Grande-PB, Ano 2, n. 4, p. 39. 2009.

CUPOLILLO, M. B. N.; CASOTTI, L. M.; CAMPOS, R. D. Estudos De Consumo: Um Convite Para a Riqueza e Para a Simplicidade da Pesquisa de Rituais Brasileiros. **Revista ADM.MADE**. Rio de Janeiro, Ano 13, v. 17, n. 3, p. 27- 46, 2013. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/admmade/issue/view/65>>, acesso em 30 de set. de 2014.

DAMATTA, R.. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, v. 6, n. 1, p. 7-29, 2000.

_____. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil**. 5 ed.-Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DEFLEM, M.. Ritual, Anti-Structure, and Religion: A Discussion of Victor Turner's Processual Symbolic Analysis. **Journal for the scientific study of religion**, v. 30, n. 1, p. 1-25, 1991.
- DENZIN, N. K.; Interpretive Interactionism. Ed. Mircea Eliade. New Iorque: Collier-MacMillan, v. 12, p. 511 – 526, , 1987.
- DENZIN, N. **The Research Act: A Theoretical Introduction To Sociological Methods**. New York: Mc Graw-Hill, 2^a ed, 1978.
- DI LEONARDO, M. The Female World of Cards and Holidays: Women, Families, and the Work of Kinship, Signs. Chicago, Spring. v. 12, n. 3, 1987.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **The World Of Goods: Towards an Anthropology of Consumption**.3. ed. Nova Iorque: Routledge, 2002.
- DRAMALI, Bianca Leite. Consumo e Magia: transformando profano em sagrado Aspectos mágicos, simbólicos e rituais em nossa sociedade contemporânea. **Encontro Nacional De Estudos Do Consumo/Encontro Luso-Brasileiro de Estudos Do Consumo**, v. 5, n. 1.
- DURKHEIM, E. **As Formas Elementares De Vida Religiosa**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, M. **O Sagrado E O Profano**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ERIKSEN, T. H.; NIELSEN, F. S. **A History Of Anthropology**. London: Pluto Press, 2001.
- BRANCO, Leo. A Expansão do Mercado de Casamentos. **Revista Exame PME**, Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame-pme/edicoes/0050/noticias/a-expansao-do-mercado-de-casamentos?page=1>>, acesso em: 20 de nov. de2013.
- FIGUEIREDO, A. A.; CUPOLILLO, M. B. N. **Rituais De Beleza Para o Trabalho: Transformação e Adequação da “Cara de Nada”**. In: XXXVII ANPAD, Rio de Janeiro, Setembro, 2013.

FREITAS, S. A. De; COSTA; M. J.A Identidade Social do Idoso: Memória e Cultura Popular. **Revista Conexão UEPG**, v. 7, n. 2, p. 202-211, 2012.

FROMKIN, Howard L.; SNYDER, Charles R. The search for uniqueness and valuation of scarcity. In: **Social exchange**. Springer US, 1980. p. 57-75.

GARRIOTT, W.; O'NEILL, Kevin Lewis.; Who is a Christian? Toward a Dialogic Approach in the Anthropology of Christianity. **Anthropological Theory**, v. 8, N. 4, p. 381-398, 2008.

GEARY, P. Sacred Commodities: The Circulation of Medieval Relics. In: **The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective**. Ed. Arjun Appadurai. Cambridge: Cambridge University Press, p. 169 - 191, 1986.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Introdução a Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades. **Revista De Administração De Empresas**. v 35, n 2, mar/abril 1995.

GREELEY, A. M. **Un secular Man: The Persistence of Religion**. Nova Iorque: Schocken, 1985.

GRIMES, Ronald L. **Deeply Into The Bone: Re-Inventing Rites of Passage**. California: University Of California Press, 2000.

HELDER, R. R.. **Como fazer análise documental**. Porto: Universidade de Algarve, 2006.

HILL, J.; DANIELS, P. **Life Events and Rites of Passage: The Customs and Symbols Of Major Life-Cycle Milestones, Including Cultural, Secular, and Religious Traditions Observed in the United States**. Omnigraphics, 2008.

HOLBROOK, M. B. HIRSCHMAN, E. C. The Experiemental Aspects of Consumption: Consumer Fantasies, Feelings and Funn. **Journal of Consumer Research**, v. 9; p. 132- 140, 1982.

HOWARD, V.The Bridal Business. **OAH Magazine of History**, v. 24, n. 1, p. 52-56, 2010.

IGEA, D. AGOSTINI, J. A., BELTRÁN, A. L.; MARTÍN, A. S. **Técnicas de Investigação em Ciências Sociais**. [s/n], 1995.

INGRAHAM, C.; **White Weddings**: Romancing Heterosexuality in Popular Culture. New Iorque: Routledge, 1999.

JAMES, W. **The Varieties of Religious Experience**: A Study of Human Nature. New Iorque: Collier, 1961.

JUNG, C. **A Vida Simbólica**: Escritos Diversos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, v. XVIII/1, 2007.

KABERRY, P. M. **Aboriginal Woman**: Sacred and Profane. Nova Iorque: Routledge, 2003/1939.

KERLINGER, F. **Metodologia da Pesquisa e Ciências Sociais**. São Paulo: EPU-EDUSP, 1980.

KIRK, G.S. **Myth**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

KOPYTOFF, I. The Cultural Biography of Things: Commoditization as Process, In: **The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective**. ed. Arjun Appadurai, Cambridge: Cambridge University Press, p. 64- 91, 1986.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do Saber**: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MAGIDA, A. J. **Opening the Doors of Wonder**: Reflections on Religious Rites of Passage. University of California Press, 2006.

MALINOWSKI, B. **Magic, Science, and Religion, and Other Essays**, Nova Iorque: Doubleday, 1954.

MANZINI, E. J. **A Entrevista na Pesquisa Social**. São Paulo: Didática, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

MARX, Karl. **Manuscrtos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MATTOS, P. L. C. L. **A Entrevista Não-Estruturada Como Forma de Conversação: Razões E Sugestões Para Sua Análise**. RAP Rio de Janeiro 39(4):823-47, jul./ago. 2005.

MAUSS, M. Ensaio Sobre a Dádiva. In. **Sociologia E Antropologia**. 2ª parte, São Paulo Cosac Naif, p. 183 á 314. 2003.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MOL, H. **Identity And The Sacred: A Sketch For a New Socio-Scientific Theory of Religion**. Nova Iorque: Free Press, 1976.

MONTEMURRO, B. **Something Old, Something Bold: Bridal Showers and Bachelorette Parties**. New Jersey: Rutgers University Press, 2006.

NARDI, R. **Educação Em Ciências: Da Pesquisa À Prática Docente**. Escrituras Editora, 2001.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Cadernos de Pesquisas em Administração, v. 1, n.3, 2º sem., 1996.

NISBET, R. A. **The Sociological Tradition**. Transaction publishers, 1993.

OTNES, C.; PLECK, E. H. **Cinderella Dreams: The Allure of the Lavish Wedding**. California: University of California Press, 2003.

_____.; SCOTT, L. M. Something Old, Something New: Exploring the Interaction Between Ritual And Advertising. **Journal of Advertising**, v. 25, n. 1, p. 33-50, 1996.

PEARSON, J. SYSON, F. From Hair to Eternity the Influence of Liminality on Bridal Consumption. In: **ANZAM (Australian and New Zealand Academy of Management) Conference**, 4-6 December 2006.

PEIRANO, M. (org.). **O Dito E O Feito: Ensaio de Antropologia dos Rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará - Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

_____.; Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PÉPECE, O.M. C. **O comportamento de presentear: uma análise exploratória**. 2000. 208 f. 2000. Dissertação (Mestrado)–Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

_____.; O ato de presentear: o único capaz de transmitir mensagens sem utilizar palavras, de expressar carinho sem utilizar o toque.; In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. 2002.

_____.;PRADO, P. H. M. Sonhos de plástico: metas de consumo dos colecionadores de Melissa. **BBR-Brazilian Business Review**, v. 9, n. 2, p. 48-71, 2012.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia Do Poder**. Tradução de Maria Cecília França.; São Paulo: Ática, 1993.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas 2012.

RODOLPHO, A. L. Rituais, Ritos de Passagem e de Iniciação: Uma Revisão da Bibliografia Antropológica. **Revista Estudos Teológicos**, São Leopoldo v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

ROOK, Dennis W. Dimensão Ritual do Comportamento de Consumo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo v. 47, n. 1, p. 81-98, 2007.

_____.; LEVY, S. J., Psychosocial Themes in Consumer Grooming Rituals. In: **NA - Advances in Consumer Research**.; V. 10, eds. Richard P. Bagozzi and Alice M. Tybout, Ann Arbor, MI.; Association for Consumer Research, p. 329-333. 1983.

SANTOS, M. R. S. L. **O Casamento Real de William E Kate: A Cobertura Jornalística Nos Jornais The Daily Mail, The Guardian e The Sun**. Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Comunicação. Lisboa, Outubro, 2013.

SERVA, M.; JAIME JÚNIOR, Pedro. Observação participante pesquisa em administração: uma postura antropológica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 64-79, 1995.

SHERRY JR., J. F. **Advertising as a Cultural System**. In: Marketing and Semiotics: New Directions In The Study of Signs For Sale. Ed. Jean Umiker-Sebeok. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 441 a 46, 1987.

SILVA, A et al. Determinação das Histórias de Amor Mais Adequadas Para Descrever Relacionamentos Amorosos e Identificação das Histórias de Amor Que Produzem Mais Identificação, Menos Identificação e Que as Pessoas Mais Gostariam de Viver. In: **Interação em Psicologia**. Curitiba: [s/n], jul./dez., (9)2, p. 295-309, 2005.

SOLOMON, M. R. **Comportamento do Consumidor**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2002.

SOUZA, L. A. G. de. As Várias Faces da Igreja Católica. **Estudos avançados**. v. 18, n. 52, p. 77-95, 2004.

SVOBODA, C. J. W. Festivals and Rituals. In: 21st century anthropology: a reference handbook / editor, H. James Birx. P. 773 – 781. SAGE Publications, 2010.

TAMNEY, J. B. **The Resilience of Christianity In the Modern World**. Albany: State University of Nova Iorque Press, 1992.

TETREAULT, M. A. S.; KLEINE III, R. E. **Ritual, Ritualized Behavior, And Habit: Refinements And Extensions Of The Consumption Ritual Construct**. Advances in Consumer Research. Volume 17, p. 31-38, 1990.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução À Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER, V. **Passages, Margins and Poverty: Religious Communitas**. Worship, 46 (7), p. 390-412, 1972.

_____.; **The Forest of Symbols**. Nova Iorque: Ithaca Cornell University Press., 1967.

- _____.; **The Ritual Process**. London: Routledge e Kegan Paul, 1969.
- VAN GENNEP, Arnold, **Los Ritos de Passagem**. paso, Madri. Alianza Editorial, 2008.
- VAN MAANEN, J. Reclaiming Qualitative Methods For Organizational Research: A Preface. **Administrative Science Quarterly**, p. 520-526, 1979.
- VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**.3ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- WARNER, W. L. **The living and the dead: A study of the symbolic life of Americans**. New Haven: Yale University Press, 1959.
- WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- WEINSTEIN, R. **Marriage Rituals Italian Style: A Historical Anthropological Perspective on Early Modern Italian Jews**, Danvers: Brill Academic Publishers, 2004.
- WILSON, R. M.; GAINES, J.; HILL, R. P. Neuromarketing and Consumer Free Will. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 42, n. 3, 2008.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Roteiro - Líderes Religiosos

- 2 Denominação?
- 3 Formação?
- 2 Tempo de ministério?
- 4 Se já celebrou algum casamento? quando foi?
- 5 Se sim, há quanto tempo celebra?
- 6 Da época em que começou a celebrar o casamento como eram, e hoje há diferenças?
- 7 Qual diferença? Por quais razões acha que as coisas mudaram?
- 8 Se as coisas não mudaram, como elas tem se sustentado há tanto tempo e por quais razões?
- 9 Do tempo em que realiza casamento, há algum mais marcante? Porque foi mais marcante?
- 10 Qual o significado do matrimônio para sua denominação? Percebe mudanças neste significado com o passar do tempo?
- 11 Como o casamento enquanto cerimonial deve ocorrer?
- 12 Há um roteiro de procedimentos a serem adotados para que o casamento ocorra? Qual é?
- 13 De onde ele vem? Pode descrever?
- 14 Existem itens que devem estar presentes na realização do casamento em sua igreja? Quais são? Qual o papel destes itens? Qual sua importância? Qual seu significado?
- 15 Existe algum curso ou treinamento para oficialização desta cerimônia em sua formação? Se existe algum curso quem,

deve participar, quando deve participar e por quais razões?

16 É possível relatar como é este curso ou as orientações que são transmitidas por ele?

17 E há alguma restrição ou proibição que comprometa a validade/realização desta cerimônia? (E em relação a objetos ou roteiro)

18 Existem documentos que preveem as questões do casamento? quais seriam? É possível ter acesso? Pode me disponibilizar?

(Por fim perguntar das noivas, recém casadas, documentos e do curso de noivos)

Apêndice 2 - Roteiro - noivos noivas e recém-casados

1. Há quanto tempo você está noivo(a)/casado(a)? (Quanto tempo de noivado? - questão para as que já estão casados)
2. Quando você decidiu, teve certeza de que era isso que você queria (casamento)?
3. Você se imaginava sendo noivo(a)? Que tipo de noivo(a) você era? (Sempre sonhou, foi repentino, nunca se imaginou)
4. Como vai ser/foi seu casamento? Vai/foi ser/só cerimônia no religioso com festa ou apenas a parte religiosa ou apenas festa?

5. Porque é importante a celebração do seu casamento? Você casaria apenas no civil? Por quê?

6. Como você começou esse processo todo? Há quanto tempo que você está/foi planejando?

7. Qual foi a primeira coisa que você pensou em fazer? Porque foi a primeira coisa? E depois como se seguiu o planejamento? E Como está/foi programada a sequência do seu casamento?

8. O que não pode/poderia faltar, de jeito nenhum, em seu casamento? Porque?

9. Você teve que abrir mão de algum item em detrimento de outro? Qual foi? Porque isso aconteceu? (Instigar como ele se sentiu em fazer essa escolha, qual a importância do item, qual seu significado[...])

10. Teve alguma coisa que você colocou no seu casamento/planejamento que era apenas para cumprir a tradição ou mesmo a vontade de alguém é que por você não faria falta? O que foi? Para cumprir a vontade de quem? E por quê? E como se sentiu com isso?

11. Você gostaria que seu casamento fosse aos moldes de outros casamentos que você conhece (que foi, que viu em filme, relatos da família, internet, televisão)? Por quê? Em que moldes?

12. E Você gostaria que seu casamento fosse diferente daqueles que você casamentos que você conhece (que foi, que viu em filme, relatos da família, internet,

televisão)? Em algum aspecto? Em qual? Por quê?

13. Quais são os momentos da celebração casamento que você considera mais importante e por quê?

14. Que elementos vão estar em cada parte da sequência do seu casamento?

15. Qual o papel e a relevância destes elementos?

16. Quem não pode faltar no seu casamento? Porque? (Tem mais alguém? Qual o papel delas na cerimônia?)

17. Quem você convidou para padrinho, madrinha, pajens e damas e qual a importância dessas pessoas durante o seu casamento? Por quê?

18. E quanto à lista de convidados, como foi à escolha? Alguém influenciou?

19. Você faria algo diferente do que foi feito? O que? Porque?

(Marcar a segunda entrevista com a noiva)

Solicitar as seguintes coisas da entrevistada:

- Fotos do casamento / das coisas que ela separou para ter no casamento
- *Check list* da noiva
- Objetos que estiveram presentes/ estarão presentes

Apêndice 3 – Tópicos iniciais para a entrevista não estruturada.

- Como você está se sentindo/se sentiu durante essa fase que antecede o seu casamento?

- Como você se sente quando compra algo que se refere ao seu casamento?
- E qual foi ou quais foram às coisas que te deixaram mais feliz quando foram encontradas e adquiridas?
- Você fez todo o planejamento, e como foi efetivamente a festa? Foi exatamente como você imaginou? Se não o que não foi como planejado/imaginado? Como você lidou com a situação, como você se sentiu?

Solicitar as seguintes coisas da entrevistada:

- Ver fotos e vídeos do casamento / das coisas que ela separou para ter no casamento
- Ver *Checklist* da noiva
- Ver Objetos que estiveram presentes/ estarão presentes

Apêndice 4 – Roteiro para análise de documentos.

1. Que tipo de documento é?
2. Data do documento
3. Quais as informações disponíveis?
4. Há informações sobre artefatos? Quais?
5. Há informações sobre roteiro? Quais?
6. Há informações sobre papéis performáticos? Quais?
7. Há informações sobre público? Quais?
8. Estas informações são dogmas, tradições ou apenas sugestões?
9. Elas são para a religião, ou regras de uma paróquia/igreja específica?
10. Como está o estado destes documento